

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

O Percurso

De Campolide ao Parque Florestal de Monsanto

Camila Maria Meneses Cunha

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientadores:

Arquiteto José Maria Magalhães Pavia Cumbre, Professor Auxiliar Convidado,
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2025

PARQUE FLORESTAL DE MONSANTO

Entre as Cidades e a Serra

O PERCURSO

De Campolide ao Parque Florestal de Monsanto

ENTRE AS CIDADES E A SERRA: PARQUE FLORESTAL DE MONSANTO

Ana Margarida Pureza
António Sá Pires
Beatriz Fernandes
Beatriz Oliveira
Camila Cunha
José Lomelino
Leonor Santos
Lucas Buijsman
Márcia do Cabo
Mafalda Roque
Paulo Carvalho
Roberto Carvalho
Tomás Ramos

Resumo

O presente trabalho, desenvolvido no âmbito de Projeto Final do Mestrado Integrado em Arquitetura, tem como principal objetivo propor uma visão prospectiva sobre as relações territoriais que o Parque Florestal de Monsanto estabelece com a malha urbana que o envolve.

A actual proposta, de carácter integral, admite o Aqueduto das Águas Livres, como elemento fundamental para a integração e o desenvolvimento de uma intervenção caracterizada por um urbanismo e arquitetura que conjugam a preservação e articulação do património cultural que atravessa.

Neste âmbito, pretende-se evidenciar a potencialidade da articulação territorial entre o Parque Florestal de Monsanto e os Bairros da Liberdade e da Serafina, áreas intersectadas pelo troço monumental do Aqueduto, no Vale de Alcântara, e propor uma estratégia urbana que vise salvaguardar o património natural e edificado existente nesta área, e contribuir para a criação de uma nova paisagem urbana.

Palavras Chave

Aqueduto, Monsanto, requalificação urbana, articulação, património, plataforma

Abstract

This work, developed as part of the Final Project for the Integrated Master's Degree in Architecture, has as its main objective to propose a prospective view of the territorial relationships that Monsanto Forest Park establishes with the urban environment that surrounds it.

The current proposal, which is comprehensive in nature, recognizes the Águas Livres Aqueduct as a fundamental element for the integration and development of an intervention characterized by urban planning and architecture that combine the preservation and articulation of the cultural heritage it crosses.

In this context, the project intends to highlight the potential for territorial articulation between Monsanto Forest Park and the neighborhoods of Liberdade and Serafina, areas intersected by the monumental section of the Aqueduct in Vale de Alcântara, and to propose an urban strategy that aims to safeguard the natural and built heritage existing in this area and contribute to the creation of a new urban landscape.

Key Words

Aqueduct, Monsanto, urban regeneration, coordination, heritage, platform

ÍNDICE

TOMO I

Capítulo I -

Contexto Histórico.....	1
Projeto Keil do Amaral.....	21
Mapa Original Mapa Original Construído Mapa Atual.....	52
Edifícios de referência (desenhos e fotografias)	
Montes Claros.....	59
Clube de Tênis.....	85
Parque Recreativo do Alvito.....	101
Monte Verde.....	117
Restaurante Panorâmico.....	127
Miradouros.....	149
Sinalética.....	157
Fotografias da Atualidade do parque Florestal de Monsanto.....	259
Atualidade.....	167
Análise Comparativa.....	207

Capítulo II - Cartografia.....

1807.....	217
1911 1928 1937.....	221
1949 1950.....	225
1970 1971.....	229
Atualidade.....	233

Capítulo III - Mapas.....

Introdução Mapas.....	239
Limite do Parque Florestal de Monsanto e a Cidade.....	343
Limite Norte.....	345
Limite Nascente.....	349
Limite Sul.....	353
Limite Poente.....	357
Topografia.....	261
Espaços Verdes.....	263
Cheios e Vazios.....	267
Serviços.....	269
Vias Rodoviárias e Pedonais.....	273
Rede de Transportes.....	277
Linhas de Água e de Fosto.....	279
Bacias Hidrográficas.....	281
Pedreiras e Solos.....	285
Flora.....	289
Fauna.....	297

TOMO II

Capítulo IV - A Memória da água

O Aqueduto das águas Livres.....	303
----------------------------------	-----

Capítulo V - Enquadramento Urbano e Histórico.....

Bairro da Serafina e da Liberdade.....	317
Transformações Territoriais.....	331

Capítulo VI - O Percurso.....

Estratégia.....	335
O Percurso dos Arcos.....	337
Programa.....	345

Bibliografia.....

361

Capítulo I -

Contexto Histórico Serra de Monsanto

O Parque Florestal de Monsanto, frequentemente apelidado de “Pulmão Verde de Lisboa”, foi considerado o maior Parque da área metropolitana da “Grande Lisboa” na segunda metade do séc. XX, abrangendo cerca de 1000 hectares de terreno. Antes de ser designado Parque Florestal de Monsanto (PFM), a área era predominantemente composta por terrenos agrícolas, pastagens, moinhos e pedreiras. A sua transformação começou com a publicação do Decreto-Lei n.º 24 625 (Fig.9 e 10), a 1 de novembro de 1934, que determinou a sua designação oficial como Parque Florestal de Monsanto, um tema que será abordado mais à frente. Na época, Lisboa apresentava uma carência significativa de parques e jardins, apesar de reunir condições excecionais para a criação de espaços verdes. As colinas que envolviam a cidade aguardavam que a intervenção humana trouxesse à superfície a vegetação capaz de embelezar a paisagem, suavizando o clima e proporcionando um ambiente mais agradável para os seus habitantes.

Como foi claramente enfatizado no Decreto-Lei n.º 24 625 «Estes terrenos, quase sem construção e em grande parte incultos, prestavam-se à maravilha da construção de grandes parques florestais com a vantagem de não haver que destruir ou de efetuar profunda transformação». Tendo em conta estas características, não é de estranhar que a Serra de Monsanto tenha, ao longo do tempo, atraído a atenção de quem se interessava pela problemática, da falta de espaços verdes na cidade.

É em 1868 que surge a primeira referência à arborização da Serra de Monsanto no “Relatório acerca da arborização geral do País”¹ da autoria de Carlos Ribeiro e Nery Delgado, «que apontava para a conveniência de arborizar a serra de Monsanto de modo a fornecer a cidade de lenhas e madeira, amenizar o clima e contribuir para a saúde pública» (Tostões, 1992, p. 49).



1N. O Bosque de Lisboa, 1925

¹ Relatório acerca da arborização geral do País apresentado a Sua Ex.^a o Ministro das Obras Publicas, Comércio e Indústria em resposta aos quesitos do artigo 1º, do Decreto de 21 de Setembro de 1867 – Carlos Ribeiro e Nery Delgado- Lisboa, Tipografia da Academia Real das Ciências, 1868.

Pagina 191 – Referindo-se à arborização do solo nas vizinhanças da capital, o engenheiro João Maria de Magalhães diz: «... Poderia mesmo lembrar a V. imediações de Lisboa, toda a Serra de Monsanto, que muito conviria arborizar, para mais tarde abastecer a capital de lenhas e madeiras amenizando ao mesmo tempo a aridez que nota o viajante quando entra no Tejo vindo de um lado montanhas escarpadas. Seria mesmo para desejar que dentro de Lisboa se fizessem plantações, com são a Costa do Castelo, o Monte, a cerca do quartel da Graça onde algumas enfezadas oliveiras poderiam ser substituídas por verdes maciços de arvoredo, que dariam à cidade um aspeto mais risonho e modificariam provavelmente o clima, contribuindo eficazmente para a saúde pública» (Rodrigo, 1952, p. 7)

1. Ministro do Interior, Mário Paes de Sousa, planta uma árvore.
2. Presidente da República, Marechal Carmona, planta a primeira árvore.
3. Eng. Duarte Pacheco, planta uma árvore.



1.



2.



3.

Já nos anos 20, os Irmão Mac Bride 2, propunham para a serra de Monsanto o “Bosque de Lisboa” (Fig.1N), «integrado numa rede mais vasta de verde com que se propunha envolver a capital. Corresponhia à actualização das ideias expostas cinquenta anos antes, em 1868. (...) Inserir-se numa solução mais radical e utópica, procurando dotar a capital de um bosque à semelhança de qualquer cidade moderna estrangeira. Grande parque ou bosque, estendia-se em anel desde o Campo Grande a Monsanto, numa área de 1800 hectares, cortado por grandes avenidas num sistema radial a partir da atual Praça de Espanha. Uma avenida central sacrificava o Parque Eduardo VII, permitindo um crescimento para Norte e modificando profundamente a fisionomia da cidade» (Tostões, 1992, pp. 49 e 50).

Alberto Mac Bride escreveu no Diário de Lisboa: «A criação do Bosque modificaria beneficemente o clima Lisboaeta, que se tornaria menos seco e ventoso. As ventanias do norte e nordeste, que são as predominantes na meteorologia da capital, sofreriam uma enorme redução» (Matoso, 2003, p. 2).

Em 1927, é convidado o urbanista Francês, Forrestier³, que «Propõe um traçado monumental, alterando em desenho o plano dos irmãos médicos, que não se davam conta das cotas, apontando para uma solução mais centralizada de um grande parque com jardins e campos de jogos.» (Tostões, 1992, p. 50).

Em 1929, sob a direção do Ministro Linhares de Lima, o Ministério da Agricultura estabelece uma comissão com o objetivo de elaborar o projeto de arborização do polígono de Monsanto (sensivelmente a metade da área prevista na proposta dos irmãos MacBride). Segundo o plano do Engenheiro António Abrantes (Fig.2N), seguindo «o modelo do Bosque de Bolonha parisiense, o plano previa a arborização total da serra, baseada num desenho de caminhos curvos e labirínticos, de sentido pitoresco, aproveitando os moinhos para casas de chá e construindo pavilhões e restaurantes. Em torno do bosque, uma grande avenida ligava a cidade ao projetado Estádio Nacional» (Tostões, 1992, p. 50).

Até esse momento, nenhum dos projetos tinha saído do papel. Foi apenas com a chegada do engenheiro Duarte Pacheco, em 1934, ao cargo de Ministro das Obras Públicas, que se deu o impulso necessário. Como vimos, a 1 de novembro de 1934, foi promulgado o Decreto-Lei n.º 24 625 que estabelecia a criação do Parque, delineando finalmente as competências envolvidas e estabelecendo um regime de expropriações, essencial para a sua concretização. Com isso, criaram-se as condições para a realização daquilo que viria a ser denominado como a “sua obra”.

Contudo, o afastamento de Duarte Pacheco em 1936 provocou a paralisação dos trabalhos, que não avançaram devido «à inoperância dos serviços camarários a quem competia a promoção do projeto» (Tostões, 1992, p. 50).

Corria o ano de 1938, um momento crucial para o desenvolvimento da cidade. Duarte Pacheco assumiu, então, a presidência da Câmara Municipal de Lisboa, cargo que viria a acumular, meses mais tarde, com o de Ministro das Obras Públicas. «A reunião desse poder num só homem, dotado de uma extraordinária capacidade de trabalho, de um particularíssimo sentido de bem publico e de um espírito de concretização notável, foi certamente condição para o sucesso dos grandes empreendimentos encetados na capital, por essa altura» (CML, 2001, p.64.).

A partir desta data, destacam-se vários planos que viriam a transformar

² **Alberto Mac-Bride** (1886-1953), Médico cirurgião, Investigador e profissional atento às modernas técnicas, estudos, métodos cirúrgicos e de saúde pública. Reconhecido pela sua vasta obra científica no campo da medicina, anestesia e cirurgia em Portugal. (Matoso, 2003, pp.7-9)

Eugénio Mac-Bride, Médico nascido no ano de 1887, desenvolveu uma carreira dedicada ao estudo e cura da tuberculose. Olisipógrafo, atento à saúde pública e ao desenvolvimento da capital, participou nos projetos desenvolvidos pelo seu irmão Alberto.

³ **Jean-Claude Nicolas Forestier** (1861-1930)- Foi autor de vários parques Europeus em Paris, Bruxelas, Barcelona e Sevilha. (Tostões, 1992, p. 122)



4.



5.

4. Operários trabalhando na remodelação da Serra de Monsanto.

5. Serra de Monsanto no começo da execução.

profundamente a fisionomia da cidade. Para concretizar essas iniciativas, Duarte Pacheco integrou no município uma nova geração de técnicos que, a partir de 1938, passaram a fazer parte dos quadros da Câmara Municipal de Lisboa. Entre eles, sobressaem os arquitetos Francisco Keil do Amaral e Inácio Peres Fernandes, bem como os urbanistas Faria da Costa e Étienne de Groër.

Foi também durante este período que surgiu o Plano de Urbanização e Expansão de Lisboa (1938-1948), concebido pelo urbanista francês Étienne de Groër. Este plano tinha como principal objetivo estruturar o crescimento da cidade, enfrentando desafios como a expansão desordenada, as precárias condições habitacionais e a falta de infraestruturas. Para isso, propunha uma distribuição funcional das áreas urbanas, a criação de bairros organizados, a melhoria da mobilidade com novos eixos viários, além da reabilitação do centro histórico e da valorização dos espaços verdes. A criação do Parque estava integrada no contexto de desenvolvimento da saída ocidental da cidade de acordo com o Plano de Groër. « A zona ocidental de Lisboa era rematada pelo Parque de Monsanto e atravessada pela nova auto-estrada que ligava ao Estádio Nacional. A encosta do Restelo era também urbanizada segundo plano de Faria da Costa. A Sul a marginal recebia a Exposição dos centenários que se realizava no ano de 1940 em Belém, sector em breve ligado à Costa do Sol» (CML, 2001, p. 65).

A chegada de Duarte Pacheco à presidência da Câmara Municipal de Lisboa marcou a retoma do projeto do Parque Florestal de Monsanto, enquadrando-se num conjunto mais vasto de iniciativas que contribuíram para a reconfiguração do espaço urbano da cidade de Lisboa.” Numa primeira fase, avaliou a viabilidade do anteprojeto existente. Contudo, ao concluir que este não poderia ser aproveitado, ordenou de imediato a elaboração de um novo estudo, atribuindo essa responsabilidade ao arquiteto Keil do Amaral. Dando seguimento a essa decisão, os estudos para o novo plano foram iniciados de forma célere, permitindo que, ainda nesse ano, se dessem os primeiros passos no processo das expropriações de terrenos, e paralelamente se iniciassem os trabalhos de arborização da serra, dirigidos e executados pelo Eng. Silvicultor Joaquim Rodrigo. Para executar a obra no mais curto espaço de tempo são chamados para a realização dos trabalhos de arborização, militares, presidiários e elementos da Mocidade Portuguesa⁴. Ainda nesse ano, a 17 de setembro, foi publicado o Decreto-Lei n.º 29 135, que colocou o Parque Florestal de Monsanto sob regime florestal total, reforçando a sua proteção e enquadramento jurídico.

A visão estratégica de Duarte Pacheco foi decisiva para que o projeto avançasse de forma consistente. O seu regresso à liderança do desenvolvimento da cidade, acumulando a presidência da Câmara de Lisboa com o cargo de Ministro das Obras Públicas, permitiu a mobilização dos recursos necessários e a coordenação eficaz das diferentes equipas envolvidas. Embora tenha falecido antes de ver a “sua obra” concluída, é inegável o impacto do seu esforço, expressando-se num dos maiores e mais significativos parques urbanos da Europa, cuja importância se mantém até aos dias de hoje.

Monsanto tornou-se não apenas um refúgio natural para a população de Lisboa, como também um testemunho da visão e determinação de uma geração de urbanistas, arquitetos e engenheiros que moldaram a cidade moderna.



2N. Projecto de Arborização do polígono florestal de Monsanto. Elaborado pela comissão nomeada pelas portarias: Joaquim Ferreira Borges, António Mendia de Almeida, Mário Azevedo Gomes, António Figueiredo Campos, José Almeida, António Emídio Abrantes. 24 de Dezembro 1930 (Fonte: ICNF)

⁴ Mocidade Portuguesa- Destinada a jovens entre os 7 e os 25 anos, a Mocidade Portuguesa foi uma organização juvenil criada pelo regime do Estado Novo em Portugal, em 1936. Inspirada por movimentos semelhantes em regimes fascistas da época, como a Juventude Hitlerista na Alemanha, tinha como objetivo principal promover os valores nacionalistas, autoritários e corporativistas do Estado Novo, liderado por António de Oliveira Salazar.



6.



7.



8.

6. Mocidade Portuguesa a executar a plantação de árvores na serra de Monsanto.

7. Serra de Monsanto, Julho de 1939

8. Serra de Monsanto no começo da execução

revela também uma acentuada superioridade do sistema de captação de águas profundas, tanto no que se refere às despesas do primeiro estabelecimento como ao custeio da exploração.

Ora, ficando os pontos de provável captação das águas aluvionárias situados no percurso do canal, cuja construção foi prevista no contrato, para receber as águas do Tejo, a montante de Santarém; podendo fazer-se as captações de águas profundas, que bastem a conhecer das reservas aquíferas das aluviões do Tejo, durante a construção da parte do canal comum às duas soluções; sendo de aproveitar qualquer quantidade de água captada, mesmo no caso de a insuficiência dessas reservas impor definitivamente a solução de águas de superfície; havendo possibilidade de promover a abertura dos poços de ensaio, para colheita das águas aluvionárias, com a garantia de débitos certos por prazos convenientes e do reembolso das importâncias despendidas se o canal não conservar em qualidade e quantidade, verifica-se que a experiência de captação de águas profundas pode fazer-se sem prejudicar, atrasar ou onerar as obras previstas no contrato para captação e adução das águas de superfície.

Nestas condições, e considerando que a adopção de um ou de outro sistema é indiferente à economia do contrato, pelo que respeita à Companhia das Águas, entende o Governo, e com ele a Companhia, ser indispensável ensaiar o novo sistema preconizado, para se poder apreciar do grau de superioridade da água que se capta, da economia que se realiza e da extensão do risco que se corre.

Verificando-se também, devido naturalmente às exigências de higiene da vida moderna, a tendência cada vez mais acentuada da generalização do uso do contador de pressão, estabelece ainda o Governo que a Companhia substitua, em relação aos novos contadores, o regime actual do mínimo de consumo de 5 metros cúbicos por outro com dois mínimos: 3 metros cúbicos e 5 metros cúbicos.

Deste modo se facilita às classes menos abastadas o indispensável uso desse tipo de contadores sem afectar a economia do contrato.

Finalmente, convido esclarecer algumas dúvidas e resolver certas dificuldades que a execução do contrato evidenciou;

Usando da faculdade conferida pela 2.ª parte do n.º 2.º do artigo 108.º da Constituição, o Governo decreta e eu promulgo, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1.º O plano de obras previsto no contrato celebrado entre o Governo e a Companhia das Águas de Lisboa, de 31 de Dezembro de 1932, para assegurar o abastecimento de água da cidade de Lisboa — zona do trajecto do canal e zonas suburbanas — pode ser adaptado no sentido de serem captadas as águas aluvionárias da bacia hidrográfica do Tejo, se o Governo julgar conveniente.

Art. 2.º O fornecimento de água às zonas de trajecto do canal e zonas suburbanas será feito nas mesmas condições do de Lisboa, por intermédio das respectivas autarquias locais, ou directamente aos consumidores pela Companhia, cabendo porém às autarquias, no primeiro caso, custear os encargos de conservação da conduta adutora na parte do seu percurso não compreendida na área de Lisboa.

§ único. Se as despesas do primeiro estabelecimento e de conservação das redes próprias de distribuição forem suportadas pelas autarquias locais, serão os correspondentes encargos anuais levados em conta nas importâncias a pagar à Companhia das Águas nos termos que o Governo fixar.

Art. 3.º Compete à Companhia das Águas de Lisboa executar, sob a fiscalização directa da Câmara Municipal de Lisboa, as obras de reparação dos pavimentos da cidade a que haja lugar por efeito de trabalhos efectuados na rede de distribuição de águas.

§ único. A Companhia é obrigada a pagar à Câmara 10 por cento das taxas de reposição dos pavimentos em vigor, a título de compensação dos encargos de fiscalização e da desvalorização dos pavimentos da cidade.

Art. 4.º O excesso a atribuir ao Fundo da cidade em conformidade com a cláusula VIII do contrato, será deduzido dos encargos de contribuição industrial e do imposto sobre a aplicação de capitais a incidir sobre os dividendos distribuídos.

§ 1.º Para efeitos do cálculo da contribuição industrial a liquidar em relação aos anos económicos de 1934-1935 a 1937-1938 considerar-se-á como capital da Companhia o capital nominal à data da celebração do contrato de Dezembro de 1932.

§ 2.º A dedução relativa ao imposto sobre a aplicação de capitais incidirá apenas sobre a parte correspondente ao dividendo de 6 1/2 por cento, quando o dividendo distribuído for superior a este limite.

Art. 5.º As despesas de renovação dos contadores existentes à data da celebração do contrato serão custeadas pelo excesso do rendimento do aluguer dos contadores a atribuir ao Fundo da cidade, nos termos da cláusula VII.

Art. 6.º As despesas de tratamento da água, por filtração e esterilização, são levadas à conta de encargos de administração e exploração da Companhia, até ao limite de \$05 por metro cúbico de água vendida.

O excesso, se o houver, constituirá encargo do Fundo da cidade.

Art. 7.º A Companhia substituirá, em relação aos novos contadores, o regime do limite de consumo mínimo de 5 metros cúbicos, estabelecido pelo contrato de 1898 para os contadores de pressão, pelo de dois limites de consumo mínimo — 3 metros cúbicos e 5 metros cúbicos — a aplicar, respectivamente, aos consumos inferiores a 3 metros cúbicos e compreendidos entre 3 e 5 metros cúbicos.

Art. 8.º Fica o Governo autorizado a aprovar as medidas de carácter regulamentar necessárias à perfeita execução do contrato de 1932 e a resolver as dúvidas que se suscitarem na sua aplicação.

Publique-se e cumpra-se como nele se contém.

Paços do Governo da República, 1 de Novembro de 1934. — ANTONIO OSCAR DE FRAGOSO CARMONA — António de Oliveira Salazar — Henrique Linhares de Lima — Manuel Rodrigues Júnior — Abílio Augusto Valdez de Passos e Sousa — Anibal de Mesquita Guimarães — José Casiro da Mata — Duarte Pacheco — Armino Rodrigues Monteiro — Eusébio Tamagnini de Matos Encarnação — Sebastião Garcia Ramires — Rafael da Silva Neves Duque.

Decreto-lei n.º 24:625

Recomendam os urbanistas como primacial elemento de embelezamento e higiene dos agrupamentos populacionais a criação de núcleos de arborização regularmente distribuídos em função da densidade das populações e das exigências da estética.

Essa distribuição sistemática, porém, só raramente se pode realizar na prática, pois a ciência e arte urbanísticas são de formação recente e as grandes cidades europeias são velhas de séculos e desenvolveram-se, quasi sempre, sem previsão das necessidades futuras e quantas

vezes por juxtaposição desordenada de planos concebidos segundo os mais variados critérios.

Assim, quando as condições óptimas não podem ser satisfeitas tendo-se na maioria dos casos para o estabelecimento de parques excêntricos, situados quanto possível na periferia, o que os torna verdadeiros núcleos de expansão e outros tantos elementos de correcção morfológica do agregado urbano.

Lisboa não tem, no interior da cidade, um maciço de arborização que possa considerar-se um parque florestal, nem tem condições de o vir a possuir.

O próprio Parque Eduardo VII, delineado, aliás, em sucessivas tentativas, e cuja conclusão aguarda ainda a organização de um plano definitivo, não tem condições de adaptação a um parque florestal, já pela sua pequena extensão, já pela sua posição em relação à cidade.

É uma capital pobre de parques e jardins e tem contudo condições naturais excelentes para o estabelecimento de parques desta espécie, pois que o escalvado agreste e monótono de algumas colinas que a rodeiam só espera que o homem lance à terra a semente criadora da vegetação que as embeleze, amenizando o clima da cidade.

De resto, estes terrenos, quasi sem construções e em grande parte incultos, prestam-se à maravilha à criação de grandes parques florestais, com a enorme vantagem de não haver que destruir ou de efectuar profundas transformações.

Nesta ordem de ideias, a Serra de Monsanto atraiu, de há muito, as atenções de quantos pelo problema se interessam.

É uma longa história de ideias generosas e iniciativas em esboço, que, se não chegaram a ser efectivadas, tiveram contudo o mérito de focar as dificuldades do empreendimento.

Esta obra tem de ser naturalmente levada a cabo pela Câmara Municipal de Lisboa, mas, tratando-se da capital do País e conhecendo o Governo aquelas dificuldades, entende dever tomar um conjunto de medidas que muito poderão contribuir para a realização de uma das mais justas aspirações da população da capital.

Nestes termos:

Usando da faculdade conferida pela 2.ª parte do n.º 2.º do artigo 108.º da Constituição, o Governo decreta e eu promulgo, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1.º A Câmara Municipal de Lisboa promoverá a criação, na Serra de Monsanto, de um Parque Florestal da Cidade com a área aproximada de 600 hectares.

§ 1.º O perímetro do Parque será fixado sob proposta de uma comissão constituída pelo presidente do Município de Lisboa, um representante do Ministério das Obras Públicas e Comunicações e outro do Ministério da Agricultura e ficará sujeito ao regime florestal.

§ 2.º A comissão dividirá a extensão destinada ao Parque Florestal em seis zonas, de áreas tanto quanto possível iguais, e definirá a ordem da sua sucessão nos trabalhos a realizar.

Art. 2.º É declarada a expropriação, por utilidade pública, dos prédios particulares situados no interior da área destinada ao Parque Florestal da Cidade.

Art. 3.º Os valores de expropriação serão fixados por uma comissão de peritos assim constituída:

Dois representantes dos proprietários dos prédios a expropriar, um da Câmara Municipal de Lisboa, um delegado de cada um dos Ministérios das Finanças, das Obras Públicas e Comunicações e da Agricultura e um representante do presidente do Supremo Tribunal de Justiça, que servirá de perito de desempate.

§ 1.º Se os proprietários não designarem os seus representantes, serão estes nomeados pelo presidente do Supremo Tribunal de Justiça.

§ 2.º Do arbitramento de valores feito pela comissão de peritos não haverá recurso.

Art. 4.º É a Câmara Municipal de Lisboa autorizada a liquidar os valores da expropriação nos seis anos seguintes ao da avaliação dos prédios, nas condições seguintes:

a) Em cada ano serão integralmente liquidadas as indemnizações correspondentes a todos os prédios situados numa zona;

b) A liquidação por zonas será feita pela ordem de sucessão inicialmente fixada.

§ 1.º Aos proprietários é garantido o pleno uso e usufruição dos prédios expropriados até à data da liquidação dos valores que lhes foram atribuídos.

§ 2.º A Câmara poderá antecipar o pagamento dos prédios expropriados, por zonas completas.

§ 3.º A requerimento dos interessados e mediante o pagamento de juros à taxa de 5 por cento ao ano, poderá também a Câmara tomar posse e utilizar os prédios de uma zona antes do vencimento das respectivas indemnizações.

Art. 5.º Os prédios rústicos do Estado situados na área reservada ao Parque Florestal da Cidade são transferidos para a posse da Câmara Municipal de Lisboa, a requisição desta, logo que se tornem necessários para as obras ou trabalhos de arborização a executar.

Exceptuam-se do disposto neste artigo:

1.º As servidões do Forte e estação radiotelegráfica de Monsanto;

2.º As servidões militares julgadas indispensáveis pelo Ministro da Guerra;

3.º Os terrenos que o Estado utilize ou venha a utilizar para obras de interesse público.

Art. 6.º A Câmara Municipal de Lisboa submeterá à aprovação do Governo, dentro de seis meses a contar da data da publicação deste decreto, o projecto do Parque Florestal da Cidade, acompanhado do orçamento das obras e trabalhos de arborização a realizar.

§ 1.º A Câmara elaborará o projecto em estreita colaboração com a Direcção Geral dos Serviços Florestais e a Junta Autónoma de Estradas.

§ 2.º O projecto será aprovado pelo Governo, sob consulta da sub-secção de urbanização do Conselho Superior de Obras Públicas.

Art. 7.º A execução do projecto do Parque Florestal será feita pela Câmara Municipal de Lisboa, sob a fiscalização do Governo, salvo no que respeita a trabalhos de arborização, que ficam a cargo da Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas.

Art. 8.º Na vigência do decreto n.º 21:699, de 19 de Setembro de 1932, o Estado participará pelo Fundo de Desemprego nas despesas de arborização e construção de arruamentos do Parque Florestal da Cidade, distribuindo-se os respectivos encargos pela forma estabelecida no § 1.º do artigo 118.º do citado decreto.

Art. 9.º A Câmara Municipal de Lisboa poderá, mediante autorização do Governo, fazer a concessão da exploração de recintos e instalações de recreio dentro do Parque Florestal da Cidade.

Publique-se e cumpra-se como nele se contém.

Paços do Governo da República, 1 de Novembro de 1934. — ANTONIO OSCAR DE FRAGOSO CARMONA — António de Oliveira Salazar — Henrique Linhares de Lima — Manuel Rodrigues Júnior — Abílio Augusto Valdez de Passos e Sousa — Anibal de Mesquita Guimarães — José Casiro da Mata — Duarte Pacheco — Armino Rodrigues Monteiro — Eusébio Tamagnini de Matos Encarnação — Sebastião Garcia Ramires — Rafael da Silva Neves Duque.



11.

11.Parque Florestal de Monsanto atravessado pela auto-estrada,1952.
12.Serra de Monsanto - Estrada de Circunvalação Algés a Benfica, na curva para a Boavista,1940.
13.serra de Monsanto no começo da execução do plano de Urbanização e Expansão de Lisboa, 1939.



12.



13.



14.

14. Vale de Alcântara no sítio de Campolide,1930.

15. Miradouro de Montes Claros, terrenos 1939.
 16. Montes Claros, 1938.



15.



16.

17. Vista do Miradouro dos Quarteis, 1952.
 18. Panorâmica tirada de Montes Claros, vendo-se as instalações da RTP, 1961.
 19. Montes Claros, panorâmica tirada para norte, 1939.
 20. Neve em Monsanto, 1954.
 21. Panorâmica de parte do parque Florestal de Monsanto, 1947.
 22. Panorama do lado nascente do miradouro de Montes Claros



17.



18.



19.



20.



21.



22.



23.



24.



25.



26.



27.



28.

23. Panorâmica tirada do Parque Florestal de Monsanto, vendo-se a auto-estrada, perto da zona do viaduto Duarte Pacheco

,1941.
24. Panorâmica que abrange o viaduto Duarte Pacheco e o Parque Florestal de Monsanto

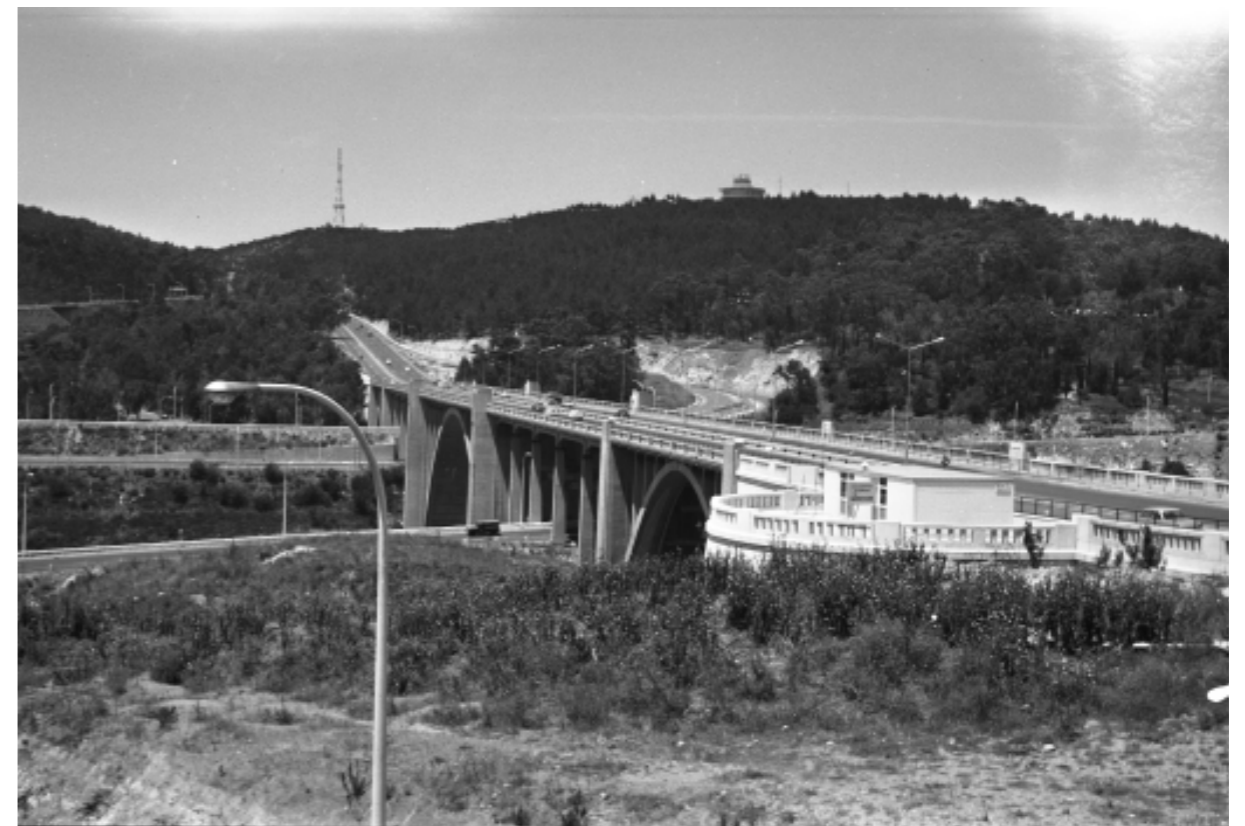
,1941.
25. Parque florestal de Monsanto, encosta poente da serra de Monsanto.

26. Auto-estrada e parque Florestal de Monsanto vistos da avenida Duarte Pacheco, 1958.

27. Estrada de acesso à Ponte 25 de Abril, vendo-se o Parque Florestal de Monsanto.

28. Parque Florestal de Monsanto, 1952.

29. Viaduto Duarte Pacheco e parque Florestal de Monsanto, 1967.



29.



3N. Mapa do parque Bois de Boulogne, 1858.



4N. Vista aérea do Central Park em 1864.

⁵ Cidade Linear: Cidade organizada em torno de um eixo central viário, ao longo do qual se concentravam todas as infraestruturas. As paragens dos transportes coletivos marcavam, o ritmo da distribuição dos centros cívicos e comerciais, e os quarteirões residenciais eram envolvidos por uma trama viária de serviço, perpendicular ao eixo central. Paralelamente a este eixo central, um sistema viário periférico, com caráter secundário, envolvia as áreas residenciais e estabelecia a ligação com a envolvente exterior. Esta dispunha de um sistema de arborização densa, paralelamente ao sistema viário periférico, como forma de transição rural vizinha. (Fadigas,1993, p.156)

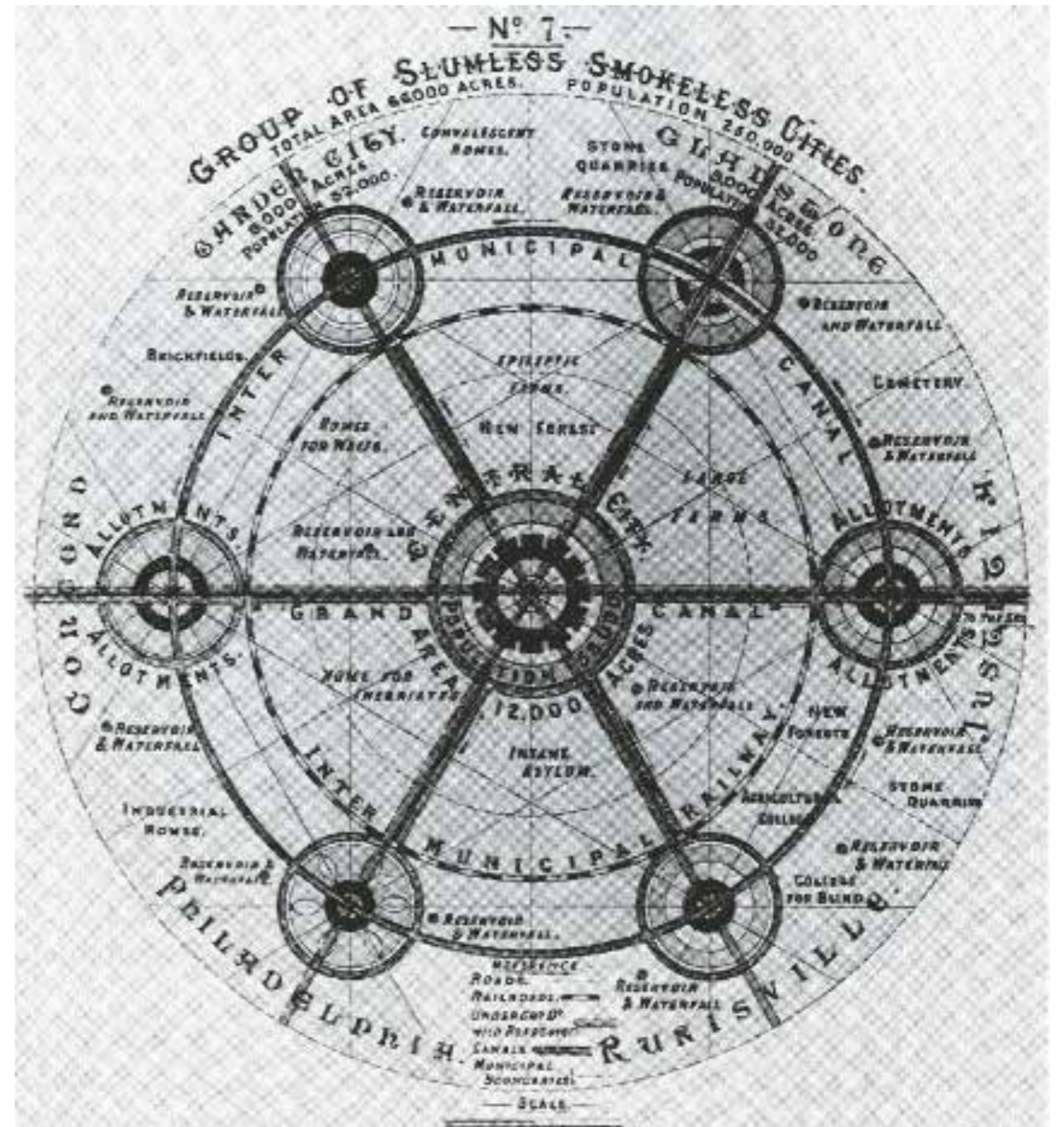
⁶ Cidade Jardim: Cidade organizada, de tamanho controlado, onde se mantém o equilíbrio entre a cidade e campo, desenvolvendo funções, atividades urbanas e industriais, e ao mesmo tempo que se mantém uma estreita relação com a área rural que a rodeia. Cidade que se organizava através de uma sucessão de círculos concêntricos onde o núcleo central, correspondia às funções cívicas, o anel exterior correspondia às funções agrícolas e o intermédio às atividades industriais e implantação de moradias unifamiliares. (Fadigas,1993,p.162)

Contexto Histórico Cidade

Ao longo do século XIX, impulsionado pela Revolução Industrial, o mundo urbano sofreu profundas transformações. O aumento da densidade populacional nas cidades, resultado direto do êxodo rural e da rápida industrialização, trouxe consigo sérios problemas ambientais, como a poluição do ar, a degradação das condições sanitárias e a crescente escassez de espaços verdes. É neste contexto que surge uma nova abordagem ao planeamento urbano, centrada na integração da natureza na malha das cidades. Mais do que um simples elemento decorativo, os jardins e parques públicos passaram a ser vistos como infraestruturas essenciais para o bem estar coletivo. Tornaram-se instrumentos de saúde pública, locais de lazer, descanso e socialização, símbolos de uma cidade mais equilibrada e saudável.

«Como resposta às condições existentes começam a surgir novos modelos utópicos de planeamento, desde a Cidade Linear⁵ (Fig.31) de Artur Soria y Mata, à Cidade Jardim⁶ (Fig.30) de Ebenezer Howard» (Magalhães, 2001, p. 74).

Em algumas cidades europeias começaram a sentir-se novos movimentos. Por exemplo, «em Paris, surge o movimento Haussmann (1851-



30 . Cidade-Jardim de Ebenezer Howard.

1881), que estabeleceu novos traçados, reestruturou as infra-estruturas, equipamentos, espaços livres e também procedeu a uma reforma agrária. Para além destes, novos elementos foram introduzidos, como as árvores, é o caso dos traçados denominados por Boulevard. Este movimento difundiu-se por todas as cidades da Europa Ocidental, no séc. XVIII e no início do séc. XIX » (Soares & Castel-Branco, 2007, p. 299).

Cada um dos modelos, à sua maneira, procurava dar resposta aos problemas causados pela urbanização desordenada, seja através da reorganização do espaço urbano ou pela criação de ambientes mais salubres e sustentáveis. Embora com visões distintas, estes modelos partilhavam um objetivo comum: modernizar a cidade tradicional e garantir uma melhor qualidade de vida aos seus habitantes, promovendo a mobilidade, a organização espacial e a presença ativa da natureza.

Essas ideias não ficaram apenas no papel. Inspiraram a criação de parques e jardins urbanos que marcaram de forma duradoura a paisagem das cidades do século XIX. Em Viena, criou-se o parque Prater, um terreno de caça da aristocracia, transformado em espaço público em 1766 pelo imperador José II, antecipando, de forma pioneira, a visão que mais tarde orientaria a criação dos grandes parques urbanos europeus. O Prater representa uma mudança simbólica: o espaço verde deixa de ser exclusivo das elites e passa a servir toda a população como lugar de lazer, contacto com a natureza e promoção da saúde.

Mais tarde em 1843, como solução aos problemas causados pela Revolução Industrial surge em Liverpool o primeiro Parque Público - o Birkenhead Park, projetado por Joseph Paxton, que foi concebido como um espaço público acessível a todos, uma verdadeira inovação num tempo em que o espaço público era frequentemente reservado às elites. O impacto do Parque Birkenhead foi tão grande que inspirou Frederick Law Olmsted a projetar, em 1858, o Central Park (Fig.4N), que se tornaria um dos maiores parques urbanos do mundo.

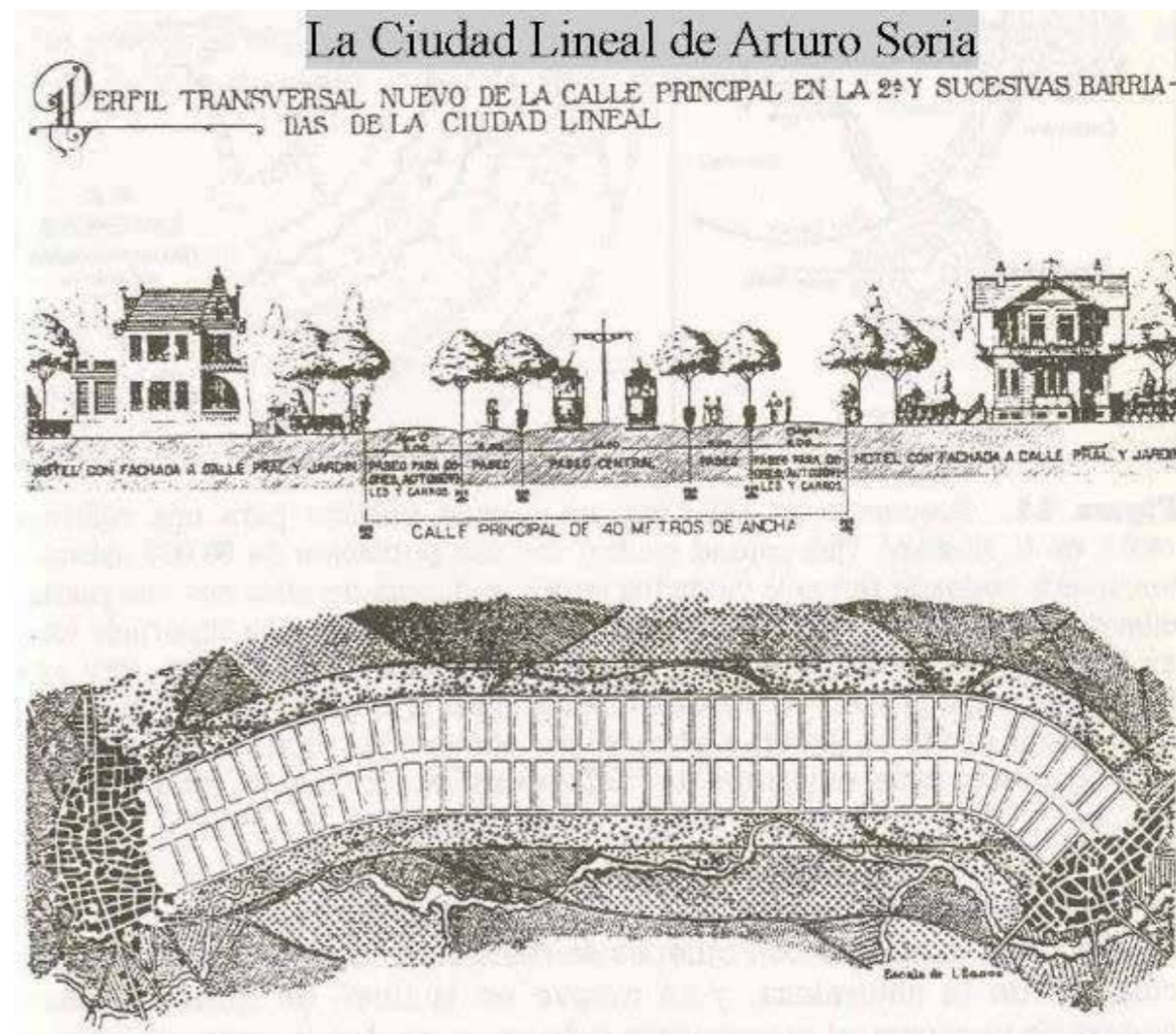
«Em Paris, o Bois de Boulogne (Fig. 3N) é remodelado em 1852, e vai criar “moda”, abrindo ao público para promover encontros sociais em cenários idealizados. A animação das grandes cidades serviu de modelo a outras cidades, e de inspiração aos artistas que iniciam o movimento impressionista, atribuindo ao jardim público uma qualidade cultural imortal » (Soares & Castel Branco, 2007, p. 302).

Estas experiências marcaram o início de uma nova era na história do urbanismo. E é com este pano de fundo europeu e internacional que se começa a delinear, também em Portugal, uma mudança de paradigma. Lisboa começa a dar os primeiros passos rumo à criação de espaços públicos ajardinados, uma tendência que se consolidará com força na segunda metade do século XIX e que culminará, mais tarde, com o projeto do Parque Florestal de Monsanto.

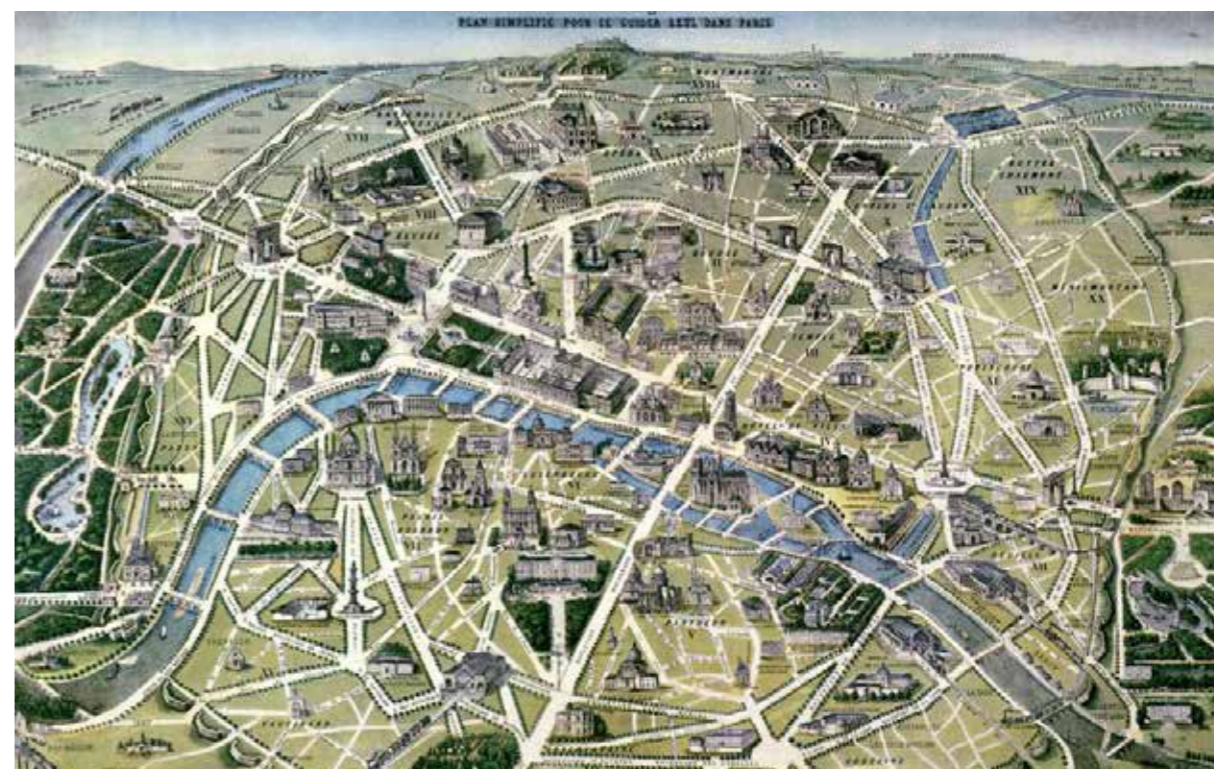
Procura-se, assim, assim traçar o percurso desses espaços verdes na capital até à criação do Parque Florestal de Monsanto, contextualizando a sua emergência no panorama urbano e social da época e destacando o papel fundamental que desempenharam na melhoria das condições de vida da população.

O “Passeio Público”⁷ foi o primeiro espaço verde da cidade de Lisboa, criado em 1764 segundo projeto do arquiteto Reinaldo Manuel dos Santos, no âmbito do plano de reconstrução da cidade após o terramoto de 1755. Esta iniciativa revela a visão moderna e estratégica do Marquês de Pombal, ao dotar a capital de um espaço de lazer ao ar livre, pensado

⁷Passeio Público: “Marco na história dos jardins da capital, define o conceito de “verde público” ao mesmo tempo que faz considerar definitivamente a cidade como espaço urbano por excelência... o Passeio Público fez-se fecho-do, contido no espaço e, paradoxalmente, aberto ao público” (Tostões, 1992, p. 9).



31.



32.

- 31. Cidade Linear de Arturo Soria y Mata.
- 32. Movimento Haussmann em Paris, 1851-1881.

para proporcionar momentos de frescura e recreio aos cidadãos. Apesar do carácter visionário da proposta do Marquês de Pombal, a iniciativa não encontrou adesão entre a nobreza e a burguesia da época, resultando num espaço pouco frequentado e longe do uso que se pretendia promover, pela sua proximidade em relação ao Palácio da Inquisição (atual Teatro D. Maria II) e ao Campo da Força (Praça da Alegria de Baixo). Em 1838, o Passeio Público é reaberto ao público, depois de uma importante intervenção a mando do Rei consorte, D. Fernando de Coburgo, sob projeto de Malaquias Ferreira Leal, «o muro de alvenaria caído era finalmente substituído por um moderno gradeamento de ferro, rematado em lanças e interrompido de espaço a espaço por grossas pilstras de pedra». (Tostões, 1992, p. 21).

No entanto, o futuro do Passeio Público parecia ser limitado. A sua localização impedia o desenvolvimento da cidade para Norte, bloqueando a expansão da Baixa Pombalina. Durante vinte anos, o município foi alvo de várias propostas para a abertura de uma grande avenida, inspirada no modelo haussmanniano, que visava modernizar e expandir a cidade. O vale onde se situava o Passeio Público tornou-se, assim, o local mais indicado para a construção dessa nova artéria. «A 24 de Agosto de 1879, o Passeio morria para dar lugar a uma moderna avenida» (Tostões, 1992, p. 22).

De facto, na sequência da abertura da Av. da Liberdade, cujo plano foi aprovado em 1873, o Passeio Público foi demolido em 1883.

«O Parque Eduardo VII, inicialmente designado Parque da Liberdade⁸, surge logo após o desaparecimento do Passeio Público, como o fecho monumental da Avenida da Liberdade, extenso “boulevard” que, numa morfologia haussmaniana, abria caminho à expansão da cidade de Lisboa para Norte. Foi objecto de um concurso público internacional para o seu projeto, tendo sido a proposta de Henri Lusseau (1887) a vencedora (...). Veio a sofrer profundas e variadas transformações, a última das quais, no final dos anos quarenta, segundo projeto do Arquitecto Keil do Amaral» (Fadigas, 1993, p. 124).

Ao longo do século XIX, são criados diversos jardins em Lisboa, muitos dos quais aproveitam vistas panorâmicas ou se inserem em espaços urbanos consolidados. Inspirado pelo estilo paisagístico e pitoresco francês surge, em 1842, o Passeio da Estrela, que segundo Tostões, (1992, p. 22). «vai concorrer com o lugar que o Passeio Público deteve por mais de um século». Em 1852, o espaço passa a ser designado como Jardim da Estrela⁹, assumindo, pela dimensão e qualidade, o papel de grande parque urbano da capital durante quase cem anos. Destacam-se, entre outros, o Jardim do Príncipe Real (1859), o Jardim de São Pedro de Alcântara (1864), o Jardim Fialho de Almeida (1872), o Parque Silva Porto, em Benfica (1880), e, ainda no mesmo ano, o Jardim de Campo de Ourique.

Esses jardins foram fundamentais na expansão e diversificação dos espaços verdes em Lisboa, refletindo a crescente importância dos espaços de lazer e do contacto com a natureza na vida urbana, além de consciencializarem os lisboetas da necessidade de diversas zonas verdes na cidade. Foi este cenário que o arquiteto Keil do Amaral encontrou quando, em 1938, entra ao serviço da Câmara. Mal sabia ele que, em breve, teria nas suas mãos a responsabilidade de criar o primeiro e mais emblemático Parque Público da Capital, uma obra que marcaria para sempre a paisagem urbana de Lisboa.



5N. Panorâmica da Estrela tirada do zimbório da Basílica da Estrela, 1911. (Fonte: AML)



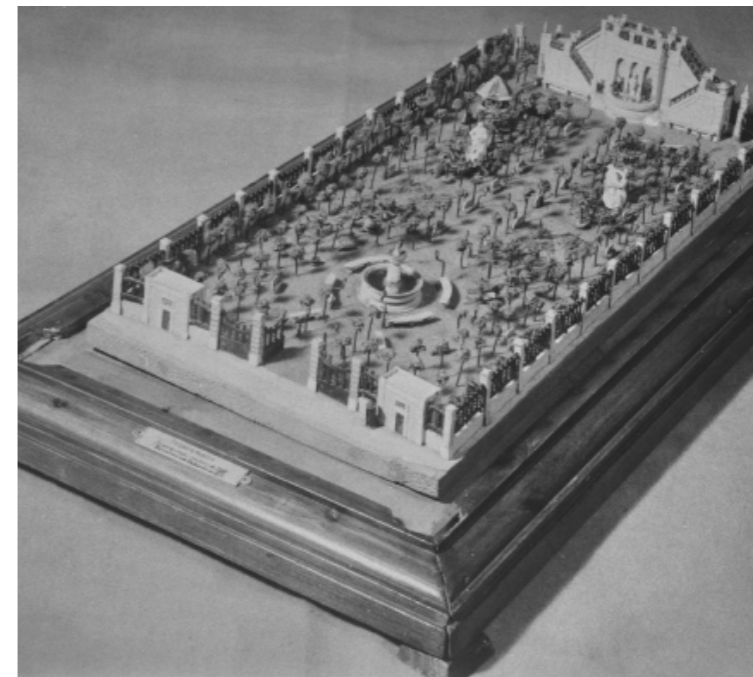
6N. Panorâmica sobre o Jardim do Príncipe Real, 1945. (Fonte: AML)

⁸Parque da Liberdade, proposta vencedora de Henri Lusseau (1887): «uma concepção orgânica de alamedas e lagos que privilegiava a exploração das panorâmicas possíveis pela diferença de cotas, entre a parte Sul e a parte Norte, de cerca de 50 metros». (Fadigas, 1993, p. 124)

⁹Jardim da Estrela: «Desenhado, com lagos, cascatas, grutas artificiais e estufas ao gosto do jardim paisagístico e pitoresco francês, pontuado por pequenas “fabricas” vai concorrer com o lugar que o Passeio Público deteve por mais de um século». (Tostões, 1992, p. 22)



33.



34.



35.



36.



37.



38.

33. Lago do Passeio Público, litografia.

34. Entrada Sul do Passeio Público, cerca de 1882, reprodução.

35. Passeio Público, maquete da autoria de Reis de Sousa.

36. Passeio Público: pavilhão, lago e terraço da entrada norte, gravura.

37. Passeio Público, gravura.

38. Passeio Público, alameda principal.

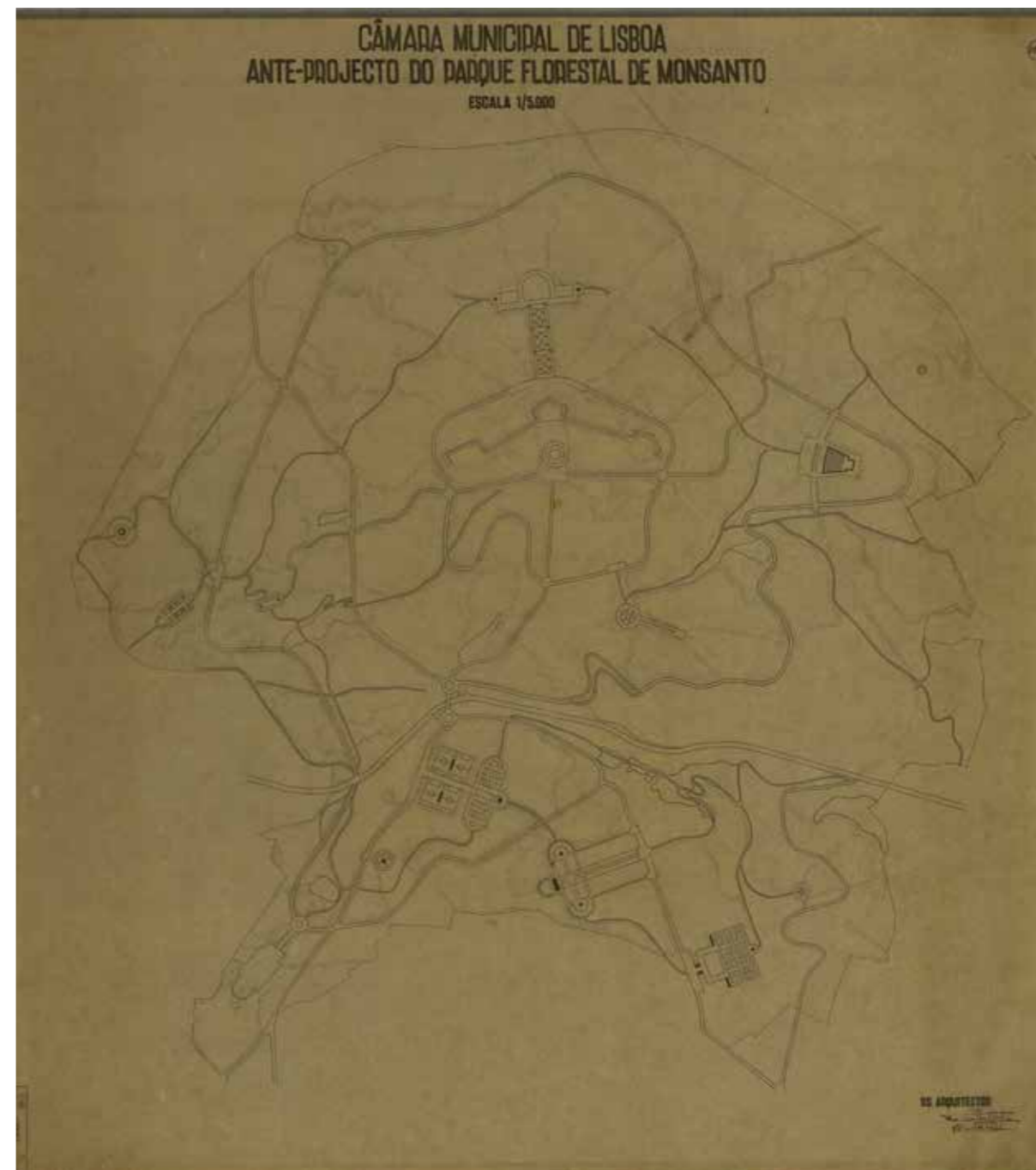
Projeto Keil do Amaral

A importância do Parque Florestal de Monsanto vai além da sua função como espaço verde estruturante da cidade. Reflete os ideais de modernidade e progresso promovidos por Keil do Amaral, cuja visão integradora procurou harmonizar a urbanização com a preservação da natureza e a criação de áreas de lazer acessíveis à população. Esta articulação entre natureza e infraestrutura consolidou Monsanto como um modelo inovador de ordenamento territorial em Lisboa.

Ao abordar o tema do Parque Florestal de Monsanto e o trabalho do arquiteto Keil do Amaral, é impossível ignorar os estudos e investigações realizados pela arquiteta e historiadora Ana Tostões, que se envolveu profundamente neste tema. Assim, este capítulo, que se foca no plano desenvolvido por Keil para a Serra de Monsanto, tem como base as obras¹⁰ de Ana Tostões, cuja abordagem crítica permite compreender a complexidade do projeto de Monsanto no contexto das políticas urbanas do Estado Novo e das transformações sociais da época.

Duarte Pacheco foi uma figura central na concretização deste projeto. Sob a sua liderança, abriu-se caminho para a criação do pulmão verde

¹⁰TOSTÕES, Ana (1992) - Monsanto, Parque Eduardo VII, Campo Grande: Keil do Amaral, arquitecto dos espaços verdes de Lisboa. Lisboa: Salamandra. 13 TOSTÕES, Ana, coord. (2010) - Keil do Amaral no cenário do seu nascimento: ensaios de Ana Tostões e Raúl Hestnes Ferreira e o fac-símile de A MODERNA ARQUITECTURA HOLANDESA. Lisboa: Argumentum e Ordem dos Arquitectos.



39. Anteprojecto do Parque Florestal de Monsanto

da cidade, com a promulgação do Decreto-Lei n.º 24625¹¹ de 1 de novembro de 1934. A sua visão estratégica justificou e sustentou as novas infraestruturas na zona ocidental, destacando-se o viaduto que viria a receber o seu nome, um marco tecnológico essencial para a mobilidade e o desenvolvimento turístico da capital.

Além da infraestrutura viária, Monsanto foi concebido para estabelecer uma ligação com o futuro Estádio Nacional e servir de enquadramento paisagístico para a Exposição do Mundo Português. Duarte Pacheco desempenhou um papel crucial no início da construção do parque em 1936, embora tenha sido afastado do cargo de Ministro pouco depois. Ao regressar em 1938 como presidente da Câmara Municipal de Lisboa, encontrou o projeto praticamente inalterado e retomou os esforços para a sua concretização. Ainda nesse ano, iniciou-se o processo de expropriação¹² por utilidade pública dos terrenos necessários.

Foi neste contexto que o arquiteto Keil do Amaral foi convidado a desenvolver um novo plano geral e de equipamentos para o Parque Florestal de Monsanto. Contando com o apoio do Eng.º Joaquim Rodrigo¹³, responsável pelo plano de arborização, Keil do Amaral introduziu um modelo inovador de gestão paisagística e planeamento urbano.

Em simultâneo, enquanto trabalhava na conceção do Parque, a 26 de Junho de 1939, Keil do Amaral realizou uma viagem de estudo aos parques e bosques da Europa. O seu objetivo não era encontrar soluções prontas para aplicar diretamente em Monsanto, mas sim observar e comparar um vasto conjunto de exemplos, desde parques totalmente consolidados até outros ainda em execução. Através dessa experiência, procurava ampliar os seus conhecimentos, analisando diferentes critérios de planeamento e gestão paisagística para avaliar e validar as diretrizes seguidas na conceção do parque em Lisboa.

Entre os parques e bosques que visitou, destacaram-se a Floresta de Fontainebleau e o Bosque de Verrières, nos arredores de Paris, bem como o Haagsche Bosch e o Scheveningen Bosch, em Haia e também o Bosque de Amesterdão. Estas áreas são reservas adaptadas ao relevo natural, caracterizadas por vastas extensões onde predominavam uma ou duas espécies de árvores, dispostas sem qualquer rigidez geométrica. Este traçado conferia-lhes o aspeto típico de um bosque, onde a presença de «imensos arbustos dão ao conjunto um ar um tanto selvagem, que torna o bosque um local de passeio muito apreciado». (Amaral, 1939, p.5) Contudo, «para Keil do Amaral a grande lição foi a visita aos Países Baixos onde mais uma vez confirmou o fascínio por este país e por esta cultura. Teve a oportunidade de observar um grande parque em construção e de analisar tanto o seu projeto como a coordenação dos trabalhos. Esse parque era o Bosque de Amesterdão, com 900 hectares». (Tostões, 2010, p.22)

Segundo Keil do Amaral, num bosque, o ambiente natural que se pretendia só a natureza o podia proporcionar. O trabalho do homem devia, por isso, consistir em estudar cuidadosamente as condições naturais (terreno, ventos, exposição, altitudes, flora natural, águas, etc.) de forma a garantir que todas as intervenções estivessem em plena harmonia com essa natureza que se procurava valorizar.

No seu relatório de viagem, Keil do Amaral descreve e destaca a forma cuidada de como o projeto do Bosque de Amesterdão foi encarado. Observou que o planeamento do projeto resultava de estudos prolongados e cuidadosos, realizados por equipas multidisciplinares (engenheiros, ar-

¹¹“definia as competências dos vários organismos intervenientes no projeto e na sua concretização, o Decreto-Lei 24625 de 1 de novembro de 1934 incumbia a Câmara Municipal da sua promoção, devendo o projeto ser elaborado “dentro de seis meses” A arborização ficava a cargo do Ministério da Agricultura, o Ministro das Obras Públicas e Comunicações participaria no projeto através do traçado da auto-estrada que o atravessava e, naturalmente, com o poder decisivo final.” (TOSTÕES, Ana (1992) - Monsanto, Parque Eduardo VII, Campo Grande : Keil do Amaral, arquiteto dos espaços verdes de Lisboa. Pag.38)

¹²“As expropriações avançavam de imediato, a ponto de, no primeiro ano de trabalhos, cerca de metade da área ser municipalizada (420 hectares correspondentes à 1.ª, 2.ª e 3.ª Zonas). Em paralelo, certamente sob grande pressão, o jovem arquiteto inicia os estudos, transformando muitas das pré-existências da serra: antigos fortes, velhos moinhos e caminhos. Toda a área acidentada da serra, numa posição geográfica privilegiada sobre a cidade e o estuário do Tejo, proporcionava belíssimos panoramas que seriam explorados no projeto, tirando-se partido destas condições naturais.” (MOITA, Irisalva, coord. (1999) - Keil do Amaral: o arquiteto e o humanista. p.80)

¹³Joaquim Rodrigo (1912-1997), engenheiro agrônomo de profissão desde 1938. Em 1943, regressa ao Instituto Superior de Agronomia, onde se havia formado anteriormente, para obter o diploma em Silvicultura. Chegou tardiamente à pintura, iniciando-se no início da década de 1950, quando se inscreveu no curso de pintura da Sociedade Nacional de Belas-Artes. A partir de 1951, passou a expor regularmente o seu trabalho nas Exposições Gerais de Artes Plásticas. Na segunda metade da década de 1960, Joaquim Rodrigo envolveu-se em diversos projetos no âmbito do paisagismo e da pintura. Em 1966, integrou a equipa de Nuno Portas na urbanização das zonas dos Olivais e de Chelas, em Lisboa, colaborando na conceção dos espaços exteriores e ajardinamentos.

40. Anteprojeto do Parque Florestal de Monsanto

41. Anteprojeto do Parque Florestal de Monsanto, desenho de Implantação



40.



41.

quitetos, paisagistas, geólogos, biólogos, botânicos e sociólogos). Essa articulação entre diferentes áreas do conhecimento permitiu uma compreensão mais profunda das condições naturais e sociais do local, assegurando que cada decisão de projeto fosse sustentada por fundamentos científicos sólidos. Além disso, Keil do Amaral salientou o rigor do faseamento da obra, cuidadosamente estruturado para garantir a coerência e a qualidade do processo de execução.¹⁴

Neste projeto, mais do que procurar soluções para o plano que tinha em mãos, procurou obter ideias valiosas para a sua execução e, de todos os bosques que visitou, foi neste que encontrou mais ensinamentos para tentar replicar, não no desenho, mas na abordagem utilizada na forma de trabalho. A sua viagem reforçou a convicção de que o critério adotado na conceção do Parque Florestal de Monsanto e da Serra de Monsanto estava correto: um bosque natural e ligeiramente selvagem, com centros de interesse acessíveis a todas as classes da população da capital. No entanto, Keil do Amaral questionava se o método de trabalho seguido até então teria sido o mais adequado. Segundo ele, tinham sido descurados estudos preliminares essenciais em diversas áreas de especialidade, o que poderia comprometer a qualidade e resultados do projeto a longo prazo. Acreditava que a ausência desses estudos aumentava o risco de insucessos, cujas consequências poderiam manifestar-se não apenas num horizonte de um ou dois anos, mas até uma década mais tarde, quando eventuais problemas já seriam de difícil correção.

Com base nas abordagens observadas no Bosque de Amesterdão, Keil do Amaral procurou implementar no método de trabalho de Monsanto um conjunto de estudos rigorosos, capazes de fundamentar as decisões relativas ao planeamento e gestão do Parque. Propôs, assim, à Câmara Municipal de Lisboa a nomeação de especialistas para a realização de análises detalhadas, nomeadamente: um estudo dos terrenos, conduzido por um geólogo, de forma a elaborar uma planta geológica que identificasse a natureza dos solos; um estudo do regime dos ventos, essencial para a definição das áreas de proteção contra erosão e exposição excessiva; e um levantamento hidrográfico, que cartografasse as nascentes e os terrenos mais húmidos do Parque.

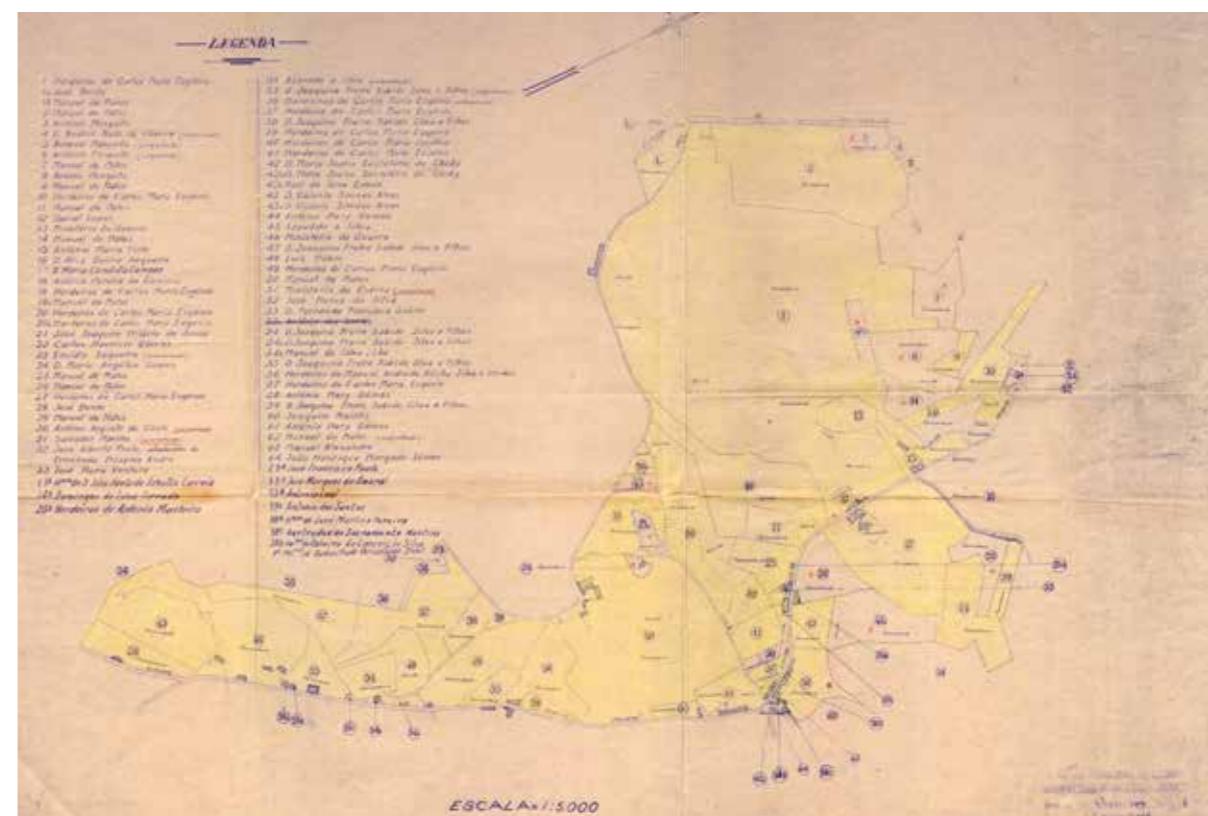
Estes estudos permitiriam determinar, com critérios científicos, as espécies arbóreas e arbustivas mais adequadas a cada tipologia de solo, bem como as combinações de vegetação com maior probabilidade de alcançar um desenvolvimento saudável. Além disso, possibilitariam a definição de estratégias eficazes para mitigar os efeitos dos ventos e otimizar a disposição da vegetação, garantindo um enquadramento paisagístico harmonioso. A ideia era conceber um plano detalhado de cada zona do Parque, no qual as massas de vegetação seriam distribuídas estrategicamente em função dos pontos de vista, das estradas e caminhos, e dos centros de interesse. Para cada maciço florestal, selecionar-se-iam as espécies que melhor respondessem aos objetivos estéticos e ecológicos pretendidos. Com este método, Keil do Amaral procurava assegurar que as árvores e arbustos plantados fossem adequados a cada local.

O projeto desenvolvido por Keil (Fig.24) foi fundamentado na criação de uma arborização densa composta por pinheiros-mansos e alepos, eucaliptos, carvalhos, choupos, cedros-do Buçaco, ciprestes, acácias, sobreiros, azinheiras entre outras espécies, formando áreas de mata interrompidas apenas pelos caminhos e pela autoestrada que daria acesso ao centro desportivo do Jamor, com o objetivo de criar a sensação de um bosque



7N. Moita, I. (Coord.). (1999). Keil do Amaral: O arquiteto e o humanista. Planta com a indicação das zonas de trabalho [Imagem]. Câmara Municipal de Lisboa, pág. 202.

14«Uma primeira comissão geral encarregada dos estudos preliminares necessários para definir o que se deveria fazer no Parque, determinou, além de outras coisas, em presença da natureza do terreno, etc., que, o caráter geral das plantações deveria ser esse de bosque natural, e apresentou vários exemplos do tipo que se deveria procurar conseguir. Foi formada então uma nova comissão só para estudar as plantações, constituída por: Botânicos, Silvicultores, Técnicos Florestais e Sociólogos de Plantas». (AMARAL, 1939, p.16)



42. Planta de Expropriações - 1ª Zona,

natural e selvagem. « O projeto incluía três vias circulares praticamente sem desníveis a cotas diferenciadas, uma no limite do parque que servia a ligação à malha urbana, outra a meia encosta, ligando um conjunto de áreas de equipamentos (Centro de Desportos, Parque do Alvito e do Alto da Serafina, Miradouro de Montes Claros, etc.) e finalmente uma terceira circular na zona mais elevada da serra, onde se associavam os principais miradouros e restaurante, um grande lago de recreio e áreas verdes na envolvência do forte de Monsanto, que deveria ser desafetado ao seu uso menos nobre.» (PGFPM, 2020, p.85)

Ana Tostões descreve, na sua obra, as seis zonas operacionais do Parque (Fig. 9N). No primeiro ano, foram expropriadas a 1.^a e a 2.^a zonas, onde se localizavam os miradouros e a Casa de Chá dos Montes Claros, assim como a 3.^a zona, que incluía diversos equipamentos desportivos, nomeadamente o Clube de Ténis, o Centro de Desportos, o Teatro ao Ar Livre e o Parque Infantil do Alvito. Com estas expropriações, a parte Sul do Parque ficou praticamente definida.

A 5.^a zona foi expropriada em 1941, altura em que os equipamentos já estavam a ser projetados e construídos. Em 1942, procedeu-se à expropriação da 6.^a zona, correspondente ao Alto de Monsanto e à zona militar do Forte. Finalmente, no ano seguinte, em 1943, o Parque foi totalmente delimitado com a conclusão da expropriação da 4.^a e última zona, cuja aquisição se revelou particularmente difícil. Dessa forma, os limites do Parque Florestal de Monsanto foram estabelecidos, abrangendo uma área total de 900 hectares, expropriados ao longo de cinco anos.¹⁵

Conclui-se que inúmeros equipamentos foram projetados por Keil do Amaral para o Parque Florestal de Monsanto; alguns acabaram por ser construídos, enquanto outros nunca saíram do papel, como trataremos mais à frente. Dos equipamentos projetados, constam: diversos Miradouros (1939-1940), o Miradouro e Casa de Chá de Montes Claros (1940), o Centro de Desportos e Miradouro (1940), o Clube de Ténis (1946-1949), o Teatro ao Ar Livre e o Padrão-Miradouro (1943-1948/1959), o Cemitério de Monsanto (1948), o Pavilhão de Refrescos na Cruz das Oliveiras (1953), o Parque do Alvito (1953), o Parque Infantil da Serafina (1953), o Restaurante Panorâmico (1959). Para além dos equipamentos, o arquiteto não descuidou o estudo detalhado dos marcos de localização (Pág.), das paragens de autocarro (Fig.54), do mobiliário exterior e do tratamento dos Miradouros (Pág.). Atento aos valores do sítio, Keil do Amaral procurou adaptar à execução dos equipamentos do Parque os conhecimentos adquiridos nos parques que visitou, nomeadamente o uso da pedra extraída das pedreiras locais¹⁶, para a construção de muros e edifícios, aplicando a estereotomia única que ele próprio desenvolveu e que tanto se destaca nos seus projetos. «Os materiais são vernáculos, exceção feita à contaminação urbana do tijolo utilizada habilmente como estrutura e acabamento, explorando o leque de hipóteses deste material nos muros, bancos, paredes, canteiros e lagos». (Tostões, 1992, pp.88-89)

O projeto original para o Parque Florestal de Monsanto, não foi cumprido na sua totalidade, devido a alterações ocorridas ao longo do tempo, que afetaram tanto a construção dos equipamentos inicialmente previstos como a definição dos respetivos programas e a autoria das intervenções. Alguns dos elementos planeados acabaram por não ser construídos, entre os quais se destacam o Centro de Desportos, o Teatro ao Ar Livre¹⁷ (Fig.s 28, 29 e 31) e o Padrão-Miradouro¹⁷ (Fig.s 30 e 32).



8N. de Sinalização

15“Na execução dos muros de suporte, lajeados e mesmo dos pequenos edifícios em que se utiliza a pedra como material de construção, usa-se, nos parques estrangeiros, um processo que seria bom tentar introduzir entre nós. Consiste em retirar as pedras das pedreiras já em lajes mais ou menos espessas e aplica-las depois de endireitado o paramento visto, umas vezes seco, outras com grandes espessuras de argamassa. Poupa-se assim um tempo imenso na aparelhagem das pedras, poupa-se bastante dinheiro e o aspeto que se obtém é muito mais interessante.” (AMARAL, Francisco Pires Keil do, (1939). Relatório duma viagem de estudo. p.18)

16Teatro ao Ar Livre-« Trata-se de um dos mais interessantes projetos não realizados.(...) Equipamento inovados com capacidade para oito mil pessoas sentadas. (...) Em 1943 a Camara intendia já o alcance de uma obra como esta, “tornando acessível às classes populares variados espetáculos, desde representações teatrais a grandes concertos sinfónicos, bailados, conferencias.”» (MOITA, Irisalva, coord. (1999) - Keil do Amaral: o arquiteto e o humanista.p.208)

17Padrão-Miradouro, integrado na mesma área onde «inicialmente, o projeto contemplava apenas o Teatro ao Ar Livre. (...) A morte trágica de Duarte Pacheco, em Novembro de 43, leva a Camara a estudar a forma e o local onde se perpetue o reconhecimento da cidade pela grande obra que imortalizou, entendendo-se que aquele cabeço tinha condições excepcionais para esse fim, situando-se simbolicamente “no centro da primeira obra a que o engenheiro meteu ombros quando assumiu a presidência da camara e justamente uma das obras que mais se devotou.”» (MOITA, Irisalva, coord. (1999) - Keil do Amaral: o arquiteto e o humanista.p.208)

43. Esboceto de plantaço, Museu da Cidade.

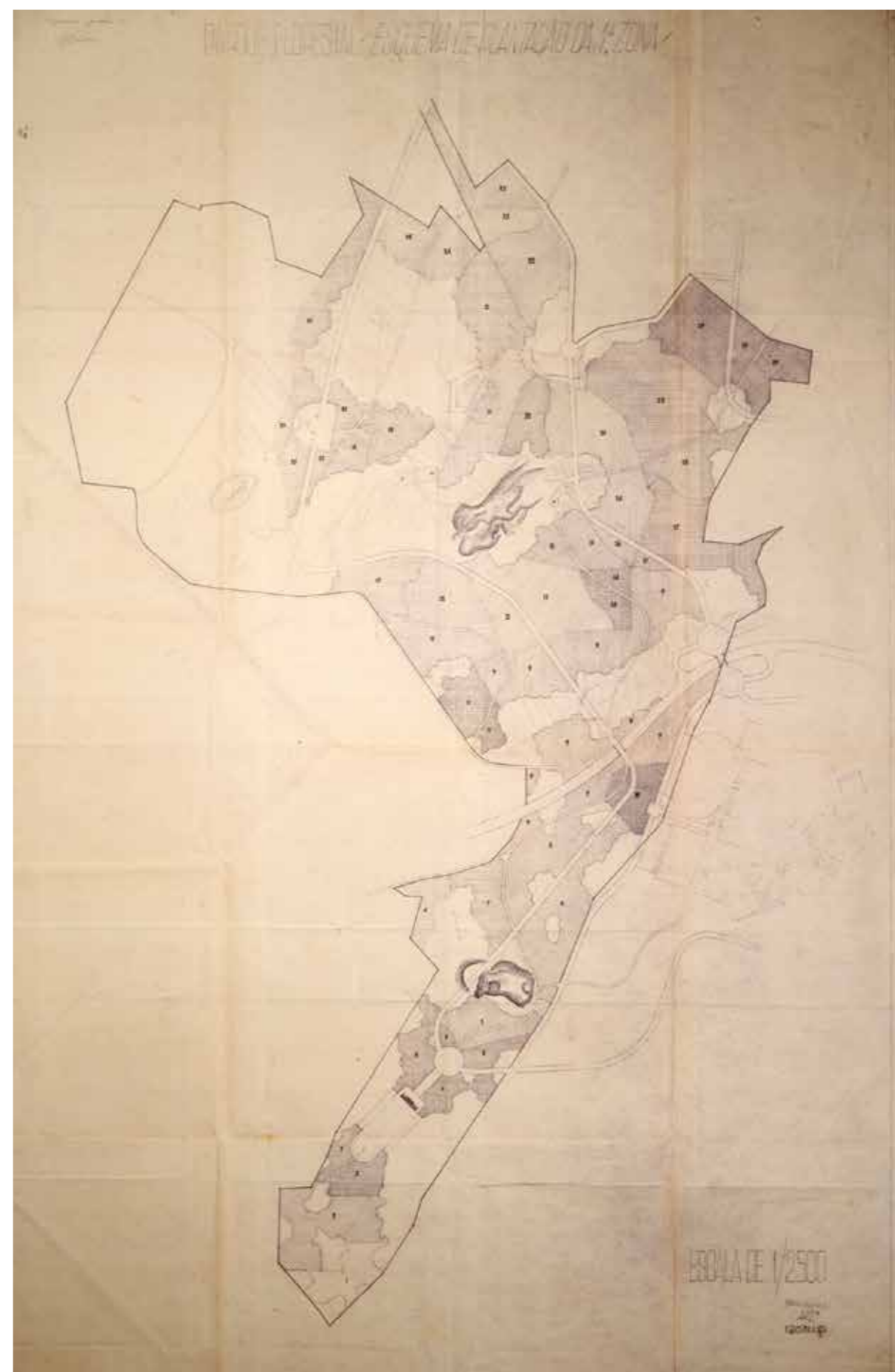


Para além da não concretização de alguns equipamentos, registaram-se igualmente alterações ao programa de certas áreas, que vieram a assumir funções distintas das originalmente previstas, em resultado da evolução das necessidades e orientações urbanas ao longo das décadas. É o caso do cemitério¹⁸ (Fig.s 33, 34 e 35), que em 1960, foi substituído pelo Parque de Campismo da autoria do arquiteto paisagista Edgar Fontes, tendo sido aproveitados os arruamentos já realizados no terreno.

Acresce ainda o facto de várias intervenções terem sido realizadas por outros arquitetos, sendo que algumas propostas se afastaram dos princípios orientadores definidos inicialmente por Keil do Amaral. É disso exemplo o Restaurante Panorâmico, previsto para a zona adjacente ao Teatro ao Ar Livre, mais tarde substituído por um novo projeto da autoria do arquiteto Chaves da Costa. Também o Parque Infantil da Serafina (Fig.s 25, 26 e 27), cujo projeto original serviu de base à intervenção levada a cabo em 1992, pelos arquitetos paisagistas Hugo Palma e Patrícia Brito e Valle.

Estas transformações não se limitaram, contudo, à alteração ou substituição pontual de equipamentos. Para além da não construção de alguns dos elementos projetados por Keil, a essência do projeto “perdeu todo o significado com a ocupação do Alto de Monsanto pelos Serviços prisionais e Armada e posteriormente pela Força Aérea, sendo assim eliminado o núcleo central de recreio do parque(...) Da mesma forma a não construção do grande anfiteatro e do Monumento evocativo da memória de Duarte Pacheco, fizeram com que este núcleo central perdesse possibilidades de funcionamento recreativo autónomo».(PGFPM, 2020, p.83) A não construção total do Parque idealizado por Keil do Amaral, resulta assim num conjunto de equipamentos dispersos (Mapa 2), dificultando a sua utilização como parte integrante de um projeto que deveria ser comum e contínuo.¹⁹ Apesar das adversidades, o Parque Florestal de Monsanto consolidou-se como um dos maiores marcos urbanísticos e ambientais de Lisboa. Sendo um refúgio no meio da crescente urbanização, é evidente o potencial transformador da integração entre a cidade e a natureza que o parque oferece, inspirando futuras intervenções urbanas que procurem um equilíbrio entre a memória histórica e os desafios contemporâneos.

18«Também no cemitério que Keil projeta para Monsanto, em substituição do da Ajuda, (...) se previu a construção do Mausoléu de Duarte Pacheco, “já que se entendeu que em nenhum outro cemitério tal monumento ficaria melhor que nesse”» (TOSTÕES, Ana (1992) - Monsanto, Parque Eduardo VII, Campo Grande: Keil do Amaral, arquiteto dos espaços verdes de Lisboa.p.62)
19“O parque apenas servia para a tradicional – volta dos tristes aos fins-de-semana e de miradouro em miradouro, sendo então o parque utilizado como uma espécie de mini-parkway, à escala do país.” (Plano de Gestão Florestal -Parque de Monsanto(2021); Pag.83)

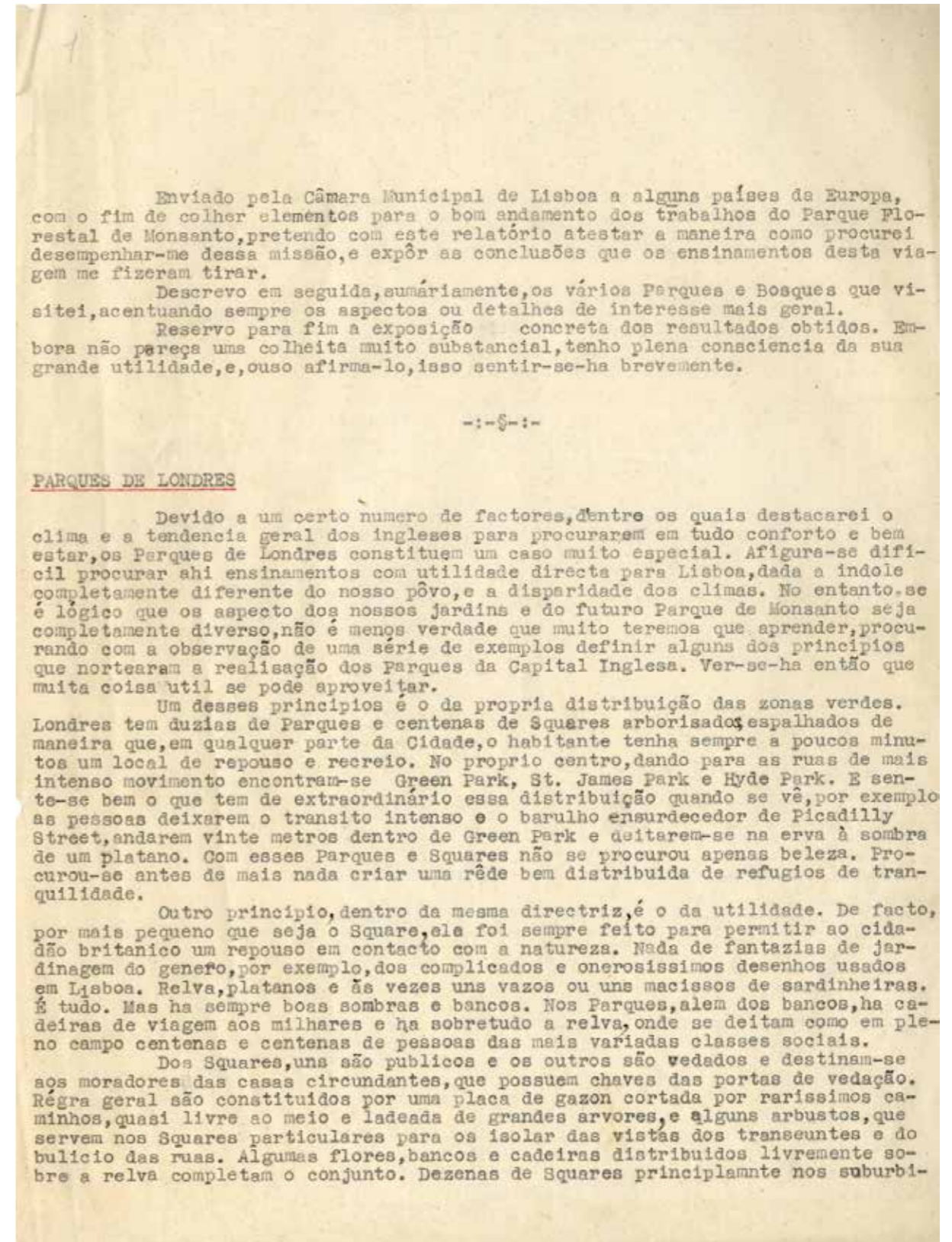


44. Esquema de plantação 1ªZona, Museu da Cidade

Relatório de Uma Viagem (1939)



45.



46.

os, são aproveitados para tennis e outros campos de jogos. Os Parques participam do mesmo espírito. São em principio grandes espaços relvados com pequenos nucleos de arvores na parte central, e mais arborizados nos extremos. Nas zonas sem arvores joga-se o Cricket, deitam-se papagaios, brincam miudos, e pastam carneiros. Salvo rarissimas excepções ha um lago onde circulam barcos de rémos ou meamo de vela, onde se toma banho no verão, e cujas margens constituem a parte mais cuidada do Parque. São deste tipo Green Park, St. James Park Hyde Park e Kensington Gardens, Regents Park, Ravenscourt Park, que visitei, e mais umas dezenas que não tive tempo de percorrer. Nas pag. 20 as plantas de dois deles completarão esta ligeira descrição. Todos estes Parques não tem nenhuma beleza especial. Esteticamente são mesmo monotonos e pobres. Noventa por cento das arvores são platanos, a sua distribuição não obedece, como se pode ver nas plantas, a nenhum partido notavel e se não fôra a relva a dar unidade e côr ao conjunto pouco mais seriam do que vulgares. Sente-se porém que são propositadamente assim, que na sua concepção, como ja disse, a beleza não foi a determinante principal. E como se confirma plenamente essa noção é visitando Kew Gardens, o Jardim Botânico de Londres. Ahí o espetaculo é de uma beleza sem igual, e bem demonstrativo das extraordinárias possibilidades do jardineiros e paisagistas ingleses. (planta e fotografias a pag 2-3-4). As especies de arvores são variadissimas, mas nunca misturadas com esse ar de cangalhada que



se encontra por exemplo em certas zonas da Tapada da Ajuda ou no Campo Grande. É tudo tão natural, tão perfeitamente estudado, que se passa sem transição brusca de uma zona de bosque semi-selvagem para um roseiral, por exemplo, e só depois, olhando bem e com olhos de vêr, se percebe que engenhosidade que amor e principalmente que saber foram necessários para que tudo aquilo tivesse tão maravilhosa singeleza. O principio Kew Gardens é muito curioso: Ha uma serie de elementos (Pagode Chinez, Mastro, Estufas, Templetas), distribuidos pelo parque e para os quais convergem varias aberturas ladeadas de arvores, ou de arvores e arbustos, com o solo relvado, e mais ou menos importantes. Caminhando por elas, sobre a relva, vão-se encontrando pequenos lagos, novas aberturas com perspectivas diferentes e ha assim um interesse sempre crescente à medida que se vai percorrendo o parque. As arvores mais empregadas são: Faías, Carvalhos (especialmente o Quercus Pedunculata), Acers, Platanos, Castanheiros da India, Tilias (de que a mais bonita é talvez a Tilia Euclhora), Betulas, Castanheiros, e uma arvore lindissima que desconhecia e se chama Liriodendrum Tulipifera. Evidentemente que alem destas ha numerosissimas outras, mas em pequenos grupos ou exemplares isolados. Encontram-se assim de quando em quando Thuyas, Ciprestes, Taxus, Cedros, Criptome-

4

rias, Pinheiros, Araucárias, etc.
 Dos arbustos os mais usuais são os Rododendros, maravilhosos na época da floração. Kew Gardens, cuja descrição detalhada seria incapaz de fazer, é uma verdadeira maravilha de que jamais me esquecerei.

-:-§:-:-

PARQUES E BOSQUES DE PARIS E ARREDORES

Em Paris, espalhados pela Cidade, ha alguns pequenos parques cheios de encanto, tais como Monceau, Montsouris, as Buttes-Chaumont, o Luxembourg, e em dois extremos quasi opostos o Bois de Boulogne e o Bois de Vincennes, já enormes estes e de características especiais. Dos primeiros não vale a pena ocupar-me aqui, pois, embora constituam admiráveis exemplos e como tal me tenham servido de elementos de estudo, não têm um interesse directo para o caso de Monsanto.

O Bois de Boulogne e o Bois de Vincennes podem considerar-se, apesar de sensivelmente diferentes, como pertencendo a um mesmotipo. Em ambos, um grande lago com uma ou duas ilhas no meio constitue o nucleo mais importante e mais cuidado. Em ambos se procurou, com o aproveitamento das terras provenientes das excavações dos lagos, fazer ligeiras elevações do terreno que evitassem a monotomia de um solo constantemente plano. Em ambos se cuidaram as plantações, de maneira a criar um misto de bosque por vezes serrado e de parque com grandes gazons e pequenos nucleos de arvores mais varia-



5



1165. Forêt de Fontainebleau - La Gorge aux Loups

das e escolhidas. O Bois de Boulogne, embora talvez menos belo do que Vincennes, tornou-se um centro de elegancia e lá se encontram por isso os campos de corridas de cavalos, o polo de Bagatelle, o Racing Club, etc. Vincennes, cheio de Castanheiros da India (a arvore que mais se encontra em Paris), com Acers, Tílias, Juglans Nigras, Platanos, com Chorões e Choupas lindissimos junto ao lago, é um parque de caracter mais popular. Ambos, porém, são conjuntos magnificos, de que uma cidade como Paris se pode orgulhar.

Nos arredores, os bosques de Verrieres e de Fontainebleau oferecem por vezes aspectos que se poderiam apresentar como exemplo do que se deve procurar conseguir em Monsanto. (fotografia a pag. 5). Verrieres é uma enorme reserva florestal, que tem encravadas na orla, e a relativa proximidade uma da outra, as cidades jardins de Flessis-Robinson e a Butte-Rouge de Chatenay-Malabry. Esta ultima, principalmente, é um exemplo admiravel de adaptação ao terreno, e da beleza e da unidade que uma distribuição bem estudada de relvas, arvores, arbustos e flores, podem dar a um grupo de construções. Interessou-me particularmente este ultimo aspecto, mas seria da maior utilidade que o conjunto fôsse visto e estudado pelas pessoas que entre nós tem de se ocupar dos novos bairros economicos e das futuras extensões de Lisboa. Em Verrieres encontram-se enormes macissos de Carvalhos, ou de Carvalhos e Castanheiros, ou ainda de Carvalhos e Faias. O Castanheiro, que eu nunca tinha visto plantado em grandes quantidades como arvore de bosque, appareceu-me com um encanto extraordinario. Choupas, Ulmeiros, Castanheiros da India, alguns Cedros em pequenos grupos, Betulas, foram ainda as arvores que mais encontrei. Imensos arbustos dão ao conjunto um ar um tanto selvagem, que torna o bosque um local de passeio muito apreciado.

Fontainebleau é um bosque de cerca de 17.000 hectares, dentro do qual fica a cidade e o historico Castelo do mesmo nome. Tornou-se um centro de atracção turistica, principalmente para as pessoas que desejam um amplo contacto com a natureza, e com esse fim foram demarcados varios circuitos para passeio a pé, alguns dos quais figuram na planta parcial do parque (pag. 21).

A plantação é extremamente sobria. Encontram-se zonas imensas só com Faias, outras só com Carvalhos, extensões a perder de vista onde apenas se vêem Betulas, Pinhais enormes e miudinhos. No entanto a parte mais bela é onde foram plantadas em conjunto Faias e Carvalhos, e principalmente onde, nessa combinação,

dominam as Faias. O compasso é irregular. Por vezes de dois a tres metros, e então as arvores cresceram muito para irem buscar luz acima, outras vezes de dez metros e mais ainda, e nesses casos as arvores formaram copa frondosa e nascida desde muito baixo. Fontainebleau e, apesar dessa simplicidade, ou talvez devido a ela, um bosque admiravel, cheio de calma e nobreza.

—:—:—

PARQUES DA ALEMANHA

Reichsgartenschau, a Exposição Horticola do Reich, foi feita, segundo rezam os propositos, com a intenção de oferecer ao visitante, num Parque de 50 hectares, um sem numero de sugestões preciosas nos dominios da arquitectura de jardins e da paisagem.

Quasi todo o terreno da Exposição era primitivamente utilizado para extracção de pedra. Sucedeu assim que se tornaram necessarios importantes movimentos de terra, não só por se encontrar o solo completamente esburacado e com diferenças de nivel de 50 e 60 metros que convinha atenuar, mas principalmente para tornar viavel uma plantação que de maneira nenhuma se podia fazer sobre a rocha. Além desses movimentos de terra da ordem dos seiscentos mil metros cubicos, fizeram-se tambem importantes trabalhos de drenagem e de irrigação, para os quais se chegaram a abrir na rocha galerias de oitenta metros de comprimento. Uma vez preparado o terreno, ao qual se manteve um caracter irregular e variado, procedeu-se ao arranjo, ou melhor, ao retoque de um bosque de mimosas que já existia, à transplantação de um ou dois milhares de grandes arvores procedentes de florestas dos arredores, e à plantação de dezenas de milhares de arbustos.

As condições topograficas obrigaram à construção de numerosos muros de suporte. Foram feitos com uma pedra rosada da Floresta Negra, e utilizando uma técnica, ao que parece, de tradição regional: Pedras postas umas sobre as outras depois de aparelhadas, mas a seco, sem nenhuma especie de argamassa.



Reproduktion und Offdruck GSH & Friedel, Stuttgart



inalmente foram construídos varios edificios: Administração, Halls de exposição, restaurante, etc. Em todos eles foi empregue a mesma pedra rosada, e madeira em g e escala. Para esses trabalhos foram pagos, só em mão de obra, segundo me informou, 300000 dias de trabalho, ou seja o equivalente a uma equipe permanente de 5 operarios durante dois anos. Sente-se nitidamente, de resto, que não se olhou afezas e se procurou dotar a Exposição com todas as condições de agrado. E apesar disso (trata-se para mim da mais importante lição de toda a viagem), a parte mais bonita é o velho Bosque de Mimosas, onde a natureza pode ter maior e mais demora a interferencia.

Como se pode ver pela planta e pelas fotografias a pag. 6-7 e 8, a concepção geral do Parque é de uma grande leveza. Nada de eixos rigidos, de contornos formais ou de perspectivas a pretender monumentalidade. Pelo contrario, tudo adaptado ao terreno, tirando partido das diferenças de nivel, das rochas, dos pontos de vista etc.

Os muros de suporte, as pergolas e outras pequenas construções são de uma grande encanto, particularmente quando tem elementos de madeira ou de ferro trabalhado.

A água, aqui como em todos os Parques e Bosques que vi, é o elemento de leveza por excelencia. Lagos grandes e pequenos, repuchos, cascatazinhas, dão vida e movimento a todo aquele conjunto (ver fotos a pag. 9).

Em certas zonas são apresentados varios tipos de pequenos jardins e passagens de fim de semana, de pavimentação, de bancos, de pergolas, etc. Todos esses detalhes, que seria ocioso descrever, constituem lições de mais alto interesse.

A Exposição, enfim, pode considerar-se como um verdadeiro sucesso.

Ainda em Stuttgart visitei Schossgarten, o principal Parque da Cidade. É um misto de elementos rigidos e de parque à inglesa, que tem a recomendação a particularidade de partir quasi das florestas dos arredores e penetrar como uma cunha até ao centro da Cidade.

PAGINA


Em Nuremberg percorri as plantações que se fizeram para completar o enquadramento do novo Stadium para 405.000 pessoas, da Sala de Congressos, e dos campos de exercicio e manifestações do Partido Nacional-Socialista. Trata-se de um conjunto imenso feito com a intenção de deslumbrar os Alemães e o Mundo, de fazer maior do que os outros fizeram, de dar uma lição de poder e dinamismo. A impressão com que fiquei de tudo aquilo foi a peor possível. É tudo de tal maneira grande que acaba por se perder a noção de conjunto. Sente-se a falta de uma escala humana que relacione aquelas construções-bisarmas. Sente-se a ausencia de uma razão utilitaria, necessaria sempre para que as coisas destinadas aos homens sejam feitas à medida dos homens. Dinheiro a rodos, orgulho e pouco mais. Foi isso o que vi, e com isso não vale a pena gastar mais papel e tinta.

-:-:-:-

PARQUES E BOSQUES DA HOLLANDA.

A oportunidade involuntária de ver um grande parque em execução, de poder observar como foi projectado e como estão sendo orientados os trabalhos, levou-me a Amsterdam, onde procurava colher os ensinamentos mais preciosos desta viagem. Devo dizer desde já que a minha expectativa foi plenamente confirmada.

O novo Parque, que ocupa uma área de 900 hectares fica situado ao sul da cidade, logo após o Stadium Olímpico, nuns terrenos em volta dos quais se prevêem futuras extensões. Foi determinada a sua execução em 1928, e constituída uma Comissão de que faziam parte os seguintes técnicos: Urbanista, Geologo, Técnico de Drenagem e Irrigações, Botanico, Silvicultor, Sociologo de Plantas, Desportista, Zoologo, Especialista de Desportos Nauticos, e Higienista. A essa Comissão competia fazer os estudos necessarios para: escolher e delimitar o terreno e prevêr o seu custo; calcular o numero de visitantes provaveis e estudar as possibilidades de transporte; fazer estudos geologicos, de ventos, de águas, etc.; determinar quais os




PAGINA 9



centros de interesse que mais conviriam para a população prevista e as áreas próximas que se deveriam atribuir a cada um; definir o tipo geral do Parque e o tipo das plantações a adoptar.

Um ano depois apresentava um relatório completíssimo, que continha, por assim dizer, o programa do Parque e todos os elementos necessários para a elaboração do projecto. Do seu estudo foram então encarregues dois arquitectos, a quem, antes de mais nada, se deram facilidades para ir ao estrangeiro ver obras congêneres. O projecto foi apresentado tempos depois, bem como um orçamento detalhado e um cálculo da duração dos trabalhos.

Procurou-se desde esse momento interessar o publico na obra que se ia fazer, convence-lo de que as enormes somas que era necessário dispendir se destinavam ao seu bem estar. Pretendia-se, assim, ter em cada habitante de Amsterdam uma pessoa informada da necessidade e das vantagens do Parque, e evitar os detratres, que, por desconhecimento das intenções, fantaziam boatos e criam à volta das obras uma atmosfera altamente prejudicial. Fez-se com esse fim a exposição de um grande maquete (ver fotos a pag. 10-12), de planos, de fotografias varias, e distribuíram-se imensos folhetos em que se explicava, de uma maneira muito simples e acessível, o que seria o Parque, quanto custaria, quanto tempo levaria a fazer, e como se conseguiria, com essa obra, dar trabalho a mil desempregados durante cinco anos.

No projecto (ver planta a pag. 11), distribuíram-se da maneira mais adequada e mais logica os elementos que constavam do programa. Criou-se assim um Estádio Náutico (2 - 3 - 4 - 5 - 6), na zona mais proxima da cidade, e no local e condições gerais que tinham sido determinadas. Aproveitou-se o Het Nieuwe Meer para centro de desportos de vela, fazendo-se um nucleo de pequenos abrigos para os bacos, vestiarios, etc. (7). Previu-se a construção de um monticulo de 20 metros de altura (8), do cimo do qual partiriam: uma pista para escorregamento de pequenos trenos (9), e duas aberturas com vista sobre dois lagos que constituem a parte de maior interesse paisagístico. Num desses lagos, um Café-Restaurante (10), ladeado de jardins de recreio e de um Labirinto (11 - 12 - 13). Mais adiante um teatro ao livre (14), um terreno de jogos infantis (15) e um recinto onde os passaros podem fazer os ninhos (21). Foi previsto um grande prado para veados (20), um picadeiro (17 - 18) e numerosos terrenos de jogos. Contou-se com um Arboretum (24)

PAGINA 10



- VERKLARING**
- BOSCH EN BOOGROEPEN
 - GAZON
 - WELAND IN HET BOSCHPLAN
 - WEIDEN EN BOUWLAND
 - BROEK- EN RIETLAND
 - SPORTEREIN
 - VRIJ SPORTEREIN
 - VOLKSTUINEN EN SCHOOLWERKTUINEN
 - VAARWATER
 - RIJWEG-PARKEERTERREIN
 - HOOFDROUTE VOOR WANDEL- EN RIJWEGPAD
 - WANDEL-, RIJWEG- EN RIJWEGPAD
 - BEBOUWING TEN BEHOEVE VAN HET BOSCH
 - BESTAANDE BEBOUWING
 - ONTWERPEN BEBOUWING AMSTERDAM
 - ONTWERPEN BEBOUWING AMSTELVEEN
 - ONTWERPEN BEGRAAFPLAATS
 - INDUSTRIETERREIN EN OPSLAGPLAATS
 - SLUIS
 - VEER
 - OVERTOOR
 - TERREINHELVINGEN; HORIZONTALE DOORSNEDEN OP ONDERLINGEN AFSTAND VAN 1,00 M
 - BESTAANDE SPOORWEG
 - ONTWERPEN SPOORWEG
 - GEMEENTEGRENS
 - SCHIPHOL
- BIJZONDERE BESTEMMINGEN IN HET BOSCH**
- 1 HOOFDINGANG
 - 2 ROEBAAH
 - 3 STAK
 - 4 FRESH
 - 5 TRIBUNE
 - 14 SPEELWEGE
 - 15 SPEELVEER
 - 16 OPENLICHTTHEATER
 - 17 SPRINGBAAN
 - 18 STALLEN MET RANDE

e terrenos para viveiros (25). Previu-se além disso um Albergue-Acampamento para a Mocidade (23) e mais terrenos para recreio infantil. A todos esses centros de interesse os visitantes são conduzidos por uma rede de acessos fáceis e variados mas de que são excluídos os automóveis, que apenas servem o Estádio Náutico, o Café Restaurante e alguns campos de jogos.

No terreno, absolutamente plano, como são todos os da Holanda, fizeram-se importantes movimentos de terra destinados a criar alguns lagos e canais, pequenas elevações, uma certa irregularidade e fantasia enfim, indispensável numa obra dessa natureza. Esses movimentos foram estudados, definidos e calculados em conjunto (como de resto todos os outros assuntos do Parque), antes de se iniciarem os trabalhos.

E, a atestar a maneira meticulosa como tudo foi elaborado, vou citar este facto absolutamente concludente: empregaram-se no início das obras mil operários. Pois tudo estava tão bem previsto, que, durante os quatro anos que já decorreram depois disso, nunca houve necessidade de despedir um só que fôsse, de suspender as obras, ou de ter que fazer à pressa novos estudos.

O conjunto dos trabalhos do Parque deve custar, segundo o orçamento feito, dezoito milhões seiscentos e trinta mil florins, ou seja, o equivalente a duzentos e trinta mil contos da nossa moeda.

A sua execução deve levar cinco anos, e haverá que contar com mais quinze pra arranjões vários das plantações. Até à data, com mais de trez quartas partes executadas, todas as previsões têm batido certas.

O critério seguido na concepção do novo Parque de Amsterdam, e o cuidado com que todos os seus múltiplos problemas foram tratados, entusiasmaram os técnicos gleses, que, embora considerados como os melhores do mundo, não exitaram em publicar uma pequena brochura com a descrição dessa obra, apontando-a como exemplar.

Na Cidade da Haya percorri demoradamente o Haagsch Bosch e o Scheveningen Bosch, que me deixaram a mais agradável das impressões, e serviram para confirmar plenamente algumas ideias que vinha formando. O primeiro é um vasto retangulo



PAGINA 12

57.

de cerca de 130 hectares, que parte quasi do centro da cidade e vai ligar com os terrenos livres e os bosques de Wassenaar, nos arredores. Na zona que pega com a cidade tem um grande cerrado com veados, e um espaço livre e relvado onde as pessoas jogam e descansam deitadas. Continua depois com um carácter de bosque natural com plantações cerradas de enormes Faia e Carvalhos, e muitos arbustos, e a aparecer constantemente, canais e lagos cheios de patos bravos. É ainda junto aos lagos, como em todos os parques, que a vegetação é mais cuidada: alguns chorões, castanheiros da India, Acers, Platanos, Tilias, Chopos, Freixos, se encontram então. O caminho das plantações é irregular. Os caminhos serpenteiam por entre as arvores mais belas subindo e descendo todos os barrancos, e torna-se assim extremamente agradável percorrer los.

Scheveningen Bosch é ainda de um aspecto mais selvagem. A plantação mais cerrada e as arvores maiores. A vegetação arbustiva é mais intensa, e o terreno mais irregular. A arvore dominante é o Carvalho, acompanhado quasi sempre por Faya. Os lagos e canais abundam tambem embora com um caracter ligeiramente diferente. Como nota curiosa a profusão de bancos, um aqui outro alem ao longo dos caminhos, sempre com um grande cesto para papeis ao lado.

Tanto Haagsch Bosch como Scheveningen Bosch contituem preciosos exemplos, principalmente para quem, como eu, tem de se ocupar de uma obra em que os pontos de semelhança, pelo menos de principio, são numerosos e variados.

-:-:-

PAGINA 13

58.

CONCLUSÕES

De tudo o que vi e ouvi durante esta viagem, das comparações que fiz, cheguei necessariamente a um certo numero de conclusões. Algumas podem ter para nós um interesse imediato. Outras, porém, constituem apenas uma serie de pequenas sugestões que de momento não tem applicação, e que ainda não sei mesmo como heide aplicar. Não são apesar disso de menor utilidade, e conto ter mais tarde occasião de verificar que é exacta esta minha maneira de ver. No entanto, convem frisar que eu não fui ao estrangeiro com a ideia de ir encontrar já feitas as soluções apropriadas para os nossos diferentes problemas. Seria impossível e absurdo. As nossas soluções terão que ter fatalmente um caracter muito especial. A minha preocupação foi assim, não de aprender como se resolveria um ou outro caso particular, mas de ver e de comparar o maior numero de parques de critérios diferentes, plenamente desenvolvidos uns, outros em execução, e procurar desse modo ver e raciocinando, formar uma bagagem de conhecimentos, que, embora ligeira, me permitisse ter opiniões próprias e fundamentadas.

-:-§:-:-

Procurei antes de mais nada verificar se estava certo o critério seguido na concepção do Parque, isto é, se em 1939, em Lisboa, e na Serra de Monsanto, se deveria fazer (como se tinha pensado), um bosque natural e um pouco selvagem com centros de interesse para todas as classes da capital, ou se conviria mais fazer um parque à inglesa, um parque romantico, uma parque à franceza ou qualquer das outras soluções conhecidas e habitualmente empregadas. Depois, e se o nosso critério fôsse realmente bom, ver até que ponto era correcto o traçado do projecto que tinha feito, e o estudo dos detalhes. Estou firmemente convencido agora de que o caminho escolhido é absolutamente certo. Foi essa a conclusão a que cheguei, foi essa a opinião do conhecido tecnico da especialidade André Vera, com que falei demoradamente em Paris, foi essa a opinião dos architectos que projectaram o novo parque de Amsterdam. A distribuição geral das massas de verdura, o critério seguido para a rede de estradas e caminhos, a preocupação excepcional havida com a escolha e a distribuição dos pontos de vista, a propria determinação do que deveriam ser os centros de interesse, tudo isso (verifiquei com a maior satisfação) foi resolvido com critério. Em compensação, convence-me que é possível melhorar sensivelmente os projectos dos centros de interesse que se fizeram aqui para o futuro. Devo preocupar-me menos com a beleza da forma em planta, com os eixos, com os efeitosinhos de monumentalidade, mal de que eu e outros sofremos abundantemente em Portugal. As lições da Exposição de Stuttgart (para não citar senão essas) são, nesse ponto, de uma evidencia impossível de negar.

Ora se foi para mim extremamente agradável verificar que tínhamos um plano geral razoavelmente concebido, devo confessar que me foi extremamente penoso constatar, que, quanto à execução desse plano, estamos procedendo com uma leviandade que pode dar os peores resultados. Já se gastaram e não-de gastar-se dezenas de milhares de contos nesta obra, que necessitava de estudos preliminares cuidadosos e de vários tecnicos, estudos esses que não se fizeram e se procuraram suprir mais tarde e apressadamente com boa vontade e dinamismo. Os resultados dessa orientação, ou melhor dessa falta de orientação, podem, por acaso, não ser muito graves. Mas não é solução confiar no acaso, quando é possível reduzir ao minimo as probabilidades de fracasso. Por que, e isso é o mais grave, esses erros tanto podem aparecer daqui a um ou dois anos, como daqui a dez, quando já fôr impossível remedia-los. Não se faz por exemplo, dada a brevidade e a falta de preparação de que tivemos de iniciar os trabalhos, um estudo geológico serio dos terrenos do Parque, ou um estudo serio do regime dos ventos. Porque estranhar então que daqui a alguns anos, em certas zonas onde se plantem milhares de arvores de raizes profundas sem um conhecimento exacto do terreno, elas venham a encontrar rocha compacta a pouca profundidade, e morram, ou não possam atingir o desenvolvimento normal?

PAGINA 14

59.

Porque estranhar que, batidas pelo vento a que forem expostas e indevidamente protegidas, imensas arvores venham a desenvolver-se tortas e descarnadas, falseando o resultado que se tinha pretendido, e seria licito esperar?

Estes, que citei como exemplos, e vários outros, são problemas importantissimos sobre os quais, e por força das circunstancias, passámos ao de leve.

Embora tarde, ainda é tempo de remediar muita coisa procedendo-se aos estudos necessários. Eis os que julgo indispensaveis e a maneira que me parece mais viavel de os levar a efeito: A Câmara Municipal de Lisboa encarregaria um especialista de fazer um estudo dos terrenos do Parque de maneira a poder-se elaborar uma planta geológica com a indicação da natureza dos terrenos, das espessuras das diferentes camadas, etc. Pediria simultaneamente a um outro especialista para fazer um estudo do regime dos ventos no Parque, de maneira a poder-se organizar tambem uma planta, com as zonas das encostas mais e menos batidas, as depressões mais abrigadas etc. Encarregaria um terceiro tecnico, de, mantendo contacto com o geologo para aproveitar sondagens e outros elementos, organizar uma planta com a indicação dos locais onde ha nascentes em exploração e o seu debito aproximado, onde sera possível encontrar novas nascentes, com indicação dos terrenos mais humidificados etc. A essas pessoas dar-se-hiam todas as facilidades para que pudessem, num prazo tão curto quanto possível, apresentar os seus estudos.

Teriamos por este processo, evitando Comissões barulhentas e improduttivas, conseguido elementos basilares indispensaveis para o nosso trabalho. Principalmente para poder determinar com critério, no caso das plantações, as arvores e arbustos mais aconselháveis para os diferentes terrenos do Parque, as combinações de arvores com maiores probabilidades de atingirem perfeito desenvolvimento, o compasso preferivel para as diferentes especies ou um compasso medio se fôr melhor solução, os cuidados a tomar nos diferentes locais para a protecção contra o vento, etc. Poderiamos, assim, fazer uma planta de cada zona com as massas de verdura distribuidas em função dos pontos de vista, das estradas e caminhos, dos centros de interesse, dum equilibrio geral do Parque enfim, escolher para cada macisso, dentre as especies indicadas, aquela ou aquelas que correspondessem melhor ao partido estético desejado, de que houvesse reservas nos viveiros, e dar indicações para logo na abertura de covas, se seguir tal ou tal compasso, tal ou tais dimensões de covachos etc., conforme a orientação já estudada e definida. Com este método teriamos a certeza de que as arvores plantadas eram perfeitamente aconselháveis para os vários locais, por todas as razões de ordem tecnica e artistica.

-:-§:-:-

Dos Parques e Bosques que visitei, aqueles que correspondem melhor ao tipo que me pareceu mais logico e mais belo para Monsanto, são a Forêt de Fontainebleau e o Bois de Verrieres nos arredores de Paris, e o Haagsche Bosch e o Scheveningen Bosch na cidade da Haia. Em todos eles, de resto, se encontram semelhanças de principio com certas zonas de Cintra. Tem o mesmo ar de natureza "natural" (permita-se-me a expressão), com grandes zonas só com uma ou duas especies de arvores espalhadas sem nenhuma rigidez de compasso, com uma vegetação arbustiva e sub-arbustiva intensissima, com o solo irregular, cheio de altos e baixos, barrancos e montículos.

Monsanto, no que respeita à configuração do terreno, oferece condições excepcionais para um bosque desta natureza. Tem, alem disso, em profusão, pontos de vista de uma tão rara beleza que só encontrei equivalente no terraço de L'Hermitage na orla do Bois de Verrieres. Parece-me assim normal que as nossas principais preocupações sejam justamente de tirar o maior partido dessas condições naturais. No que respeita aos pontos de vista, embora as soluções não possam ser exelentes, condicionadas como são pelo vento, temos procurado aproveitá-las o melhor possível, tomando as necessárias precauções. Quanto à criação de um bosque natural o caso é sobremaneira complexo, mais complexo mesmo, embora o não pareça, do que fazer um parque. Um Parque e uma criação artificial em que se acentua e deve aparecer esse ar de criação artificial. Pode falhar um detalhe, pode ser mais ou menos bonito um macisso de varias especies de arvores, podem, num outro ma-

PAGINA 15

60.

cisso, as arvores, por não serem apropriadas para o terreno ter um desenvolvimento anormal, que esses pequenos erros não têm influencia decisiva. Num bosque, o ar natural que se pretende, só a Natureza o pode dar. E o trabalho do homem tem que ser assim o de estudar muito bem as condições naturais (terreno, ventos, exposição, altitudes, flora natural, águas, etc.), para que tudo o que determine esteja em plena concordância com essa Natureza que pretende pôr ao seu serviço. Num parque, se forem mal escolhidas algumas das dez espécies diferentes de um maciço de cincoenta ou cem arvores isso não tem importancia excepcional. As outras desenvolver-se-hão bem, e o conjunto, embora mais fraco, nunca sera desastroso. Num bosque, em que se plantam grandes zonas de milhares e milhares de arvores só com uma ou duas espécies, basta que uma delas não seja perfeitamente determinada para que o fracasso possa atingir proporções gravissimas.

No novo Parque de Amsterdam, actualmente em execução, este problema mereceu um cuidado extraordinário e tem sido objecto de demorados estudos. Eis a maneira como foi resolvido: Uma primeira Comissão geral encarregada dos estudos preliminares necessários para definir o que se deveria fazer no Parque, determinou além de outras coisas, em presença da natureza do terreno, etc. etc., que o caracter geral das plantações deveria ser esse de bosque natural, e apresentou varios exemplos do tipo que se deveria procurar conseguir. Foi formada então uma nova Comissão só para estudar as plantações, constituída por: Botânicos, Silvicultores, Técnicos Florestais e Sociólogos de Plantas. Essa Comissão determinou o seguinte: Devido à natureza do terreno, numa certa zona do Parque, que delimitou, não valia a pena fazer plantações. Em seguida resolveu criar, a um dos lados do Parque, uma zona irregular que deveria ser plantada logo no inicio dos trabalhos para constituir, tanto quanto possível, uma barreira que protegesse dos ventos as outras plantações. Estudou depois as diferentes técnicas de plantação e optou por uma, de certa originalidade, ao que parece: As arvores e os arbustos seriam plantados simultaneamente à razão de 10.000 por hectare, ou seja, com um compasso de um metro. As arvores seriam escolhidas entre as espécies mais aconselháveis para o terreno; os arbustos seriam escolhidos entre os de mais rapido desenvolvimento. Procurou assim que os arbustos, desenvolvendo-se mais rapidamente, constituíssem uma protecção para as arvores; que, com uma densidade tão grande, um maior numero de raízes permitisse uma maior infiltração de agua no terreno, e que a queda de grande quantidade de folhas fôsse criando um humus necessário para a fertilisação do solo. Dessas dez mil arvores e arbustos por hectare só uma parte deveria constituir a flora definitiva. Em cada mil contava-se que teriam de ser eliminadas quinhentas e que das quinhentas restantes muitas haveria que substituir ou simplesmente arrancar, conforme o aspecto que a natureza fôsse dando a tudo aquilo.

Durante os quatro anos em que já se tem trabalhado no Parque, assim se tem feito, e, tanto quanto já se pode avaliar, os resultados são excelentes.

Com esta descrição não pretendo de modo algum apresentar uma solução para o nosso caso. Pretendo apenas mostrar o cuidado que este assunto deve merecer, justificar assim a necessidade dos estudos de que falei e de outros ainda.

--§--

Com o intuito de dar ainda maiores facilidades e garantias ao nosso trabalho, seria bastante vantajoso, nos assuntos de plantações, ouvir a opinião do professor Azvedo Gomes, não só por se tratar de um mestre de silvicultura da mais alta competencia, mas principalmente pela longa experiencia que possui de trabalhos dessa natureza feitas na Tapada da Ajuda, cujas condições de terreno, exposição, ventos, etc., são muito semelhantes às do Parque de Monsanto.

--§--

O transito dentro dos parques é resolvido com diferenças sensiveis nos varios países. Assim, por exemplo, nos Parques de Londres toda a gente se desloca sobre a relva e os caminhos têm diminuta importancia. São simples tiras asfaltadas

PAGINA 16

das que quasi ninguem utiliza. Nos Parques Holandezes, por exemplo, os caminhos de peões são quasi sempre acompanhados por outros caminhos independentes e destinados aos ciclistas. No novo Parque de Amsterdam fez-se além disso uma rede de canais por onde os barcos podem desloca-se para todos os pontos de interesse (ver planta a pag.).

Estas e outras diferenças não significam, porem, que não existam um certo numero de principios gerais, descortinaveis em todos esses parques com um bocadinho de observação, e é deles que me vou ocupar, pois nesse capitulo, como nos outros são os principios, mais que os detalhes, que nos devem interessar. O primeiro, podemos talvez inuncia-lo assim: evitar tanto quanto possível que os automoveis entrem dentro dos parques. Quando haja absoluta necessidade de o fazer, estudar as coisa de maneira que fiquem sempre grandes zonas livres e que nos pontos onde se prevê maior affluencia de publico as pessoas possam estar com toda a tranquillidade.

As estradas para circulação de automoveis, regra geral, não fazem, por assim dizer, parte da rede de circulação propriamente dos parques, e constituem antes um prolongamento ou um troço de estradas exteriores.

Os caminhos de peões têm, em geral, uma largura entre tres e quatro metros. São feitos, principalmente nos bosques, quasi sempre depois das arvores terem adquirido pleno desenvolvimento, e isto para se poderem escolher os sitios mais bonitos e por lá os fazer passar. Acompanham todos os altos e baixos do terreno, são sinuosos e não têm valêtas. Muitos deles são alcatroados e têm por cima uma camada de cascalhosinho miúdo (Gravier). Além dos caminhos ainda se encontra um outro tipo de circulação muito curioso: escolhem-se, depois do bosque desenvolvido uns circuitos que passem pelo meio das arvores mais belas, por accidentes interessantes do terreno, por diversos pontos de vista. Marcam-se então, com pinceladas de tinta de uma cor, as arvores, as pedras, etc., ao longo desses circuitos. Organiza-se assim, por exemplo, um circuito azul, um circuito vermelho, um circuito amarelo, onde as pessoas mais desejosas de um amplo contacto com a natureza se podem aventurar sem o minimo risco de desorientação.

Para o caso de Monsanto, acho que deviamos, aproveitando estes principios geralmente adoptados, executar agora, além das estradas, apenas um minimo de caminhos indispensaveis, e deixar para depois os restantes, que alternariam com circuitos varios do tipo que descrevi.

--§--

Um dos problemas de certa importancia, que temos descurado, é o dos transportes. Previu-se, ao contrario do que se procura fazer hoje em quasi toda a parte, e como atraz expliquei, que os automoveis entrassem e circulassem pelas ruas do Parque. Continuo a achar acertada essa solução, dada a enorme superficie ocupada, o terreno montanhoso, e em virtude das precauções que se tomaram, a saber: transito independente de peões nas estradas onde circulam automoveis; rede de caminhos exclusivamente reservada aos peões e afastada das estradas; distribuição do transito e estacionamento de automoveis sempre a uma certa distancia dos centros de interesse. Resolveu-se assim a circulação dentro do Parque. Mas nada se estudou quanto às possibilidades de transportar o publico até lá. No fundo, só para os automobilistas está prevista o caso. E isso não só não constitue solução como ainda por cima é deshumano. A linha de electricos da Ajuda, por exemplo, poderá estender-se até ao Parque? Que outras linhas poderão ir até lá, por onde convem que passem e onde convem que terminem? Haverá outras possibilidades de transporte colectivo sem ser os electricos? Neste caso, com o que se poderá contar? É necessário que se pense nisso, que se comece em a definir soluções, pois a propria rede de estradas e caminhos do Parque é, de certo modo, função dos acessos e não devemos por isso construi-la independentemente delas.

--§--

PAGINA 17

O problema das águas necessita de solução urgente. Houve já este ano enormes dificuldades com a rega das arvores, que não se conseguiu fazer convenientemente. Se continuarmos a pôr arvores, as dificuldades multiplicar-se-hão. E se pensarmos que, além das arvores, nos mandarão talvez plantar relvas, arbustos e flores no Miradouro dos Moinhos do Mocho, na Luneta dos Quartéis e noutros locais em via de acabamento, plantações essas que necessitam de regas constantes, veremos que essa urgência é uma realidade.

Na impossibilidade de resolver agora, como devia ser, o problema geral de águas do Parque (lagos, espelhos de água, piscinas, bôças de rega, água para beber, podera, ter talvez, e dada a imperiosa necessidade, esse caso das regas uma solução provisória, e é em parte para facilitar essa solução que se manda fazer o estudo da distribuição das nascentes, de que atraz falei. No entanto é da maxima importancia não descuidar a solução definitiva. Em todos os parques que vi, a água é um elemento de beleza fundamental. São sempre os lagos e os espelhos de água as partes mais belas e mais cuidadas. A planta que em tempos forneci para servir de base a esse estudo, constitue (verifiquei-o agora), um minimo que é indispensavel conseguir.

-:-§:-:-

Na execução dos muros de suporte, lagedos, e mesmo dos pequenos edificios em que se utiliza a pedra como material de construção, usa-se, nos parques estrangeiros, um processo que seria bom tentar introduzir entre nós. Consiste em retirar as pedras das pedreiras já em lages mais ou menos espessas, e applica-las depois de endireitadas o paramento visto, umas vezes a seco, outras com grandes espessuras de argamassa. Poupa-se assim um tempo inenso na aparelhagem das pedras, poupa-se bastante dinheiro, e o aspecto que se obtem é muito mais interessante.

Não sei se é possível fazer, nalguma das pedreiras do Parque de Monsanto ou dos arredores, uma exploração nessas condições. Seria bom, por isso, encarregar-se um entendido de as examinar, e de se pronunciar sobre o assunto. Se nada se conseguir, o que tiver de se pagar a essa pessoa não representará despesa avultada, e, se se conseguir, a economia que daí advirá será altamente apreciavel, dada a quantidade e a importancia dos trabalhos de pedra que ainda temos que fazer.

-:-§:-:-

Impressionou-me bastante constatar que em todos os parques dos vários países que percorri nesta minha missão de estudos, as folhosas eram empregadas numa percentagem extraordinariamente maior do que as resinosas. Por vezes, mesmo, nem sequer se encontravam resinosas. Ora em Portugal sucede quasi sempre o contrario. Procurei comparar mentalmente os parques de lá e os de cá, e appareceu-me imediatamente a primeira conclusão: os nossos parques, de uma maneira geral, (Bueiraco por exemplo), são talvez mais imponentes, mas infinitamente mais tristes, mais sombrios e menos acolhedores. Depois, os cupressos (resinosa que mais empregamos) começam a ficar descarnados quando atingem uma certa idade e então esse ar de tristeza ainda se torna maior. Além disso, as resinosas nunca nos dão essa transformação constante de estação para estação, que nos dão certas folhosas, e que constitue uma fonte permanente de interesse: sem folhas e tristes no inverno com botões, flores e folhinhas novas a revesti-las a pouco e pouco na primavera, plenamente cobertas com o seu manto de verdura no verão, amarelcidas ou encarniçadas no outono dando ao ambiente uma doce melancolia, essas arvores fazem de um parque como que o espelho das estações, e, consequentemente, tornam-no mais humano, mais vivo e mais variado.

Eu sei que o largo uso que em Portugal se faz das resinosas, é, em grande parte, determinado pelas condições do terreno, clima e outras. Mas deve ser possível evitar em Monsanto que esse uso de transforme em abuso, como tem acontecido quasi sempre com as outras obras do genero que se tem feito.

PAGINA 18

É necessário estudar este assunto com todo o cuidado, pois ele tem realmente uma importancia maior do que parece à primeira vista.

-:-§:-:-

A maneira como temos agora organizados os serviços municipais quanto aos trabalhos do Parque, parece-me, depois do que vi, absolutamente lógica e capaz de dar os melhores resultados quando o estudo metódico e relacionado dos problemas de que falei estiver feito. É, de resto, quasi identica à organização dos serviços do Municipio de Amsterdam para o caso do Parque que tem actualmente em execução. A diferença é que lá só começaram os trabalhos depois de quatro anos de estudos, levados a um detalhe prodigioso, quando tinham tudo perfectamente definido, e que, além disso, ha uma ligação constante e efectiva entre os diferentes serviços.

A nossa organização, que devemos manter, pode, em linhas gerais, definir-se assim: projecto, detalhes e orientação geral dos trabalhos a cargo da Secção de Estudos de Urbanisação;

Abertura e fiscalisação de empreitadas direcção e execução de obras, aquisição de materiais, etc., a cargo da Repartição de Obras Municipais e especialmente de uma entidade que se dedique apenas a esses serviços e permaneça no Parque, sempre em contacto com eles; tudo o que se relacione com as plantações a cargo da Repartição de Jardins. Isto, no que se refere ao esqueleto da organização. Quanto à marcha dos trabalhos, evitar a todo o curso decisões de ultima hora, dinamismos, estudos feitos em prazos muito curtos, todos esses metodos, enfim, tão portuguezes, com que procuramos sempre, baldadamente, suprir a falta de um estudo sério e consciencioso. Loge de mim e ideia de pretender conseguir um sistema de trabalho modelar, como, por exemplo, o dos Holandeses. Mas venho com a impressão de que nada conseguiremos sem um minimo de estudo, de preparação e coordenação prévia dos varios assuntos. E quando penso que, devido a sucessivas e inexplicaveis (excepto a ultima), alterações da Auto-Estrada, fomos obrigados a modificar cinco vezes seguidas o traçado de um trço de estrada; quando penso que, por causa de uma inauguração official tivemos de plantar de repente uns milhares de arvores de especies que nada aconselhava para aquele local; quando penso que, varias vezes, por as arvores não chegarem a tempo dos viveiros ou serem poucas, se empregaram mais de uma centena de homens que estavam para as plantar a fazer a tã uns cañinhos que, um ano depois, já quasi desapareceram; quando penso que por razões semelhantes se puzeram trinta homens durante dias a fazer um muro, sem haver um pico, uma colher de pedreiro ou uma mão cheia de argamassa; quando penso nisso e noutras coisas, não posso deixar de me dar razão, e com muita magua, pois tambem tenho culpas, embora das menores.

-:-§:-:-

Desejo terminar este relatório formulando um agradecimento e um voto. O agradecimento à Camara Municipal de Lisboa que me proporcionou os meios de adquirir um pouco de cultura. O voto, de que venham realmente a servir para alguma coisa os conhecimentos que adquiri.

Lisboa, 19 de Agosto de 1939.

O ARQUITECTO
Francisco Keil do Amaral
(Francisco Keil do Amaral).

PAGINA 19

Mapa Original



65.



1. Parque Infantil do Alto da Serafina 2. Miradouro da Luneta dos Quartéis 3. Miradouro dos Moinhos do Mocho 4. Cemitério 5. Depósito de Materiais 6. Monte Verde 7. Teatro ao Ar Livre 8. Padrão Miradouro 9. Pavilhão Esplanada 10. Miradouro da Ponte 11. Centro de Desportos 12. Miradouros 13. Miradouro do Moinho Alferes 14. Abrigo para Cavalos 15. Miradouro e Pavilhão de Chá de Montes Claros 16. Parque Infantil do Alvito 17. Clube de Tênis de Lisboa 18. Casas de Guardas Florestais

Mapa Original Construído



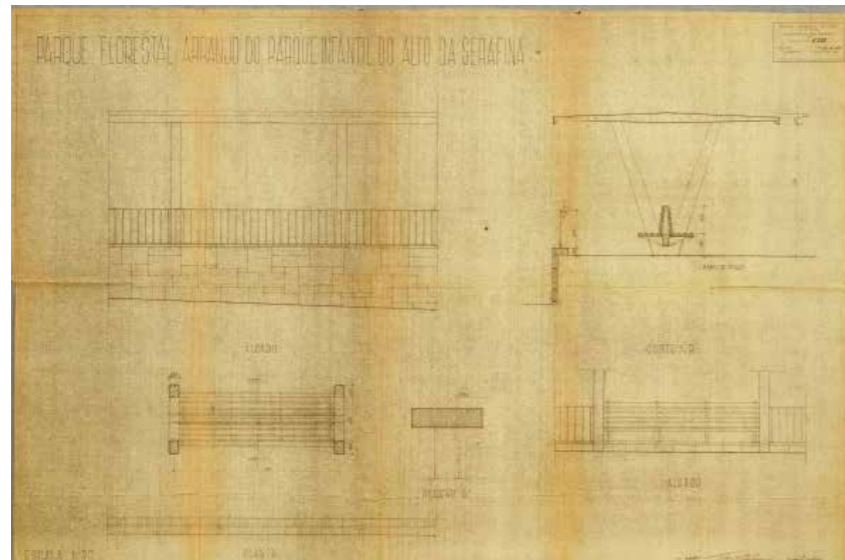
1. Parque Infantil do Alto da Serafina 2. Miradouro da Luneta dos Quartéis 3. Miradouro dos Moinhos do Mocho 4. Cemitério 5. Depósito de Materiais 6. Monte Verde 7. Teatro ao Ar Livre 8. Padrão Miradouro 9. Pavilhão Esplanada 10. Miradouro da Ponte 11. Centro de Desportos 12. Miradouro Keil do Amaral 13. Miradouro do Moinho Alferes 14. Abrigo para Cavalos 15. Miradouro e Pavilhão de Chá de Montes Claros 16. Parque Infantil do Alvito 17. Clube de Ténis de Lisboa 18. Casas de Guardas Florestais

Mapa Atual



1. Parque Recreativo do Alto da Serafina 2. Miradouro da Luneta dos Quartéis 3. Miradouro dos Moinhos do Mocho 4. Parque de Campismo de Monsanto 5. Depósito de Materiais 6. Monte Verde 7. Teatro ao Ar Livre 8. Padrão Miradouro 9. Panorâmico de Monsanto 10. Miradouro da Ponte 11. Centro de Desportos 12. Miradouro Keil do Amaral 13. Miradouro do Moinho Alferes 14. Abrigo para Cavalos 15. Miradouro e Pavilhão de Chá de Montes Claros 16. Parque Infantil do Alvito 17. Clube de Ténis de Lisboa 18. Casas de Guardas Florestais

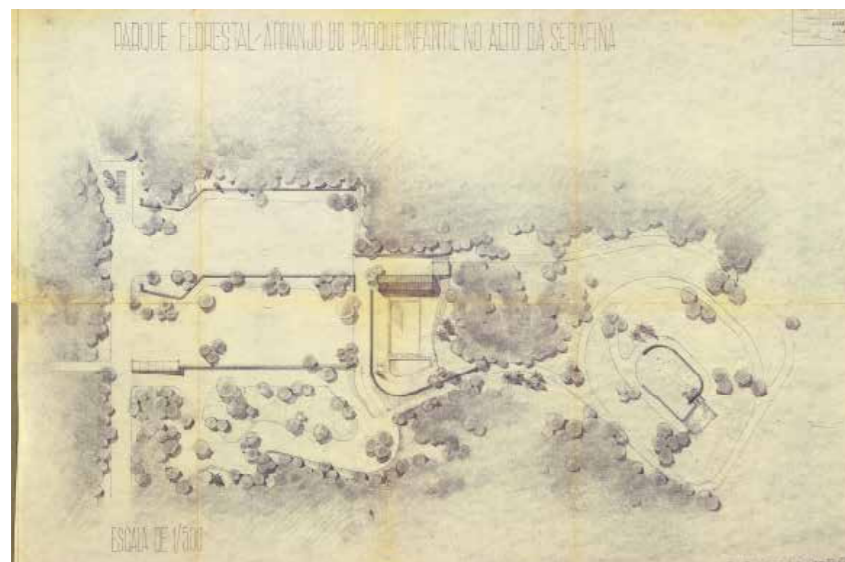
Projeto Keil do Amaral Não Construídos



66.



67.



68.

66. Parque Florestal , Arranjo so parque Infantil Alto da Serafina, Francisco Keil do Amaral
67. Parque Florestal , Arranjo so parque Infantil Alto da Serafina, Francisco Keil do Amaral
68. Projeto Parque Infantil da Serafina, Planta de Implantação, Francisco Keil do Amaral



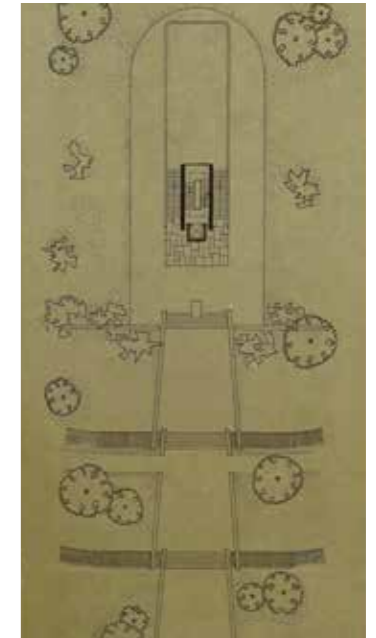
69.



70.



71.



72.



73.

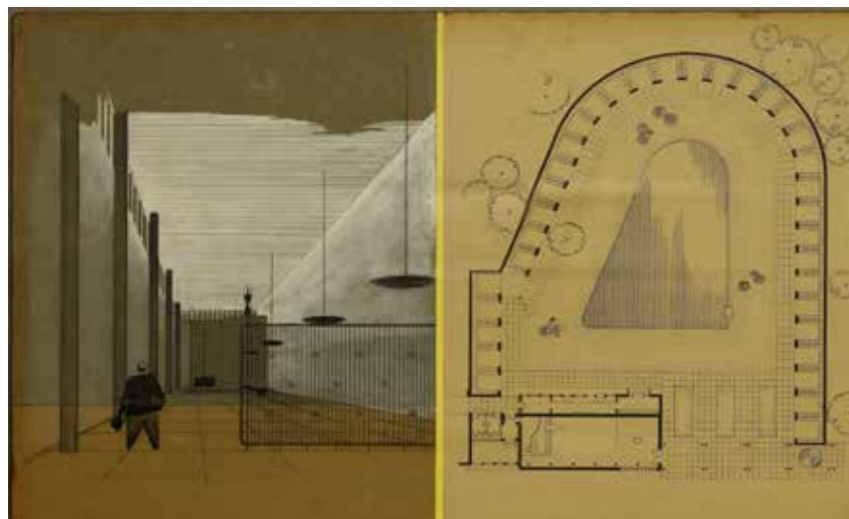
69. Projeto Teatro ao Ar livre, planta
70. Projeto Teatro ao Ar livre, perspectiva
71. Projeto Padrão-Miradouro, perspectiva
72. Projeto Teatro ao Ar livre, perspectiva
73. Projeto Padrão-Miradouro, planta



74.

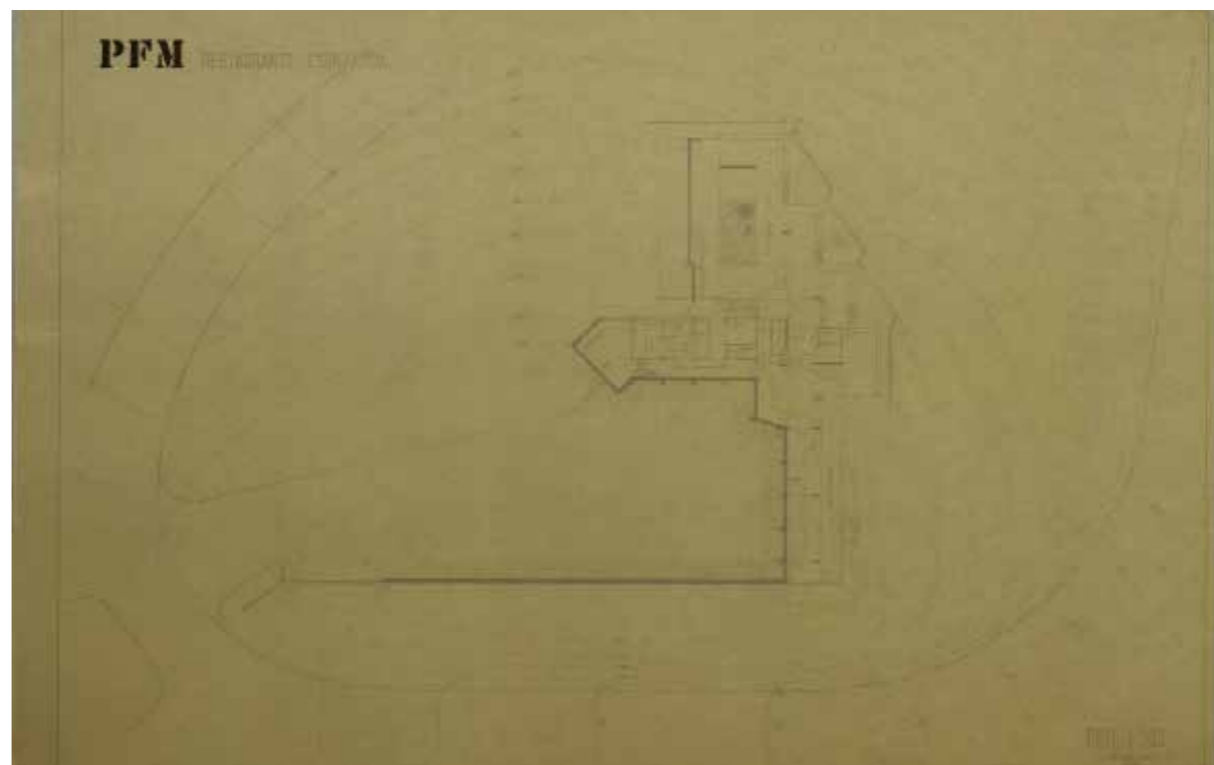


75.



76.

74. Projeto Cemiterio, perspectiva
75. Projeto Cemiterio, perspectiva
76. Projeto Cemiterio, perspectiva/planta



77.



78.



79.

77. Projeto pavilhão e esplanada
Parque Florestal de Monsanto|
PT/AMLSB/FKA/01/008/Pá-
gina 11
78. Projeto pavilhão e esplanada
Parque Florestal de Monsanto|
PT/AMLSB/FKA/01/008/Pá-
gina 14
79. Projeto pavilhão e esplanada
Parque Florestal de Monsanto|
PT/AMLSB/FKA/01/008/Pá-
gina 1

Montes Claros

Localização
Zona sul do Parque Florestal Monsanto

Programa Original
Jardim-miradouro, Casa/Pavilhão de Chá

Data
1939, 1940

Autoria
Francisco Keil do Amaral

Alteração
Restaurante e Esplanada

Data
1949, 1950

Autoria
Francisco Keil do Amaral
Alberto José Pessoa, Hernâni Gandra

Atualidade
Espaço para eventos



80. Vista aérea, Montes Claros

O Miradouro e Casa de Chá de Montes Claros, desenhado pelo arquiteto Francisco Keil do Amaral entre 1939 e 1940, é acessível pela Estrada do Alvito e por trilhos criados na vegetação que conduzem a pontos e vistas estratégicos.

A primeira fase de obras do parque englobava intervenções como os vários miradouros, entre eles o Miradouro de Montes Claros e a Casa de Chá, sendo construídos no local do antigo Forte de Montes Claros (Fig. 9N).

Nesta primeira fase de obras do parque, Keil do Amaral revela claramente a sua busca pelas raízes, surgindo de imediato a associação ao Portugal rural das Beiras, uma realidade que lhe era tão familiar. Além disso, o facto de estas intervenções acontecerem fora do contexto urbano acentua ainda mais este carácter ruralista, permitindo-lhe manter alguma distância em relação às formas de projetar impostas pelo Estado Novo na época.

“Encarada como um simples abrigo, a Casa de Chá é ladeada por dois paralelepípedos fechados que enquadram uma vasta área aberta sobre a estadia e fechada a norte por uma cortina de reixas. Keil do Amaral recorreu a uma construção de grande simplicidade que, na efemeridade do reixiado que a limitava, evocava construções vernáculas. O espelho de água envolvido por relva e rematado em curva por uma tradicional pérgula onde se sucede um espaço de sombra e luz, é circundado a um nível mais elevado pelo miradouro, redesenhando o antigo forte.” (Tostões, 2021, pp. 140).

Os materiais utilizados são o mais naturais possível, com a exceção do tijolo, que foi habilmente explorado tanto como elemento estrutural como de acabamento. Este material revelou-se particularmente versátil, permitindo a sua aplicação em diferentes componentes construtivos, nomeadamente muros, bancos, paredes, canteiros e lagos. Paralelamente, nesta fase, os muros e pavimentos de pedra começaram a ser ensaiados como superfícies de grande riqueza textural, associadas a vantagens de execução simples e manutenção fácil. Keil refere, no seu relatório de viagem, que em diversos parques no estrangeiro se recorre à utilização



9N. Estação pré-histórica de Montes Claros, Monsanto. Zona do forte dos Montes Claros.



10N. Restaurante Montes Claros cartaz de Inauguração.



81.



82.



83.



84.



85.



86.



87.

- 81. Perspectiva dos Montes Claros
- 82. Casa de Chá de Montes Claros
- 83. Casa de Chá e Lago de Montes Claros
- 84. Casa de Chá de Montes Claros, Esplanada
- 85. Casa de Chá de Montes Claros, Exterior
- 86. Casa de Chá de Montes Claros, Exterior
- 87. Casa de Chá de Montes Claros, Exterior

de pedras provenientes das pedreiras locais, retiradas em lajes de espessura variável, aplicando-as depois de regularizada a face que ficaria visível, em alguns casos a seco e noutros com recurso a argamassas, o que representava uma economia significativa de tempo e de custos associados ao tratamento e aparelhamento das mesmas, resultando ainda numa expressão formal mais interessante. Como evidenciou posteriormente na arquitetura do parque, assim como em toda a sua obra, caracterizada por um desenho de estereotomia singular e facilmente reconhecível.

Mais tarde, entre 1949 e 1951, o pavilhão é ampliado para incluir um restaurante e uma esplanada, desenhados pelos arquitetos Francisco Keil do Amaral, Alberto José Pessoa e Hernâni Gandra. Seguindo o modelo funcional dos parques europeus e tendo sido desenvolvida numa linguagem mais moderna, a nova intervenção reflete um sentido de despojamento que o arquiteto vinha explorando, influenciado pela arquitetura holandesa durante as suas viagens pela Europa.

Para a sua transformação em restaurante, e de forma a não perder os seus traços originais, a estrutura térrea do projeto original foi mantida. A planta foi ampliada para receber a nova funcionalidade e os pilares originais foram reforçados, de forma a assumirem, nesta nova configuração, a função moderna de pilotis, essenciais para suportar o acréscimo de carga. A fachada virada a sul apresenta um envidraçado destacado da estrutura principal, rematado por uma pala saliente situada abaixo do plano da cobertura e circundado por uma varanda em consola, elementos que evidenciam uma exploração amadurecida das potencialidades oferecidas pelos novos materiais e técnicas construtivas da época.

“A estética mais datada exibe-se nos panos de entrada perfurados por tubos que desenham uma malha de círculos, tão ao gosto dos anos 50. Interiormente, uma expressividade orgânica acontece nos separadores ondulados em madeira, suspensos do chão, ou no boleamento entre os planos da parede e do teto, assim se exercitando um desenho invulgar na sofisticação que inclui o desenho de mobiliário e que merece a colaboração da pintora Maria Keil no desenho do painel cerâmico de fundo, texturadamente trabalhado, riqueza plástica, cor e relevo.” (Tostões, 2021, pp. 144).

Atualmente, o antigo restaurante funciona como um espaço para eventos, sendo possível observar nele as várias intervenções ao longo do tempo, perceptíveis pelo uso de novos materiais, que acabaram por modificar e descaracterizar significativamente o projeto original.



88.



89.



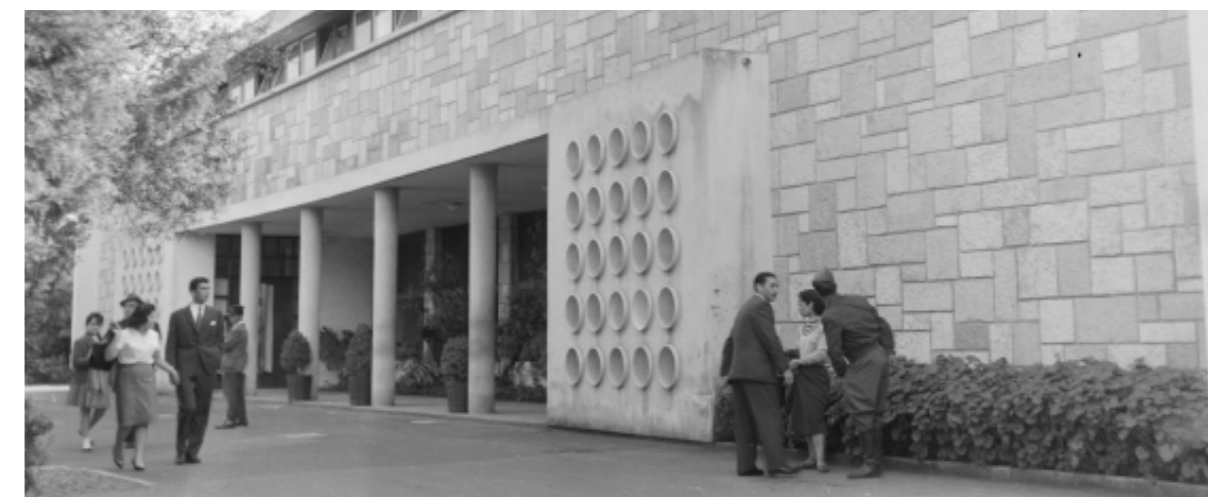
90.



91.



92.



93.

- 88. Restaurante de Montes Claros
- 89. Restaurante e Lago de Montes Claros
- 90. Restaurante de Montes Claros, Exterior
- 91. Restaurante de Montes Claros
- 92. Restaurante e Lago de Montes Claros
- 93. Restaurante de Montes Claros, Fachada



94.



95.



96.

94. Carpas sobre o lago. Jardim de Montes Claros
 95. Miradouro e Restaurante de Montes Claros
 96. Casa de Chá de Montes Claros



97.



98.



99.



100.

97. Montes Claros, Exterior
 98. Pérgula e Lago do Miradouro de Montes Claros | 1952
 99. Miradouro Montes Claros
 100. Pérgula do Miradouro de Montes Claros



101.

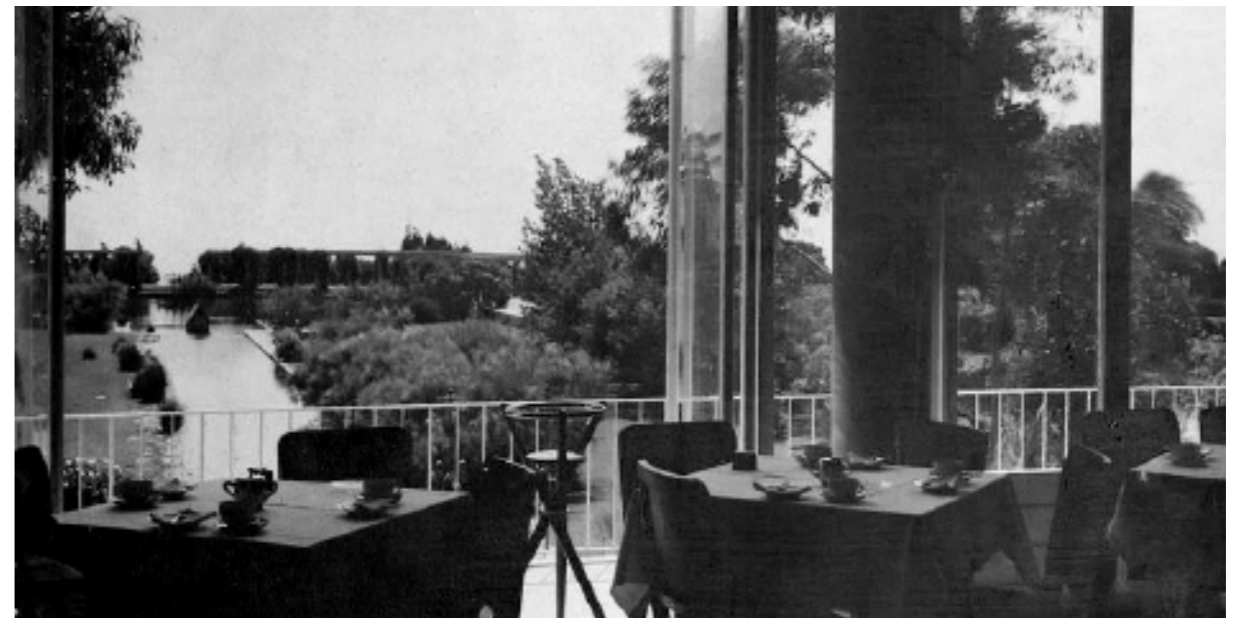


102.

101. Restaurante de Montes Claros, Esplanada.
102. Restaurante Montes Claros, o Pavilhão de Chá, Interior|195-|



103.



104.



105.

103. Restaurante Montes Claros, o Pavilhão de Chá, Interior|195-|
104. Restaurante Montes Claros, o Pavilhão de Chá, Interior|195-|
105. Montes Claros, interior do Pavilhão de Chá

106. Restaurante de Montes Claros, lanche oferecido aos participantes do XI Congresso Internacional da Indústria de Hotelaria | 1962

107. Restaurante de Montes Claros, recepção nos Jardins oferecida aos participantes do X Congresso Internacional de Pediatria



106.



107.



108.



109.

108. Restaurante de Montes Claros, copo-de-água das Noivas de Santo António | 1963

109. Restaurante de Montes Claros, as entidades goesas do voo inaugural da TAP Goa-Lisboa jantam a convite da autarquia | 1961

110. Restaurante de Montes Claros, recepção aos participantes do IX Congresso da Sociedade de Hematologia | 1963

111. Congresso de Municípios. Jantar no Restaurante de Montes Claros, oferecido pelo Secretário Nacional da Informação

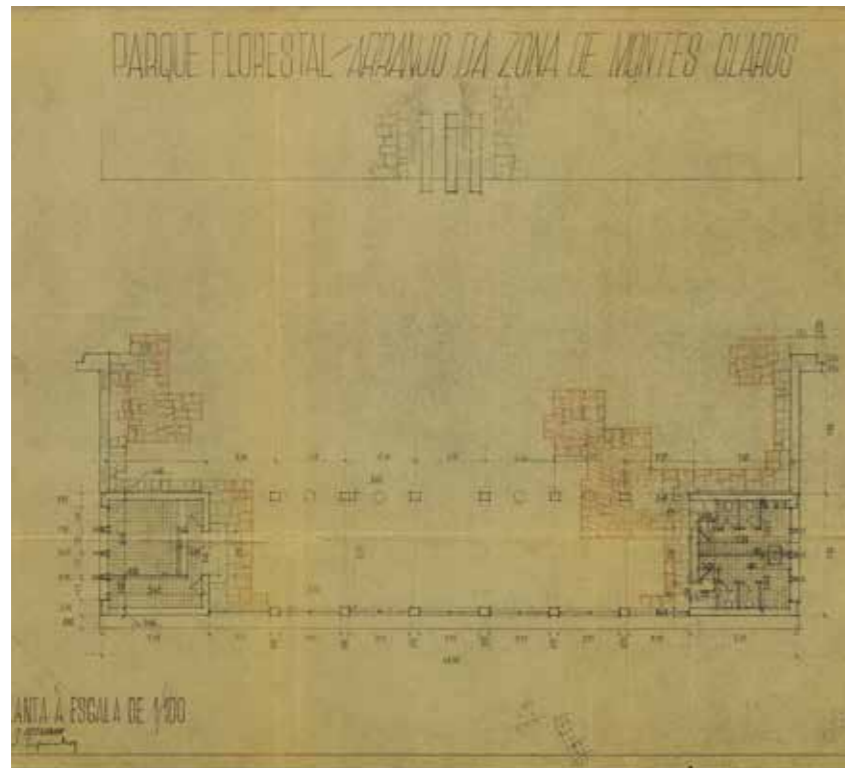


110.

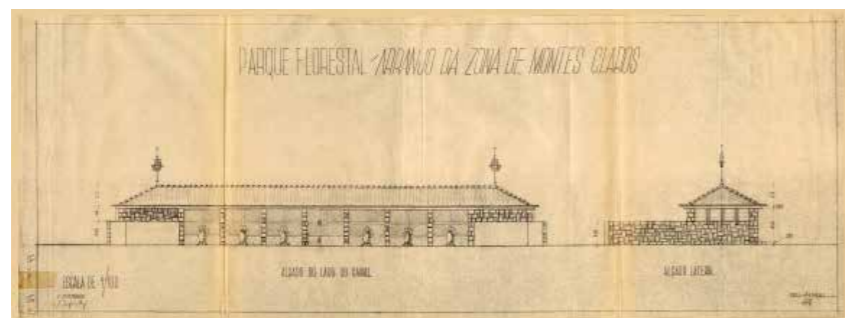


111.

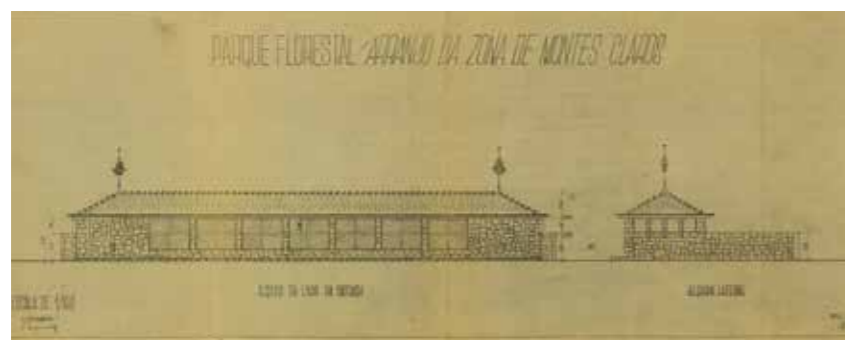
Projeto Original



112.

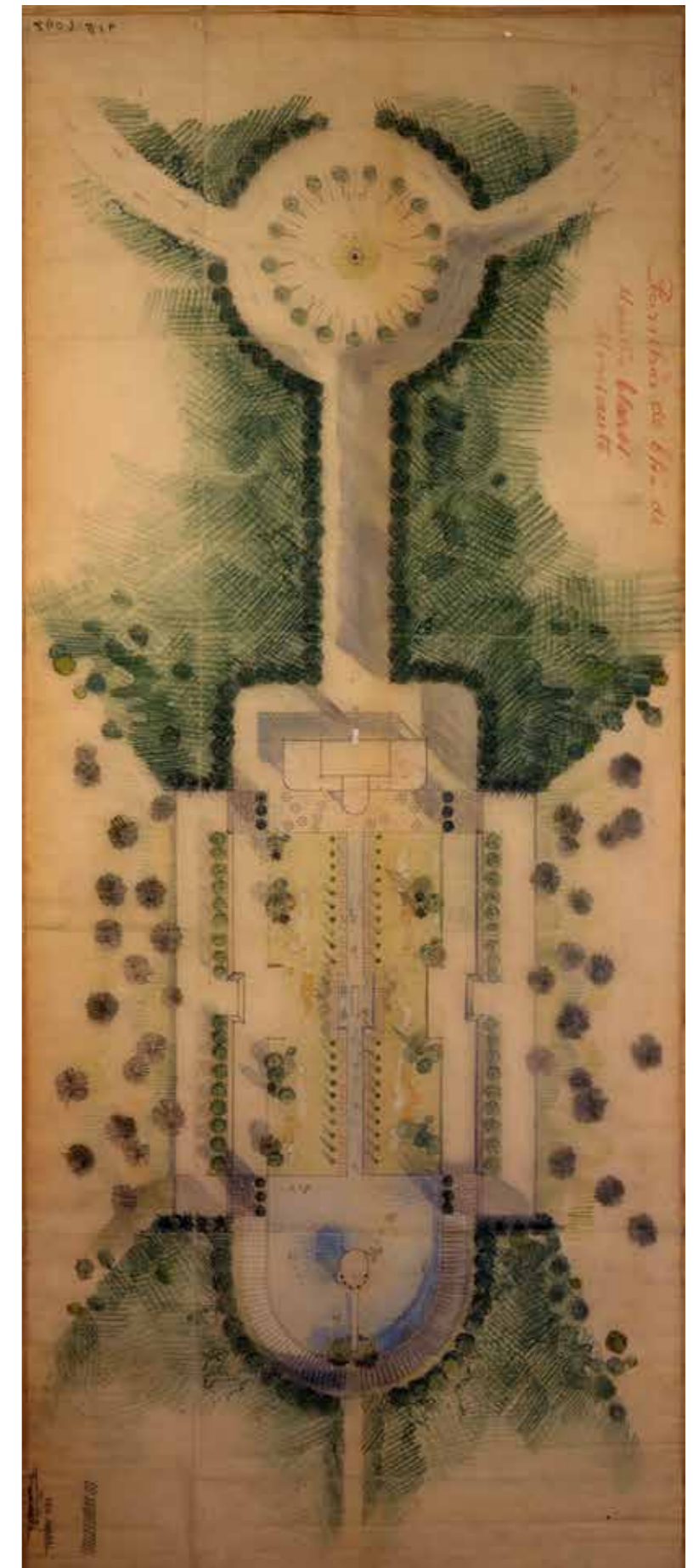


113.



114.

112. Projeto Casa de Chá e Restaurante do Miradouro dos Montes Claros, Planta Baixa
 113. Alçado e Corte da Casa de Chá Montes claros.
 114. Projeto Casa de Chá e Restaurante do Miradouro dos Montes Claros, Alçado



115.

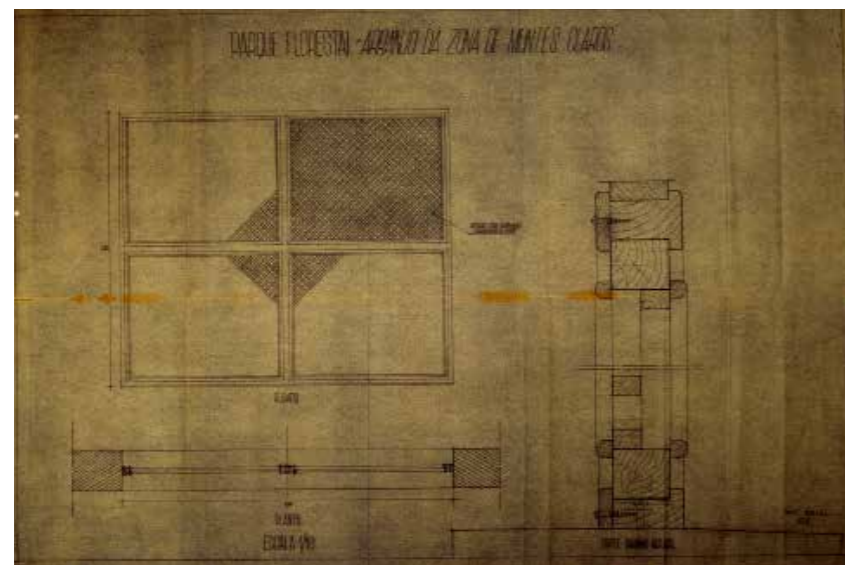
115. Planta geral Montes claros

Demolição / Ampliação

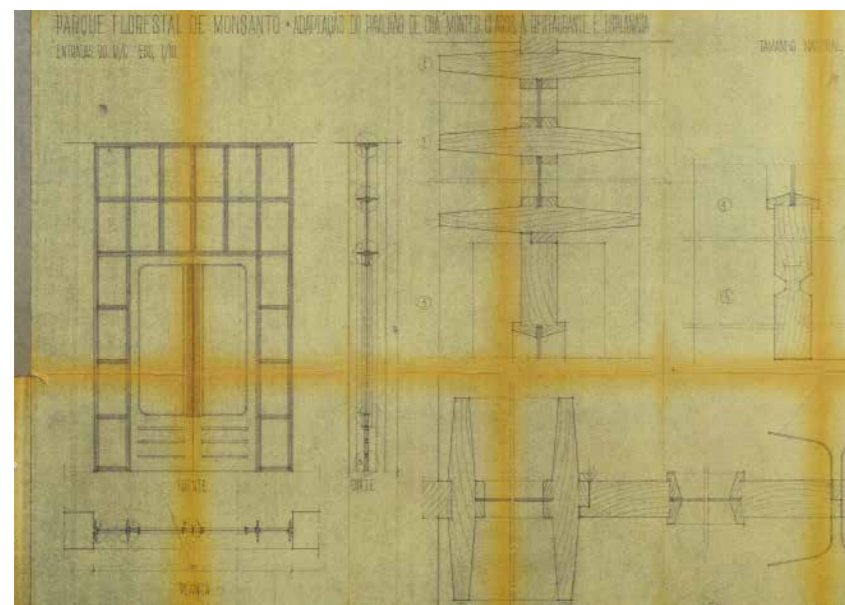


11N. Alçado e Corte da Casa de Chá Montes claros .

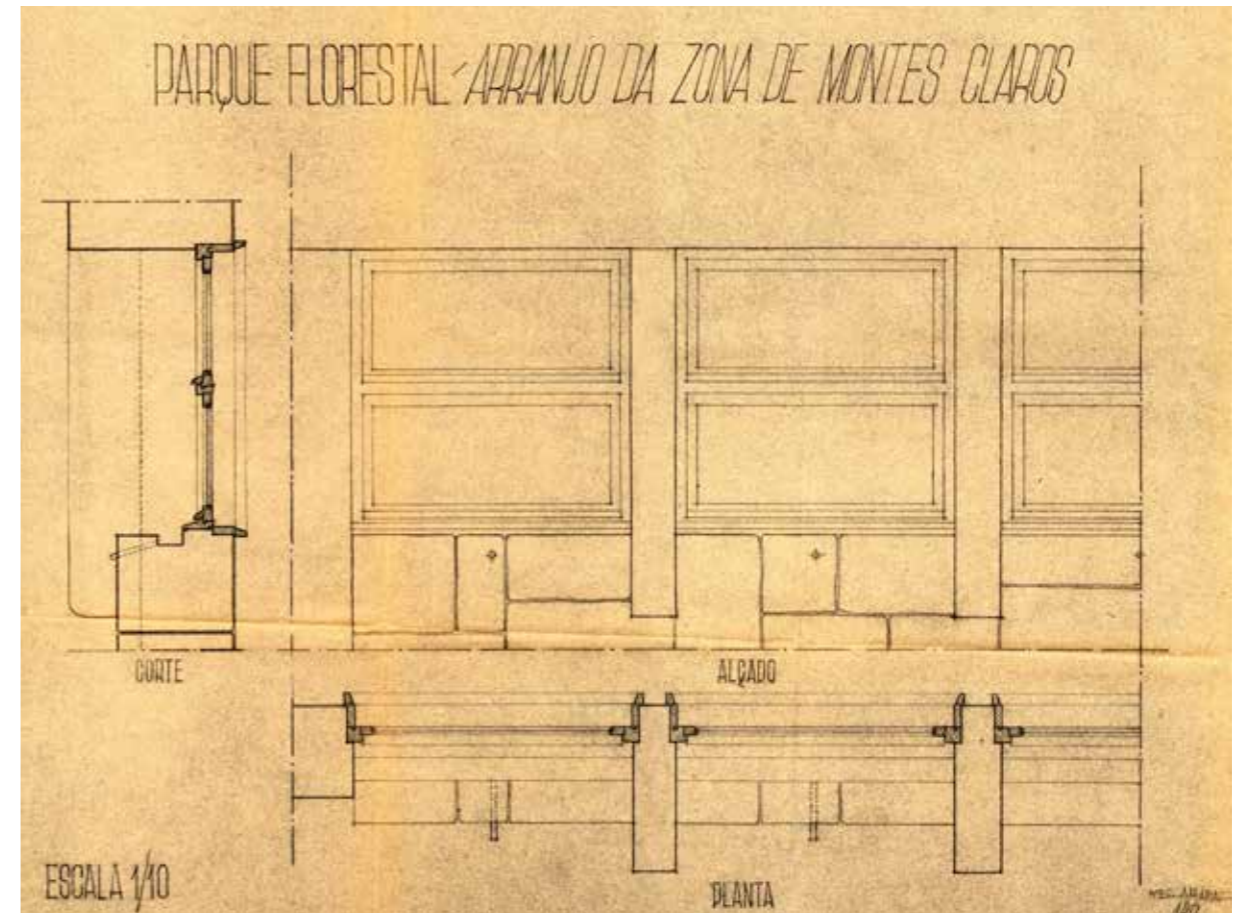
116. Alçado e Corte da Casa de Chá Montes Claros.
117. Detalhe de vão.



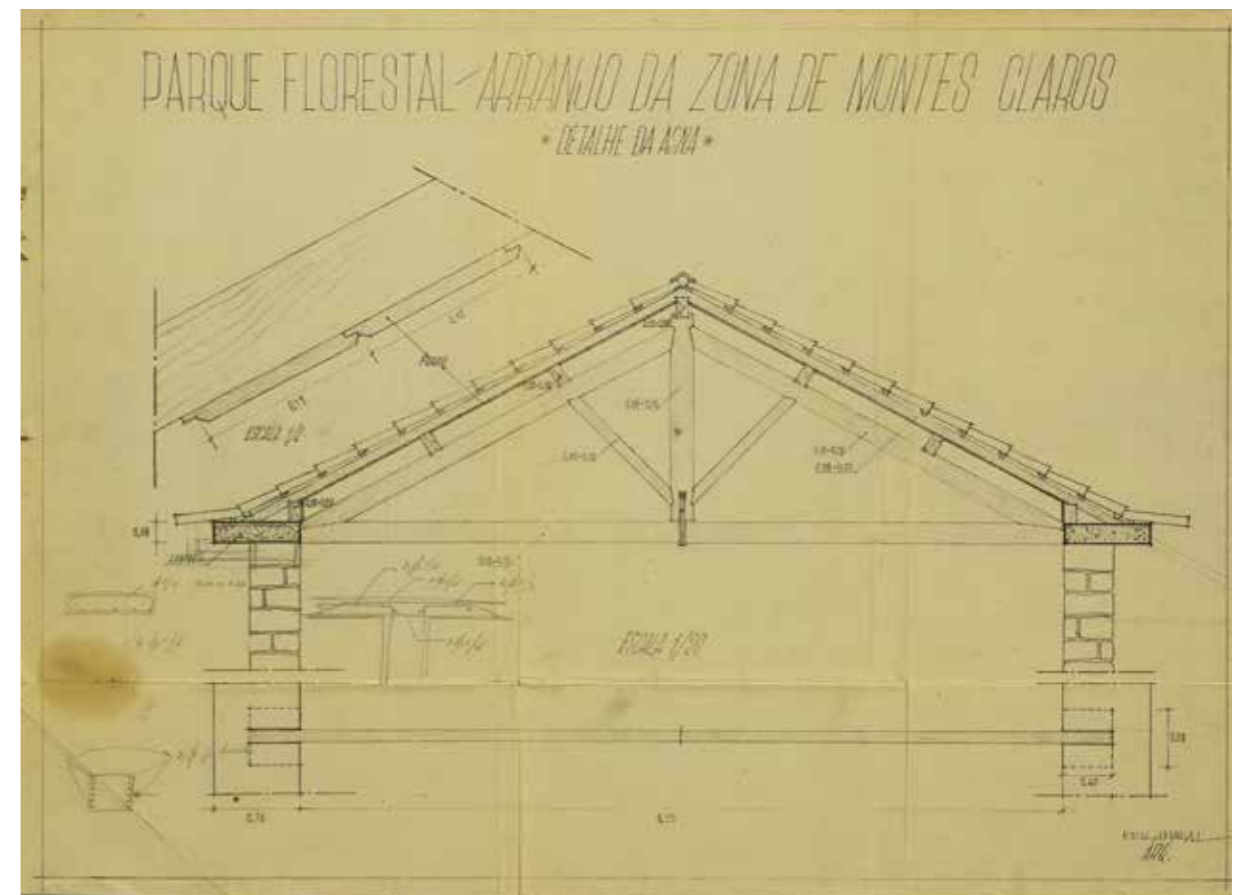
116.



117.



118.

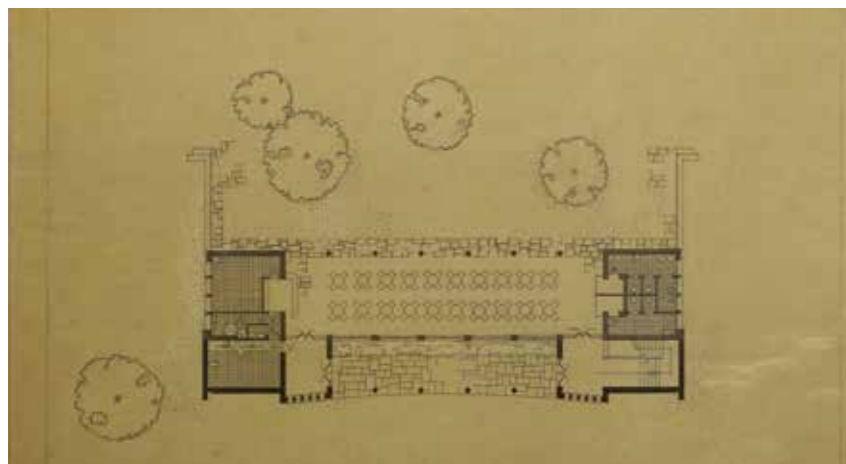


119.

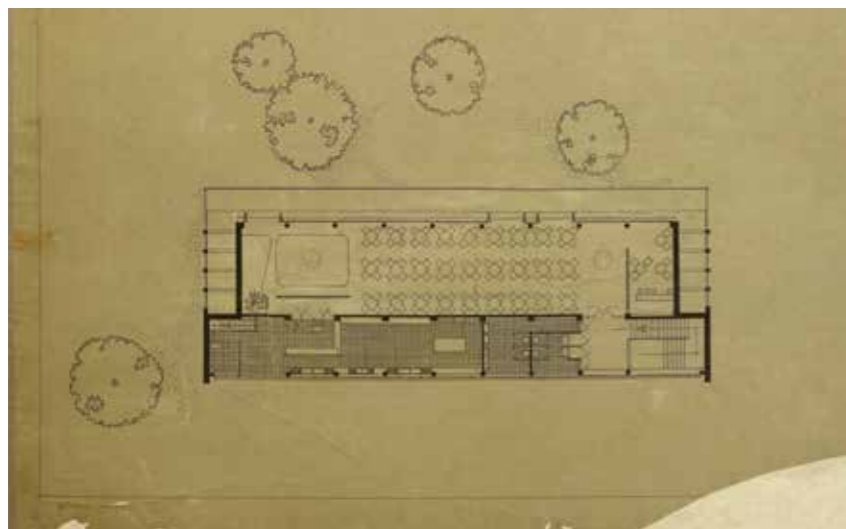
118. Detalhe de Reixa/rolulado.
119. Detalhe da asma

120. Projeto Casa de Chá e Restaurante do Miradouro dos Montes Claros, planta do piso terreo
 121. Projeto Casa de Chá e Restaurante do Miradouro dos Montes Claros, planta do 1o piso

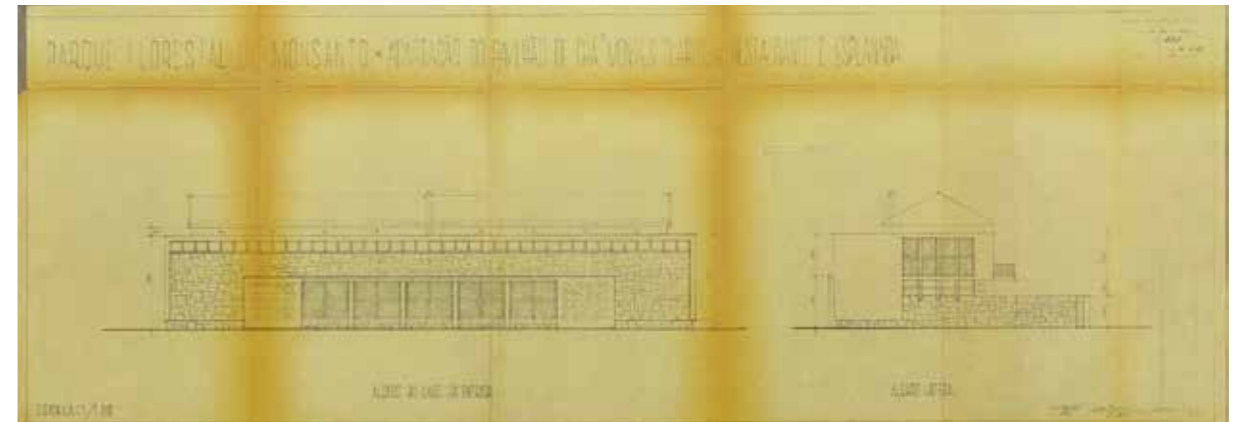
Projeto de Ampliação



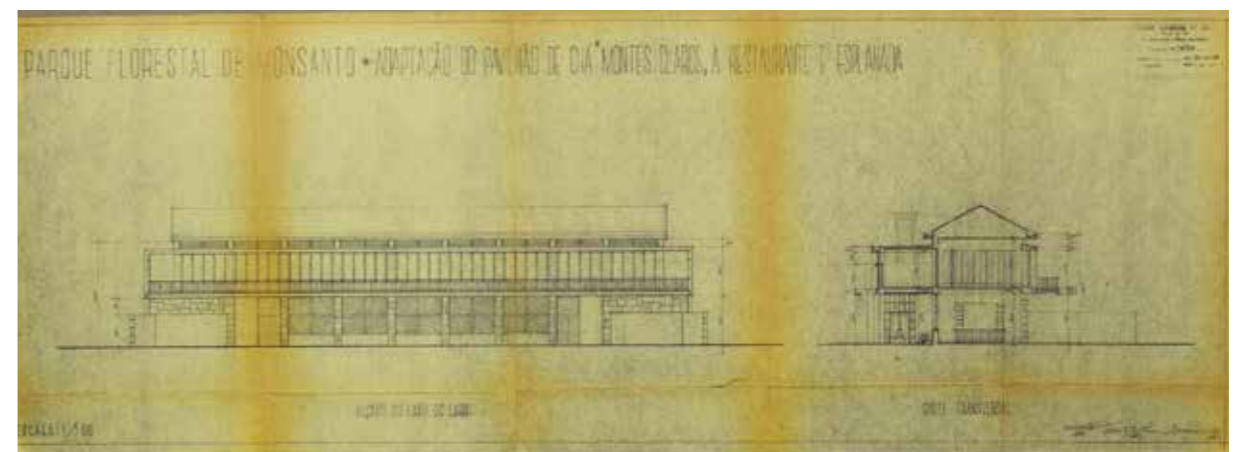
120.



121.



122.



123.

122. Projeto Casa de Chá e Restaurante do Miradouro dos Montes Claros, Alçado
 123. Projeto Casa de Chá e Restaurante do Miradouro dos Montes Claros, Alçado

124. Montes Claros



125.



126.



127.



129.



128.



130.



131.



124.

125| 126| 127| 128| 129| 130|
131. Montes Claros

132. Montes Claros



132.



133.



134.



135.



137.



138.

133| 134| 135| 136| 137| 138|
139. Montes Claros



136.



139.

140. Montes Claros



141.



142.



143.



144.



145.



146.



140.

141| 142| 143| 144| 145| 146.
Montes Claros

147. Montes Claros



147.



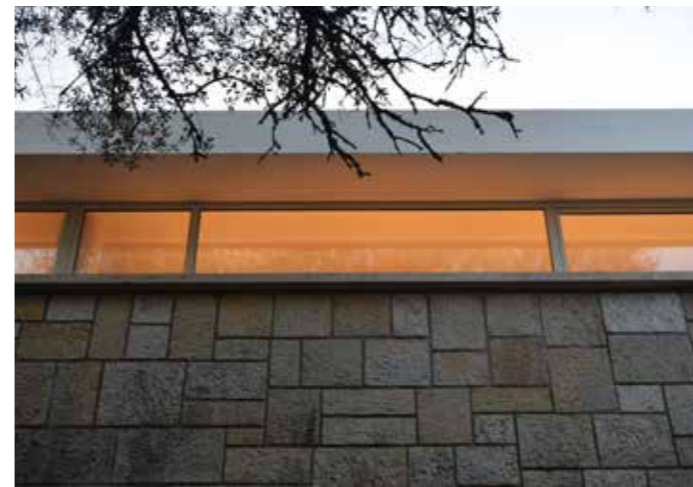
148.



149.



150.



151.



152.



153.



154.

148| 149| 150| 151| 152| 153|
154. Montes Claros

Clube de Ténis

Localização
Zona sul do Parque Florestal Monsanto

Programa Original
Clube de ténis de Lisboa

Data
1946 - 1949

Autoria
Francisco Keil do Amaral
Alberto José Pessoa
Hernâni Gandra

Atualidade
Campo de Ténis
Restaurante



155. Vista aérea, Clube de Ténis

155.

O Clube de Ténis, desenvolvido pelo arquiteto Francisco Keil do Amaral em conjunto com os arquitetos Hernâni Gandra e Alberto Pessoa entre 1946 e 1950, foi pensado com o intuito de criar um lugar próprio para a prática do desporto, digno da capital do país²⁰.

Este projeto, acessível a poente pela Estrada do Alvito e a nascente pela Estrada do Clube de Ténis, propunha a construção de quatro campos de ténis: um principal e três secundários, apoiados por um pavilhão, de dois pisos, que serviria de sede, restaurante e balneários. Foi proposta também a construção de uma pequena piscina e um campo de voleibol como complementos ao clube.

O arquiteto toma total partido da topografia acentuada do local, desenhando o programa em várias cotas. O edifício de apoio é colocado a uma cota elevada, criando um espaço de permanência com uma vista privilegiada sobre o clube e sobre o rio Tejo²¹. A implantação dos campos, por outro lado, é feita a uma cota inferior à cota do nível do terreno para evitar os ventos e possibilitando, no campo principal, a colocação de bancadas a Norte, Poente e Sul²².

O piso inferior do pavilhão é composto por uma recepção, balneários e um pequeno escritório virado a Norte. Já o piso superior está destinado às áreas sociais e de lazer. Os equipamentos, como a cozinha, casas de banho e o acesso vertical estão virados a norte. O espaço de café e refeições, composto por duas salas, contém grandes envidraçados com abertura em leque virados a sul, oferecendo vista total do campo principal e da paisagem. Esta ideia ainda é reforçada com um terraço que serve de esplanada e de “miradouro” sobre o campo principal.

As paredes estruturais do edifício são em betão armado, revestidas a pedra, gesto característico do arquiteto, e as paredes interiores são construídas em alvenaria de tijolo. Esta estrutura permite a abertura de grandes vãos onde são utilizadas caixilharias em madeira, que estabelecem uma relação direta do interior com exterior. A cobertura, de uma água, é em chapa ondulada de fibrocimento e está apoiada em abas de madeira expostas para o interior²³. Os pavimentos interiores são em madeira nas zonas sociais.

“Muros de pedra, com a estereotomia de Keil do Amaral, articulam a definição de planos tectónicos e a ligação à terra em embasamentos e muros de grande horizontalidade.” (Tostões, 2021, pp. 146).

Com o decorrer dos anos o clube foi sofrendo aumentos e alterações. Atualmente conta com doze campos, cinco de piso rápido e sete de terra batida, sendo que dois de terra batida são cobertos. Apesar das várias mudanças que teve, o projeto original mantém o seu carácter com o campo principal e o restaurante praticamente não alterados. Contudo, o seu estado atual é de degradação acentuada, muito pouco cuidado e a necessitar de reabilitação.

²⁰organização dum Club de Ténis, em Lisboa, o qual, servindo amplamente as necessidades do meio, pudesse, ao mesmo tempo, ser digno da Capital do nosso Paiz.”

Federação Portuguesa de Ténis (1946) - Carta ao Presidente da Câmara Municipal de Lisboa sobre a criação do Clube de Ténis de Lisboa. Arquivo Municipal de Lisboa. Pag. 1

²¹“Programaticamente inovador, o Clube de Ténis confirma a procura de uma terceira via, de uma ponte entre a tradição e a modernidade, atenta aos valores do sítio, a topografia, preocupações reveladas nesta obra, no modo como as plataformas são trabalhadas ou como se explora os magníficos pontos de vista sobre o estuário do rio Tejo”

TOSTÕES, Ana (2021) - Lisboa Moderna. Pag.146

²²“neutralizar, na medida do possível, a ação dos tais ventos dominantes e constantes que tão desagradáveis são para a pratica deste desporto. Assim, ha a possibilidade de colocar os campos de jogo, cavando-os, abaixo do nível do terreno; por outro lado, podem-se abrigar os mesmos plantando, desde já, uma serie de arvores de facil crescimento, do lado Norte; e deverão, tambem desse lado construir-se os pavilhões”

Federação Portuguesa de Ténis (1946) - Carta ao Presidente da Câmara Municipal de Lisboa sobre a criação do Clube de Ténis de Lisboa. Arquivo Municipal de Lisboa. Pag. 4

²³“A cobertura, inicialmente pensada nas tradicionais quatro águas, vai dar lugar a uma única água em chapa ondulada de fibrocimento encaixada em vigorosas abas de madeira.”

TOSTÕES, Ana (2021) - Lisboa Moderna. Pag.146



12N. Campo de ténis, Monsanto



156. Clube de Ténis, Perspectiva do conjunto, restos de coleção



157.

157. Inauguração do Campo de Tênis
158| 159|160. Clube de tênis de Monsanto



158.



159.



160.

161. Campo de tênis.



161.

162. Campo de ténis.



163.



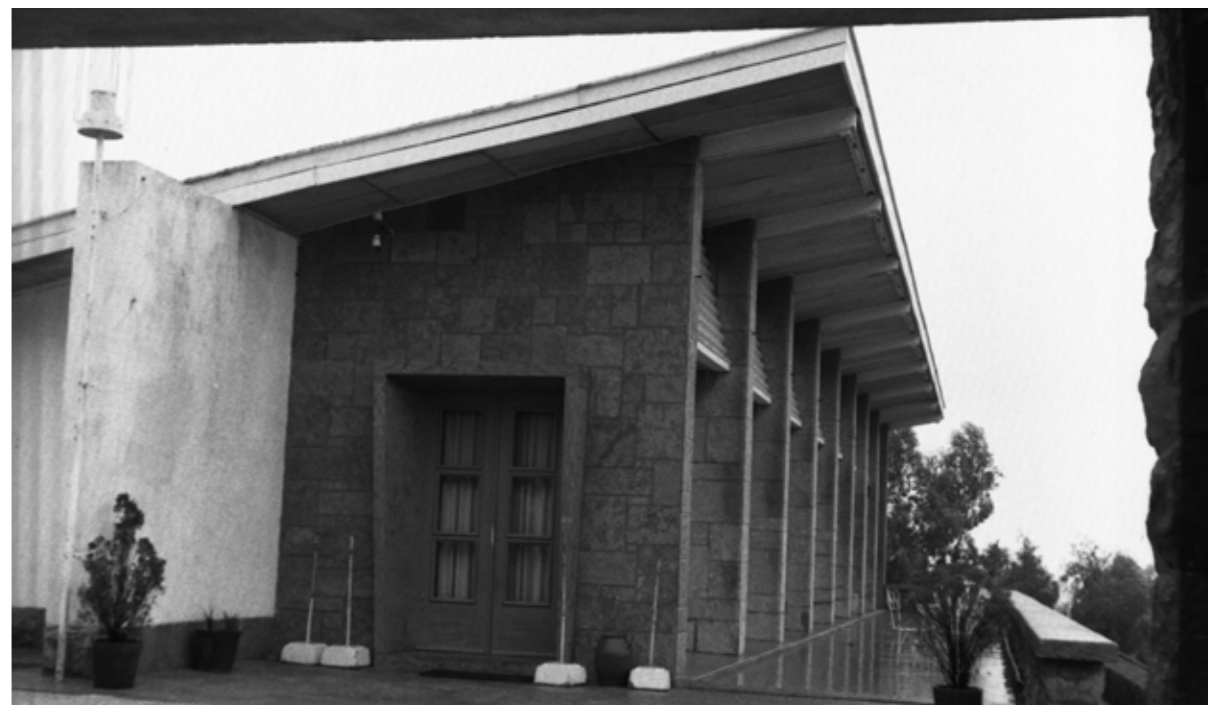
165.



164.



166.



167.



162.

163, 164, 165, 166. Clube de ténis de Monsanto
167. Restaurante do Club de Ténis de Monsanto, jantar anual da vereação municipal

Projeto Original

- 168. Projeto Clube de Tênis, Planta piso 1
- 169. Projeto Clube de Tênis, Planta piso 2
- 170. Projeto Clube de Tênis, Corte



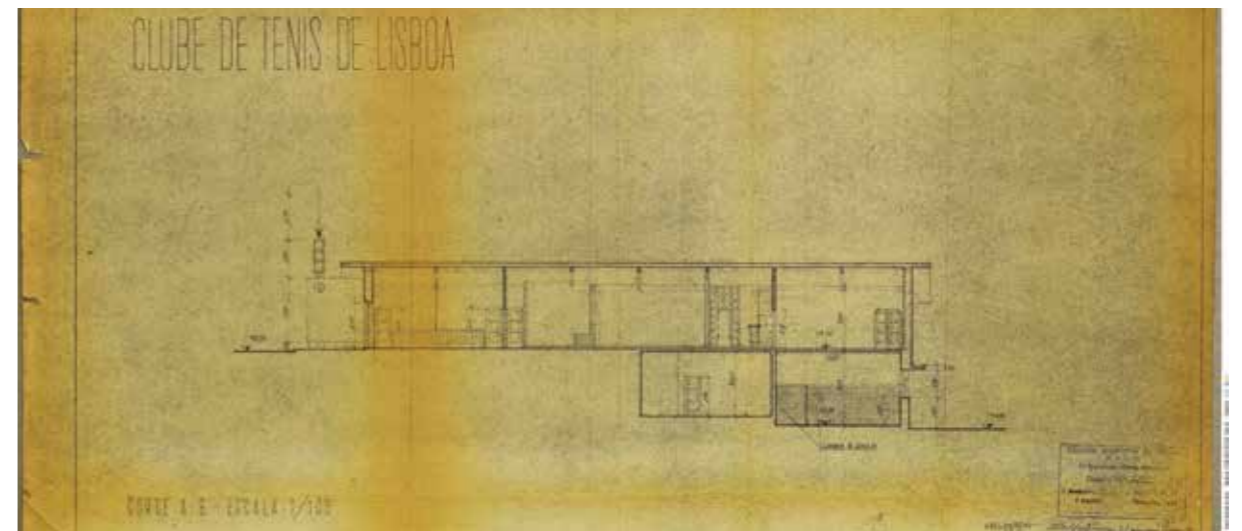
13N. Memória descritiva



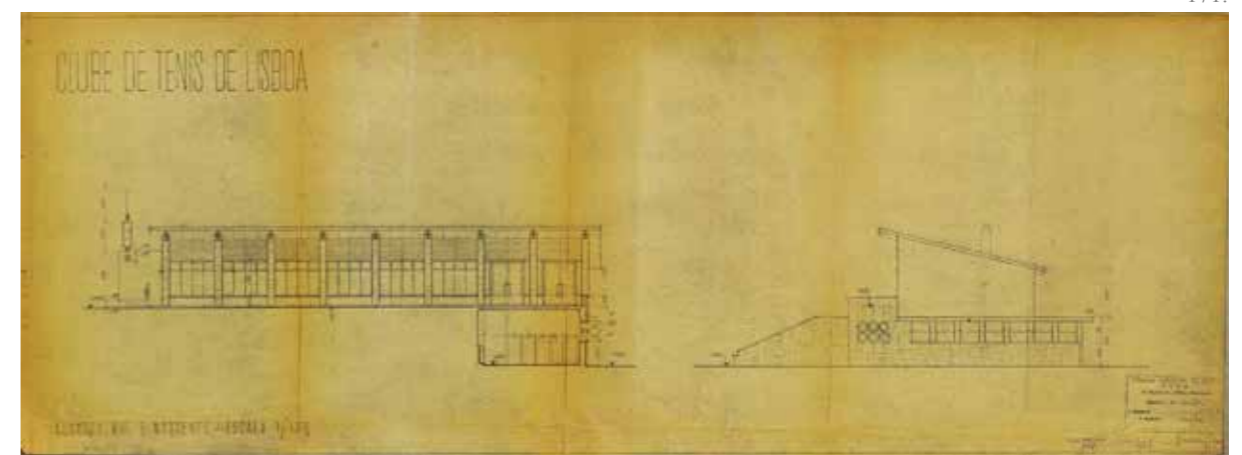
14N. Arranjo do Acesso ao pavilhão



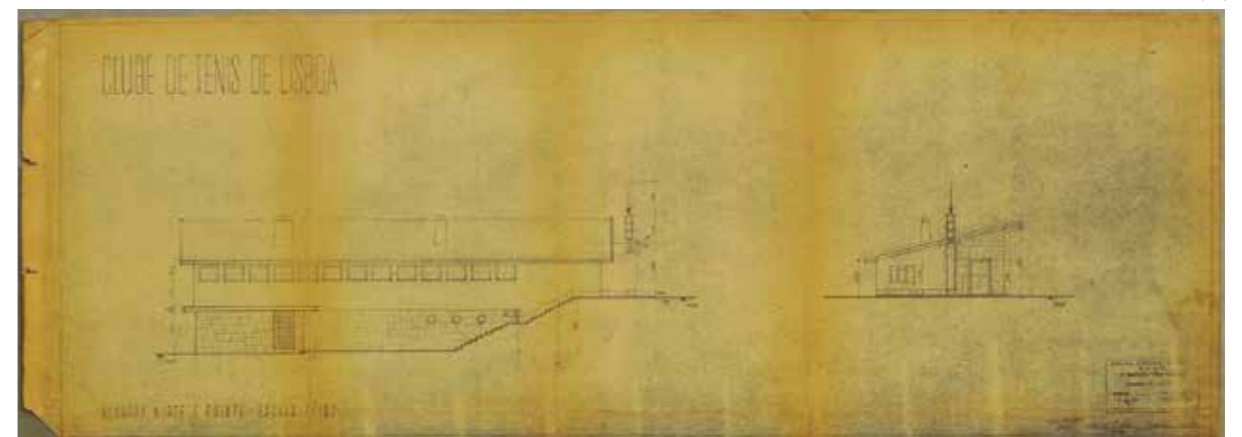
15N. Detalhe construtivo.



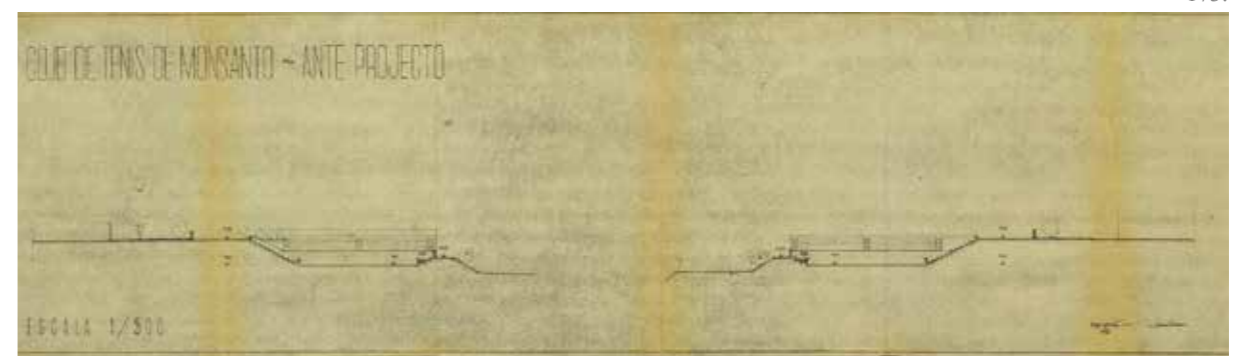
171.



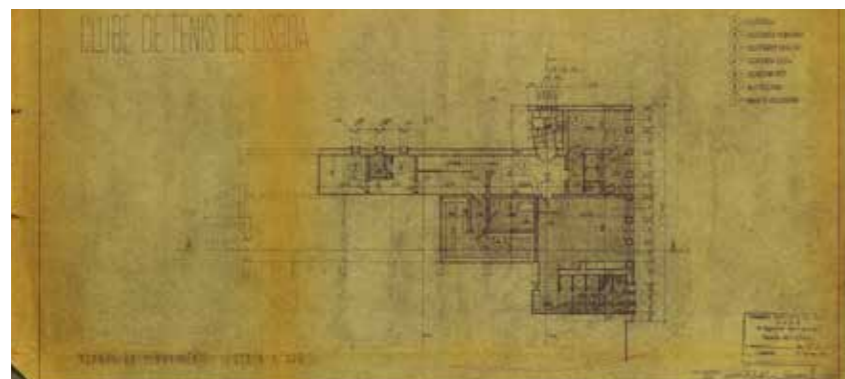
172.



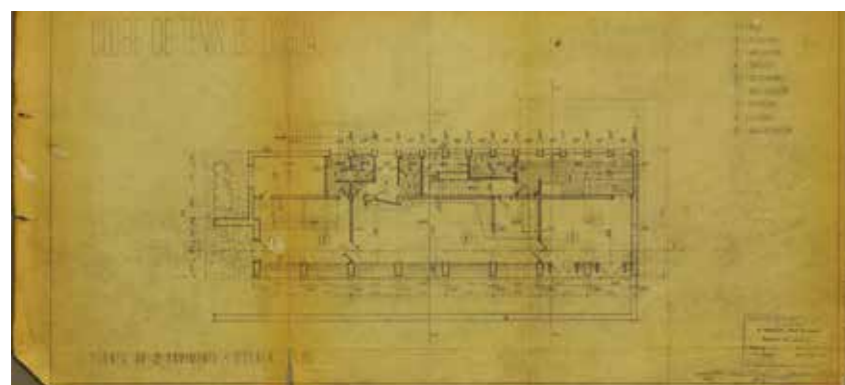
173.



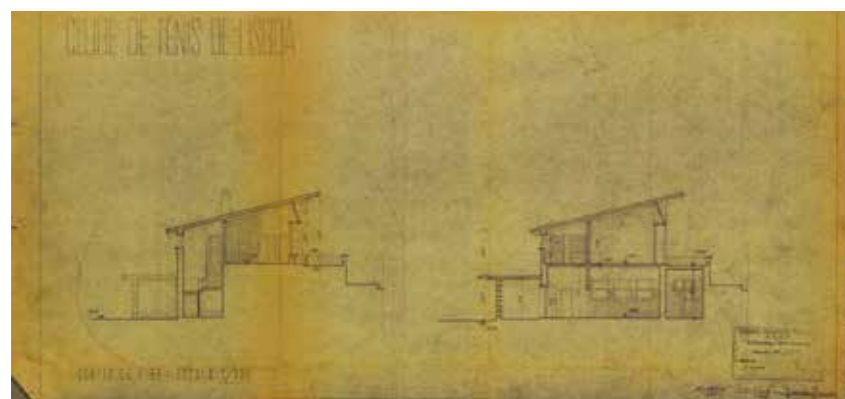
174.



168.



169.



170.

- 171. Projeto Clube de Tênis, Corte
- 172. Projeto Clube de Tênis, Alçado Nascente
- 173. Projeto Clube de Tênis, Alçado Norte
- 174. Projeto Clube de Tênis, Ante-projeto, corte terreno



175.



176.



177.

175| 176| 177. Clube de Tênis



178.



179.



180.



181.

178| 179| 180| 181. Clube de Tênis



182.



183.



184.

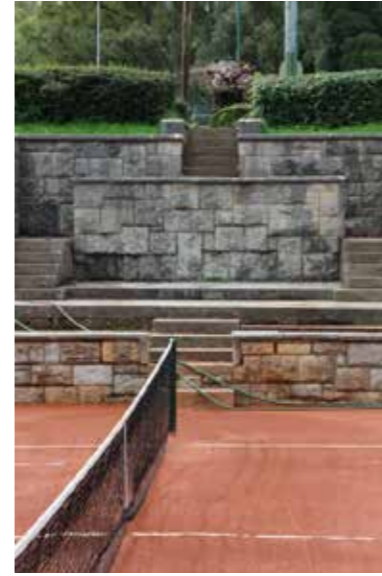


185.



186.

182| 183| 184| 185| 186. Clube de Tênis



187.



188.



189.

187| 188| 189. Clube de Tênis

190. Clube de Tênis



190.

191| 192|193| 194| 195| 196|
197. Clube de Tênis



191.



192.



193.



194.



195.



196.



197.

Parque Recreativo do Alvito

Localização
Zona sul do Parque Florestal Monsanto

Programa Original
Parque Infantil

Data
1953

Autoria
Francisco Keil do Amaral
Hernâni Gandra
Alberto José Pessoa

Alteração
Revitalização do Parque

Data
2003 - 2005

Autoria
Rosa Conde Rodrigues

Atualidade
Parque Infantil



198. Vista aérea, Parque Recreativo do Alvito

198.

O Parque Recreativo do Alvito, projetado por Francisco Keil do Amaral, Hernâni Gandra e Alberto José Pessoa entre 1953 e 1957, localiza-se junto ao Clube de Tênis de Monsanto, sendo acessível pela Estrada do Alvito. Integrado na segunda fase das obras do Parque Florestal de Monsanto, desenvolvida em paralelo com o Clube de Tênis, o parque ocupa uma área de cerca de três hectares e é reconhecido como o primeiro espaço em Portugal concebido exclusivamente para crianças. O projeto original do Parque Infantil do Alvito, dividido quase simetricamente entre lado Sul e Norte, organiza-se através de uma sucessão de patamares distribuídos por três níveis distintos. Esta organização espacial está intimamente relacionada com a topografia, que foi dividida em zonas específicas para diferentes faixas etárias e tipos de atividade. O parque foi concebido como um espaço de liberdade, imaginação e desenvolvimento físico das crianças, numa época em que ainda era rara esta preocupação com as zonas infantis no espaço público.

Os patamares localizados no lado mais a Norte, em consonância com a visão inovadora do arquiteto Keil do Amaral, incluíam, além das áreas para jogos livres, estruturas de escalada, baloiços, escorregas, quadros de ardósia (Fig. 18N) e equipamentos lúdicos que reproduziam, de forma realista, elementos como um elétrico, um carro de bombeiros e um avião de guerra. Estes objetos foram projetados para responder às necessidades reais das crianças, configurando-se como alternativas às estruturas tradicionais de brincar, através de uma linguagem moderna. A seleção dos materiais para o revestimento dos pavimentos da zona de brincar, terra batida e areia, revela uma preocupação particular com a permeabilidade e a segurança dos espaços. A areia, para além da sua função prática, assume um papel lúdico intrínseco, favorecendo a exploração sensorial, as construções e as escavações, o que evidencia uma sensibilidade específica para os aspetos do desenvolvimento infantil.

Os patamares localizados mais a Sul eram compostos por uma pista de atletismo com barreiras, zonas para salto em comprimento e salto em altura, um rинque de patinagem, mesas de pingue-pongue, tabelas de basquetebol e um campo de voleibol. A zona central, destinava-se a funções de apoio, integrando equipamentos como um botequim, um lago, zonas de piquenique e espaços relvados. O acesso entre os patamares fazia-se através de escadas em calçada portuguesa e muros em tijolo refratário. «Inicialmente era apenas um parque infantil e mais tarde recebeu uma



16N. Parque Infantil do Alvito



17N. Parque Infantil do Alvito



18N. Parque Infantil do Alvito, ardósias



199.



200.



201.



202.

199. Parque Recreativo do Alvito
200| 201| 202. Parque Recreativo do Alvito

piscina infantil que seria uma inovação no panorama nacional.»(Tostões, 1998, p. 214)

Localizado no topo da zona central, este novo núcleo incluía duas piscinas infantis e um edifício de apoio, dotado de balneários e instalações sanitárias. Construtivamente, apresenta um telhado de duas águas com asnas em madeira, o uso de paredes em betão revestidas a pedra, o tijolo aparente com uma textura gráfica ritmada e cuidadosamente desenhada. Esta aplicação do tijolo vai além da simples função construtiva ou de acabamento: participa ativamente da expressividade do edifício, conferindo-lhe textura, profundidade e um sentido de escala mais humana. Era composto também por uma galeria com cobertura em betão, assente em pilares, que estabelece uma ligação simbólica e funcional entre as zonas norte e sul do parque, funcionando como elemento de transição e distribuição(Fig 201).

A fachada principal da entrada do parque era caracterizada por muros em pedra, desenhados com a estereotomia tão característica de Keil do Amaral, aos quais se associavam elementos decorativos de inspiração historicista, como uma esfera armilar e um alto-relevo representando um parque infantil.

Como em grande parte dos equipamentos projetados no âmbito do Parque Florestal de Monsanto, Keil do Amaral manteve uma linguagem arquitetónica coerente, funcionando como elemento unificador entre as diferentes intervenções. Destaca-se, nesse sentido, o uso recorrente dos revestimentos em pedra com geometria constante, da madeira, do tijolo de burro, da alvenaria, do betão, da calçada portuguesa e da terra batida. Estes materiais, além de estabelecerem uma continuidade visual e construtiva, revelam uma preocupação com a integração paisagística, a durabilidade e a adaptação aos usos propostos.



19N. Parque Infantil do Alvito



20N. Parque Infantil do Alvito



203.



204.

203| 204. Parque Infantil do Alvito



205.



206.

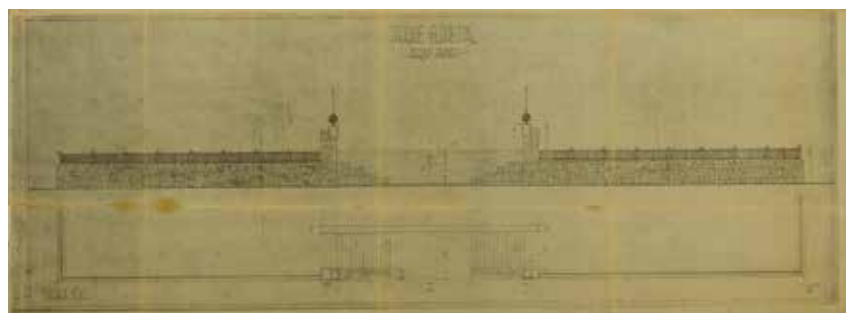


207.

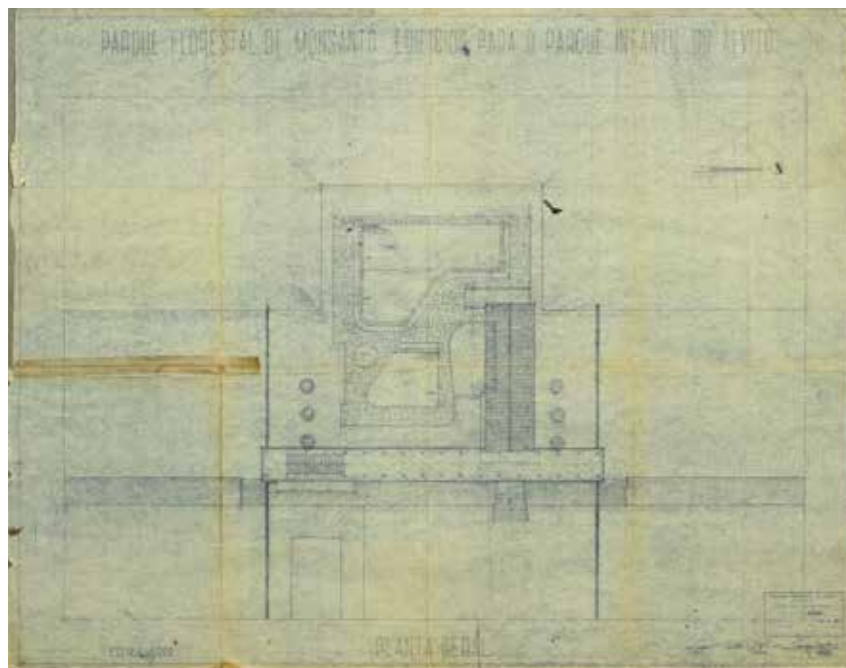
205| 206| 207. Parque Infantil do Alvito



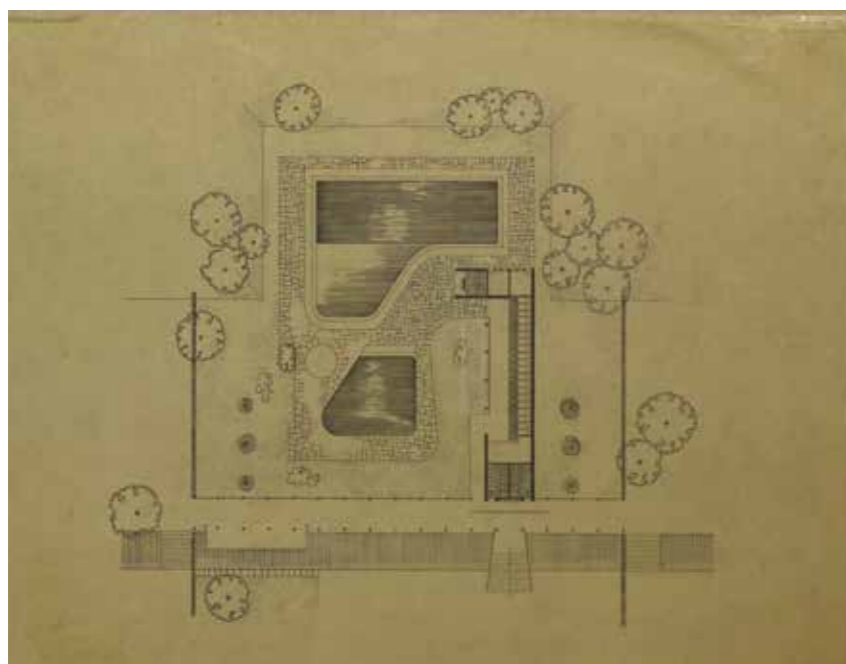
208. Parque Infantil do Alvito



209.

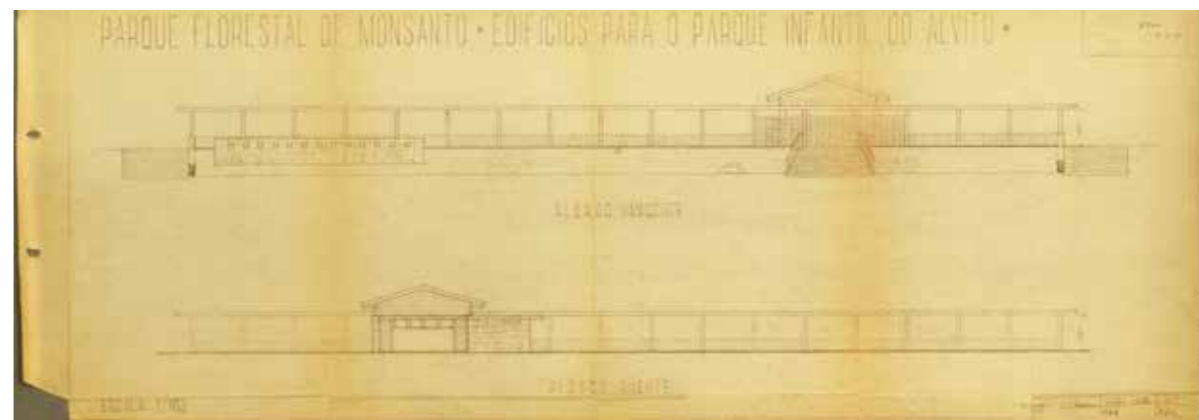


210.

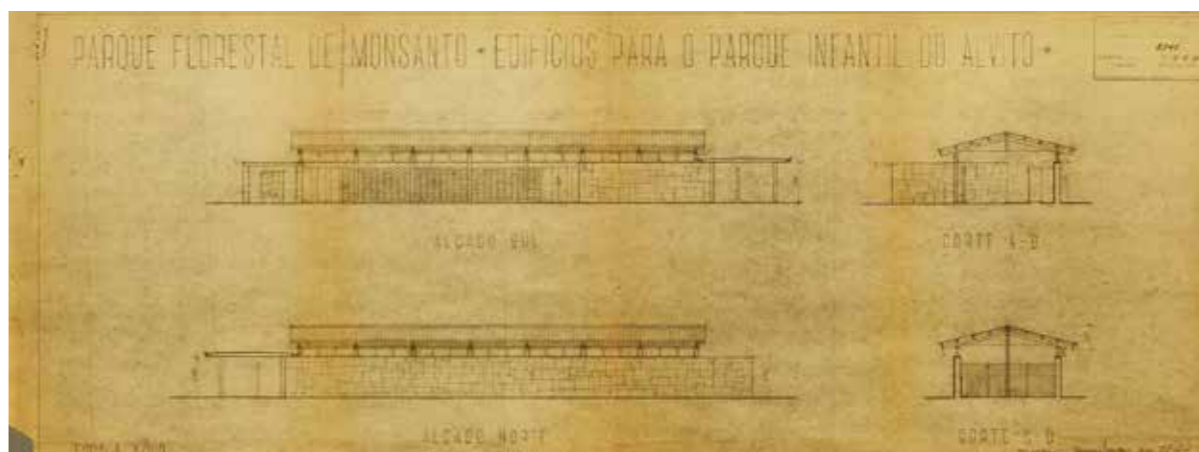


211.

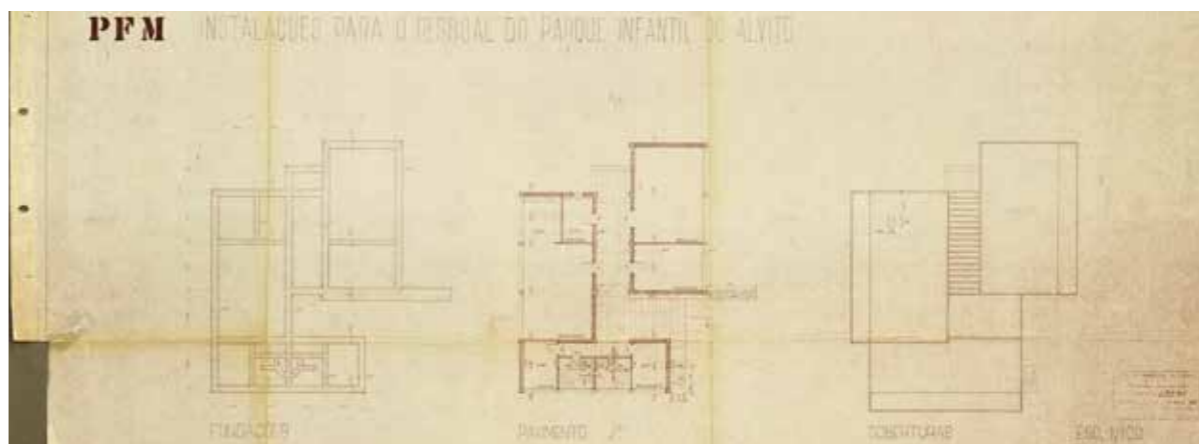
- 209. Parque Recreativo do Alvito
- 210. Parque Recreativo do Alvito Planta Geral
- 211. Parque Recreativo do Alvito Planta Geral



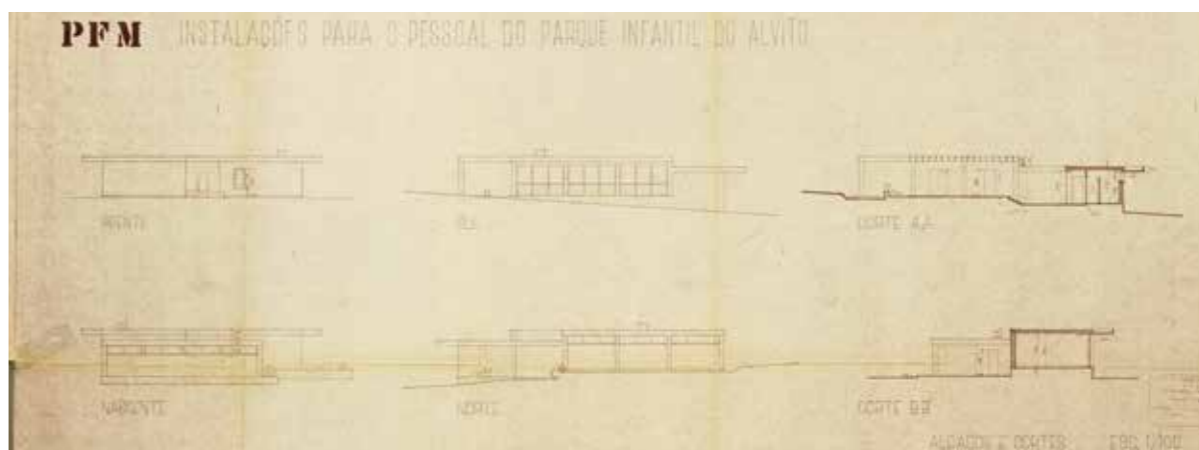
212.



213.



214.



215.



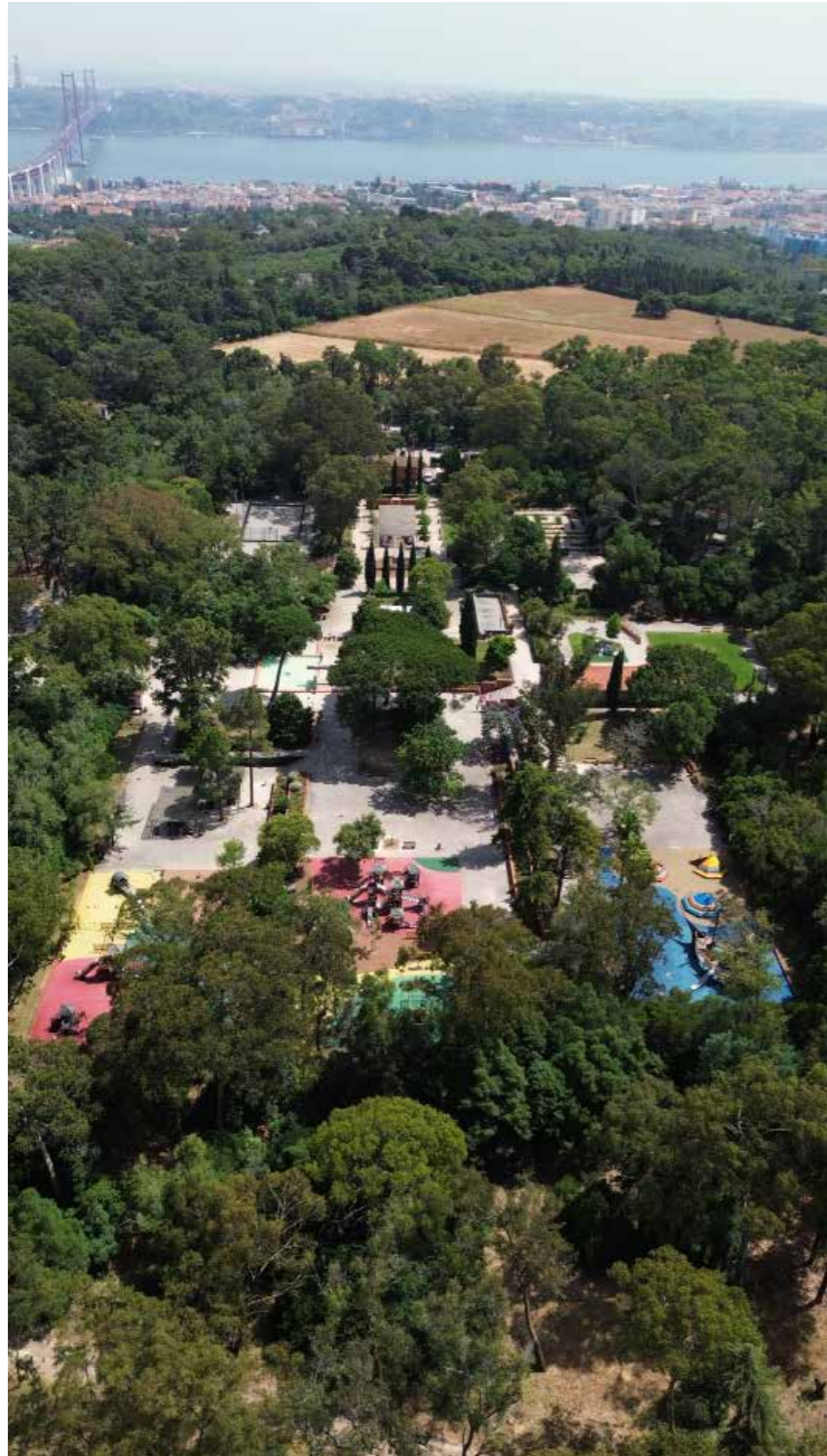
21N. Parque Recreativo do Alvito, Pormenores do recinto dos duches



22N. Parque Recreativo do Alvito, Botequim, Planta, Alçado, Corte

- 212. Parque Recreativo do Alvito, Alçados
- 213. Parque Recreativo do Alvito, Alçados e Cortes
- 214. Parque Recreativo do Alvito, Instalações para o pessoal, plantas
- 215. Parque Recreativo do Alvito, Instalações para o pessoal, Alçados e Cortes

216. Parque Recreativo do Al-
vito



216.



217.



218.



219.



220.



221.



222.



223.

217| 218| 219| 220| 221| 222|
223. Parque Recreativo do
Alvito



224.

224| 225| 226|. Parque Recreativo do Alvito



227.



228.



229.



230.



225.



226.



231.

227| 228| 229| 230| 231|. Parque Recreativo do Alvito



232.

232. Parque Recreativo do Alvito

233| 234| 235| 236| 237| 238|
239. Parque Recreativo do Alvito



233.



234.



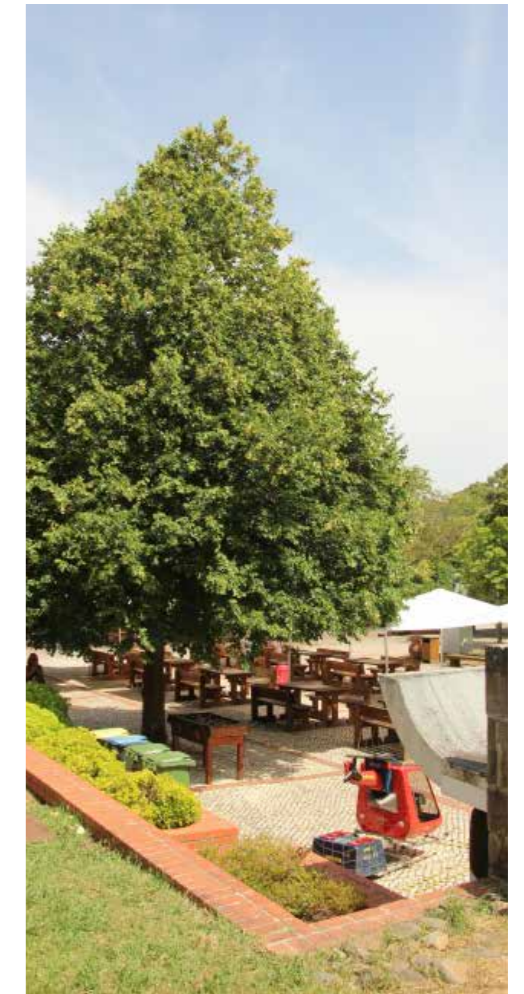
235.



236.



237.



239.



238.

Monte Verde

Localização
Zona central do Parque Florestal Monsanto

Programa Original
Pavilhão de refrescos

Data
1953

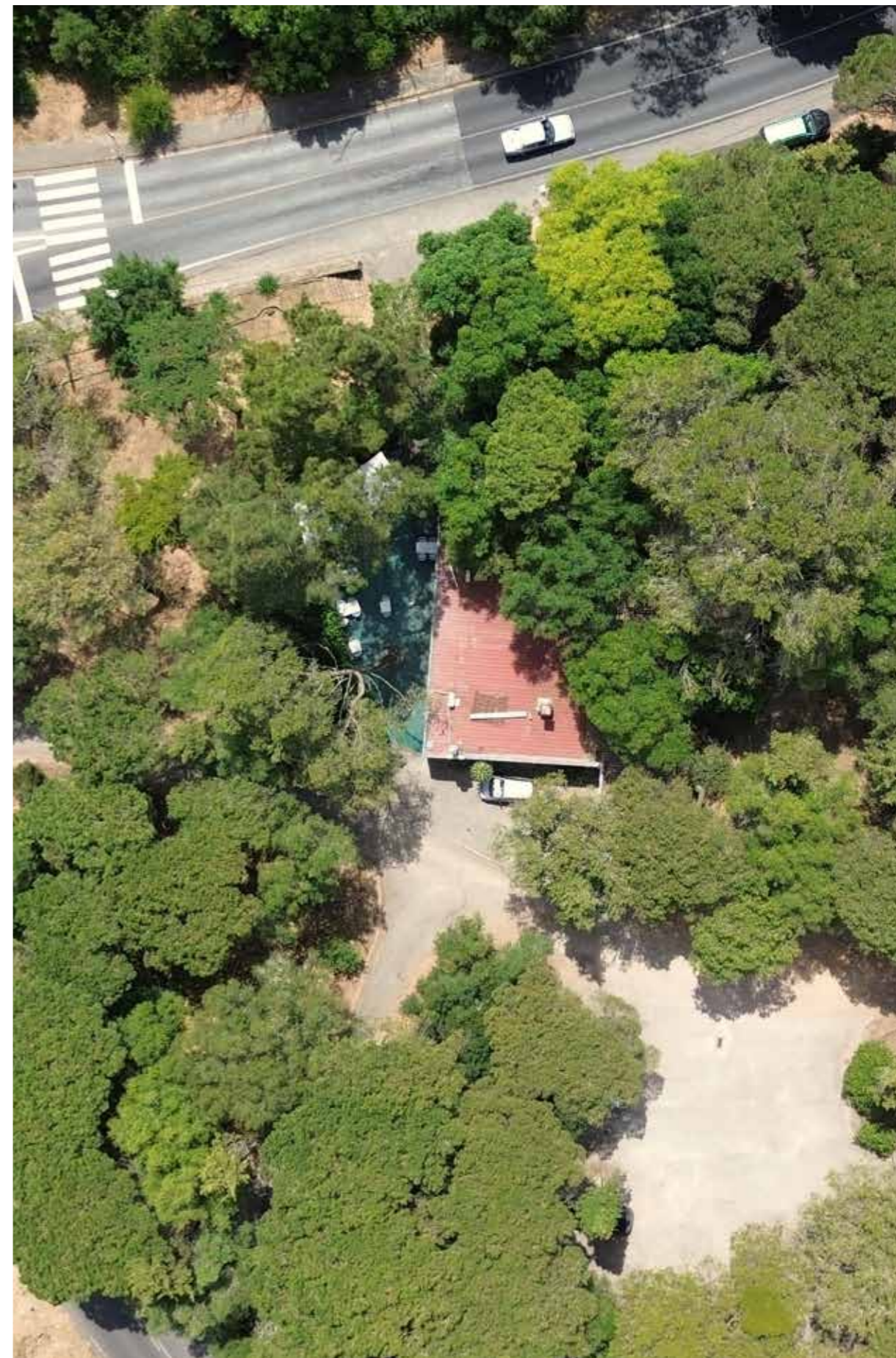
Autoria
Francisco Keil do Amaral
Jose Frederico Ludovice

Alteração
Pavilhão de refresco

Data
1957

Autoria
Desconhecido

Atualidade
Restaurante e esplanada



240. Vista aérea, Monte Verde

O Pavilhão de Refrescos Monte Verde, desenhado pelos arquitetos Francisco Keil do Amaral e José Frederico Ludovice em 1953, localizado na Cruz das Oliveiras, é acessível pela Avenida Tenente Martins e pela Estrada de Monsanto.

A ideia de Parkway, patente no projeto original do Parque Florestal de Monsanto, previa que as pessoas realizassem passeios ao longo dos percursos, usufruindo dos equipamentos e miradouros oferecidos pelo parque. Esta conceção de percurso reforçou a necessidade de incorporar, no projeto, vários pavilhões para venda de refrescos, que permitissem aos visitantes, ao longo do passeio, parar e desfrutar de uma bebida ou pequeno lanche num desses espaços.

Através do Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa, é possível consultar os desenhos técnicos de alguns destes pavilhões de refresco, não só os que integravam o Parque Florestal de Monsanto, mas também outros implantados em espaços exteriores ao parque. Entre eles, destaca-se, um pavilhão localizado na Mata de São Domingos de Benfica (Fig. 23N), também em colaboração com o arquiteto Ludovice, outro no Parque Silva Porto (Fig. 24N e 25N), e ainda um pavilhão no Miradouro do Ramalho, embora neste último caso o local exato não esteja identificado.

Estes equipamentos eram compostos por três áreas fundamentais: uma zona destinada ao público, uma pequena copa para o atendimento e as respetivas instalações sanitárias.

O Pavilhão de Refresco da Cruz das Oliveiras teve um primeiro projeto em 1953. Trata-se de um pequeno equipamento destinado à venda de bebidas, caracterizando-se pela sua simplicidade e pelo desenho aberto ao exterior, procurando integrar o edifício na envolvente.

Como é visível nos desenhos e na memória descritiva: «Sob o aspeto de estrutura, adotei um sistema misto de alvenaria e de betão armado, tendo, sobretudo deste último material, procurado tirar o máximo de aproveitamento da sua utilização em proteções solares». (Memória Descritiva, 17 de agosto de 1953, Arq. Frederico Ludovice)

O edifício é fechado ao público por meio de uma grade com sistema lagarta, permitindo esta relação aberta de interior-exterior quando em funcionamento.

Os materiais usados continuam a ser os característicos na arquitetura de Keil do Amaral. Para além da alvenaria e do betão armado, como vimos anteriormente, destacam-se o pavimento em pedra e a terra batida nos



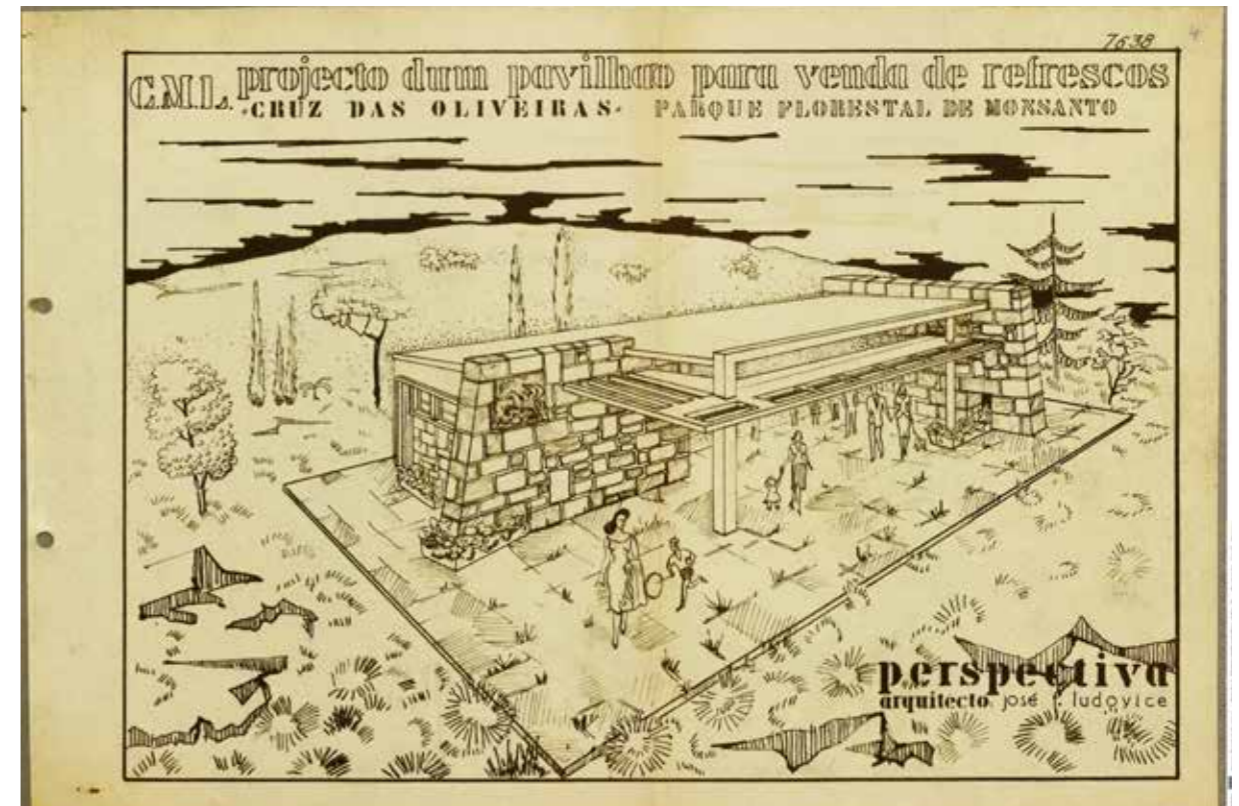
23N. Projeto Pavilhão de Refresco Mata de São Domingo de Benfica, Perspetiva



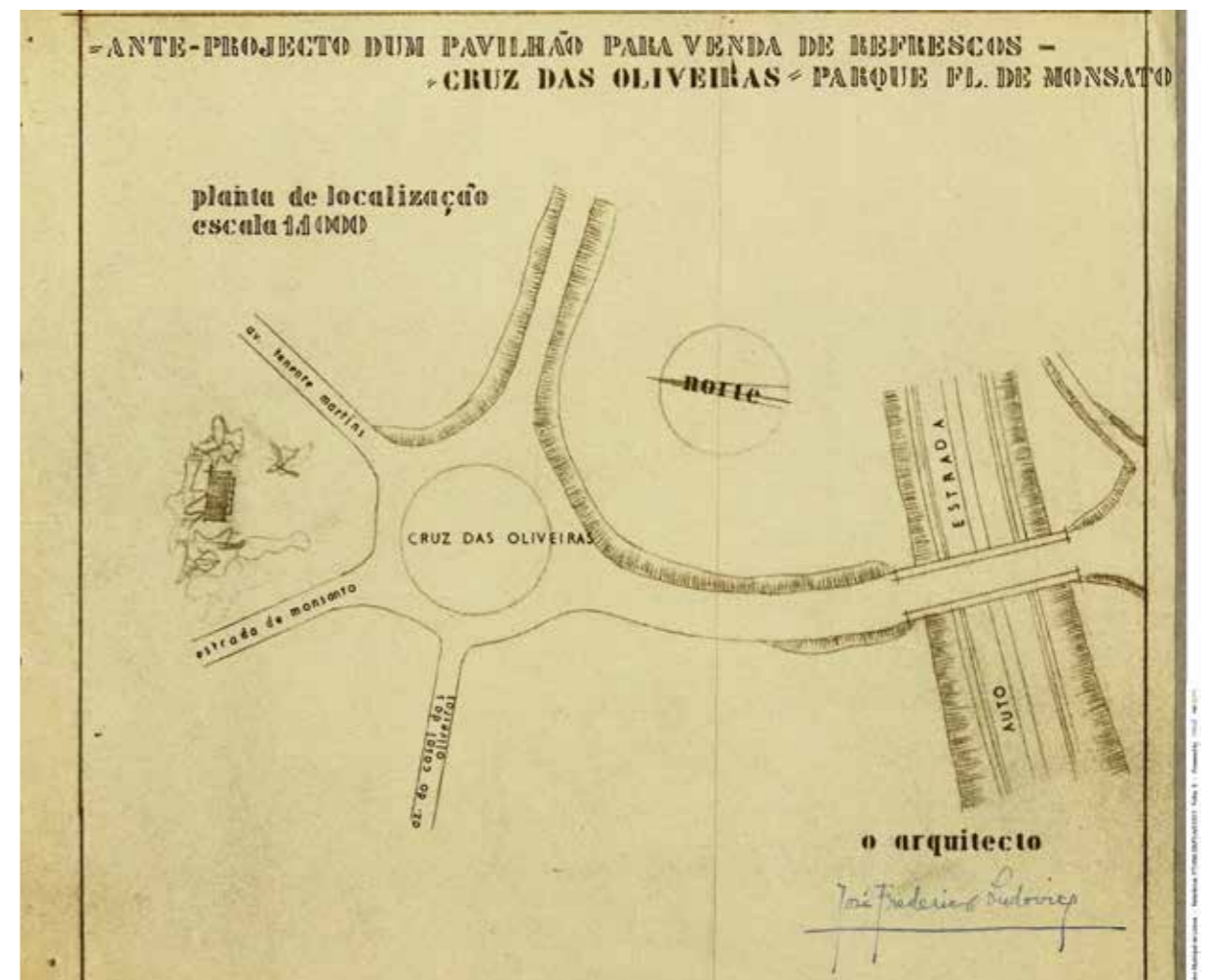
24N. Ante-Projeto Pavilhão de Refresco Parque Silva Porto, Benfca, Alçados, corte e Planta



25N. Projeto Pavilhão de Refresco Parque Silva Porto, Perspetiva



241.



242.

141. Projeto Pavilhão de Refrescos Cruz das Oliveiras, Perspectiva

142. Projeto Pavilhão de Refrescos Cruz das Oliveiras, Planta de Localização

espaços exteriores, bem como o revestimento das paredes com pedra, elemento unificador dos vários equipamentos do parque.

Em 1957, o pavilhão é alvo de uma ampliação (Fig. 28N). Esta segunda fase manteve os princípios fundamentais do projeto inicial, preservando a volumetria, a organização espacial e a linguagem arquitetónica.

A intervenção introduziu, contudo, dois novos espaços funcionais, uma cozinha e uma copa, que respondiam à crescente exigência dos serviços prestados ao público, refletindo uma adaptação funcional do equipamento sem comprometer a sua identidade formal. A ampliação foi concebida com uma abordagem cuidadosa e integrada, respeitando os materiais, a lógica construtiva e a relação com a envolvente.

Em 1979, foi realizada uma nova intervenção, transformando-o num restaurante. Esta intervenção representou uma rutura significativa com as fases anteriores do projeto.

Ao contrário da intervenção de 1957, que havia respeitado a lógica construtiva, a linguagem arquitetónica e a integração paisagística do pavilhão, esta última resultou numa profunda descaracterização do edifício. A adição de novos volumes e elementos formais, bem como alterações nos materiais e nos acabamentos, comprometeram a leitura da proposta original.

Atualmente, é difícil identificar com clareza os traços do projeto inicial, sendo visível uma sobreposição de camadas construtivas e estilísticas que evidenciam este afastamento, revelando uma estrutura descaracterizada, onde poucos elementos originais se mantêm legíveis, comprometendo a autenticidade e a integridade do conjunto arquitetónico inicialmente concebido para se integrar de forma discreta na paisagem do PFM.



26N. Projeto Pavilhão de Refrescos Cruz das Oliveiras, Memória Descritiva



27N. Arquivo Municipal de Lisboa - Ref PT-AMLSB-FKA-01-011 - Folha 7



28N. Arquivo Municipal de Lisboa - Ref PT-AMLSB-FKA-01-011 - Folha 14



143. Cruz das Oliveiras, esplanada

243.



244.



245.

244| 245. Monte Verde



246.



247.



248.



249.



250.



251.

246| 247| 248| 249| 250| 251.
Monte Verde



252.



253.

252| 253. Monte Verde



254.



255.



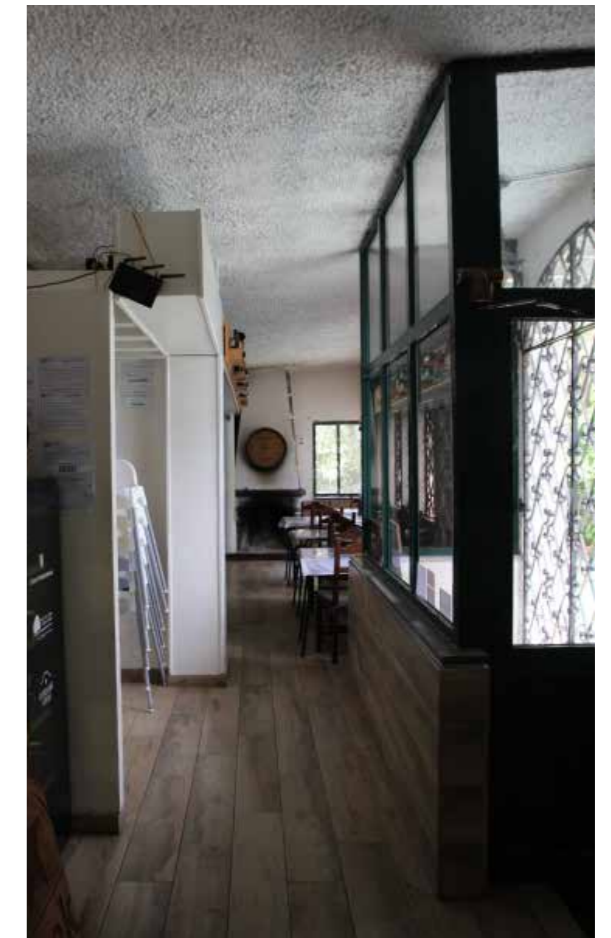
256.



257.



258.



259.

254| 255| 256| 257| 258| 259.
Monte Verde

Panorâmico

Localização
Zona Norte do Parque Florestal Monsanto

Programa Original
Restaurante

Data
1961-1968

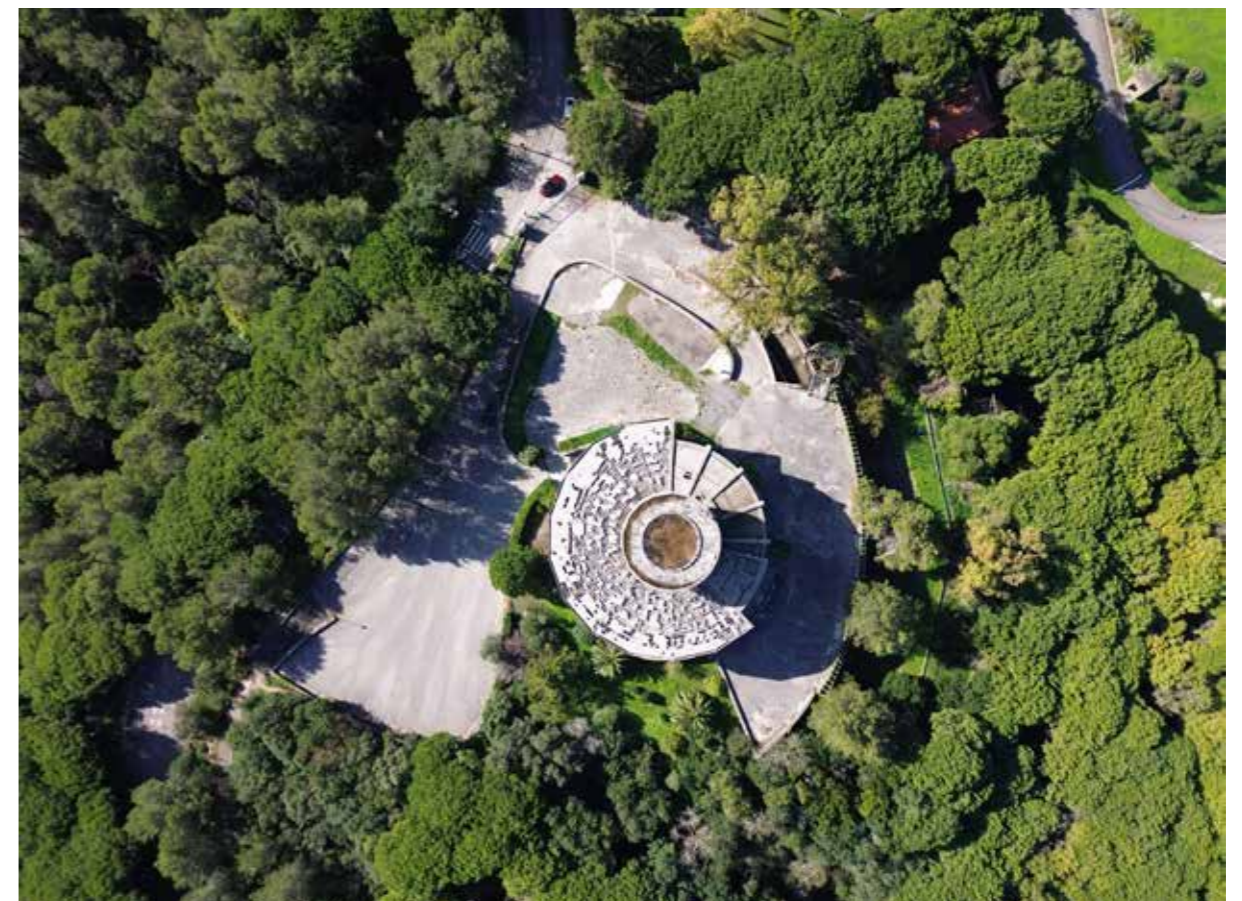
Autoria
Chaves da Costa

Alteração
Restaurante , Bingo, Centro de congressos

Data
1982-1984

Autoria
Gracentur

Atualidade
Abandonado



260. Vista aérea, Panorâmico

260.



29N. Painele Azulejo.



30N. Painele cerâmico zona do miradouro da autoria de Manuela Ribeiro Soares.



31N. Painele cerâmico em Alto relevo da autoria de Maria Manuela Madureira

O Restaurante Panorâmico de Monsanto foi inicialmente projetado, em 1959, pelo arquiteto Keil do Amaral, tendo sido escolhido, para a sua concretização, mais tarde, o projeto de 1961 do arquiteto Chaves da Costa. É acessível pela Estrada da Bela Vista, onde carros e bicicletas partilham o trajeto lado a lado.

«Foi o último projeto que Keil do Amaral realizou para o local onde, no final dos anos 30 e ao longo da década de 40, projetara o Teatro ao Ar Livre e o Padrão-Miradouro. Keil opta por desenvolver a construção em plataformas baixas que se vão sucessivamente encaixando no declive, libertando a plataforma à cota superior para a entrada e estacionamento e criando sobre o terraço uma extensa esplanada panorâmica que usufruiria da magnífica vista sobre Lisboa, o Vale de Alcântara e a margem sul.» (MOITA, 1999, p. 216)

Contudo, divergências entre o arquiteto e o então presidente da Câmara Municipal de Lisboa, França Borges, que pretendia uma abordagem mais inovadora, levaram à não concretização do projeto inicial.

Em 1961, o arquiteto Chaves da Costa assumiu a conceção do projeto do edifício, propondo uma solução completamente nova: um edifício circular composto por dois volumes principais. Estes desenvolvem-se entre as cotas 192,40 m e 195,16 m no primeiro volume, e entre 198,76 m e 218,14 m no segundo.

Apesar da abordagem inovadora, o projeto manteve a preocupação de respeitar a topografia e de tirar partido das vistas panorâmicas, à semelhança do que Keil do Amaral havia inicialmente proposto.

Os principais materiais utilizados na concretização deste projeto foram o betão armado, amplamente aplicado na estrutura principal, incluindo a grande laje circular em consola que dá forma ao piso superior panorâmico, permitindo criar vãos generosos e uma volumetria marcante, o vidro, utilizado em amplos envidraçados que circundavam o anel panorâmico, proporcionando vistas de 360° sobre Lisboa e conferindo transparência e leveza ao conjunto, e a pedra natural, empregue em revestimentos exteriores e em algumas zonas de circulação, contribuindo para a integração do edifício na paisagem envolvente.

O restaurante foi inaugurado em 1968, mas, destinado a uma elite restrita, tornou-se inacessível para grande parte da população. Durante o processo de desenvolvimento, chegou a ser referido em documentos ofi-



261.



262.

261| 262. Restaurante Panorâmico de Monsanto

ciais1 como “Restaurante Municipal de Monsanto”, dada a sua ligação ao Estado e o uso privilegiado que este fazia do espaço. Após a Revolução de 1974 e a queda do regime, o restaurante encerrou portas, permanecendo fechado até 1984.

No ano de 1981, a concessão do Panorâmico de Monsanto passa para José Cristóvão. Entre 1982 e 1983, este decide contratar a empresa Gra-centur – Grande Centro Turístico para realizar obras de reabilitação e ampliação do edifício, sob a responsabilidade do arquiteto Miguel Esteves. Declara-se a necessidade de melhorar as circulações verticais, que se encontravam dispersas e dificultavam o funcionamento do conjunto. Um novo projeto foi apresentado à Câmara Municipal, prevendo alterações funcionais que adaptassem o edifício às novas exigências, incluindo a criação de uma esplanada, uma zona de congressos, uma discoteca e uma área comercial. Estas intervenções visavam revitalizar o espaço, mantendo, contudo, a preservação de obras de arte integradas no edifício, como o painel cerâmico policromado, o fresco e o baixo-relevo de artistas plásticos da época. (Figuras 29N, 30N e 31N)

No entanto, nem todas as alterações previstas foram concretizadas. A discoteca inicialmente projetada para o piso 01 acabou por ser substituída por um bingo, de acordo com um novo projeto submetido em 1983.

A partir da década de 1990, o Panorâmico de Monsanto passou por diversos usos, tendo sido deixado ao abandono durante alguns anos. Em 2017, reabriu ao público como miradouro, encontrando-se, desde 2023, encerrado por questões de segurança. Desde então, o edifício permaneceu fechado e sujeito a um processo contínuo de degradação. Segundo informações disponibilizadas no site da Câmara Municipal de Lisboa, está atualmente em curso uma avaliação para a sua reabilitação, com o objetivo de integrar diversas valências e devolver-lhe um papel ativo na vida da cidade.

Este projeto, com a sua história rica e múltiplas camadas de transformação, permanece um ícone arquitetónico, demonstrando um potencial que importa explorar no futuro.



263.



264.



265.



266.

263| 264| 265| 266|. Restau-
rante Panorâmico de Monsanto



267.



268.



269.

267| 268| 269. Restaurante Panorâmico de Monsanto



270.



271.



272.



273.



274.



275.

270. Restaurante Panorâmico de Monsanto
 271. Visita do presidente da Câmara Municipal de Lisboa e da nova vereação às obras do restaurante Panorâmico de Monsanto
 272. Restaurante Panorâmico de Monsanto em construção | Armando Maio Seródio
 273| 274| 275. Restaurante Panorâmico de Monsanto



276.



277.



278.

176. Restaurante Panorâmico de Monsanto, jantar de despedida de França Borges do cargo de presidente da Câmara Municipal de Lisboa. Discurso do homenageado

177. Restaurante Panorâmico de Monsanto, jantar de despedida de França Borges do cargo de presidente da Câmara Municipal de Lisboa. Martins Gomes proferiu algumas palavras

278. Restaurante Panorâmico de Monsanto, recepção aos participantes do I Rally da TAP



279.



280.



281.

279. Restaurante Panorâmico de Monsanto, almoço oferecido aos membros do Congresso de Imprensa Gastronómica

280. Restaurante Panorâmico de Monsanto, jantar de despedida de França Borges do cargo de presidente da Câmara Municipal de Lisboa. Discurso do homenageado

281. Restaurante Panorâmico de Monsanto, almoço oferecido aos membros do Congresso de Imprensa Gastronómica

Projeto Original



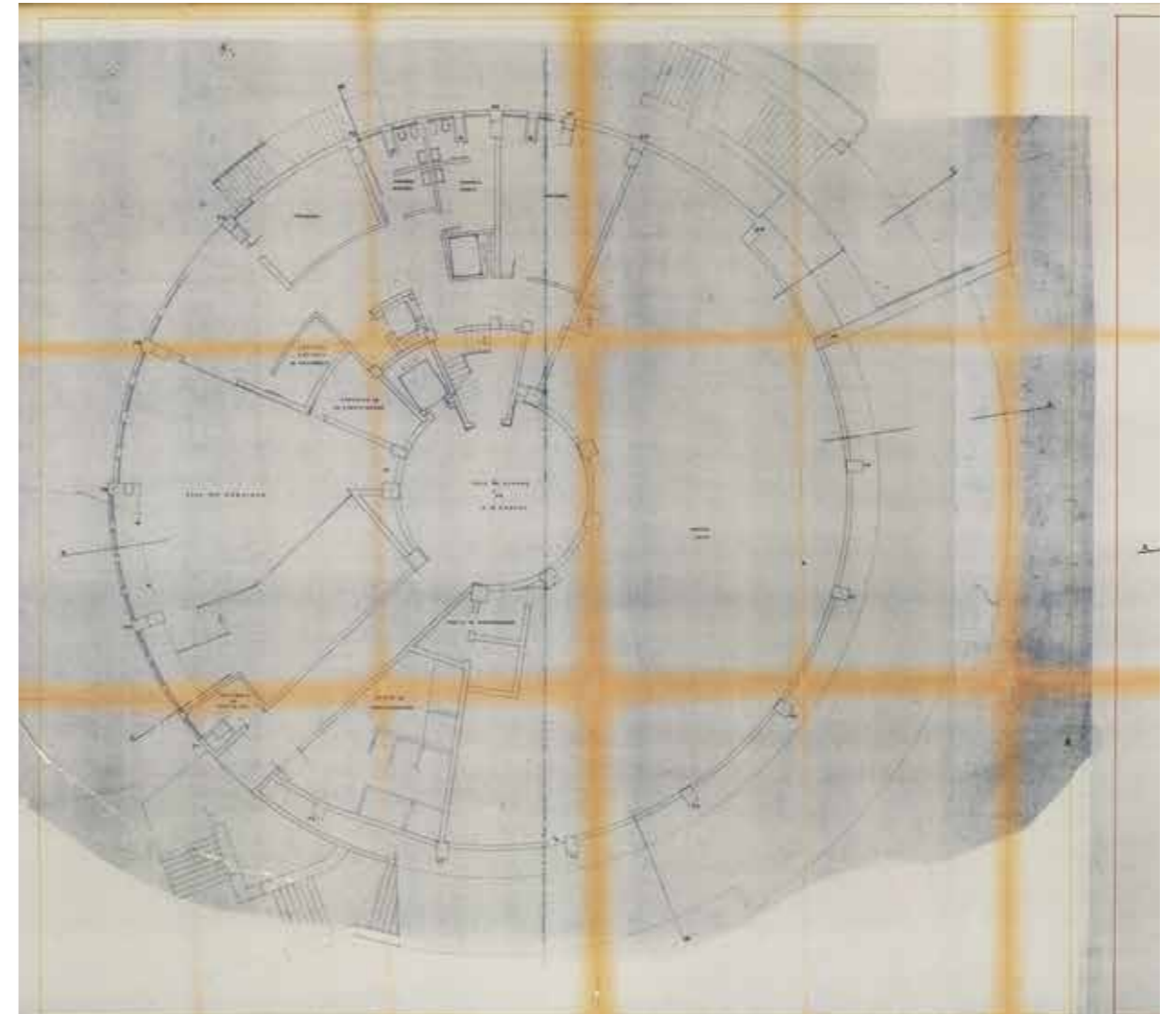
32N. Restaurante Panorâmico de Monsanto



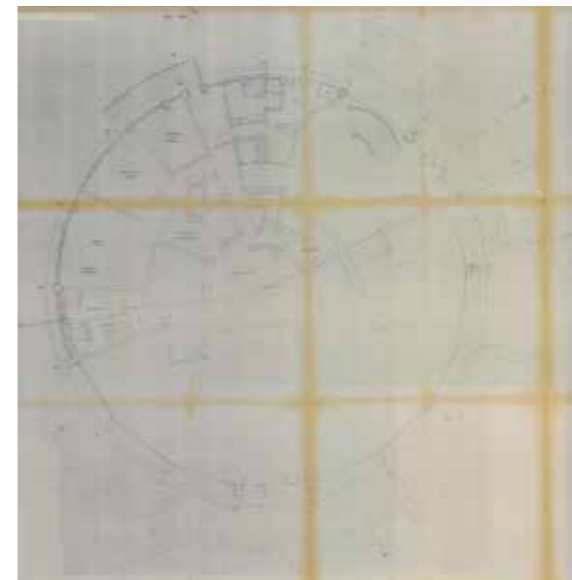
33N. Restaurante Panorâmico de Monsanto

282. Projeto Panorâmico, Planta Cota 192.40

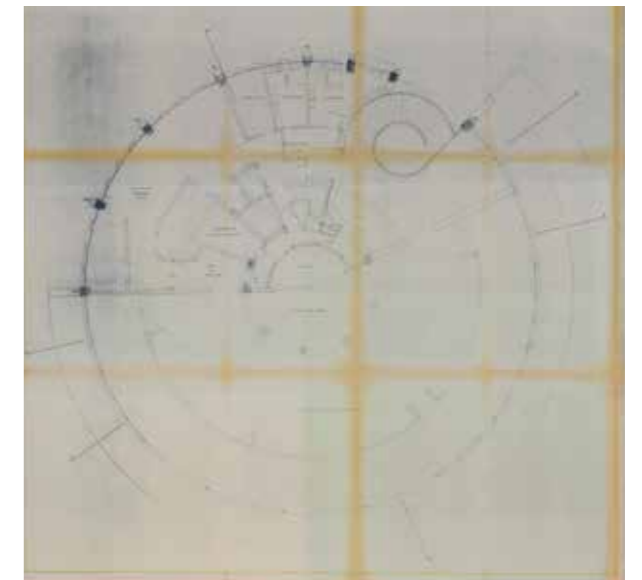
283. Projeto Panorâmico, Planta Cota 195.95



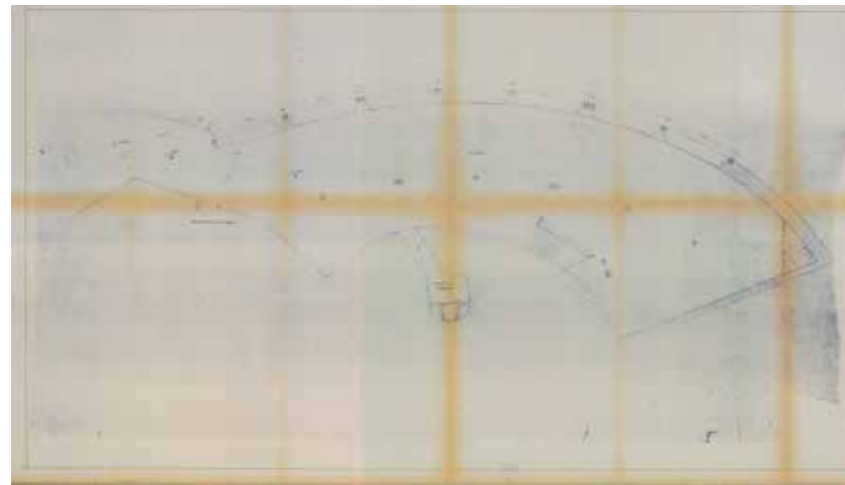
284.



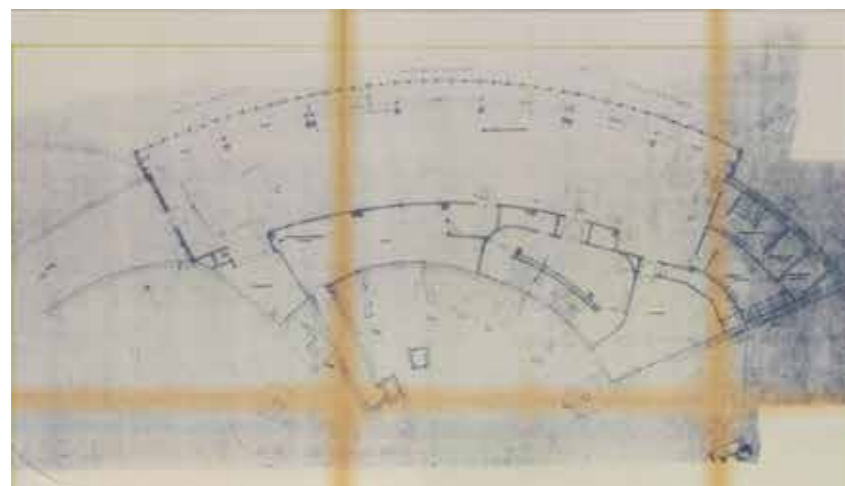
285.



286.



282.

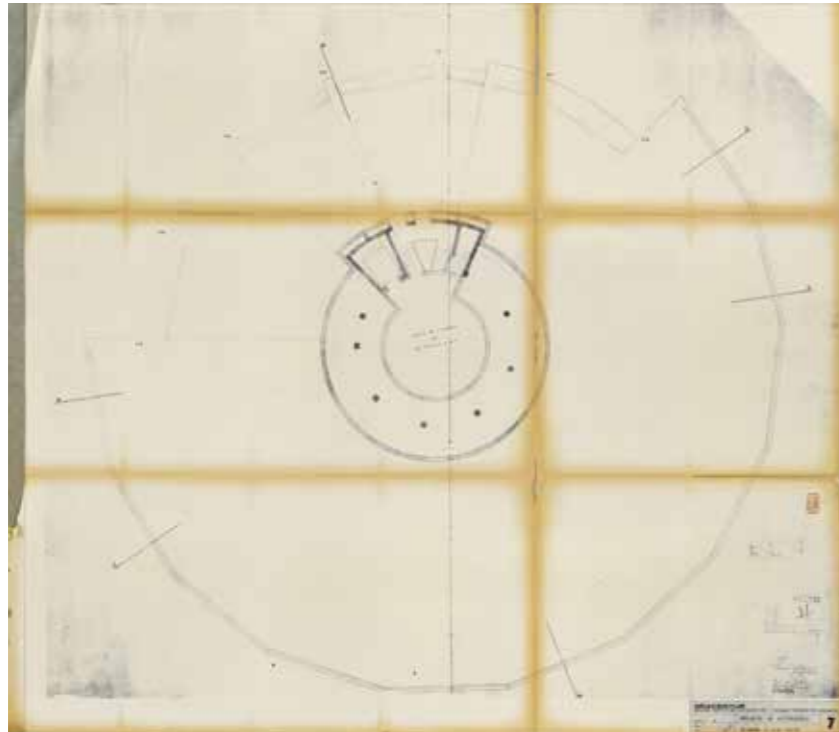


283.

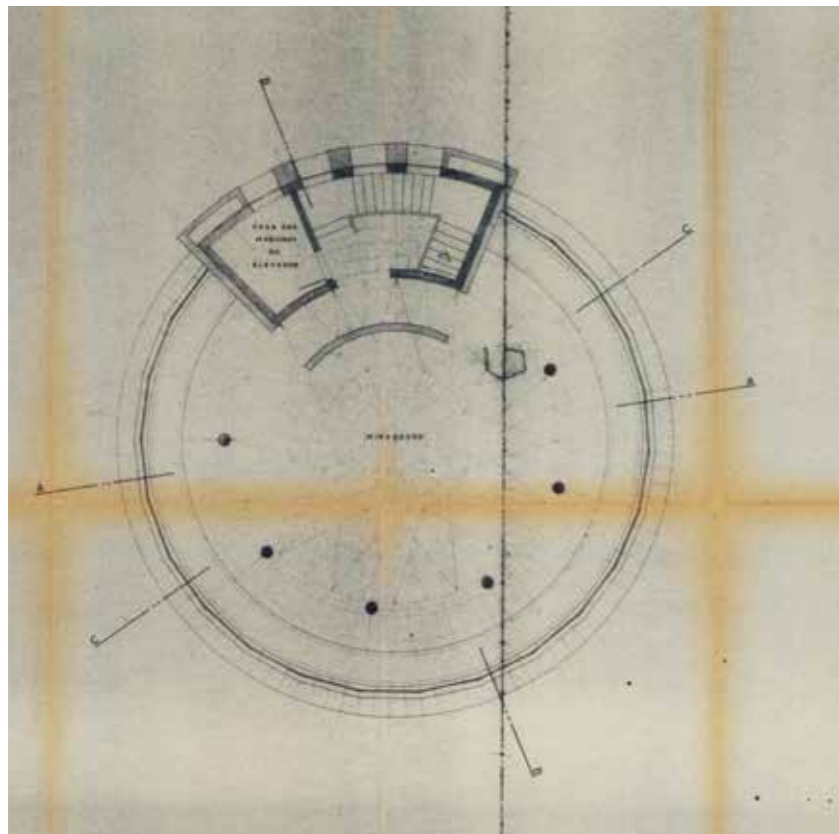
284. Projeto Panorâmico, Planta Cota 198.76

285. Projeto Panorâmico, Planta Cota 203.06

286. Projeto Panorâmico, Planta Cota 209.42



287.



288.

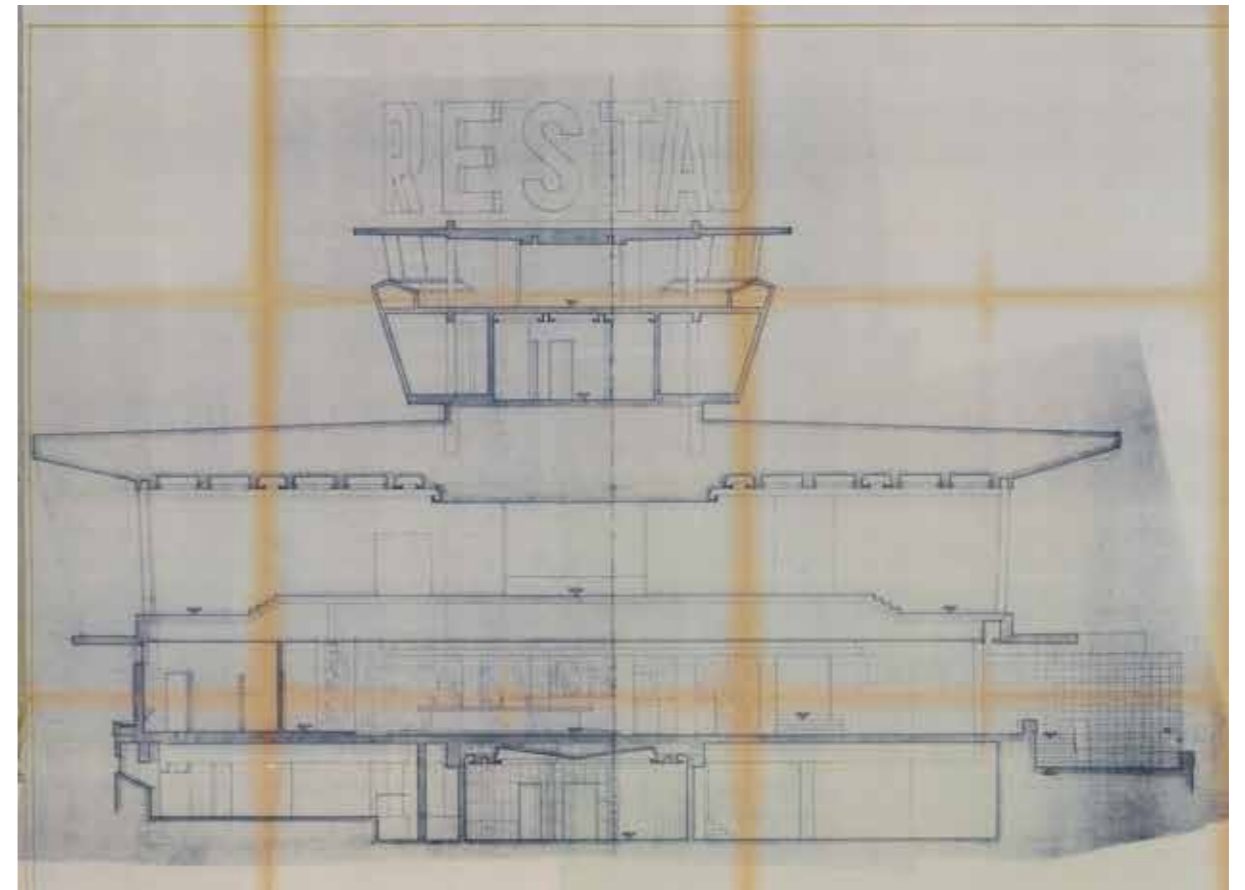


34N. Restaurante Panorâmico de Monsanto

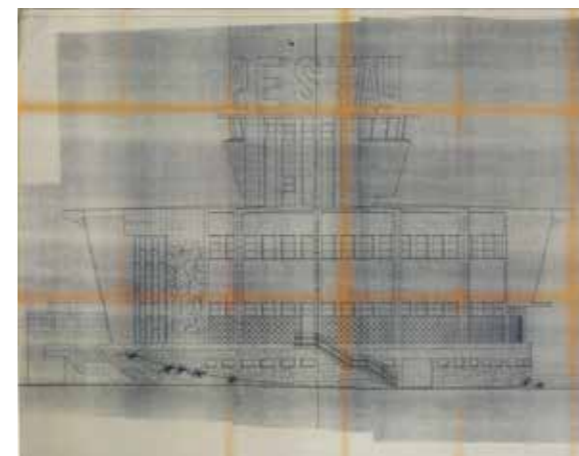


35N. Restaurante Panorâmico de Monsanto

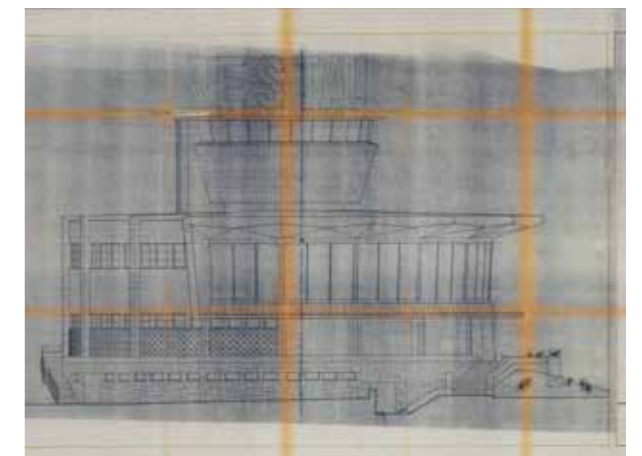
287. Projeto Panorâmico, Planta Cota 214.74
288. Projeto Panorâmico, Planta Cota 218.14



289.



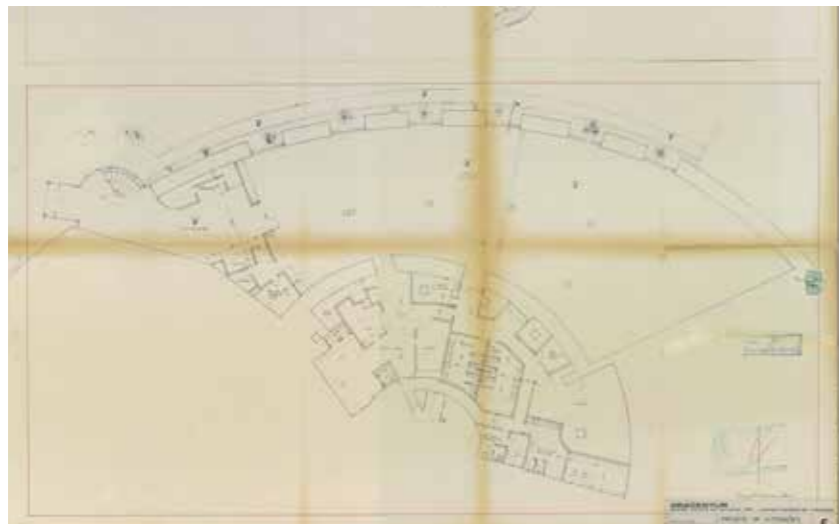
290.



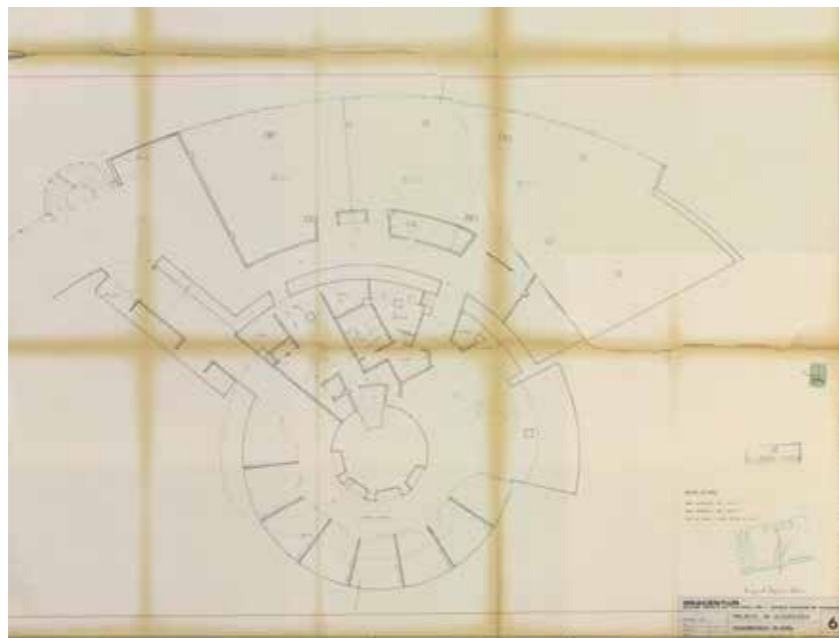
291.

289. Projeto Panorâmico, Corte
290. Projeto Panorâmico, Alçado Norte/ Poente
291. Projeto Panorâmico, Alçado Sul / Poente

Projeto de Ampliação



292.



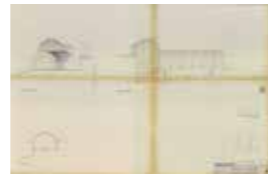
293.



36N. Projeto Panorâmico,
Planta da Galeria Cota 199.45

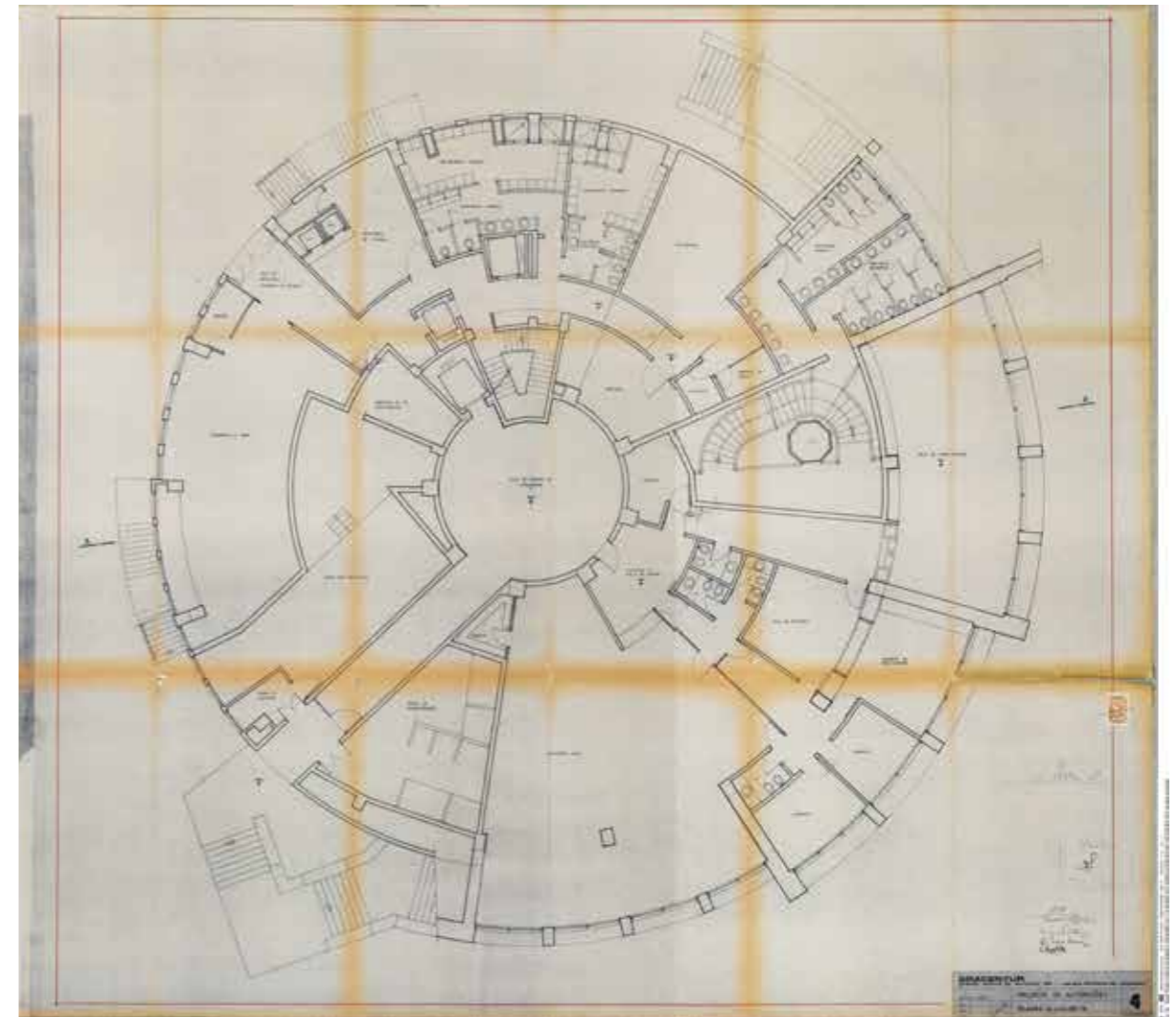


37N. Projeto Panorâmico,
Planta da Galeria Cota 199.45

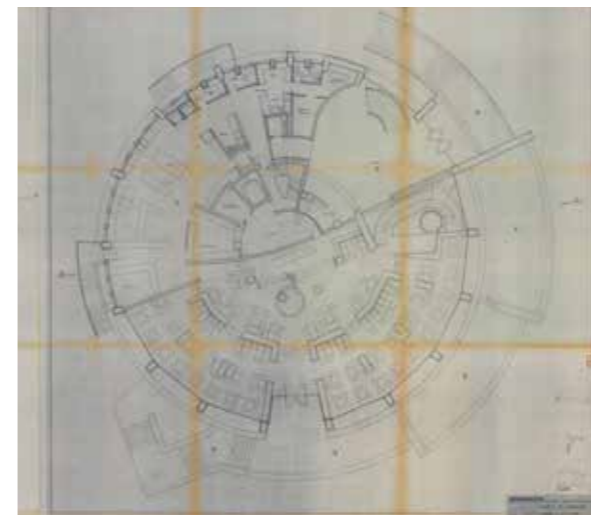


38N. Projeto Panorâmico,
Alçado/Corte Galeria

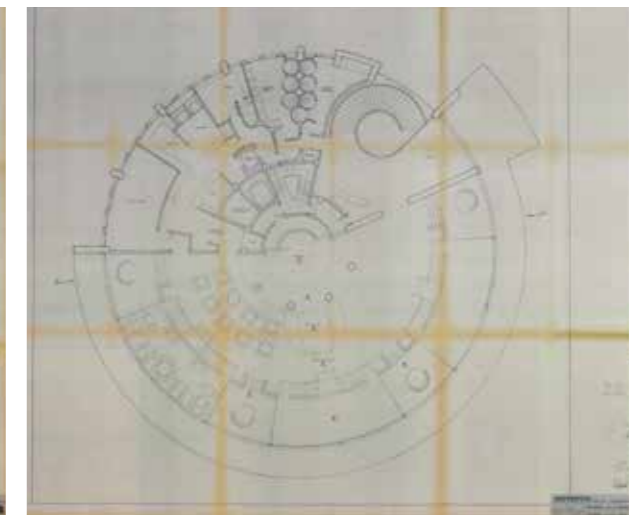
292. Projeto Panorâmico,
Planta Cota 192.40
293. Projeto Panorâmico,
Planta Cota 195.95



294.

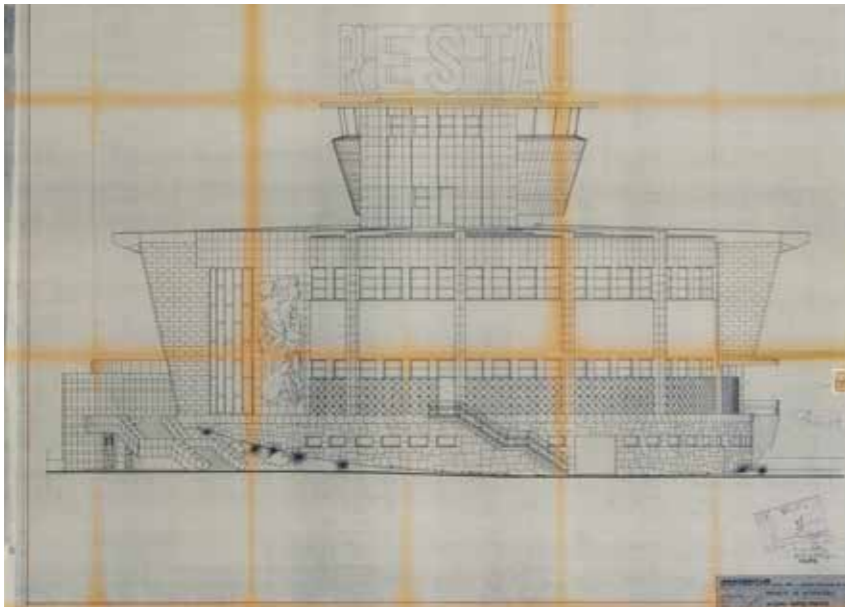


295.

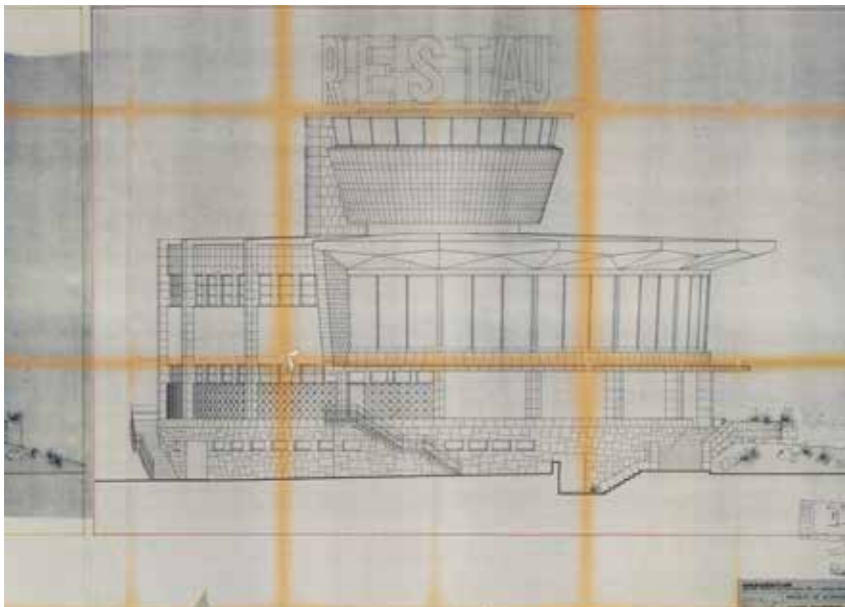


296.

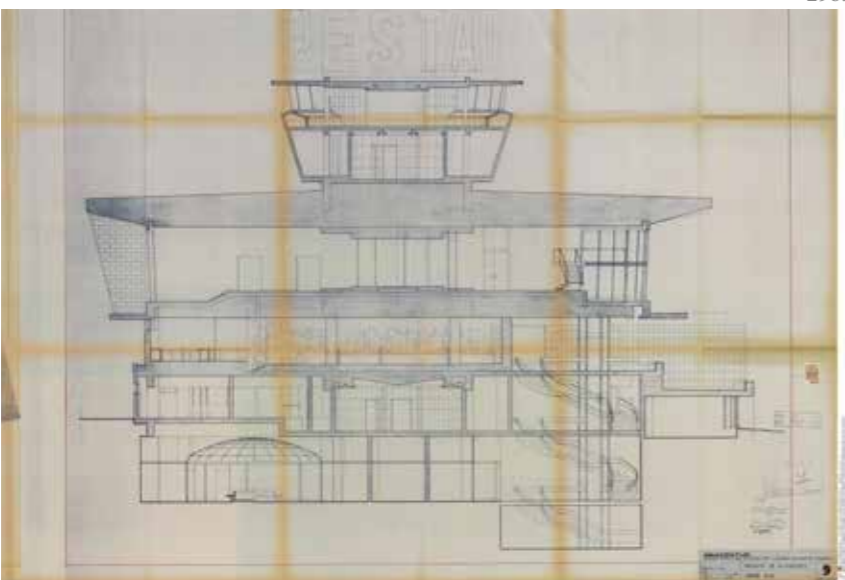
294. Projeto Panorâmico,
Planta Cota 198.76
295. Projeto Panorâmico,
Planta Cota 203.06
296. Projeto Panorâmico, Plan-
ta Cota 209.42



297.



298.



299.



39N. Memória Descritiva



40N. Memória Descritiva

- 297. Projeto Panorâmico, Alçado Norte/ Poente
- 298. Projeto Panorâmico, Alçado Sul / Poente
- 299. Projeto Panorâmico, Corte



300.



301.



302.

300| 301| 302. Restaurante Panorâmico



303.



304.



305.



306.



307.

303| 304| 305| 306| 307. Panorâmico



308.



309.



310.

308| 309| 310. Restaurante Panorâmico



311.



312.



313.



314.



315.



316.



317.



318.



319.



320.

311| 312| 314| 315| 316| 317| 318| 319| 320. Restaurante Panorâmico

Miradouros

Os miradouros assumem um papel central na relação entre a paisagem natural e a cidade de Lisboa. Um miradouro é, por definição, um local estrategicamente situado em altitude, que permite a observação de uma vasta área envolvente.

Em Monsanto, existem atualmente doze miradouros identificados, implantados entre as cotas dos 85 metros e dos 224 metros de altitude²⁴.

Dos doze miradouros existentes, seis estão diretamente ligados ao projeto desenvolvido por Francisco Keil do Amaral. São esses o Miradouro da Luneta dos Quartéis, o Miradouro dos Moinhos do Mocho, o Miradouro do Moinho do Alfêres (ou Penedo), o Miradouro de Montes Claros, o Miradouro Keil do Amaral e o Panorâmico de Monsanto²⁵. No entanto, é importante sublinhar que o edifício do Panorâmico que veio a ser executado não corresponde ao projeto original de Keil do Amaral, tendo sido desenhado mais tarde por José Chaves da Costa²⁶.

Além destes, há ainda registo de dois miradouros que foram projetados, mas nunca chegaram a ser construídos: o Miradouro da Ponte e o Padrão Miradouro²⁷.

O Miradouro da Luneta dos Quartéis situa-se a 178 metros de altitude, e resulta da requalificação de uma antiga posição militar do Campo Entrincheirado de Lisboa²⁸. Este sistema defensivo foi desenvolvido entre o final do século XIX e o início do século XX, com o objetivo de proteger a capital portuguesa de possíveis invasões, formando uma linha fortificada em torno da cidade²⁹. A Luneta³⁰ dos Quartéis é um dos poucos vestígios ainda visíveis desta rede, juntamente com o Forte de Monsanto e o Forte do Alto do Duque, que hoje têm funções civis e militares distintas. Também parte integrante do Campo Entrincheirado, o Baluarte³¹ de Montes Claros foi requalificado. A uma altitude de 189 metros, transformou-se no atual Miradouro e Casa de Chá de Montes Claros, perdendo, ao longo do tempo, os traços militares da sua origem³². Esta transição ilustra bem o espírito do projeto de Keil do Amaral, que visava reutilizar estruturas existentes e adaptá-las a novas funções sociais e culturais³³.

Ainda neste espírito da reutilização de estruturas existentes, os miradouros dos Moinhos do Mocho e do Moinho do Alfêres situam-se a 170 e 160 metros de altitude, respetivamente. As estruturas dos mesmos estão ligadas à história agrícola da Serra de Monsanto, que, até ao início do século XX, foi uma zona de cultivo de cereais e de intensa atividade

24 Ferreira, L. (2019). Miradouros de Lisboa: História e paisagem urbana. Edições CML.

25 Amaral, F. K. do. (1965). Parque Florestal de Monsanto: Plano de urbanização e equipamento. Câmara Municipal de Lisboa.

26 Nascido em 1922, Carlos Odemiro Chaves Costa foi um arquiteto português ativo nas décadas de 1950 a 1970. Carlos foi responsável por diversas obras públicas e projetos de equipamentos urbanos na região de Lisboa. O seu projeto mais conhecido é, sem dúvida, o Panorâmico de Monsanto. No entanto, também fez parte de outros grandes projetos como a ampliação do edifício da Caixa Geral de Depósitos em Viseu.

27 Costa, M. (2020). Arquitetura e paisagem em Lisboa: O caso de Monsanto (Dissertação de mestrado). Universidade de Lisboa – Faculdade de Arquitetura.

28 O Campo Entrincheirado de Lisboa foi um sistema defensivo construído no final do século XIX para proteger a cidade de ataques terrestres e marítimos. Estendia-se de Sacavém a Caxias, articulado pela Estrada Militar (ou Estrada da Circunvalação). O Campo Entrincheirado era composto por vários fortes, redutos e outras fortificações secundárias, incluindo o Forte de Monsanto, Forte do Alto do Duque e a Luneta dos Quartéis.

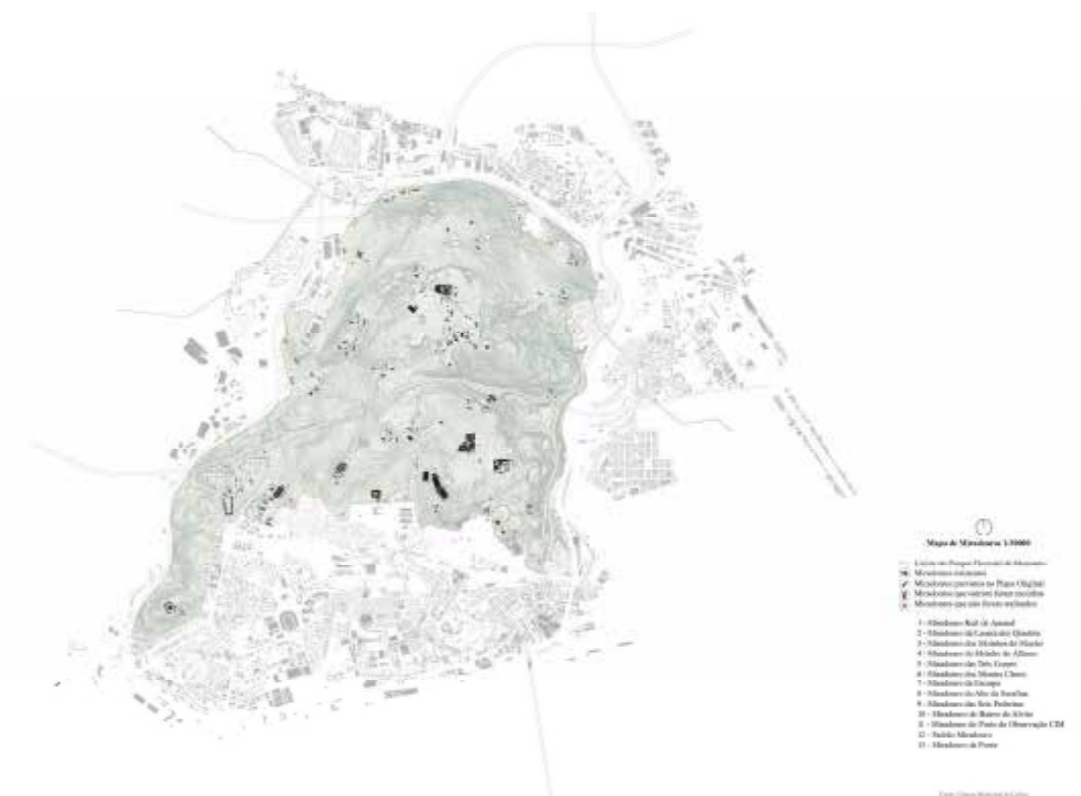
29 Silva, J. C. (2010). A defesa de Lisboa: O Campo Entrincheirado e a cidade fortificada. Edições Colibri.

30 Estrutura defensiva de pequeno porte, com forma semelhante a um baluarte. Situa-se fora da fortificação com o objetivo de permitir uma melhor e mais ampla visão sobre o território e sobre as ameaças inimigas.

31 Estrutura defensiva, semelhante a uma Luneta. Parte integrante ou muralha da fortificação. Permite a visualização do terreno mas o principal objetivo é o fogo cruzado e proteção da fortificação.

32 Tostões, A. (1998).

33 Amaral, F. K. do. (1965). Parque Florestal de Monsanto: Plano de Urbanização e Equipamento. CML.



rural³⁴. Os moinhos de vento eram utilizados para a moagem de trigo e outros cereais, aproveitando as elevações da serra para captar o vento. Keil do Amaral integrou estes elementos pré-existentes no desenho do parque, transformando-os em pontos de fruição paisagística, preservando assim a sua memória.

O Miradouro Keil do Amaral, localizado na vertente sul da serra a cerca de 170 metros de altitude, foi assim designado em homenagem ao arquiteto. Este espaço celebra o papel fundamental do arquiteto na conceção e desenvolvimento do Parque Florestal de Monsanto. A escolha da localização privilegia a vista sobre Lisboa e o rio Tejo.

Projetado inicialmente por Keil, o Panorâmico de Monsanto foi na realidade executado segundo um projeto distinto, encomendado pelo então presidente da Câmara Municipal de Lisboa, General França Borges, ao arquiteto José Chaves da Costa. O edifício foi construído entre 1967 e 1968, a 205 metros de altitude, e funcionou como restaurante panorâmico durante um curto período. Apesar da sua posterior degradação e abandono, tornou-se um marco urbano e paisagístico no Parque.

Por fim, os dois miradouros previstos no plano original, mas nunca construídos: o Padrão Miradouro e o Miradouro da Ponte. O projeto do Teatro ao Ar Livre e Padrão Miradouro foi concebido por Keil do Amaral entre 1943 e 1948, como homenagem a Duarte Pacheco³⁵ - falecido em 1943³⁶. Este conjunto incluiria um teatro com capacidade para oito mil pessoas e um miradouro com uma ampla vista sobre a cidade³⁷. Quanto ao Miradouro da Ponte, previa-se um ponto de observação virado para a então futura ponte sobre o Tejo (hoje Ponte 25 de Abril), mas o projeto nunca foi executado.

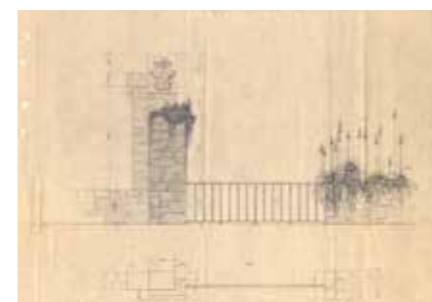
A maioria destes miradouros encontra-se atualmente degradadas, devido à falta de manutenção e ao crescimento descontrolado da vegetação, que obstrui em muitos casos as vistas panorâmicas.

34Costa, M. (2020). Arquitetura e paisagem em Lisboa: O caso de Monsanto (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa.

35 Duarte Pacheco (1899-1943) foi um engenheiro e político português, conhecido pela sua atuação como Ministro das Obras Públicas no governo de Oliveira Salazar, durante o Estado Novo. Ele foi uma figura central no desenvolvimento de infraestruturas em Portugal, incluindo estradas, correios, comunicações, e a criação de novos bairros urbanos, o Parque Florestal de Monsanto, o Estádio Nacional e a Cidade Universitária de Lisboa.

36Tostões, A. (1998), p. 208.

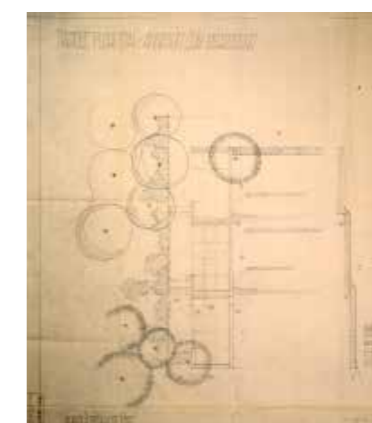
37Tostões, A. (2009).



321.



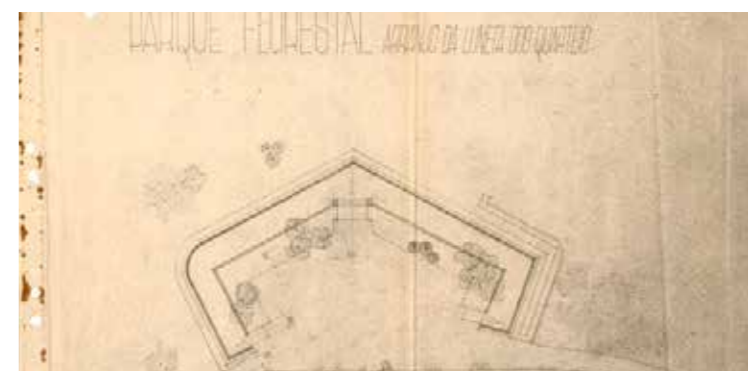
322.



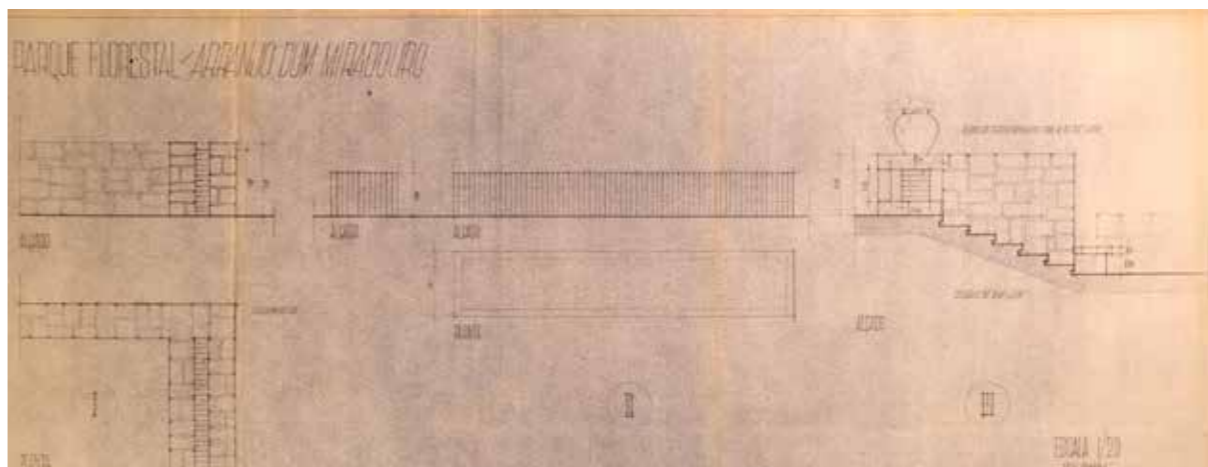
323.



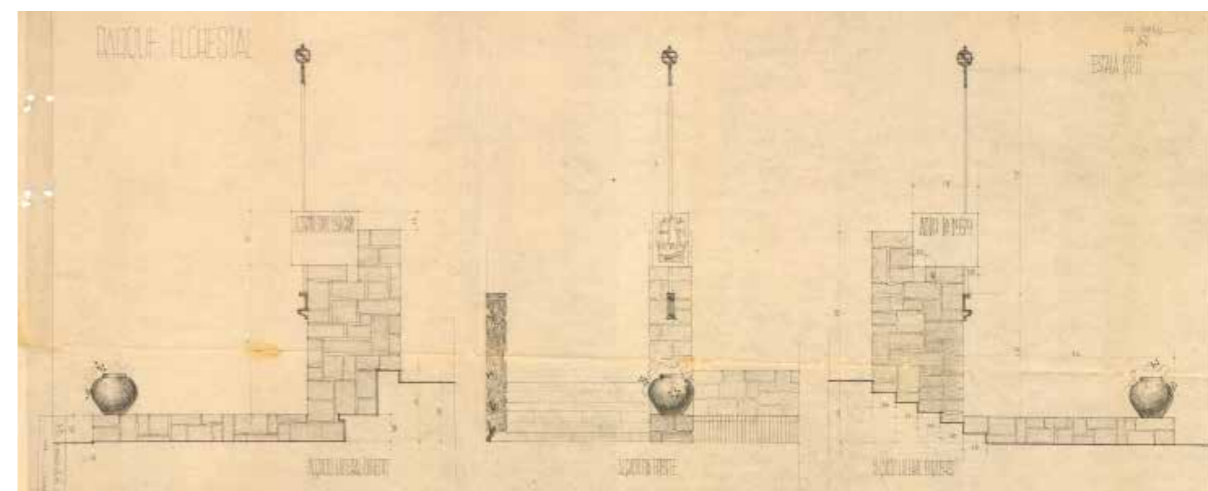
324.



325.



326.



327.

321. Miradouro Pedreira do Penedo, Pormenor da Planta e Alçado

322. Miradouro Moinho do Alfêres, Alçado e planta.

323. Plantas e Alçados do actual Miradouro Keil do Amaral.

324. Miradouro dos Moinhos do Mocho.

325. Miradouro Luneta dos Quarteis.

326. Plantas e Alçados de Miradouro.

327. Miradouro Moinho do Alfêres



328.

328. Miradouro dos Moinhos do Mocho, 1940
 329. Miradouro de Montes Claros
 330. Miradouro da Luneta dos Quartéis



329.



330.

331. Miradouro do Moinho do Penedo
 332. Miradouro dos Moinhos do Mocho
 333. Miradouro do Moinho dos Alfêres
 334. Miradouro dos Moinhos do Mocho



331.



332.



333.



334.

335. Miradouro da Luneta dos Quartéis, Arq. Keil do Amaral



335.

- 336. Miradouro Montes Claros, Arq. Keil do Amaral
- 337. Miradouro Montes Claros, Arq. Keil do Amaral
- 338. Miradouro da Luneta dos Quartéis, Arq. Keil do Amaral
- 339. Miradouro do Moinho do Penedo, Arq. Keil do Amaral
- 340. Miradouro dos Moinhos do Mocho, Arq. Keil do Amaral



336.



337.



338.



339.



340.

Sinalética

341. ©Arquivo Municipal de Lisboa | PT/AMLSB/CMLS-BAH/PCSP/004/SOU/000040



41N. Parque Florestal de Monsanto, sinalização.



42N. Parque Florestal de Monsanto, sinalização.



341.

342. Marcos de Sanalização
 343. Marcos de Sanalização
 344. Marcos de Sanalização
 345. Marcos de Sanalização
 346. Paragem de autocarro



342.



343.



344.



345.



346.

347. 7230054,-
 9.174842055555555, altitude:
 93.317
 348. 7368175,-
 9.174170277777778, altitude:
 392.368

Fotografias da atualidade do Parque Florestal de Monsanto



347.



348.

3 4 9 . 7 2 4 9 2 8 9 , -
 9.206969191666666, altitude:
 315.879
 3 5 0 . 7 1 3 3 2 7 4 , -
 9.203068441666666, altitude:
 218.938
 3 5 1 . 7 1 8 8 5 7 5 , -
 9.185797830555556, altitude:
 212.709
 3 5 2 . 7 2 3 2 6 2 , -
 9.195502997222222, altitude:
 333.994
 3 5 3 . 7 0 2 7 9 6 4 , -
 9.219685555555555, altitude:
 251.726



349.



350.



352.



351.



353.



354.

3 5 4 . 7 0 4 8 4 8 8 , -
9.17927238611111, altitude:
211.422
3 5 5 . 7 0 2 5 0 4 2 , -
9.21933899722222, altitude:
248.526
3 5 6 . 7 2 4 9 2 8 9 , -
9.206969191666666, altitude:
315.879
3 5 7 . 7 1 3 3 2 7 4 , -
9.203068441666666, altitude:
218.938



355.



356.



357.

3 5 8 . 7 1 8 8 5 7 5 , -
9.185797830555556, altitude:
212.709
3 5 9 . 7 2 3 2 6 2 , -
9.19550299722222, altitude:
333.994
3 6 0 . 7 0 2 7 9 6 4 , -
9.219685555555555, altitude:
251.726
361 .7383309,-
9.176363583333332, altitude:
352.568



358.



359.



360.



361.



362.

3 6 2 . 7 1 7 1 5 3 , -
9.20208586111111, altitude:
343.189
3 6 3 . 7 2 5 5 7 3 6 , -
9.203620555555554, altitude:
357.479
3 6 4 . 7 2 5 6 8 3 1 , -
9.208791388888889, altitude:
164.379



365.



366.



367.



363.



364.

3 6 5 . 7 2 4 8 6 5 3 , -
9.193870944444445, altitude:
466.594
3 6 6 . 7 2 2 6 3 4 4 , -
9.196795555555555, altitude:
375.094
367.7025041,-9.219339, alti-
tude: 248.526
3 6 8 . 7 3 3 0 8 5 8 , -
9.177905555555554, altitude:
363.478



368.



369.

3 6 9 . 7 0 2 5 0 4 2 , -
9.219338997222222, altitude:
248.526
3 7 0 . 7 1 3 8 6 4 4 , -
9.196794444444444, altitude:
287.064
3 7 1 . 7 2 3 3 8 1 7 , -
9.197679444444445, altitude:
373.494



370.



371.

3 7 2 . 7 3 3 0 8 5 6 , -
9.177905944444444, altitude:
391.178
3 7 3 . 7 1 1 0 5 2 8 , -
9.209325305555556, altitude:
278.909
3 7 4 . 7 2 2 6 3 0 6 , -
9.196795833333333, altitude:
373.294



372.



373.



374.

Atualidade

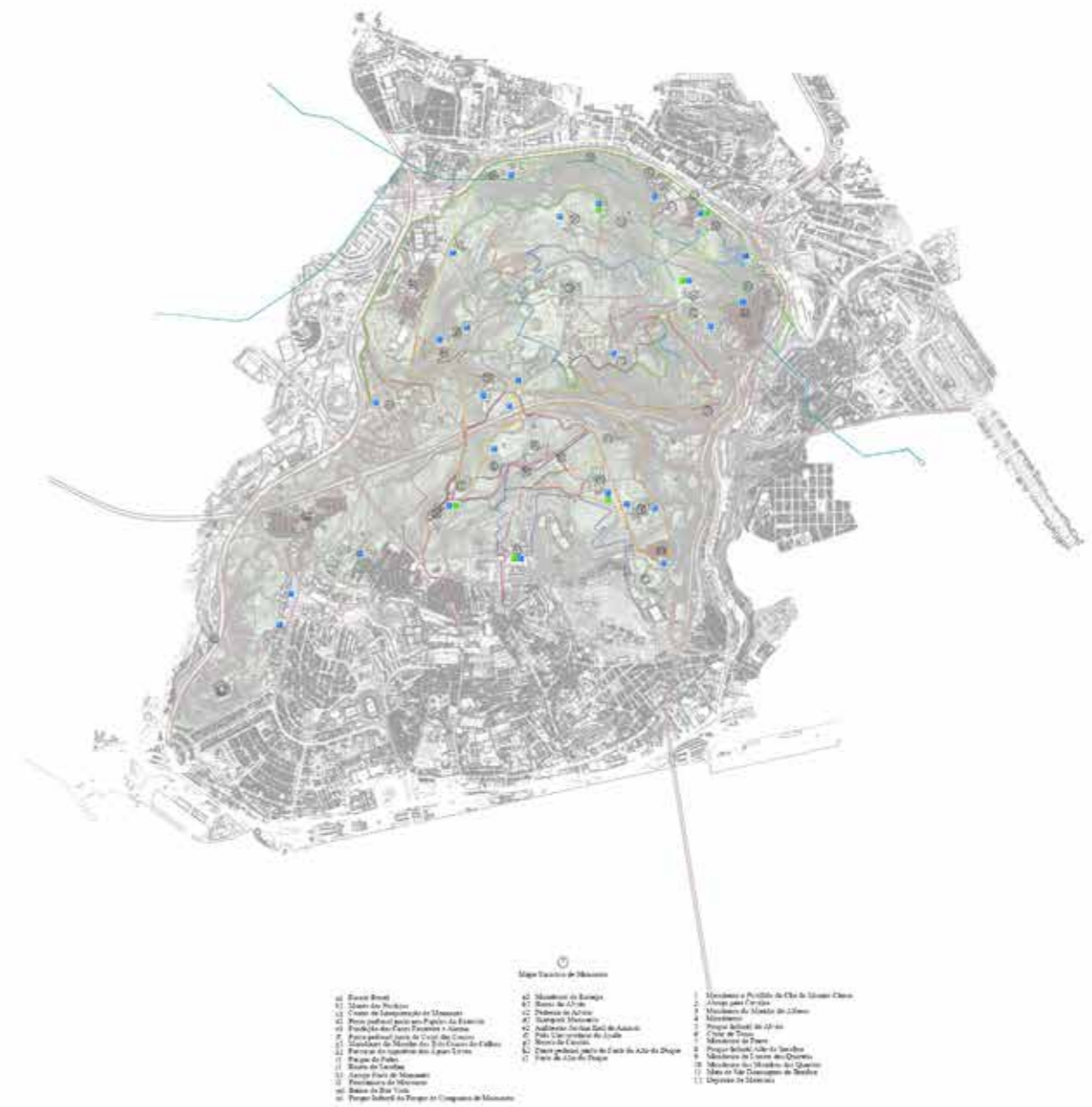
O programa proposto pelo arquiteto Keil do Amaral para o Parque Florestal de Monsanto tem sofrido várias alterações ao longo dos anos, tornando-se cada vez mais evidente o distanciamento entre o que conhecemos atualmente como Parque Florestal de Monsanto e a visão proposta pelo arquiteto.

A parcial concretização do plano original, a falta de uma requalificação digna dos edifícios pertencentes ao mesmo, a ausência de manutenção, o abandono de espaços e a crescente edificação do Parque, bem como a lacuna na compreensão das características inicialmente traçadas por Keil do Amaral, evidenciam a carência de unidade, aumentando consequentemente a sua fragmentação e comprometendo a intenção do plano inicialmente proposto.

Atualmente o Parque acolhe um total de doze dos quinze projetos inicialmente propostos pelo arquiteto em questão, no entanto, como já referido anteriormente, trata-se apenas de uma pequena parte reduzida dos vários edifícios que foram surgindo dispersamente ao longo do pulmão verde da cidade.

O presente mapa pretende sintetizar e organizar, de forma clara, as diferentes atividades, locais, bairros e infraestruturas distribuídos pelo parque, assim como vias, estacionamentos de automóveis, trilhos e pistas florestais que surgem como possíveis percursos até aos mesmos.

Com o intuito de facilitar a leitura e orientação do mapa, optou-se por dividir o mesmo em duas partes – Zona Norte e Zona Sul –, separadas pela autoestrada A5. Na Zona Norte, os pontos estão identificados com a numeração de a1 a n1, na Zona Sul de a2 a i2, estando também assinalados os projetos realizados por Keil do Amaral, identificados com os números de 1 a 12.





375.



376.



377.



378.

375. Travessa Francisco Re-
zende, vista para o Aqueduto
das Águas Livres.
376. Travessa Francisco Re-
zende, vista nascente.
377. Travessa Francisco Re-
zende, vista do Aqueduto das
Águas Livres e alçado princi-
pal (sul) da Escola do Beiral.
378. Travessa Francisco Re-
zende, vistazona de recreio
nascente da Escola do Beiral
com vista para a 2ª circular



379.



280.



381.



382.



383.



384.

379. Parque infantil no Monte
das Perdizes, vista nascente.
380. Zona de merendas no
Monte das Perdizes, vista
poente.
381. Vista para “O Clube Mon-
santo Secret Spot”, direção
nascente.
382. Centro de interpretação de
Monsanto, vista para a estrada
Barcal.
383. Avenida Tenente Martins,
vista sobre o antigo Forte de
Monsanto, atual estabeleci-
mento prisional, direção Norte
384. Residência no Monte das
Perdizes, vista poente.



385.



386.



387.



388.

- 385. Jardim do Palácio Marquesses da Fronteira, sala de refresco
- 386. Vista do Jardim do Palácio Marquesses da Fronteira, direção Poente
- 387. Vista exterior da Fundação das Casas Fronteira e Alorna
- 388. Vista do Jardim do Palácio Marquesses da Fronteira, direção Nascente



389.



392.



393.



390.



391.



394.

- 389. Vista do Jardim do Palácio Marquesses da Fronteira sobre São Domingos de Benfica, direção Nascente
- 390. Vista da Ponte pedonal da rua de S. Domingos de Benfica, direção Sul para a Quinta do Lameiro.
- 391. Rua António Macedo, Bairro do Casal das Cruzes, direção Sul
- 392. Rua de São Domingos de Benfica, vista da ponte pedonal de S. Domingos de Benfica, direção Nascente
- 393. Vista da Quinta do Lameiro, direção Sul
- 394. Rua António Macedo, Bairro do Casal das Cruzes, direção Norte



395.



396.



397.

395. Miradouro do Moinho das Três Cruzes do Calhau, vista aérea direção poente.

396. Miradouro do Moinho das Três Cruzes do Calhau, vista do interior do moinho.

397. Miradouro do Moinho das Três Cruzes do Calhau, vista da entrada do moinho direção poente.



398.



399.



400.



401.



402.



403.



404.



405.



406.

398. Bairro da Serafina, Rua dos Arcos, vista direção Sul junto do Aqueduto.

399. Vista sobre o Aqueduto, direção Campo de Ourique.

400. Vista do percurso pedonal do Aqueduto, vista direção poente.

401. Vista do percurso pedonal do Aqueduto, direção para a fonte de água potável

402. Parque da Pedra, vista para o percurso de arborismo, direção sudoeste.

403. Parque da Pedra, vista para o percurso de arborismo, direção noroeste.

404. Parque da Pedra, vista para o percurso de arborismo.

405. Parque da Pedra, vista para o percurso de arborismo.

406. Parque da Pedra, direção da vista para zona norte.



407.



408.



409.



410.



411.

407. Bairro da Serafina, interseção da rua Padre José Gallea com a Rua Igreja, vista direção nascente.

408. Bairro da Serafina, Rua da Samaritana, vista direção nascente.

409. Bairro da Serafina, Rua Padre Domingos Maurício dos Santos, vista direção poente.

410. Bairro da Serafina, Rua Igreja, vista direção sul para Campolide.

411. Bairro da Serafina, Rua Igreja, vista direção sul para Campolide.



412.



414.



415.



417.



413.



416.



418.

412. Bairro da Serafina, Rua Igreja, vista direção poente para Monsanto.

413. Bairro da Boa Vista, Rua das Magnólias, vista direção poente.

414. Estrada do Outeiro, junto do Bairro da Boa Vista, vista direção poente.

415. Estrada do Outeiro, vista direção norte.

416. Bairro da Boa Vista, Rua das Magnólias para Rua 4, vista direção sul.

417. Bairro da Boa Vista, Rua das Magnólias para Rua 4, vista direção norte.

418. Bairro da Boa Vista, Rua das Magnólias, vista direção nascente para Monsanto.



419.

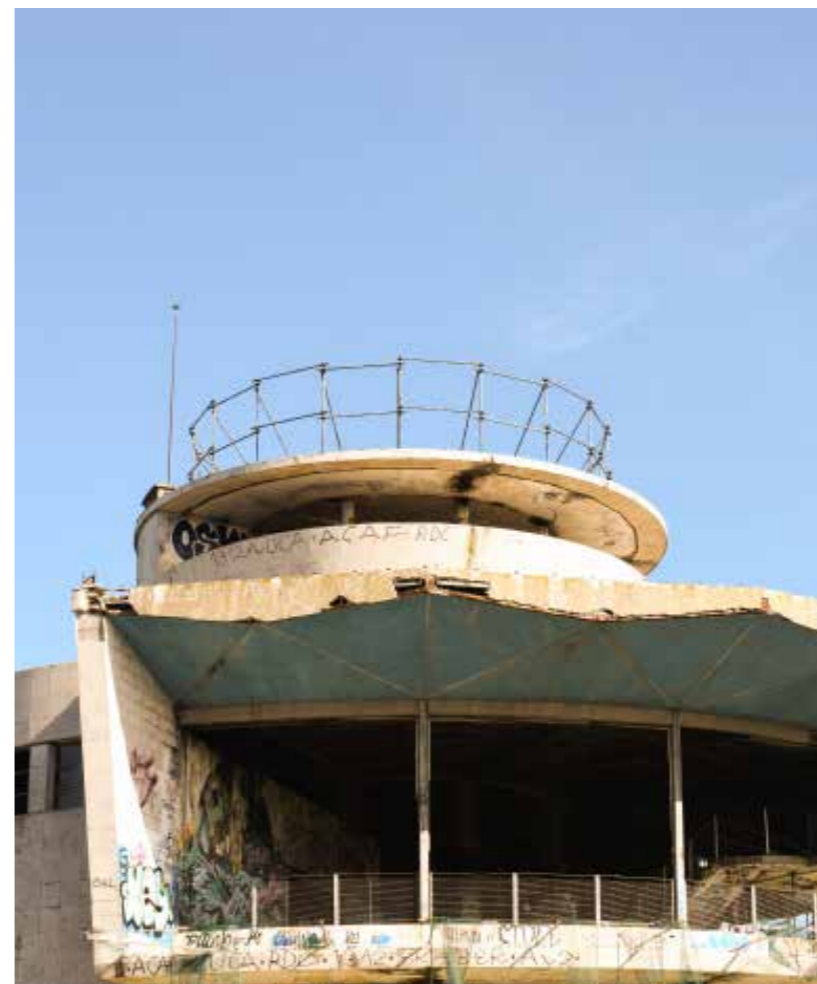


420.



421.

419. Vista interior do edifício Norte do Tazte Secret Spot
 420. Vista do Tazte Secret Spot sobre a fachada nascente do edifício Norte, direção poente
 421. Vista do Tazte Secret Spot junto da fachada nascente do edifício Norte, direção nascente



422.



423.



424.

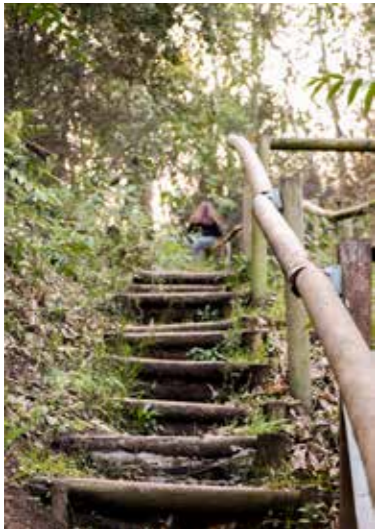


425.



426.

422. Estrada da Bela Vista, vista do Panorâmico de Monsanto, direção Nascente
 423. Estrada da Bela Vista, vista do Panorâmico de Monsanto, direção Norte
 424. Estrada da Circunvalação, vista do Parque Municipal de Campismo de Monsanto, Lisboa Camping, direção Nascente
 425. Estrada da Circunvalação, vista do Parque Municipal de Campismo de Monsanto, Lisboa Camping, edifício de receção, direção Nascente
 426. Estrada da Circunvalação, vista do Parque Municipal de Campismo de Monsanto, Lisboa Camping, direção Nascente



427.

427. Percurso pedonal até ao Miradouro da Escarpa, vista direção sul.
428. Miradouro da Escarpa, vista direção sul.
429. Casa dos animais de Lisboa, vista direção poente.



428.



429.



430.



433.



431.



432.



434.



435.

430. Bairro do Alvito, Estrada Estrangeira, vista direção poente.
431. Bairro do Alvito, Estrada Estrangeira, vista direção poente.
432. Miradouro do Bairro do Alvito, vista da ponte 25 de Abril, vista direção sul.
433. Bairro do Alvito, vista direção poente.
434. Bairro do Alvito, vista da ponte 25 de Abril, direção sul.
435. Bairro do Alvito, vista do Teatro Lanterna Mágica, direção norte.



436.



437.

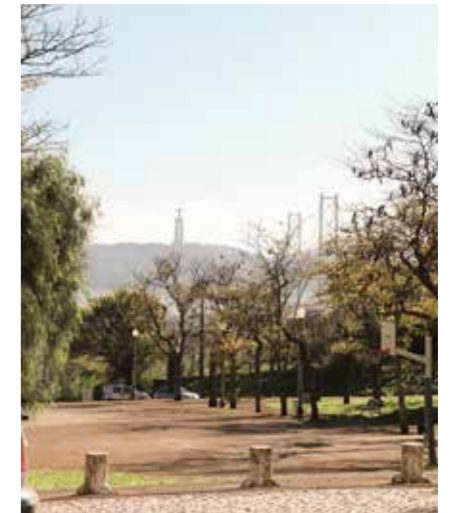


438.

436. Bairro do Alvito, Estrada Estrangeira, vista direção poente.
437. Bairro do Alvito, Estrada do Alvito, vista do rio Tejo, direção sul.
438. Bairro do Alvito, Estrada do Alvito, vista direção norte.



439.



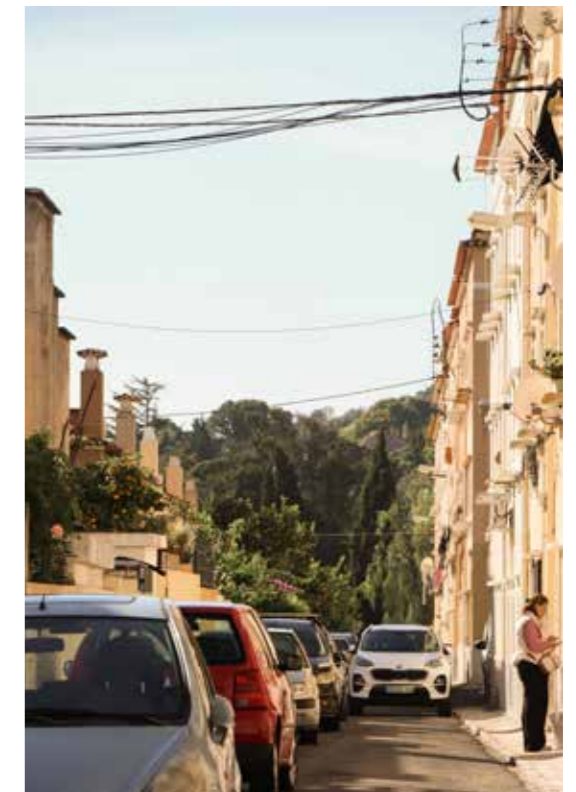
440.



441.



442.



443.

439. Jardim do Bairro do Alvito, vista do rio Tejo, direção sul.
440. Jardim do Bairro do Alvito, vista do rio Tejo, direção sul.
441. Bairro do Alvito, Estrada Estrangeira, vista direção norte.
442. Bairro do Alvito, Estrada Estrangeira, vista direção sul.
443. Bairro do Alvito, vista direção poente.



444.



445.



446.

444. Rua Francisco de Oliveira, vista da antiga Pedreira Casal do Alvito, direção norte.
 445. Rua Francisco de Oliveira, vista da antiga Pedreira Casal do Alvito, direção norte.
 446. Rua Francisco de Oliveira, vista da antiga Pedreira Casal do Alvito, direção nascente.



447.



448.



449.



450.



451.

447. Rua Marquês de Pombal, vista da antiga Pedreira Casal do Alvito, direção norte.
 448. Bairro do Alvito, Estrada do Alvito, vista sul.
 449. Bairro do Alvito, Estrada do Alvito, vista da antiga Pedreira Casal do Alvito, direção poente.
 450. Bairro do Alvito, Estrada do Alvito, vista da antiga Pedreira Casal do Alvito, direção sul.
 451. Skatepark na Alameda Keil do Amaral, vista direção norte.



452.



453.



454.



455.

452. Anfiteatro na Alameda Keil do Amaral, vista direção norte.

453. Alameda Keil do Amaral vista sobre a ponte 25 de Abril, direção sul.

454. Alameda Keil do Amaral, vista nascente.

455. Quiosque na Alameda Keil do Amaral, vista nascente.



456.



457.



458.



459.



460.

456. Avenida Universidade Técnica, vista da Faculdade de Medicina Veterinária, direção nascente.

457. Avenida Universidade Técnica, vista da ponte 25 de Abril, direção sul.

458. Avenida Universidade Técnica, vista do Parque Florestal de Monsanto, direção nascente.

459. Avenida Universidade Técnica, vista nascente.

460. Avenida Universidade Técnica, vista poente.

461. Estrada de Queluz, vista poente.
 462. Avenida Universidade Técnica, vista aproximada da Faculdade de Medicina Veterinária, direção nascente.



463.



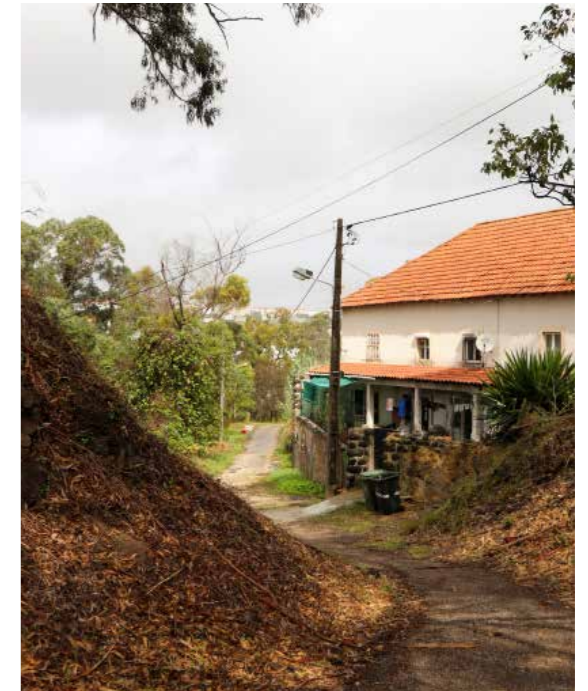
464.



461.



465.



466.



462.

463. Rua Margiochis, vista aproximada de Caselas, direção Sul
 464. Rua António Janeiro, Caselas, vista aproximada do Moinho de Caselas, direção Norte
 465. Rua do Manuelzinho d'Arcolena, Caselas, direção poente.
 466. Rua Azinhaga Marinheira, direção Norte
 467. Vista aproximada Rua Padre Reis Lima, direção Sul
 468. Rua António Janeiro, Caselas, vista do Moinho de Caselas, direção Norte
 469. Rua do Manuelzinho d'Arcolena, Caselas, vista para a autoestrada A5, direção Poente.



467.



468.



469.

470. Ponte do Alto do Duque, rua António Luís Gomes, vista nascente.
 471. Ponte do Alto do Duque, rua António Luís Gomes, vista poente.



472.



473.



470.



474.



475.



471.

472. Rua António Luís Gomes, vista para Monsanto, direção nascente.
 473. Estrada do Forte do Alto do Duque, direção poente.
 474. Rua do Alto do Duque, vista junto ao forte direção sul.
 475. Estrada Forte do Alto do Duque, direção sul.
 476. Vista da estrada Forte do Alto do Duque sobre o Forte do Alto do Duque, direção sul



476.



477.

477. Vista do Jardim de Montes Claros, direção Poente
478. Estrada de Montes Claros, vista aproximada da entrada para o Jardim de Montes Claros, direção Poente
479. Estrada de Montes Claros, vista aproximada da entrada do Restaurante Montes Claros, direção Poente
480. Estrada de Montes Claros, vista da entrada para o Jardim de Montes Claros, direção Poente
481. Estrada de Montes Claros, vista da fachada Nascente do Restaurante Montes Claros, direção Poente



478.



479.



480.



481.



482.



483.



484.

482. Vista do Miradouro do Moinho do Alferes / Penedo, direção Norte
483. Vista do Miradouro do Moinho do Alferes / Penedo sobre o Anfiteatro ao ar Livre Keil do Amaral, direção Nascente
484. Vista do Miradouro do Moinho do Alferes / Penedo sobre o Campo de Basquetebol do Moinho do Penedo, direção Sul
485. Vista sobre o Miradouro do Moinho do Alferes / Penedo, direção Norte
486. Vista do Campo de Basquetebol do Moinho do Penedo sobre o rio Tejo, direção Sul



485.



486.



487.

- 487. Vista do Miradouro Keil do Amaral, direção Nascente
- 488. Vista aproximada Miradouro Keil do Amaral sobre o palácio da Ajuda, direção Sul
- 489. Vista do espelho de água do Miradouro Keil do Amaral, direção???



488.



489.



490.



492.



494.



491.



493.



495.

- 490. Vista do Miradouro Keil do Amaral, direção Sul
- 491. Estrada do Alvito, vista da entrada do Parque Infantil do Alvito, direção Poente
- 492. Vista do Parque Recreativo do Alvito para a Estrada do Alvito, direção Nascente
- 493. Vista do Parque Recreativo do Alvito sobre as casas de banho públicas, direção Poente
- 494. Vista do Parque Recreativo do Alvito sobre o mural da entrada, direção Poente
- 495. Vista do Parque Recreativo do Alvito sobre o espelho de água, direção Poente



496.



497.



498.



499.



500.

496. Vista do Clube de Tênis de Monsanto sobre o edifício principal e o campo principal, direção Norte

497. Vista do Clube de Tênis de Monsanto, edifício junto dos campos cobertos, direção Nascente

498. Vista do Clube de Tênis de Monsanto, junto da estrada do Alvito, sobre os campos cobertos, direção Nascente

499. Vista da entrada do Clube de Tênis de Monsanto junto da estrada do Clube de Tênis, direção Poente

500. Vista do edifício principal do Clube de Tênis sobre os campos de Tênis descobertos, direção Poente.



501.



502.



503.



504.



505.

501. Vista do Clube de Tênis de Monsanto sobre os campos de Tênis descobertos, direção Poente

502. Vista da entrada do Parque Recreativo do Alto da Serafina, direção Sul

503. Vista do Parque Recreativo do Alto da Serafina sobre atividades para crianças e zonas recreativas, direção Sul

504. Vista do Parque Recreativo do Alto da Serafina sobre atividades para crianças e zonas recreativas, direção Sul

505. Vista do Parque Recreativo do Alto da Serafina sobre o Miradouro do Alto da Serafina, direção Sul

506. Vista do Parque Recreativo do Alto da Serafina sobre o antigo restaurante (?), direção Poente



506.



507.



508.



509.

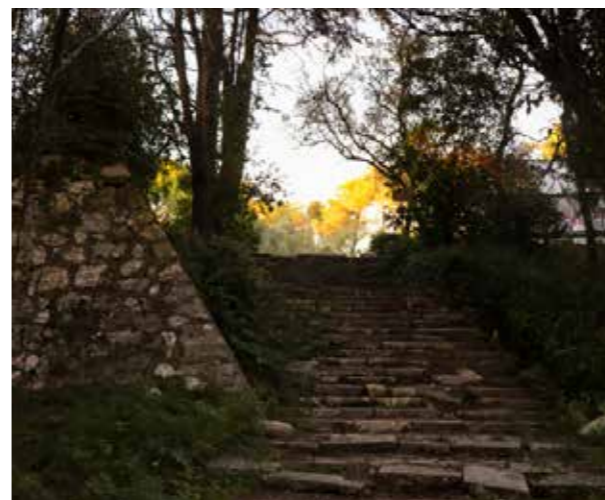


510.



511.

- 507. Vista do Miradouro dos Moinhos do Mocho, direção Nascente
- 508. Vista do Miradouro dos Moinhos do Mocho, direção Poente
- 509. Vista do Miradouro dos Moinhos do Mocho sobre Moinho Poente, direção Poente
- 510. Vista do Miradouro dos Moinhos do Mocho, direção Norte
- 511. Vista do Miradouro dos Moinhos do Mocho, direção Nascente



512.



513.



514.



515.

- 512. Vista do Miradouro da Luneta dos Quarteis sobre a fachada Sul do edifício, direção Norte
- 513. Vista do Miradouro da Luneta dos Quarteis, direção Sul
- 514. Vista do Miradouro da Luneta dos Quarteis sobre a fachada Poente do edifício, direção Nascente
- 515. Vista aproximada do Miradouro da Luneta dos Quarteis sobre Alfragide, direção Poente



516.



517.



518.

516. Vista do edificado a poente do Arco Clube Ar Livre, direção poente
 517. Vista do Arco Clube Ar Livre para o campo de tiro, direção nascente
 518. Vista do edificado a poente do Arco Clube Ar Livre, direção poente



519.



520.



521.



522.

519. Vista da entrada principal do Arquivo Municipal de Lisboa, Bairro da Liberdade, direção poente
 520. Vista aproximada da entrada principal do Arquivo Municipal de Lisboa, Bairro da Liberdade, direção poente
 521. Vista da Rua C do Bairro da Liberdade para o Arquivo Municipal de Lisboa, direção poente
 522. Vista da Travessa de São Domingos de Benfica para a fachada poente dos Pupilos do Exército, direção nascente



523.



524.



525.

523. Vista do Centro de Interpretação de Monsanto, fachada Norte, direção Sul
 524. Vista do Centro de Interpretação de Monsanto, fachada Norte, direção Sul
 525. Vista do Centro de Interpretação de Monsanto, fachada Norte, direção Sul



526.



527.



528.



529.

526. Vista da Estrada das Oliveira de Baixo para a entrada do Serviço Municipal de Proteção Civil de Lisboa, direção Norte
 527. Vista do edifício do Serviço Municipal de Proteção Civil de Lisboa, direção nascente
 528. Vista da entrada do Serviço Municipal de Proteção Civil de Lisboa para Estrada das Oliveira de Baixo, direção sul
 529. Vista dos edifícios do Serviço Municipal de Proteção Civil de Lisboa, direção poente



530.

530. Vista da rua da Pista Alto da Vinha para a entrada do Jardim do Éden Monsanto, direção Sul
 531. Vista da rua da Pista Alto da Vinha para a entrada do Jardim do Éden Monsanto, direção poente
 532. Vista da rua da Pista Alto da Vinha para o Jardim do Éden Monsanto, direção poente



531.



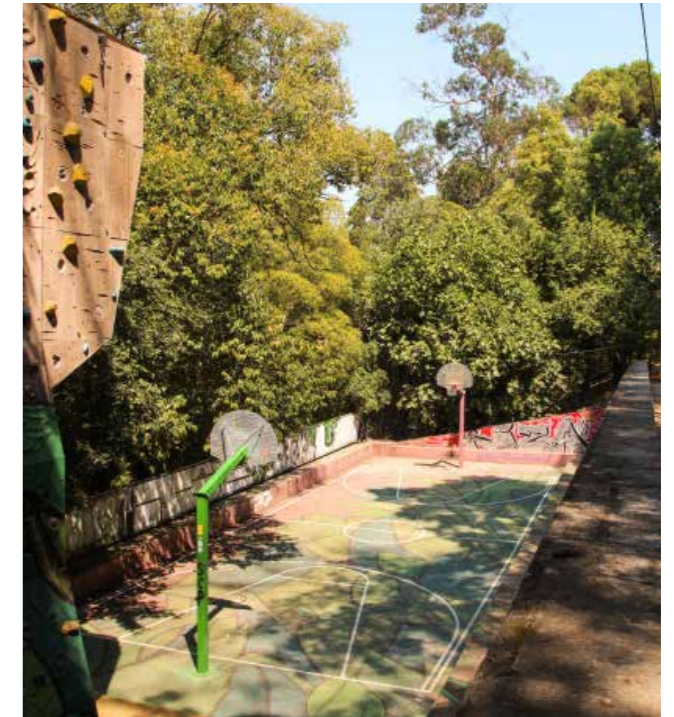
532.



533.



535.



534.



536.



537.

533. Vista da Mata de São Domingos de Benfica para o Campo de Basquetebol, direção norte
 534. Vista da Mata de São Domingos de Benfica para o Campo de Basquetebol, direção nascente
 535. Vista da Mata de São Domingos de Benfica, direção Sul
 536. Vista da Mata de São Domingos de Benfica, direção Sul
 537. Vista da Mata de São Domingos de Benfica, direção Poente



538.



539.



540.

538. Vista da rua da Pista Alto da Vinha para a entrada da Pista de Karts, direção Sul
 539. Vista da Pista de Karts, direção Norte
 540. Vista da Pista de Karts, direção Norte



541.



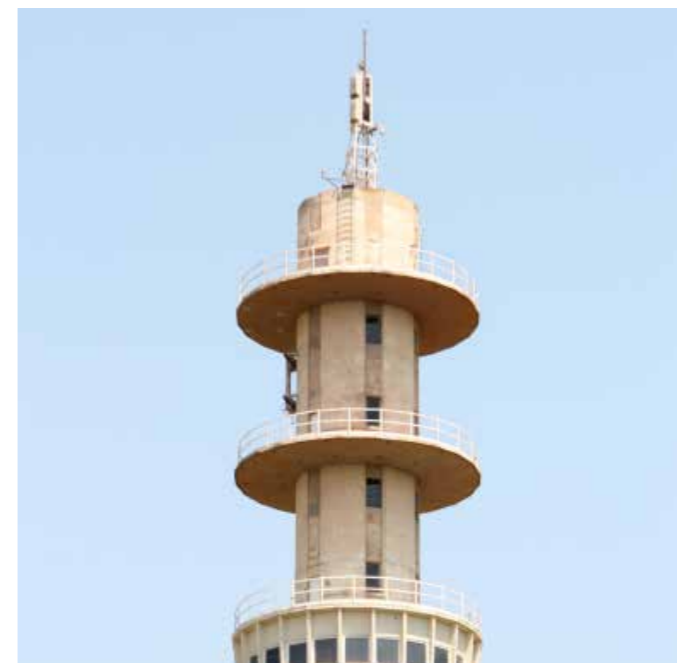
542.



543.



544.



545.



546.

541. Vista da Estrada da Bela Vista para a fachada nascente do edifício junto da Torre de comunicações MEO, direção poente
 542. Vista aproximada da torre de comunicações MEO
 543. Vista aproximada da torre de comunicações MEO, direção Sul
 544. Vista aproximada da Estrada Barcal para a torre de comunicação desativada do Parque Florestal de Monsanto, direção norte
 545. Vista aproximada da torre de comunicação desativada do Parque Florestal de Monsanto
 546. Vista da Estrada Barcal para a torre de comunicação desativada do Parque Florestal de Monsanto, direção norte

Análise Comparativa

Através de fotografias da década de 1940, é possível identificar transformações significativas na paisagem, nas infraestruturas e na ocupação do solo, quando comparadas com a realidade actual. A evolução do território do parque e das áreas envolventes reflete a ação humana e o desenvolvimento natural da vegetação decorrente do plano de arborização, que ao longo do tempo, moldou a sua configuração atual.

Os registos fotográficos da época revelam um cenário marcadamente rural ou semi-urbano, caracterizado por vastas áreas agrícolas dispersas e por um tecido urbano ainda pouco consolidado. Onde anteriormente predominavam terrenos baldios ou zonas de baixa densidade construtiva, surgiram novas edificações, infraestruturas e redes viárias, refletindo a expansão demográfica e as prioridades urbanas da época, fortemente orientadas para a crescente dependência do automóvel.

O Parque Florestal de Monsanto, que nas fotografias da década de 1940 se encontra ainda numa fase inicial do plano de arborização, apresenta hoje um coberto vegetal denso e consolidado. Este desenvolvimento é resultado de décadas de reflorestação que transformaram terrenos anteriormente subaproveitados em espaços verdes consolidados. Em paralelo, algumas zonas que outrora eram cobertas por vegetação foram convertidas em áreas residenciais e viárias, reduzindo a extensão das áreas verdes.

A rede viária sofreu alterações significativas ao longo do tempo, refletindo o aumento do tráfego e a necessidade de deslocação entre as diferentes zonas da cidade. Infraestruturas como o Viaduto Duarte Pacheco, a Avenida de Ceuta e o Eixo Norte-Sul, que nas fotografias da década de 1940 surgiam com uma configuração mais simples e de menor escala, foram progressivamente ampliadas e modificadas. A expansão das faixas de rodagem, a construção de novas ligações bem como a introdução de rotundas e vias marginais, contribuíram para uma maior fluidez do trânsito. Contudo, estas transformações alteraram profundamente a relação entre a cidade e o Parque Florestal de Monsanto, fragmentando o território e reduzindo a sua permeabilidade ao tecido urbano. Muitas dessas vias foram implantadas sobre antigos cursos de água - como a avenida de Ceuta, no Vale de Alcântara, a A5 e a CRIL - o que, embora comum



547.



548.



549.



550.



551.



552.



553.



554.

547-458. Vista do Jardim do Palácio Marquês da Fronteira, direção nascente
549-550. Vista aérea do Viaduto Duarte Pacheco, direção nascente.
551-552. Vista sobre a Avenida de Ceuta
553-554. Vista aérea do Aqueduto das Águas Livres e da estação ferroviária de Campolide, direção poente

em processos de urbanização, acabou por comprometer a continuidade natural da paisagem.

A evolução da ferrovia é outro aspeto marcante nesta transformação territorial. A linha de Alcântara-Terra, que nas fotografias antigas surgia com uma configuração rudimentar e predominantemente orientada para o transporte de mercadorias, foi reestruturada, ganhando relevância no transporte de passageiros. A estação de Campolide, que já desempenhava um papel central na organização do território, foi alvo de um processo de remodelação e ampliação, consolidando-se como um dos principais nós da rede ferroviária de Lisboa e de ligação à margem Sul. Essa evolução implicou a demolição de estruturas antigas e a reconfiguração dos acessos, transformando significativamente a morfologia dessas áreas.

A estação de Benfica também foi alvo de alterações ao longo do tempo, acompanhando o crescimento da área envolvente e a necessidade de adaptação da infraestrutura face ao aumento do tráfego de passageiros.

O projeto de expansão da rede ferroviária incluiu a construção de novos terminais, como o Apeadeiro do Alvito, que, apesar de planeado, nunca chegou a ser concluído, devido principalmente a fatores económicos e à reorientação das prioridades de investimento.

Ao longo dos anos, bairros como Campolide, Serafina e Alcântara sofreram um processo contínuo de densificação populacional. As fotografias da década de 1940 revelam núcleos habitacionais formados maioritariamente por moradias unifamiliares e algumas estruturas industriais ao passo que na atualidade, se observa a progressiva substituição dessas construções por edifícios verticais de habitação coletiva.



555.



556.



557.



558.



559.



560.



561.



562.

555-556. Vista dos viveiros da Quinta da Fonte
557-558. Vista aérea do Viaduto Duarte Pacheco, direção poente
559-5560. Vista do estabelecimento prisional de Monsanto
561-562. Vista sobre o Bairro da Liberdade



563.

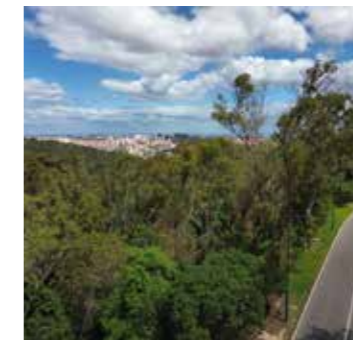
564.



565.

566.

567.



568.

569.

570.



571.

572.

573.

563-564. Vista sobre a o Parque Recreativo do Alvito
 565-566-567. Vista de Montes Claros , antiga, aérea, terrestre
 568-569-570. Vista da estrada do Alvito, antiga, aérea, terrestre
 571-572-573. Vista da Quinta da Pimenteira, antiga , aérea, terrestre

CAPÍTULO II

Cartografía

Cartografia

Neste capítulo, desenvolve-se uma análise cartográfica com o objetivo de compreender a evolução da Serra de Monsanto e da sua envolvente. A partir da comparação de cartografias históricas, procura-se interpretar as transformações ocorridas ao longo do tempo, tanto no interior da serra como nas áreas periféricas adjacentes.

A análise foi realizada através da sobreposição das cartografias históricas com a cartografia da atualidade. Em cada comparação entre diferentes datas, os elementos novos são destacados a vermelho, enquanto os elementos pré-existentes permanecem a preto.

Foram analisadas diversas cartografias, nomeadamente a de 1807 ; a de Duarte Fava; 1911, de Silva Pinto; a carta militar de 1928, de Victoria Pereira; a carta militar de 1937, produzida pelo Tenente Norberto Leal; a carta militar de 1949, do Major Carlos Rodrigues Varela; a cartografia histórica de 1950, da CML; a de 1970, também da CML e a carta militar de 1971, dos Serviços Cartográficos do Exército.

A área de estudo é considerada intermunicipal, abrangendo os territórios de Algés (freguesia do concelho de Oeiras), Amadora e Lisboa, com o objetivo de compreender a relação entre as edificações localizadas nos limites da Serra de Monsanto e as vias que a circundam, muitas das quais ainda hoje mantêm como os principais acessos à serra.

574. Braun, G., & Hogenberg, F. (1572). Cidade de Lisboa. Civitates orbis terrarum (Vol. I).



³⁸ Duarte José Fava (1772-1826), engenheiro militar, foi o responsável pelo levantamento cartográfico de Lisboa em 1807, reconhecido como a primeira planta completa e rigorosa da cidade. Durante a sua carreira, também desempenhou um papel destacado na conceção do sistema defensivo de várias praças fronteiriças, incluindo Elvas e Valença.



43N. Representação de Lisboa antes do Terramoto de 1755, executada em Londres por J. Couse.

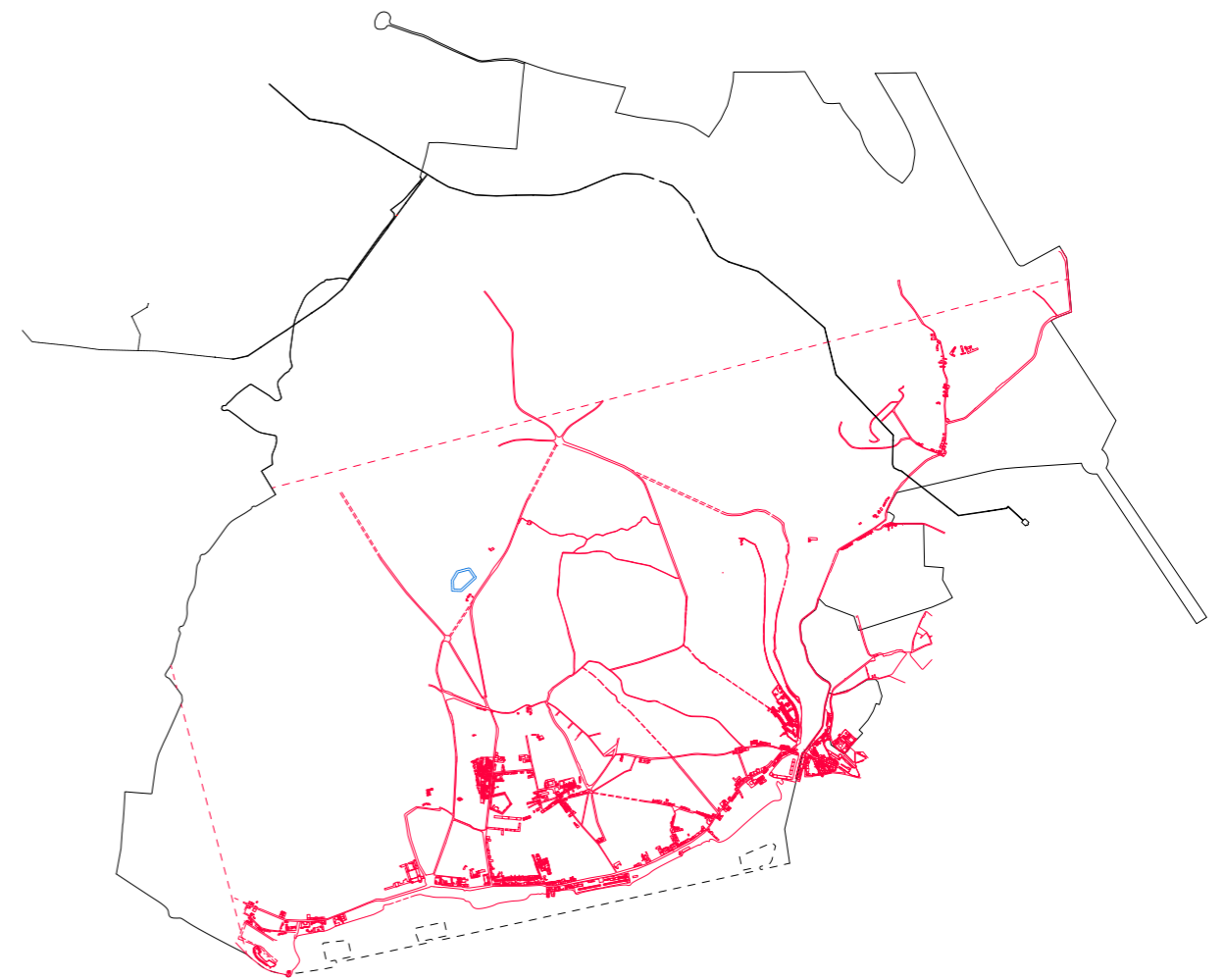
Cartografia Histórica, 1807

A cartografia de 1807, elaborada por Duarte José Fava³⁸, representa Lisboa como uma cidade em expansão em torno das suas vias principais e zonas portuárias. A área cartografada estende-se, no sentido nascente-poente, desde o Convento dos Religiosos Barbadinhos Italianos até à Bateria do Bom Sucesso; e, no sentido norte-sul, desde o Campo Pequeno até ao Terreiro do Paço. O documento cartográfico evidencia diversos elementos, como o crescimento urbano, a articulação com o estuário do Tejo, os espaços verdes, a configuração topográfica e os percursos que ligavam as quintas suburbanas ao núcleo consolidado da cidade. A cidade de Lisboa mantinha, no início do século XIX, um traçado marcadamente medieval, caracterizado por uma malha urbana densa, composta por ruas estreitas, becos e praças de pequena dimensão, estruturando-se predominantemente em torno da frente ribeirinha do estuário do Tejo. As zonas ribeirinhas concentravam atividades portuárias e industriais, enquanto os bairros a norte e a nascente combinavam habitação e espaços religiosos, como igrejas e conventos. Na zona ocidental, destacava-se o desenvolvimento do Palácio Nacional da Ajuda, iniciado após o terramoto de 1755.

À época, a Serra de Monsanto era predominantemente caracterizada por uma matriz paisagística agrícola, com quintas dispersas tanto no interior da serra como nas áreas rurais adjacentes ao perímetro urbano, nomeadamente em zonas como Belém, Ajuda e Campo de Ourique. Estes territórios eram vocacionados para a agricultura de subsistência e atividades de pastoreio, beneficiando da proximidade ao Aqueduto das Águas Livres e à presença de linhas de água naturais. A rede de percursos existente era maioritariamente informal, desprovida de traçado regular ou de qualquer tipo de pavimentação, servindo sobretudo o transporte de produtos agrícolas e a ligação entre propriedades. Esta ausência de estrutura viária formal reforça a leitura de Monsanto enquanto território funcionalmente autónomo, ainda que articulado com os limites urbanos da cidade.



575. Cartografia 1807
Duarte Fava: Limites de
análise. (Adaptada)



Sobreposição da Cartografia de 1807 com base na atualidade

Cartografia Histórica, 1911| 1928| 1937

A cartografia de 1911, elaborada por Silva Pinto³⁹, e as cartas militares de 1928, da autoria de Victoria Pereira⁴⁰, e de 1937, pelo Tenente Norberto Leal⁴¹, mostram transformações significativas na Serra de Monsanto e na sua envolvente, relativamente à cartografia de 1807. A serra, que até ao final do século XIX mantinha um caráter marcadamente rural, começou, no início do século XX, a ser explorada devido aos recursos naturais, como o calcário e o basalto.

Os documentos analisados evidenciam a implantação do sistema defensivo conhecido como Campo Entrincheirado de Lisboa⁴², construído sobretudo nas primeiras décadas do século XX. Este conjunto de fortificações, que se estendia de Almada a Sacavém, utilizava a Serra de Monsanto como ponto estratégico, devido à sua topografia elevada e à sua localização face ao estuário do Tejo. No interior da serra foram traçados novos caminhos militares que asseguravam a ligação entre estruturas defensivas, nomeadamente o Forte do Alto do Duque, a Luneta dos Quartéis e o Forte de Monsanto.

A sul da serra, destaca-se o Aterro da Boa Vista até à Ribeira das Naus⁴³, uma obra iniciada ainda na segunda metade do século XIX, destinada ao saneamento da zona ribeirinha e à criação de espaço para ferrovia, estradas e porto, que já no século XX se afirmou como um importante interface entre a cidade e o rio Tejo. Esta infraestrutura teve um papel decisivo tanto na atividade portuária como no apoio aos sistemas defensivos e de abastecimento urbano da cidade.

A norte de Monsanto, as cartas topográficas evidenciam um território rural, marcado pela presença de quintas e propriedades agrícolas. A Estrada de Benfica constituía o principal eixo da zona, assegurando a ligação entre Lisboa e os concelhos limítrofes. A partir deste eixo desenvolviam-se percursos secundários, alguns dos quais mantêm ainda hoje o mesmo traçado, dando origem a ruas atuais, como é o caso da Avenida Gomes Pereira, criada para ligar a linha férrea à Estrada de Benfica. Esta infraestrutura ferroviária, embora fundamental para a melhoria da mobilidade, acabou por funcionar posteriormente como uma barreira física entre Monsanto e a malha urbana em expansão.

Os documentos analisados permitem compreender Monsanto não apenas como um espaço natural ou agrícola, mas como um território estrategicamente integrado nos sistemas de defesa, abastecimento e expansão urbana de Lisboa – um momento de transição, em que o espaço natural começava a ser incorporado numa lógica urbana e militar, preparando o território para o futuro desenvolvimento da cidade.

39. Júlio António Vieira da Silva Pinto concluiu o curso de Conductor de Minas em 1880 e formou-se em Engenharia Industrial no Instituto Industrial de Lisboa em 1901. Destacou-se pelo levantamento da Planta da Cidade de Lisboa, realizado entre 1904 e junho de 1911.

40. José Estêvão Cacella de Victoria Pereira (Leiria, 1877 – Lisboa, 1952) foi coronel do Exército, cartógrafo e pintor ceramista, discípulo de Pereira Cão na azulejaria. Serviu em Moçambique, na Guerra dos Boers e na Primeira Guerra Mundial.

41. Tenente Norberto Leal, oficial do Exército, integrou os Serviços Cartográficos do Exército desde a sua fundação em 1932 e foi responsável pela Carta Militar de Lisboa de 1937.

42. O Campo Entrincheirado de Lisboa foi classificado como “Praça de Guerra de 1.ª Classe” e consolidado em 1899, foi um sistema de defesa em profundidade, concebido para proteger a capital de invasões terrestres e marítimas. Organizado em três anéis concêntricos uma linha avançada (Mafra, Sobral de Monte Agraço, Alhandra), uma linha intermédia de fortes destacados (entre Sintra e Vialonga) e o Recinto de Segurança (de Caxias a Sacavém), concentrava neste último os principais fortes, como os de Monsanto, Alto do Duque, Ameixoeira e Bom Sucesso. Estes eram ligados por uma estrada militar contínua e por redes de comunicações telegráficas e telefónicas. A Serra de Monsanto acolhia o reduto central, com o Forte Marquês de Sá da Bandeira no seu ponto mais elevado. Inspirado nas Linhas de Torres Vedras, o sistema permaneceu ativo até à Primeira Guerra Mundial, sendo progressivamente desativado ao longo do século XX.

43. Situada entre a Praça do Comércio e o Cais do Sodré, a Ribeira das Naus foi, desde o século XV, um centro estratégico de construção e reparação naval, sede do antigo Arsenal da Marinha. Teve papel crucial na expansão ultramarina e integrou os sistemas logísticos e defensivos de Lisboa até ao período do Campo Entrincheirado. A partir do século XX, com a desmilitarização, perdeu funções navais e foi transformada num espaço público de uso cívico.

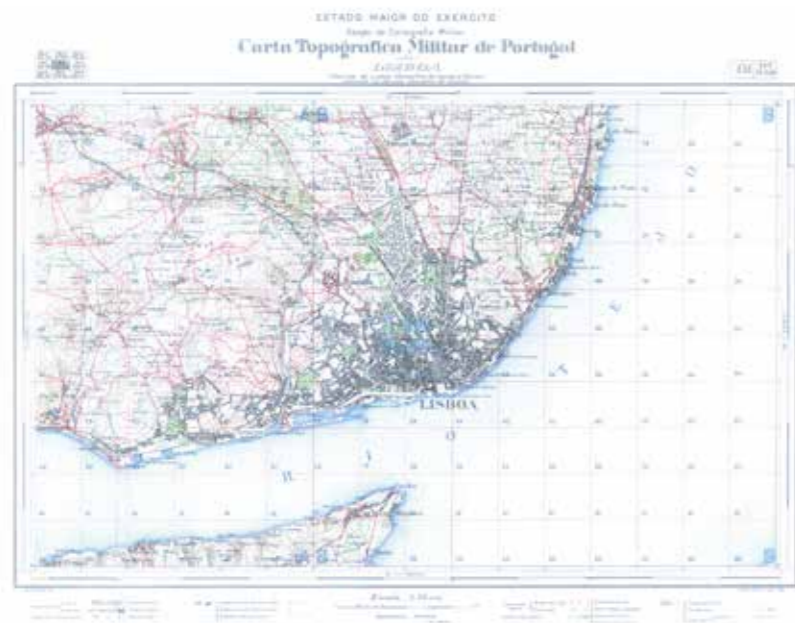
576. Cartografia 1911 Silva Pinto: Limites de análise. (Adaptada)



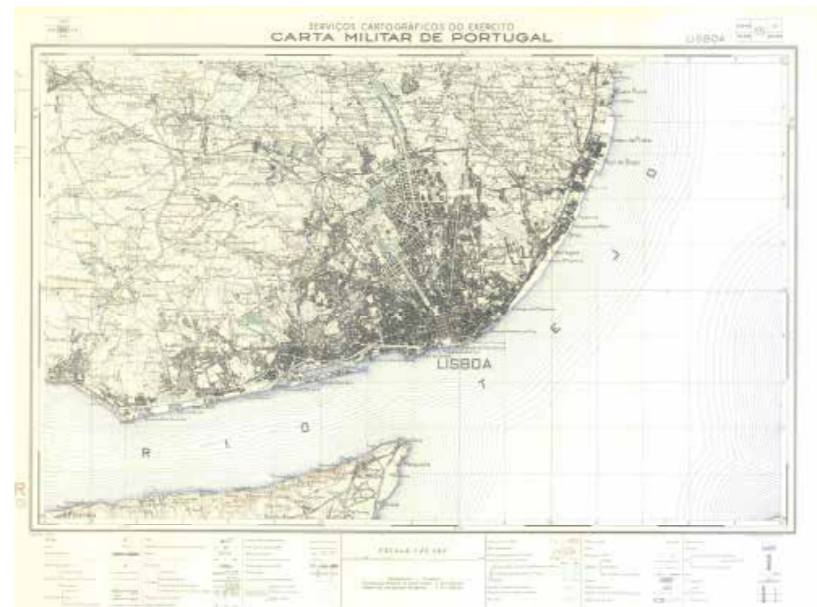
577. Carta Topografica Militar de Portugal 1928
 578. Carta Topografica Militar de Portugal 1937



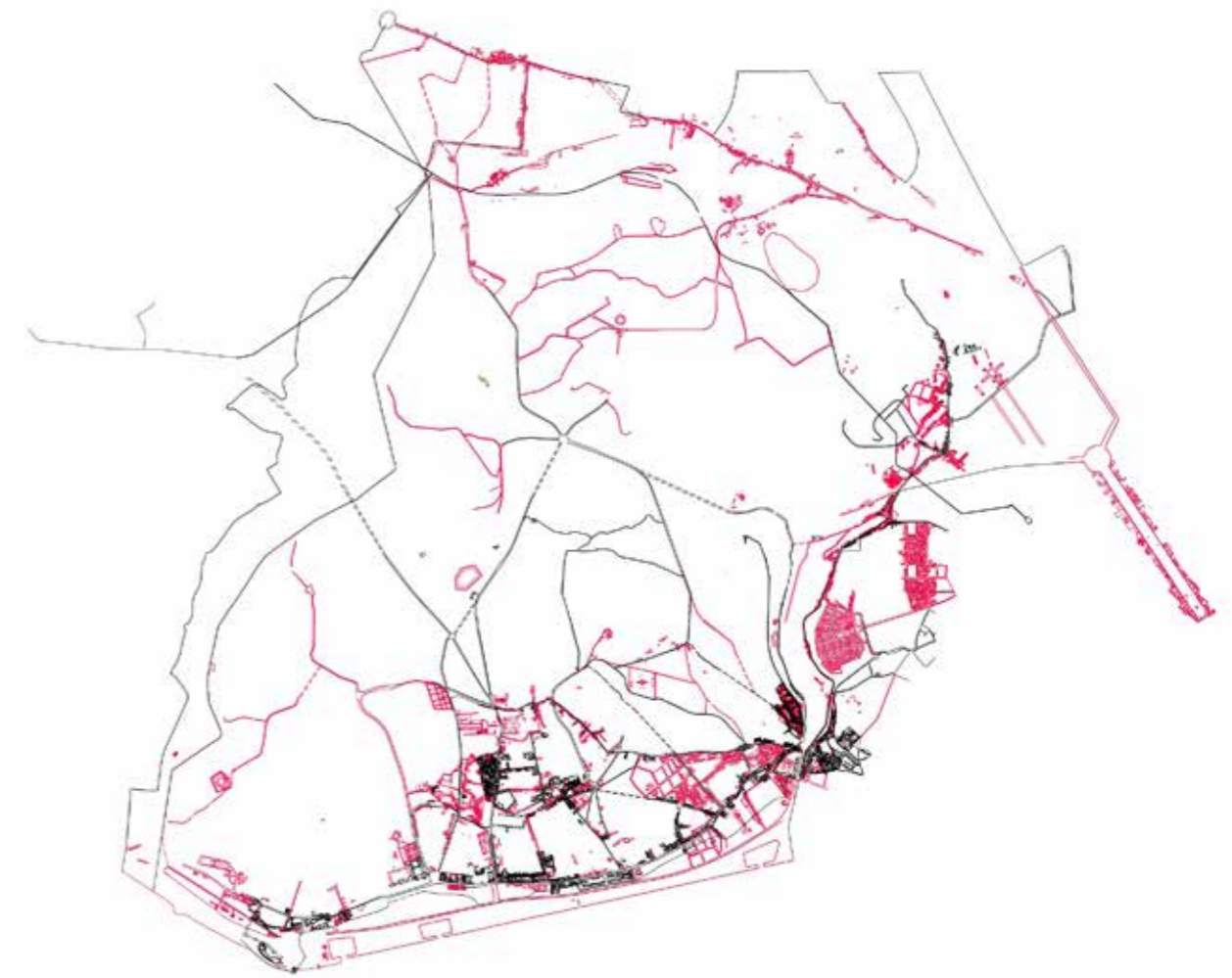
44N. O Ocidente : revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro



577.



578.



Sobreposição da Cartografia de 1911 e Cartas Militares de 1928 e 1937 com base na atualidade

Cartografia Histórica, 1949 | 1950

A carta militar de 1949, da autoria do Major Carlos Rodrigues Varela⁴⁴, e a cartografia de 1950 revelam novas lógicas de organização do território em Lisboa. Entre estas, destacam-se a introdução de vias circulares, a ampliação dos espaços verdes — com a Serra de Monsanto já identificada e em processo de conversão em parque florestal — e a implementação de programas sistematizados de habitação social.

A construção da A5, inaugurada em 1944, teve como principal objetivo assegurar a ligação entre Lisboa e o Estádio Nacional, no Vale do Jamor. Além disso, marcou o início de uma nova lógica de mobilidade em eixo nascente-poente, desempenhando um papel relevante nos fluxos de entrada e saída da cidade, bem como na articulação com o interior do parque de Monsanto. As cartas cartográficas deste período evidenciam, em simultâneo, um processo de consolidação das infraestruturas ferroviárias na envolvente urbana.

A sul, por ocasião da “Exposição do Mundo Português”, a zona de Belém foi alvo de uma transformação urbana profunda, marcada por uma intervenção de grande escala conduzida pela Câmara Municipal de Lisboa. Esta operação teve como objetivo a reorganização integral de uma área anteriormente caracterizada por elevada fragmentação e desorganização urbanística. Foram promovidas expropriações, abertura de novas vias, pavimentações, criação de jardins e a implementação de modernas infraestruturas de iluminação pública. Destaca-se, neste contexto, a criação da Praça do Império, que restituiu a visibilidade monumental do Mosteiro dos Jerónimos ao eliminar construções degradadas que o ocultavam, restabelecendo a sua relação direta com o estuário do Tejo. A Avenida da Índia foi retificada e articulada com a Avenida Marginal Lisboa-Cascais, reforçando a acessibilidade longitudinal da frente ribeirinha. Também a encosta da Ajuda foi submetida a intervenções de grande escala, com a definição e construção de novas avenidas de ligação entre Belém e Algés. Esta reconfiguração urbana de Belém, embora impulsionada por um evento temporário, teve um grande impacto permanente na estrutura e imagem da cidade. (Sequeira, 1940)

A análise das cartas cartográficas permite identificar a existência de um conjunto de bairros e núcleos habitacionais na envolvente da Serra de

44 Carlos Rodrigues Varela (Tenente-Coronel de Infantaria).



45N. Vista da Autoestrada A5 no seu percurso. © Estúdio Mário Novais.



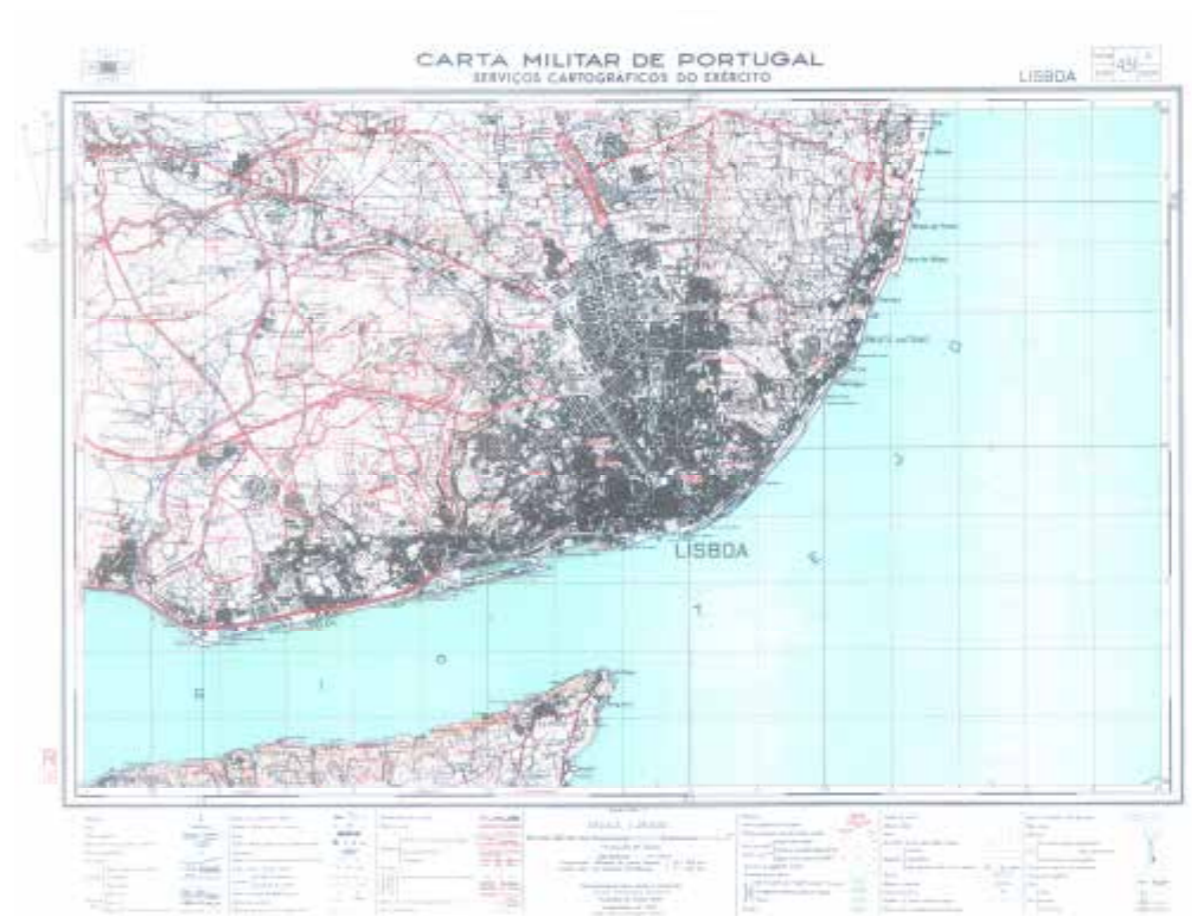
46N. Panorâmica Bairro da Boavista 1940 © Alvão Domingos.



47N. Bairro de Caselas, anos 50. © Salvador de Almeida Fernandes.



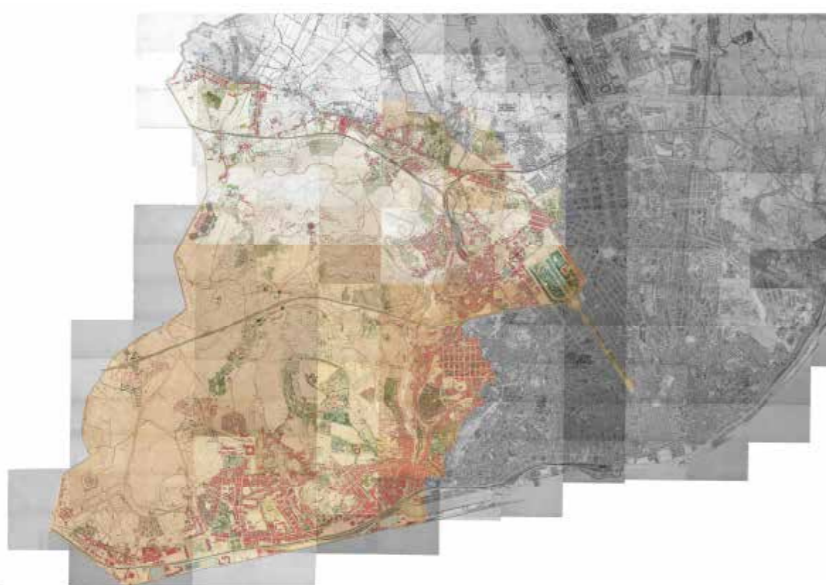
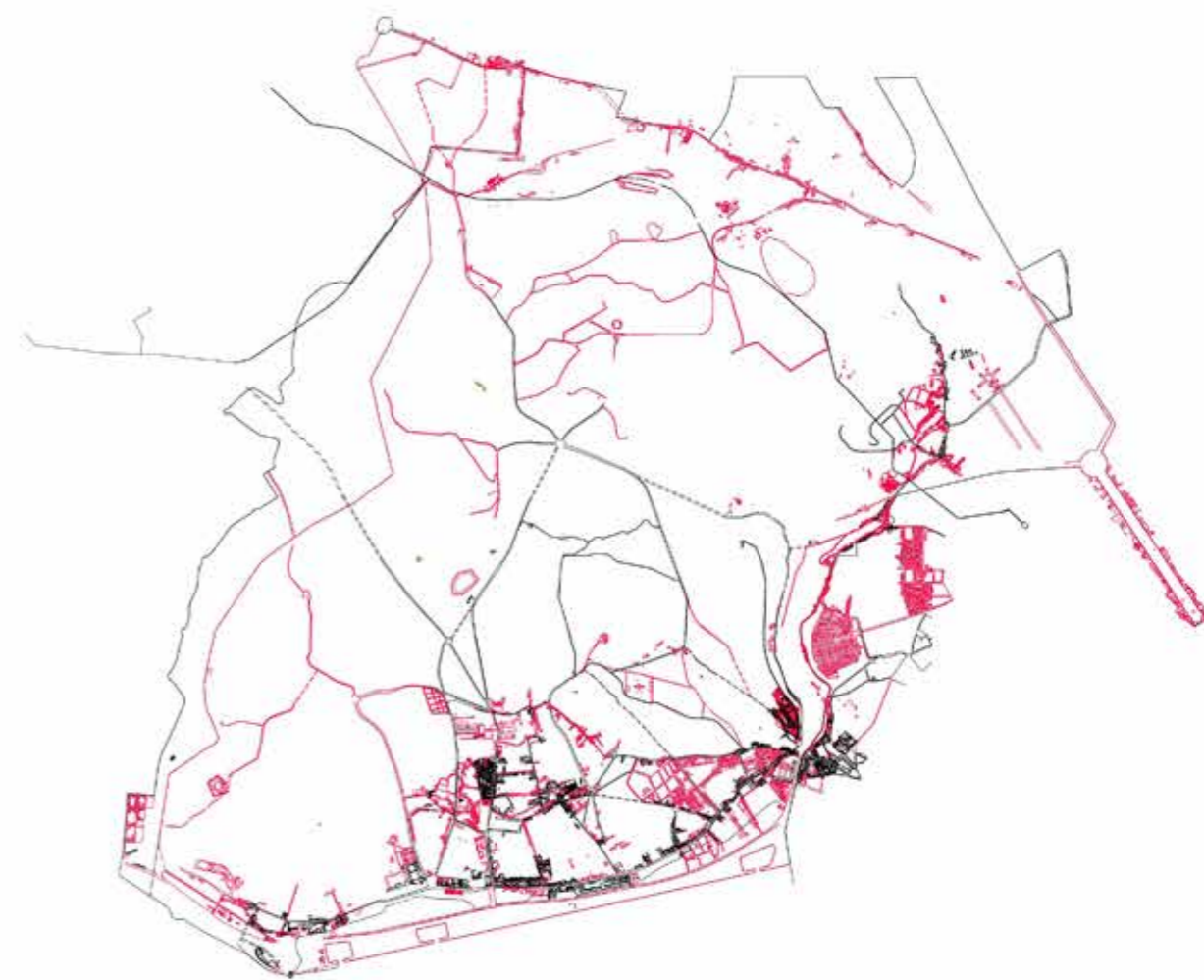
48N. MONTEZ, Paulino — Lisboa: Alcântara / Alvíto. Extensão noroeste da cidade. Plano do Bairro Económico Doutor Oliveira Salazar. Lisboa: [s.n.], 1938. (Estudos de Urbanismo em Portugal, 2), p. 21 e 23.



579. Carta Militar de Portugal 1949 - Serviços Cartográficos do Exército

Monsanto. Estes aglomerados, localizados predominantemente nas encostas da serra, resultam de processos diferenciados de ocupação: por um lado, fenómenos de expansão urbana espontânea; por outro, intervenções dirigidas pelo Estado Novo, enquadradas em políticas de habitação. Já nessa época se reconheciam bairros como Caselas, Boavista, Serafina, Restelo e Alvito, todos situado junto ao perímetro de Monsanto. Muitos destes núcleos encontravam-se ainda em fase de construção ou apresentavam um caráter provisório. Este padrão de crescimento evidencia a tendência de expansão da cidade de Lisboa para além da sua frente ribeirinha, particularmente ao longo da primeira metade do século XX. A edificação destes novos bairros exerceu uma pressão crescente sobre a área de Monsanto, uma vez que grande parte destes núcleos se situava nos seus limites ou ocupava mesmo partes da sua área original.

580. Cartografia 1950 C.M.L.:
Limites de análise. (Adaptada)



Sobreposição da Cartografia de 1950 e Carta Militar de 1949 com base na atualidade

Cartografia Histórica, 1970 e 1971

A análise cartográfica de Lisboa entre 1970 e 1971 evidencia uma reconfiguração significativa do traçado viário, acompanhada da consolidação e expansão de novos bairros. No quadro do sistema viário delineado em 1961, destaca-se a conclusão da 2.^a Circular no troço compreendido entre o Campo Grande e Benfica. Em 1966, foi inaugurado o primeiro segmento do Eixo-Norte-Sul, estabelecendo a ligação entre a Ponte 25 de Abril e a Avenida Engenheiro Duarte Pacheco, com articulação à Avenida de Ceuta. No ano seguinte, esse percurso foi prolongado até à Avenida Calouste Gulbenkian, nas imediações do Aqueduto das Águas Livres, permitindo o acesso direto à Praça de Espanha.

No que diz respeito à morfologia urbana, observa-se a consolidação dos bairros de Benfica, a norte, e do Restelo, a sul, marcando a estabilização da expansão residencial em torno da Serra de Monsanto. Simultaneamente, o Parque Florestal de Monsanto apresentava já uma estrutura consolidada de caminhos, acessos e equipamentos, refletindo o grau de maturidade alcançado pelo projeto.

Contudo, a expansão urbana registada neste período contribuiu para uma alteração significativa dos limites funcionais e físicos do Parque Florestal de Monsanto, originando descontinuidades territoriais e fragmentações espaciais. A norte, embora o avanço da malha urbana tenha sido condicionado pela construção de novas infraestruturas viárias e ferroviárias, a relação com Monsanto já era historicamente limitada. Uma exceção ocorre no troço entre o Palácio Marquês de Fronteira e o Convento de São Domingos de Benfica - atual edifício dos Pupilos do Exército -, onde a topografia mais suave permite uma continuidade territorial mais evidente. Nas restantes frentes do lado norte, a acentuada inclinação do terreno dificultou qualquer integração urbana eficaz.

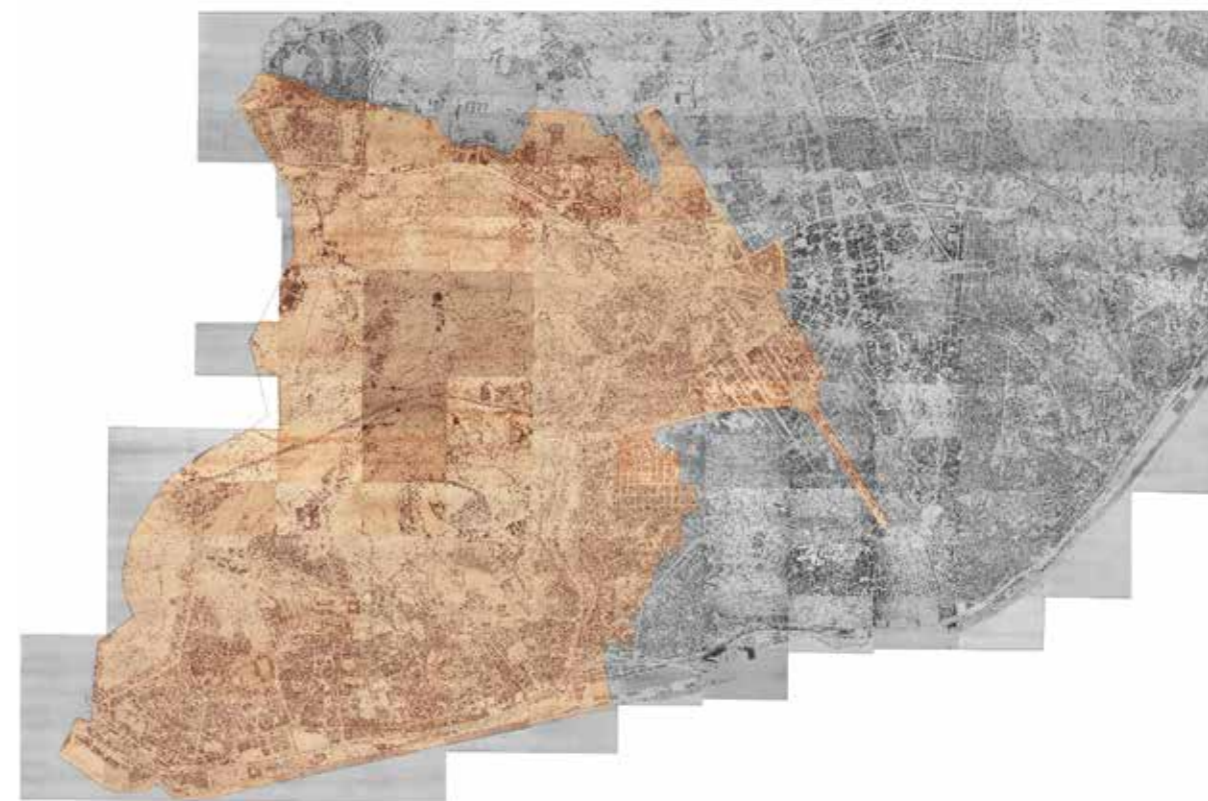
A sul, por sua vez, observa-se uma maior aproximação física entre a cidade e o parque, favorecida pela morfologia mais acessível da encosta



49N. O presidente da Câmara de Lisboa, França Borges, inaugurando o troço da Segunda Circular entre a Estrada de Benfica e Campo Grande, 1961. © Armando Seródio.



50N. Avenida da Torre de Belém 1966. © Augusto Fernandes.

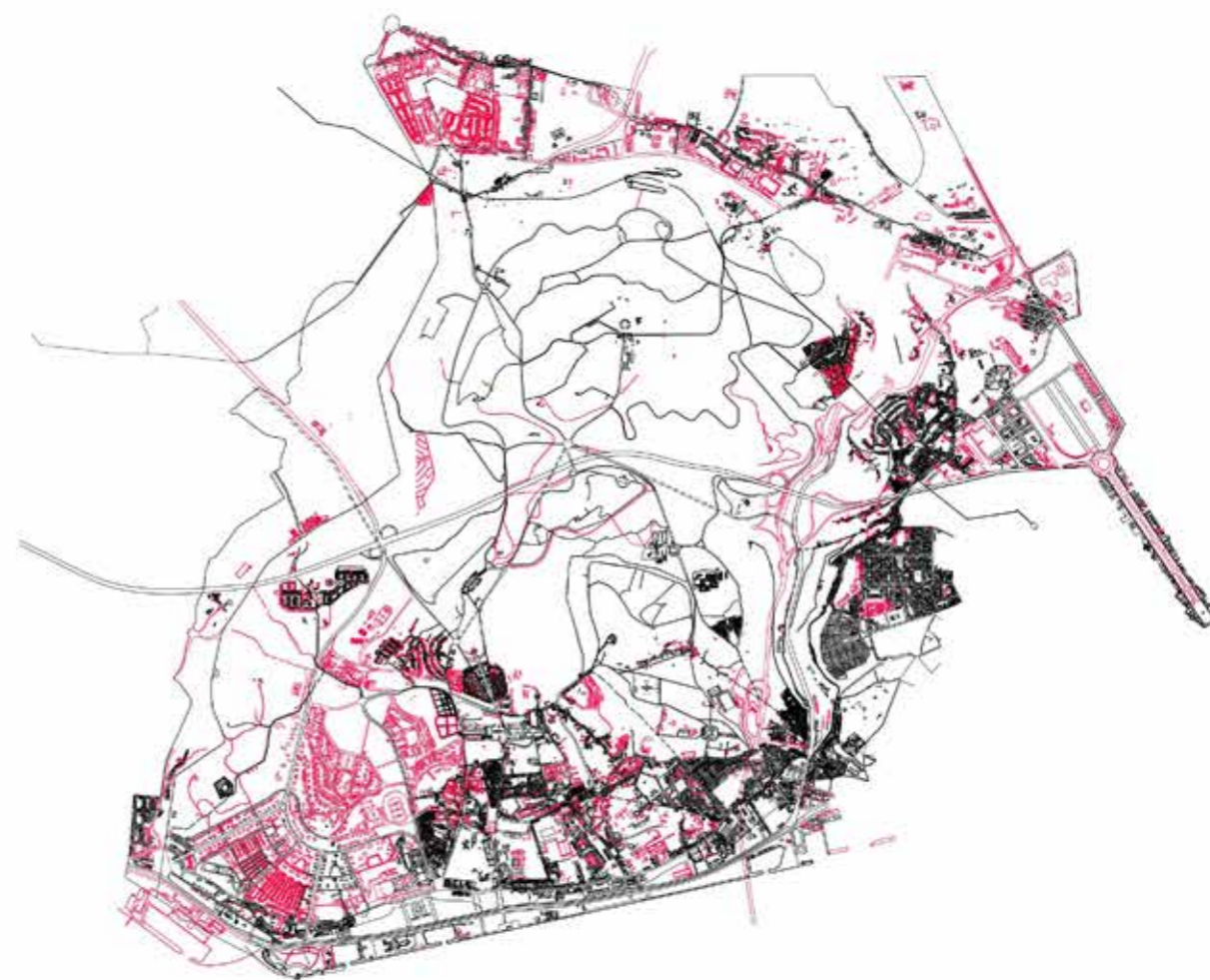


581. Cartografia 1970 C.M.L.; Limites de análise. (Adaptada)

e pela continuidade natural para o estuário do Tejo. No entanto, esta proximidade não se traduziu numa transição urbana qualificada. Em muitos pontos, a expansão da cidade foi feita de forma desarticulada, gerando fricções espaciais nos limites do parque. Crê-se também que parte deste problema parece resultar precisamente da inversão da orientação urbana: a frente sul passou a ser entendida como o novo horizonte da cidade — voltada para o rio e para o sul — relegando Monsanto para uma posição periférica e esquecida, afastada do foco estratégico e simbólico do urbanismo lisboeta.

Embora a cidade se tenha expandido até à proximidade do Parque Florestal de Monsanto, essa aproximação ocorreu sem uma integração urbana efetiva. A prioridade atribuída à implantação de infraestruturas viárias e ao crescimento acelerado da ocupação urbana comprometeu a possibilidade de articular o parque com a malha construída, resultando numa justaposição de territórios em vez de uma continuidade qualificada entre o espaço natural e o tecido urbano envolvente.

582. Carta Militar de Portugal
1971 - Serviço Cartográfico do
Exército



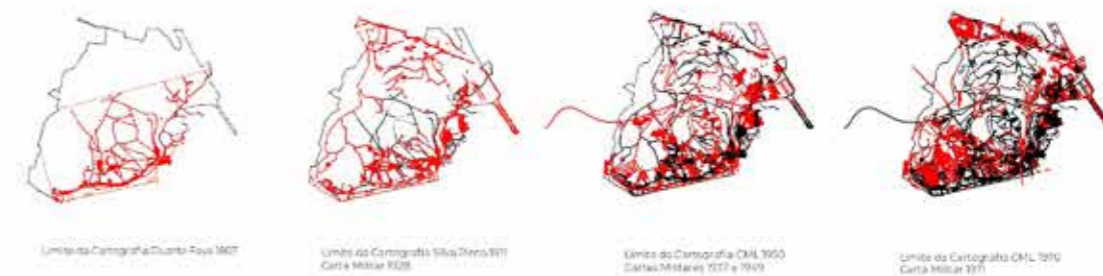
Sobreposição da Cartografia de 1970 e Carta Militar de 1971 com base na atualidade

Atualidade

A análise cartográfica da Serra de Monsanto e da sua envolvente evidencia um território marcado por transformações, que refletem as dinâmicas urbanas, militares e ambientais de Lisboa ao longo dos últimos dois séculos. Desde o início do século XIX, o Parque Florestal de Monsanto apresentava uma matriz rural articulada com a cidade por percursos informais, como o cruzamento da Cruz das Oliveiras. Este percurso, com mais de dois séculos de existência, constitui um testemunho da permanência de lógicas de circulação anteriores à consolidação do Parque Florestal e à expansão urbana.

A partir de norte, a Radial de Benfica, implantada no final de 1998, surgiu como resposta às exigências do crescimento urbano, procurando melhorar a acessibilidade na zona ocidental da cidade. No entanto, esta infraestrutura veio também acentuar uma separação física entre o bairro de Benfica e o Parque Florestal de Monsanto, interrompendo uma relação histórica marcada pela presença de quintas e múltiplos pontos de atravessamento e ligação ao território florestal.

A desarticulação territorial entre Monsanto, Algés e Amadora é evidente. Apesar da sua proximidade geográfica, a transição entre a mancha flo-



Carta Militar de Portugal 1971
- Serviço Cartográfico do Exército

Planta Atualidade 1:2000
- Sobreposição Cartografia Duarte Faria 1867
- Sobreposição Cartografia Silva Pinto 1911 e Carta Militar 1928
- Sobreposição Cartografia CML 1950 e Cartas Militares 1927-49
- Sobreposição Cartografia CML 1970 e Carta Militar 1971

restal e o tecido urbano dá-se de forma abrupta, marcada por infraestruturas viárias como a CRIL, por taludes, lotes murados e extensas áreas de terreno baldio. No caso da Amadora, esta transição é ainda mediada por áreas industriais e comerciais de grande escala, nomeadamente na zona de Alfragide, cuja ocupação densa e impermeabilizada acentua a fragmentação entre o parque e os bairros periféricos, evidenciando a ausência de uma articulação funcional e paisagística entre Monsanto e o território suburbano a norte/noroeste (Amadora) e a sul/sudoeste (Algés).

Com a utilização do território para fins militares, nas primeiras décadas do século XX, no contexto do Campo Entrincheirado de Lisboa, a serra adquiriu um papel estratégico na defesa. A implantação de fortificações e infraestruturas militares introduziu uma nova lógica de ocupação em pontos específicos do território. Simultaneamente, a exploração de recursos minerais alterou significativamente a topografia local, conferindo ao território uma dimensão extrativa.

Entre as décadas de 1960 e 1970, a consolidação urbana de bairros, redefiniu os limites de Monsanto, mas acentuou a sua desconexão em relação à malha urbana. A topografia acentuada a norte e a ausência de articulação urbana a sul reforçaram a fragmentação entre o parque e a cidade.

O polo universitário do Alto da Ajuda, a sul de Monsanto, apresenta uma desarticulação evidente com o parque, resultante da ausência de continuidade espacial entre o tecido edificado e a mancha verde. As universidades surgem como peças isoladas, desintegradas tanto de Monsanto como do tecido urbano envolvente, sem uma transição qualificada que permita a integração no desenho urbano.

Atualmente, as antigas pedreiras de calcário e basalto de Monsanto encontram-se desativadas e, em grande parte, cobertas por vegetação. Algumas foram alvo de requalificação ou reconversão: a da Serafina foi convertida num parque recreativo, enquanto na do Casal do Alvito está previsto um conjunto habitacional. Estas transformações refletem a adaptação da paisagem às novas exigências urbanas e sociais.

A Serra de Monsanto afirma-se, assim, como um território singular na paisagem de Lisboa, onde se entrelaçam a memória histórica, os processos de urbanização e os desafios contemporâneos da acessibilidade e integração urbana.

CAPÍTULO III

Mapas

Capítulo III

Introdução | Mapas

Para a análise do Parque Florestal de Monsanto (PFM) foi produzido um conjunto de mapas que serão apresentados ao longo deste capítulo. De forma a compreender as relações que o Parque estabelece com o contexto que o envolve, foi definido um novo limite com base no Plano de Gestão do Parque Florestal de Monsanto, concebido pela Câmara Municipal de Lisboa (CML)⁴⁵.

Situado na Área Metropolitana de Lisboa, o Parque encontra-se diretamente relacionado com diversos municípios limítrofes, confrontando-se com o município da Amadora ao longo de aproximadamente 1,27 km e com o de Oeiras numa extensão de 2,85 km. Assim, o Parque Florestal de Monsanto assume não apenas a função de filtro natural entre áreas urbanas, como também a de elemento de articulação e comunicação intermunicipal.

O Plano de Gestão para o Parque Florestal de Monsanto estabelece um limite oficial da mancha verde, que integra, não só as áreas do Projeto Original do arquiteto Keil do Amaral, como também espaços representativos, como é o caso do Forte de Monsanto. Este limite assenta essencialmente no princípio de exclusão dos bairros residenciais que se situam nas suas proximidades.

Com o objetivo de compreender de forma mais aprofundada as relações entre o ambiente urbano e este pulmão verde da cidade, definiu-se um limite territorial mais abrangente do que o estipulado pelo Plano de Gestão. Esta demarcação compreende a área total do Parque Florestal de Monsanto, integrando locais adjacentes que mantêm uma ligação estreita com o Parque, tais como o Bairro de Caselas, o Bairro do Alvito e parte da Tapada da Ajuda. Estas localidades encontram-se adjacentes ao Parque, praticamente imersas na sua vegetação.

Para além da definição deste novo perímetro, procurou-se também criar

45 O Limite do Parque Florestal de Monsanto é estabelecido pelo Plano de Gestão Florestal, concebido pela CML, encontrando-se no respetivo documento do Plano na página 15, figura 4. Relevo do PFM (limite representado através de uma mancha verde intensa).



uma faixa de transição entre o Parque e o contexto urbano envolvente, permitindo analisar de forma mais detalhada o contexto das suas frentes. Assim, certos bairros situados fora do novo limite foram destacados para evidenciar a sua relevância histórica e funcional na relação com o Parque Florestal, com base nas cartografias que documentam a evolução deste território.

Adicionalmente, é acrescentada a urbanização que contorna estas áreas enfatizadas, de forma a compreender a permanência do Parque no tecido urbano. Neste enquadramento, a Avenida da Liberdade é representada na sua totalidade, simbolicamente, por ser o ponto de convergência dos corredores verdes e por ser o local onde foi implantado o primeiro parque público. O Vale de Alcântara é igualmente incluído na sua extensão, dada a sua relevância topográfica e a intenção de delimitar a Serra até ao ponto em que esta se estende pela cidade, mesmo quando tal delimitação não coincide com os limites administrativos do Parque Florestal. Por fim, a cidade de Lisboa é considerada até à margem do rio Tejo, abrangendo toda a área onde a topografia da Serra se manifesta de forma evidente.

Após a determinação dos limites de estudo, procedeu-se a uma análise detalhada dos seguintes pontos: Topografia, Espaços Verdes, Cheios e Vazios, Serviços, Vias Rodoviárias e Pedonais, Rede de Transportes, Linhas de Água e de Fosto, Bacias Hidrográficas, Pedreiras e Solos, bem como Fauna e Flora.

Limites do Parque Florestal de Monsanto e a Cidade

A integração do Parque Florestal de Monsanto com os bairros e zonas urbanas adjacentes é um elemento fundamental para compreender a relação entre Monsanto e a cidade, marcada por características que variam ao longo das suas fronteiras, resultando em diferentes níveis de permeabilidade e acessibilidade.

O Parque foi inicialmente concebido como um espaço verde de lazer e um refúgio natural em contexto urbano como incentivo à proximidade com a natureza.

Com o tempo, Monsanto passou a ser também um meio de circulação, deixando parcialmente de funcionar como destino em si, mas como um espaço de lazer acessível pensado para acolher a população da cidade. Embora esta transformação possa ser compreendida como um efeito expectável da expansão urbana, no caso de Monsanto ela adquiriu contornos particularmente acentuados. O Parque é hoje intensamente circundado por vias de grande expressão como a A5, a CRIL, a Radial de Benfica, a Avenida de Ceuta e o Eixo Norte-Sul que o isolam fisicamente do tecido urbano envolvente, reduzindo a sua permeabilidade e contribuindo para que a sua função como infraestrutura de mobilidade se sobreponha, em muitos casos, à sua vocação original de fruição e permanência.

Esta condicionante viária fez com que a conexão de Monsanto com a cidade se fosse progressivamente perdendo, não apenas pela distância física, mas também pela fragmentação das ligações pedonais e cicláveis. Grande parte dos bairros e zonas que se encontram diretamente relacionados com o parque, nomeadamente o Bairro da Liberdade e Serafina, Alcântara, Ajuda, o Bairro do Restelo, Caselas, Alfragide, Amadora, Benfica, Freguesia de São Domingos de Benfica, Campolide e Algés, acabam por não usufruir da sua localização para gerar e aproveitar continuidade com o mesmo, resultando na presença de fronteiras mais rígidas e pouco convidativas, como declives acentuados ou artificiais, vias rápidas de elevado tráfego, muros contínuos, grandes infraestruturas de transporte e áreas de caráter privado, que funcionam como barreiras visuais e físicas. Estas limitações comprometem a integração urbana e reduzem o potencial de uso quotidiano do parque pela população local. Num perímetro total de aproximadamente 22.356 metros, cerca de 69,2% é considerado não permeável, evidenciando a dimensão e o impacto do isolamento que compromete a experiência de utilização do parque e a sua ligação à malha urbana envolvente.

No entanto, em certas zonas, como no bairro da Boa Vista, a transição entre a malha urbana e o parque é fluida e acessível, promovendo o uso do espaço verde pela população local e um acesso mais fácil ao mesmo. Com isto, o mapa de limites de Monsanto surge como forma de entendimento da falta de ligação e continuidade de Monsanto com a cidade. Esta análise organiza-se através da divisão de Monsanto em quatro zonas (Norte, Sul, Este, Oeste) e apresenta um registo fotográfico da rede viária e das margens do mesmo.





51N. Esquema do limite norte

O limite Norte do Parque Florestal de Monsanto confronta-se com as freguesias de Benfica e São Domingos de Benfica, onde, apesar da existência de algumas infraestruturas de ligação — como pontes e viadutos —, a relação entre o parque e a cidade é fortemente condicionada pela presença da Segunda Circular, da Radial de Benfica e da linha de comboio, vias de tráfego intenso que funcionam como barreiras físicas e sensoriais à continuidade urbana.

A Travessia Francisco Resende, que passa sob a Segunda Circular, estabelece uma ligação direta ao Externato Infantil e Primário O Beiral, antiga Quinta do Peres, permitindo o acesso inicial aos trilhos e a uma secção do aqueduto. Destacam-se ainda: a Travessia de São Domingos de Benfica, junto à Rua Francisco Gentil Martins; o Viaduto Pedonal de São Domingos de Benfica, localizado junto aos Pupilos do Exército; e uma terceira ponte, situada mais a oeste, junto à Rua Tenente Coronel Ribeiro dos Reis. Todas estas estruturas facilitam a deslocação de peões para o interior de Monsanto, mais concretamente até à Mata de São Domingos de Benfica.

Existe, no entanto, uma exceção relevante: um conjunto edificado no qual se incluem o Bairro do Calhau, o Palácio Marquês de Fronteira, a Quinta do Lameiro, o Palácio e Quinta de Devisme, e o Convento de São Domingos de Benfica — atual edifício dos Pupilos do Exército —, que se encontram diretamente envolvidos pelo parque. Aqui verifica-se uma relação mais porosa com o território natural, permitindo um acesso pedonal direto, sem intermediação de barreiras rodoviárias.



583.



584.



585.



586.



587.

583| 584| 585| 586| 587. Fotografias aéreas do Limite Norte



588.



589.



590.

588 | 589 | 590. Fotografias aéreas do Limite Norte



591.



592.



593.



594.



595.

591 | 592 | 593 | 594 | 595. Fotografias aéreas do Limite Norte



52N. Esquema do limite nascente

O limite Nascente do Parque Florestal de Monsanto é profundamente condicionado pela morfologia do Vale de Alcântara, uma depressão natural que marca de forma vincada a topografia desta frente. Esta barreira geográfica pré-existente tem historicamente dificultado a articulação entre as cotas mais elevadas do parque e a malha urbana envolvente, tornando difícil a sua integração física com os bairros a nascente, nomeadamente Campolide, Campo de Ourique e Alcântara.

Sobre esta base topográfica complexa, implantou-se um sistema denso de infraestruturas viárias e ferroviárias, que veio agravar o grau de fragmentação territorial existente. A Avenida de Ceuta, o Eixo Norte-Sul e a linha de comboio formam um conjunto de eixos de tráfego intenso que atravessam transversalmente este limite, funcionando como barreiras urbanas contínuas, que impedem ou desqualificam o acesso pedonal e ciclável ao parque.

Apesar da presença destas infraestruturas, destaca-se o Corredor Verde de Monsanto como uma exceção relevante. Esta estrutura ecológica e urbana estabelece uma ligação entre o Parque Eduardo VII e o interior de Monsanto, atravessando áreas densamente urbanizadas e proporcionando um percurso contínuo para peões e ciclistas provenientes da Baixa de Lisboa. No seu traçado, o corredor cruza vias como a Avenida Calouste Gulbenkian e o Eixo Norte-Sul, alcançando o parque na zona do Moinho das Três Cruzes do Calhau.

A principal área de contacto direto com o parque neste limite ocorre no Bairro da Liberdade, onde o Aqueduto das Águas Livres assume um papel estruturante na paisagem, permitindo, através dos trilhos que o acompanham, uma certa permeabilidade entre a cidade e o parque.

No entanto, este bairro — fruto da complexidade viária envolvente e das articulações com as redes de circulação da frente norte — encontra-se, ele próprio, relativamente isolado, com acessibilidades limitadas e descontinuadas.

Assim, à semelhança do restante limite nascente, as ligações pedonais e rodoviárias permanecem escassas, descontínuas e pouco qualificadas, reforçando o isolamento físico e simbólico de Monsanto face à cidade.



596.



597.



598.



599.

596| 597| 598| 599. Fotografias aéreas do Limite Nascente

600| 601. Fotografias aéreas do Limite Este



600.



601.



602.



603.



604.



605.



606.

602| 603| 604| 605| 606. Fotografias aéreas do Limite Este



53N. Esquema do limite Sul

O limite Sul do Parque de Monsanto relaciona-se diretamente com as freguesias de Alcântara, Ajuda e Belém. Destaca-se pela relativa permeabilidade em diversos pontos, com múltiplos acessos que conectam o parque aos bairros mais próximos. No bairro do Restelo, em particular na sua faixa poente, o bairro é um exemplo dessa permeabilidade, onde é possível observar uma relação direta entre as habitações unifamiliares (na Rua do Alto do Duque e parte da Avenida das Descobertas) e o “braço” de Monsanto, onde algumas dessas habitações encontram-se orientadas para o parque usufruindo da sua proximidade e proporcionando acesso direto aos trilhos e espaços de lazer, como o Clube do Alto do Duque.

Na Tapada da Ajuda, a facilidade de acesso ao parque também é evidente em certos troços, particularmente na zona superior do Pólo Universitário da Ajuda, no Bairro do Alto da Ajuda e Caramão da Ajuda, em articulação com a estrada de Queluz. Nesses pontos, a travessia das vias permite um acesso ao parque com facilidade e potencia a ligação aos Montes Claros e à Alameda do Keil do Amaral através de trilhos estabelecidos. No entanto nem toda a frente Sul apresenta estas condições. O Instituto Superior de Agronomia (ISA) funciona como um elemento de descontinuidade, limitando a ligação entre o Parque e a cidade. Os limites do ISA, de carácter semi-privado e delimitados por muros, impõem uma barreira física ao território florestal. Embora existam acessos pedonais pontuais, a inexistência de permeabilidade viária e a natureza institucional do espaço contribuem para uma perceção de afastamento, tornando esta secção menos acessível e menos convidativa.



607.



608.



609.



611.



610.



612.

607| 608| 609| 610| 611| 612.
Fotografias aéreas do Limite Sul



613.



614.



615.

613| 614| 615. |Fotografias aéreas do Limite Sul



616.



617.



618.



619.



620.



621.

616| 617| 618| 619| 620| 621. Fotografias aéreas do Limite Sul



54N. Esquema do limite Poente

O limite Poente do PFM estabelece contacto com os concelhos de Oeiras (freguesia de Algés, Linda-a-Velha e Cruz Quebrada-Dafundo) e da Amadora (freguesia de Alfragide), apresentando variações significativas na sua permeabilidade. Esta frente é, em grande parte, delimitada pela CRIL (A36), uma infraestrutura viária de grande escala que atua como barreira física e sensorial, dificultando a integração do Parque com a malha urbana adjacente. Nas zonas onde o Parque é confinado por esta via rápida, os constrangimentos à acessibilidade são evidentes, à semelhança do que se verifica no limite norte. Ainda assim, identificam-se cinco atravessamentos relevantes que garantem alguma ligação entre o Parque e os territórios urbanos envolventes:

- Rua do Proletário estabelece a ligação entre a zona comercial de Alfragide e o Parque, através da Azinhaga da Marinheira e de uma travessia pedonal que sobreleva a A5, permitindo posteriormente o acesso ao Bairro de Caselas;
- Rua Quinta das Romeiras assegura a ligação entre a área residencial de Miraflores e o Parque, com entrada para uma rede de caminhos em terra batida nas imediações do Hospital de São Francisco Xavier;
- Rua António Luís Gomes corresponde ao ponto final de uma travessia proveniente de Algés, que cruza a CRIL e desemboca nas proximidades do Forte do Alto do Duque;
- Acesso à Estrada da Circunvalação, sob a CRIL, junto à Rua Dom Jerónimo Osório e ao Mercado de Algés estabelece uma ligação pedonal que permite a continuidade entre a malha urbana e o Parque;
- Rua da Misericórdia embora menos evidente, merece referência por estabelecer uma ligação entre o Bairro do Zambujal (freguesia de Alfragide, concelho da Amadora) e o Bairro da Boavista (freguesia de Benfica, concelho de Lisboa), este último implantado nos limites do Parque de Monsanto.

Estas infraestruturas, embora pontuais, desempenham um papel fundamental na mitigação do isolamento viário do Parque neste limite, reforçando o seu potencial de articulação com a malha urbana envolvente.



622.



623.



624.



625.



626.



627.

622| 623| 624| 625| 626| 627.
Fotografias aéreas do Limite Poente



628.



629.



630.

628| 629| 630. Fotografias aéreas do Limite Oeste



631.



632.



633.



634.



635.



636.

631| 632| 633| 634| 635| 636. Fotografias aéreas do Limite Oeste

Topografia

Localizado na zona Oeste da cidade, o Parque Florestal de Monsanto (PFM) integra grande parte da Serra de Monsanto, incluindo a principal elevação da zona de Lisboa, com 227 metros de altura⁴⁶, onde se implanta o Forte de Monsanto (Fig. 55N).

Apesar da sua altitude, a Serra de Monsanto não se impõe no tecido urbano com a mesma expressividade de outras colinas da cidade. Essa presença, por vezes mais discreta, deve-se sobretudo à sua extensa frente Sul, que se prolonga quase suavemente até ao rio Tejo. De perfil contínuo e inclinação menos acentuada, esta frente contrasta com o relevo mais abrupto das restantes vertentes da Serra e de outras colinas lisboetas. A sua inclinação natural em direção ao Tejo (Fig. 56N) é, neste caso, gradualmente absorvida pela malha urbana envolvente, o que contribui para uma menor perceção da sua volumetria na paisagem das sete colinas. Neste declive marcado pela Serra, é evidente uma separação do Parque em duas zonas, a Norte e a Sul, visível no corte marcado pela atual via rodoviária A5. Vista como um rasgão na topografia da Serra, a implantação da autoestrada neste lugar resulta de uma ligeira deformação já existente no interior de Monsanto (Fig. 57N).

O Parque relaciona-se com quatro frentes da cidade, estabelecendo contacto a diferentes cotas: a Norte com Benfca à cota 72; a Nascente com o Vale de Alcântara à cota 35 e com Campo de Ourique à cota 70; a Sul com o Alto da Ajuda à cota 113; e por fim, a Poente com o Bairro da Boavista à cota 120. A sua topografia, além de fortemente marcada pelos vales da ribeira de Algés, a Poente e da ribeira de Alcântara, a Nascente, é também manifestada a Sul, na encosta do Alto da Ajuda e na passagem estreita formada entre a colina do Alto da Serra e a colina do Penedo. Já a Norte, a proximidade entre o ponto mais alto do PFM e a zona de Benfca acentua a sua diferença de cotas em 155 m, salientando a dificuldade em relacionar estas localidades.

O território do Parque Florestal de Monsanto foi também moldado pela atividade das pedreiras, que definem ondulações particulares em certas zonas da paisagem, resultando num relevo irregular, onde o Parque se adapta às características da Serra, acolhendo-as como parte integrante do seu carácter natural.

Estas características conferem ao Parque uma notável diversidade de ambientes, que se manifesta tanto nos espaços densamente arborizados e mais resguardados, como nas clareiras amplas e abertas à luz. Esta alternância entre recolhimento e abertura reforça a ideia de Monsanto como um lugar de refúgio face à turbulência da cidade. A estes dois ambientes acrescentam-se os miradouros, implantados nos pontos mais elevados do Parque, que se destacam enquanto lugares privilegiados de contemplação da paisagem. No total, o PFM conta com 12 miradouros, distribuídos entre as cotas 85 e 224, sendo o mais elevado quase coincidente com o ponto culminante da Serra de Monsanto.

⁴⁶ Uma das sete colinas de Lisboa, o Parque Florestal de Monsanto, atinge uma altitude de 227m, enquanto outra das sete colinas, que sobressai na malha urbana da cidade, onde se ergue o Castelo de São Jorge, encontra-se a uma cota de 111m de altitude, com uma diferença de 116m relativamente à Serra de Monsanto.



55N. O Forte de Monsanto, o ponto alto da Serra de Monsanto © Arquivo Municipal de Lisboa | Estabelecimento prisional de Monsanto, paulo Guedes, PAG000123



56N. Vista para o rio Tejo, dentro do Parque Florestal de Monsanto ©Arquivo Municipal de Lisboa | [Panorâmica tirada de Montes Claros sobre a parte sul da cidade, Armândio Maia Serôdio, SER003758



57N. Rasgão na topografia marcado pela via rodoviária A5 ©Museu de Lisboa



⁴⁷ Biblioteca Nacional de Portugal. (c. 1843). Passeio Público em Lisboa (Gravura de Legendand) Biblioteca Nacional de Portugal Disponível em <https://bndigital.bnportugal.gov.pt/records/item/35351-o-passeio-publico-em-lisboa?offset=5>

Espaços Verdes

Como já mencionado, a ideia de espaço verde em Lisboa tem início com o conceito de “Passeio Público”⁴⁷, instituído em 1764, no contexto da reconstrução da cidade após o terremoto de 1755. Ana Tostões, arquiteta e historiadora, descreve o Passeio Público como um espaço que vai além de um simples local de lazer. Projetado para ser acessível e urbano, ele representava uma nova forma de integrar a natureza na cidade, diferente dos jardins privados da época, geralmente associados a propriedades rurais ou mais reservadas. O Passeio Público foi pensado como um espaço coletivo, voltado para a interação social (Tostões, 1992, p. 9).

Segundo a arquiteta e historiadora, Ana Tostões, o projeto do Passeio Público em Lisboa buscava domesticar a natureza e integrá-la como um fragmento de ruralidade no centro da cidade, enquanto os jardins tradicionais portugueses eram voltados para o isolamento e a privacidade, sendo estes normalmente fechados, privados e associados à “quinta rural” no espaço urbano. (Tostões, 1992, pp. 9–10).

O Passeio Público introduziu um novo conceito de espaço verde, aberto e acessível, que promovia tanto o lazer como também, o convívio urbano. Desde então, foram concebidos diversos parques e jardins em Lisboa, exemplos que marcaram a história, incluindo o Jardim da Estrela, e o Parque Eduardo VII, criado no início do século XX.

O Parque Florestal de Monsanto, frequentemente referido como o “pulmão verde” de Lisboa, é o maior espaço verde da cidade, ocupando cerca de 1000 hectares. Contudo, a sua configuração atual nem sempre foi assim. De acordo com as cartografias de 1807 e 1911, grande parte da Serra de Monsanto era composta por zonas rurais utilizadas para práticas agrícolas. Essa transformação, de um território rural para um espaço florestal, materializou a ideia da criação de um verdadeiro “bosque urbano”, nesse espaço, a presença das árvores oferece uma fuga ao ritmo da cidade, permitindo uma imersão e um refúgio na natureza.

O desejo de ligar a cidade ao Parque é reforçada pelo “Plano Verde”, concebido pelo arquiteto paisagista Gonçalo Ribeiro Telles, que defende a criação de uma estrutura ecológica contínua para integrar o espaço urbano ao ambiente natural, um dos princípios deste plano é o “Continuum Naturale”, descrito pelo arquiteto como um “sistema contínuo (corredor)



de ocorrências naturais que permitem o funcionamento e desenvolvimento dos ecossistemas e a permanência do potencial genético (biodiversidade)”, esta estrutura concretiza-se por meio dos corredores verdes, segundo Ribeiro Telles, “os corredores verdes integrados na estrutura ecológica da cidade, constituem elementos que estabelecem a ligação entre as áreas integradas nos sistemas húmidos⁴⁸ interiores e no sistema seco⁴⁹, tal facto conduz a que ambos os sistemas estejam representados nestes corredores” (Telles, 2001, p. 9).

Dos nove corredores verdes existentes em Lisboa, cinco conectam diretamente ao Parque Florestal de Monsanto. O Corredor Verde de Monsanto (Fig. 58N) começa na Praça dos Restauradores, passando por diversos jardins, como o Jardim do Parque Eduardo VII e o Jardim da Amnistia Internacional, até se ligar a Monsanto pelo Viaduto da Avenida General Correia Barreto. O Corredor Verde Central (Fig. 59N), formado por pequenas e médias zonas verdes, integra espaços como o Jardim Zoológico e a Cidade Universitária.

O Corredor Verde de Alcântara (Fig. 60N) percorre o território desde o Pólo de Alcântara até à Quinta do Zé Pinto, criando um ponto de articulação entre as zonas ribeirinhas e o centro urbano, revitalizando o vale e definindo uma linha contínua de espaços verdes (Telles, 1997, p. 94).

O Corredor Verde Periférico (Fig. 61N), localizado a norte de Lisboa, é constituído por zonas verdes que se distribuem de forma contínua desde o Parque Florestal de Monsanto até ao Lumiar (Telles, 1997, p. 85).

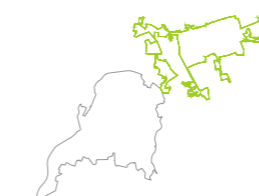
Por fim, o Corredor Verde Ocidental do Rio Seco (Fig. 62N) conecta o parque às áreas urbanas da Ajuda e de Belém, prolongando-se até à frente ribeirinha e à Tapada da Ajuda. Estes corredores ajudam a ligar a malha urbana ao parque e consolidam Monsanto como um núcleo essencial da estrutura ecológica de Lisboa.

⁴⁸ Os sistemas húmidos interiores são definidos como “elementos estruturantes deste sistema as linhas de água e respetivas áreas adjacentes, que integram as superfícies contíguas até 5% de inclinação livres de construções ou com construções apenas pontuais, as quintas, as hortas existentes, as bacias de receção e as bacias de retenção das linhas de água” (Telles, 2001, p. 10)

⁴⁹ O sistema seco “integra percursos, corredores, espaços verdes, cemitérios. Dada a sua localização morfológica, este sistema integra ainda os pontos de vista que pontuam as cumeadas (linhas de fecho) que limitam os grandes vales e vertentes” (Telles, 2001, p. 11).



58N. Corredor Verde de Monsanto



59N. Corredor Verde Central



60N. Corredor Verde de Alcântara



61N. Corredor Verde Periférico



62N. Corredor Verde Ocidental do Rio Seco

Cheios e Vazios

O Parque Florestal de Monsanto (PFM), delimitado pelos municípios de Lisboa, Amadora e Oeiras, pode ser considerado um grande vazio à escala urbana quando analisamos o construído entre ele e a sua envolvente.

Observando a Planta Cheios e Vazios, verificamos que a área interior do PFM dispõe de uma malha urbana muito menos densa e consolidada do que as áreas adjacentes, com apenas 38,7 hectares de área construída. Destes edificadas, aqueles que se destacam mais são as instalações militares do Forte de Monsanto e do Forte do Alto do Duque, o Externato de São José, o Parque Recreativo do Alvito, o Parque Infantil do Alto da Serafina, o Centro de Interpretação de Monsanto, a Estação de Radar da Força Aérea e a ETAR.

Fora dos limites do PFM observa-se uma maior uniformidade na malha urbana. Podemos verificar no município de Lisboa, os bairros de Benfica, Campolide e Alcântara; no município da Amadora, a zona industrial e comercial de Alfragide e no município de Oeiras, os bairros de Carnaxide e Algés, embora deste último se marcar mais perto da linha do Rio e não tão perto do PFM.

Apesar desta discrepância, o PFM pode ser considerado um “cheio” tendo em conta a sua forte densidade de vegetação. Cerca de 890 hectares (92,5% da área total do Parque) representam esta mancha verde que pode ser observado de diferentes pontos de vista da cidade.



Serviços

É relevante identificar os diferentes usos do solo do Parque Florestal de Monsanto (PFM), bem como os serviços existentes e a sua tipologia. O mapa apresentado baseia-se nos dados e nomenclaturas definidos pela Câmara Municipal de Lisboa (CML) no âmbito do Plano de Gestão Florestal do PFM.

Segundo a CML, o Parque, ocupando cerca de 1/8 da área total do município de Lisboa, apresenta 3 diferentes tipos de proprietários do terreno: Municipal (CML) com 962,2 ha, Estatal (património do Estado atribuído aos Ministérios da Justiça e Defesa) com 62,5 ha e Privada (terrenos privados) com 20,4 há.

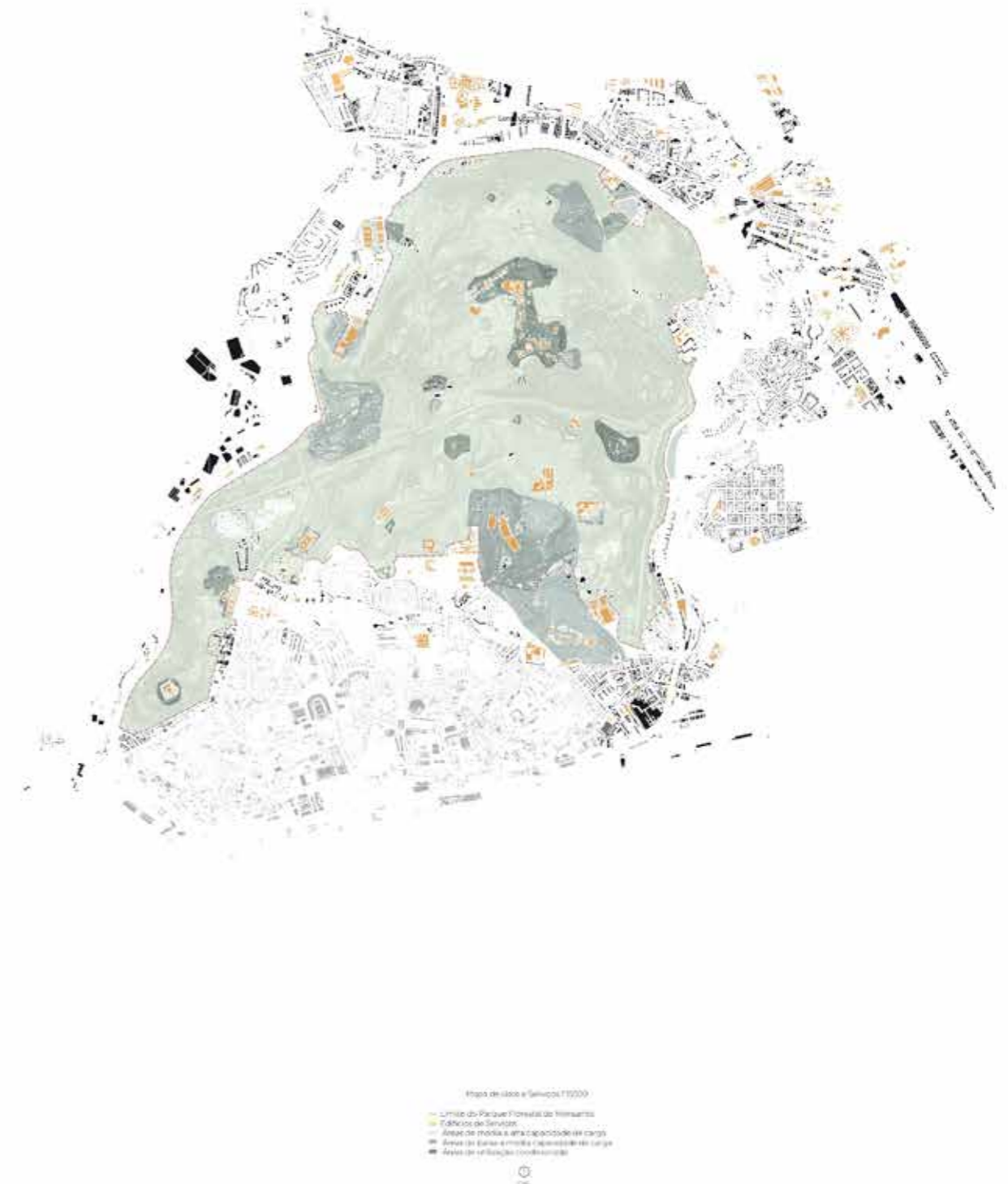
Acerca da classificação do uso do solo, o Plano de Gestão Florestal organiza o território do Parque segundo a capacidade de carga e tipo de uso permitido, distribuindo-o por três categorias:

- Áreas de utilização condicionada;
- Áreas de baixa a média capacidade de carga;
- Áreas de média a alta capacidade de carga.

As áreas de utilização condicionada correspondem a espaços vedados ao público ou de uso restrito, incluindo áreas militares (como o Alto do Duque e o Penedo) e alguns equipamentos desportivos sob gestão de entidades terceiras (cerca de 82 hectares (8,5% do PFM).

As áreas de baixa a média capacidade de carga ocupam aproximadamente 112 hectares (11,6 %) e são destinadas à conservação da natureza. Mesmo permitindo o uso público, o mesmo é limitado e cuidadosamente controlado.

Por sua vez, as áreas de média a alta capacidade de carga representam



a maior parte do território (cerca de 80%), compreendendo zonas com maior grau de acessibilidade e vocacionadas para atividades de lazer, circulação e fruição contínua. Dentro desta categoria, destacam-se 343,7 hectares (35,72%) especificamente dedicados a usos recreativos, que incluem:

- Quintas históricas (9,6 ha);
- Equipamentos desportivos (20,5 ha);
- Infraestruturas recreativas diversas (12,8 ha);
- Ciclovias, com um total de 52,6 km de extensão.

Relativamente aos serviços existentes no interior do Parque, observa-se uma distribuição pouco densa e pouco diversificada, predominando os equipamentos ligados ao desporto e à segurança. Em contraste, nas áreas urbanas contíguas, regista-se uma maior concentração e variedade de serviços, como é próprio do tecido urbano consolidado.

Em Alfragide, prevalecem os chamados serviços de “outro” tipo, que correspondem essencialmente a centros comerciais e à zona industrial. Em Oeiras, são mais expressivos os serviços educativos. Já em Lisboa, particularmente nos bairros de Benfica, Campolide e Alcântara, verifica-se uma oferta mais diversificada, ainda que com predominância dos setores da educação e do desporto.

Em síntese, a distinção entre Parque e cidade é também evidente na natureza dos serviços existentes: no interior do PFM destacam-se os usos associados ao lazer e à atividade física, enquanto no tecido urbano envolvente predominam os serviços ligados à cultura, ao comércio e à educação.



restais, com larguras entre os 4 e os 6 metros, que percorrem extensivamente o interior do Parque. Ao longo destas pistas foram traçados 14 percursos pedestres (trilhos⁵⁰), cada um associado a uma zona temática específica. Entre estes destaca-se o Circuito de Corrida, um percurso com 11 km de extensão que atravessa quase toda a área do PFM.

Na zona Sul do Parque Florestal existem duas Vias Pedonalizadas¹: a Estrada do Outeiro e a Estrada Montes Claros, mais conhecida como Alameda do Keil do Amaral. Estes vias, atualmente exclusivas a peões integraram outrora a rede secundária de primeira ordem.

Para além das Vias Rodoviárias e Pedonais, existem ainda três Ciclovias². A mais extensa contorna o limite norte do PFM, junto à Radial de Benfica. As outras duas, mais curtas, localizam-se no interior do Parque: uma na Estrada do Barcal, outra na Estrada da Bela Vista.

Por fim, destaca-se a existência de 27 parques para automóveis³ e 6 para bicicletas. A ideia de Parkway mantém-se presente no Parque Florestal de Monsanto, refletida numa rede complexa e hierarquizada de caminhos, como resposta à necessidade de acesso a diversos equipamentos e zonas funcionais do Parque.

□□ Os Trilhos marcados por todo o Parque Florestal contam com cerca de 38,1 km na sua distância total, nos 14 percursos pedestres. Contudo para os circuitos pedonais estimam-se 70,4 km. (estatísticas desenvolvidas pela Câmara Municipal de Lisboa, no website da mesma e no Plano de Gestão Florestal para o Parque de Monsanto)

□1 As Vias Pedonalizadas são troços anteriormente qualificados para trânsito automóvel, sendo atualmente apenas para transição de peões.

□2 As Ciclovias, incluindo os trilhos indicados para bicicletas, apontam para uma distância de 56,2 km no total, sendo que apenas 45 km estão operacionais. (estatísticas desenvolvidas pela Câmara Municipal de Lisboa, no website da mesma e no Plano de Gestão Florestal para o Parque de Monsanto)

□3 Dos 27 Parques de Estacionamento, cerca de 7 estacionamentos ao longo da faixa de rodagem são classificados como parque automóvel, mesmo que se encontrem ao longo de uma via. Como é o caso da Estrada de Montes Claros.

Rede de Transportes

O Parque Florestal de Monsanto, é atravessado por diversas rotas de transporte público revelando diferentes graus de relação com o parque. Linhas, como a 711 (Alto da Damaia – Sul e Sueste), 724 (Pontinha – Alcântara, Calçada da Tapada) e a 729 (Algés – Pontinha, Metro), atravessam extensões relevantes nos limites de Monsanto a partir de zonas densamente urbanas. Outras, como a 723, 727 ou 732, têm uma presença menos expressiva, com trajetos tangentes ao parque, embora sem o atravessar de forma contínua. Por fim, há ainda um conjunto de linhas com relação pontual ao parque, como a 79B, 714, 770, 771 e várias da série 1700.

As paragens de transporte público localizadas no interior do Parque Florestal de Monsanto apresentam, na sua maioria, condições pouco qualificadas. Funcionam essencialmente como pontos de passagem, sem infraestruturas que facilitem uma transição confortável e legível entre o transporte e o parque. Existem, no entanto, algumas exceções significativas: as paragens situadas junto ao Clube de Ténis, aos Montes Claros e ao Parque Recreativo do Alto da Alvito funcionam como verdadeiras portas de entrada, promovendo uma articulação mais eficaz - tanto funcional como simbólica - entre a cidade e o parque.

Esta abordagem está alinhada com a visão do arquiteto Francisco Keil do Amaral, que idealizou o Parque como um espaço articulado entre natureza e cidade, onde a rede viária deveria não só garantir a acessibilidade, mas também proporcionar uma experiência de usufruto da paisagem. Influenciado pelo conceito de Park Way, Keil propôs uma estrutura viária pensada para o passeio e contemplação, com vias que integrassem o percurso na paisagem, valorizando o território e a sua leitura. Neste contexto, também as interfaces de transporte devem ser encaradas como elementos do desenho paisagístico, assegurando uma chegada qualificada, segura e com identidade, coerente com o carácter natural, cultural e simbólico do parque.

Embora existam infraestruturas ferroviárias nas mediações de Monsanto, estas não proporcionam acesso direto ao parque, limitando a integração dos transportes ferroviários com o Parque Florestal. O apeadeiro do Alvito⁵⁴, em Alcântara, foi parcialmente construído em 1999, mas nunca foi aberto ao público, funcionando apenas como paragem técnica para comboios. Em Benfica, a estação ferroviária, situada a leste de Monsanto, serve principalmente a população local e também não estabelece uma ligação direta ao parque.

O mapa reflete um planeamento fragmentado, que prioriza trajetos urbanos sem considerar o parque como um ponto estratégico para mobilidade e lazer. Seria essencial reavaliar a disposição das rotas, paragens e promover maior permeabilidade ao longo de Monsanto, potenciando a sua articulação com a cidade

⁵⁴ O Apeadeiro do Alvito, localizado em Alcântara, junto ao Parque Florestal de Monsanto, foi parcialmente construído em 1999, no contexto da requalificação da linha ferroviária associada à Ponte 25 de Abril. Apesar de terem sido concluídas as plataformas, as quatro vias e os acessos, o apeadeiro nunca foi colocado em funcionamento para o serviço público, sendo utilizado apenas como paragem técnica em situações de emergência.



66N. Keil do Amaral: Paragens.



67N. Estação Alvito A. © Rita Ansonne.



68N. Estação de Benfica. © Rita Ansonne. Arquivo Fotográfico.



Linhas de Água e de Festo

O Parque Florestal de Monsanto, como já referido na análise Topográfica, integra o relevo dominante do concelho de Lisboa com uma cota máxima de 227m. Conta com a ocorrência de vales em todas orientações: a Norte a depressão de Benfica, associada ao troço central da Ribeira de Alcântara; a Poente o vale da Ribeira de Alcântara (Figuras 69N e 70N); a Nascente o vale da Ribeira de Algés; e a Sul umas ligeiras depressões marcadas pelas ruas a descer na suave encosta, encaminhando as águas diretamente para o rio Tejo.

As supressões na topografia refletem-se nas próprias linhas de água, ou talvegue (representadas a azul no mapa), onde fluem os cursos de água, representadas entre as linhas de festo. Também nomeadas de linhas de cumeada (representadas a vermelho no mapa), estas delineiam os pontos mais altos, os cumes, e separam as águas.

O Forte de Monsanto, atualmente conhecido como Estabelecimento Prisional de Monsanto, está calizado no alto da Serra, sendo o ponto mais elevado de Lisboa. É neste lugar que convergem as principais linhas de cumeada que desenham a Serra.

Das zonas de Algés e Alcântara, que ladeiam o Parque Florestal, constam duas linhas de água principais que marcam as ribeiras destas localidades. Ambas se encontram encanadas (figuras 71N e 72N), sendo que o Caneiro de Alcântara se encontrava em risco de colapso, estando atualmente em manutenção (Nogueira, 2025). Relativamente à ribeira de Benfica, também canalizada, estabelece uma ligação com a ribeira de Alcântara (Figura 73N). As restantes linhas de talvegue que ocorrem entre as linhas de festo ao longo da Serra têm pouca expressão, tanto na sua representação gráfica no mapa, como paisagisticamente. Todos estes cursos de água encontram-se inseridos em bacias hidrográficas de Lisboa que abrangem a área de Monsanto.



69N. Vale da Ribeira de Alcântara, com o atravessamento do viaduto Duarte Pacheco, conectando o Bairro da Liberdade com Monsanto © Arquivo Municipal de Lisboa | [Vale de Alcântara, avenida de Ceuta, viaduto Duarte Pacheco e o parque florestal de Monsanto, fotografia aérea], Mário de Oliveira, A24522



70N. Obras de encanamento da Ribeira de Alcântara, fotografia retirada a partir do viaduto de Santana ©Camãra Municipal de Lisboa



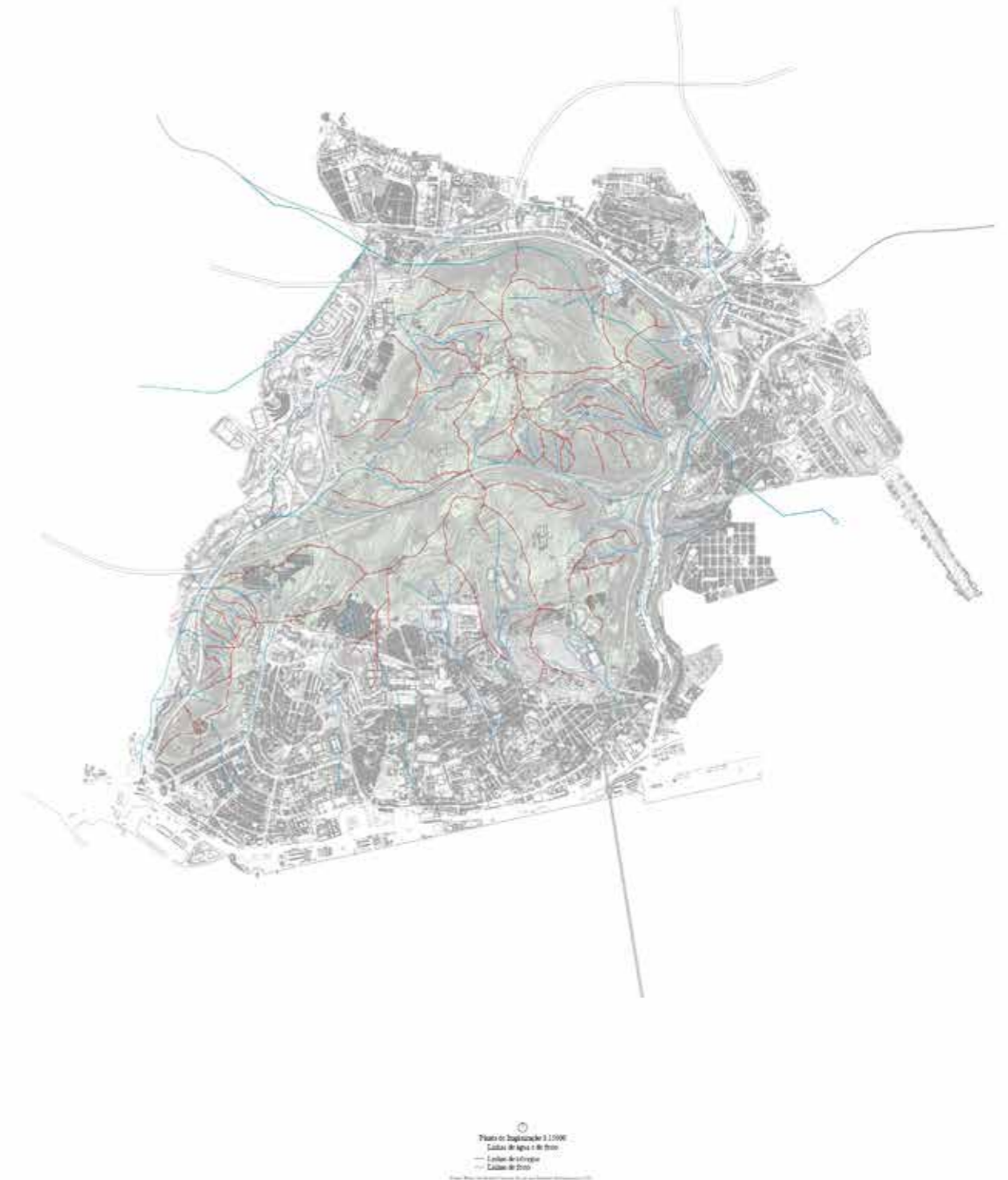
71N. Caneiro de Alcântara, obras de encanamento da cobertura da ribeira de Alcântara ©Camãra Municipal de Lisboa



72N. Linha de água a correr no interior do Caneiro de Alcântara, obras de cobertura da ribeira ©Camãra Municipal de Lisboa



73N. Obras de canalização da ribeira de Alcântara na zona de Benfica, fotografia retirada em 1967 ©Camãra Municipal de Lisboa



Bacias Hidrográficas

O Parque Florestal de Monsanto (PFM) relaciona-se com sete bacias hidrográficas⁵⁵, seis das quais dentro do limite de análise definido.

Duas grandes bacias envolvem a maior parte do Parque Florestal de Monsanto: a Bacia e a da Ribeira de Alcântara e da Ribeira de Algés, que, em conjunto, cobrem aproximadamente 88% da área do Parque (figuras 637 e 638). A Bacia Hidrográfica do Rio Seco (Figura 640), a terceira com maior expressão, ocupa cerca de 7%. As bacias da Ribeira de Pedrouços (Figura 641), da Ribeira da Ajuda (Figura 639) e da Ribeira do Alvito, localizadas junto ao limite Sul, ocupam uma pequena porção. A Bacia da Ribeira de Belém, embora seja uma das menores e situada fora dos limites administrativos do Parque, é aqui considerada por estabelecer continuidade topográfica com a encosta Sul de Monsanto (Figura 643). Destaca-se ainda a Ribeira de Benfica (Figura 642), não representada no mapa, mas que constitui um afluente direto da Ribeira de Alcântara, reforçando a importância desta última como a principal bacia hidrográfica associada ao Parque.

Nos últimos anos, a cidade de Lisboa tem enfrentado um agravamento recorrente de episódios de cheias, resultantes de precipitações intensas associadas às alterações climáticas. A topografia acidentada da cidade, aliada à proximidade do rio Tejo, contribui significativamente para o aumento da vulnerabilidade a inundações. Neste contexto, e tendo em conta a morfologia acentuada da Serra de Monsanto, bem como a existência de várias zonas urbanas adjacentes frequentemente afetadas, levanta-se a questão sobre o eventual papel do Parque Florestal de Monsanto neste fenómeno e na sua mitigação.

De forma a minimizar o impacto desta problemática na cidade, foi projetado pela Câmara Municipal de Lisboa (CML) o Plano Geral de Drenagem de Lisboa (PGDL) (Figura 644), que consiste na construção de grandes coletores, materializados em dois túneis “para proceder ao transvase de Bacias de drenagem com excesso de caudais (...)” (CML, 2015). De acordo com o Plano, o maior túnel, com uma extensão de 5 km, tem origem na Quinta José Pinto, “de forma a intercetar o Caneiro de Alcântara num troço imediatamente a jusante da confluência dos dois ramos (...)” (CML, 2015) estendendo-se da zona de Campolide até à

⁵⁵ De acordo com Viessman et al. (1997), entende-se por Bacia Hidrográfica como uma área determinada através da topografia, drenada por um curso de água ou por um sistema de cursos de água, de tal forma a que todos os caudais sejam descarregados numa única saída. Dentro da bacia ocorre então o processo de drenagem das águas que são posteriormente escoadas num só local para um ponto de água, como um rio ou o mar.

⁵⁶ Previsto para o ano 2030, o Plano Geral de Drenagem de Lisboa, consiste num projeto de prevenção das alterações climáticas, através da construção de dois túneis que atravessam a cidade, sendo que um deles parte de Campolide, Monsanto. Neste ponto, o túnel vem receber o início do Caneiro de Alcântara, efetuando uma mudança no curso da água. No túnel Monsanto - Santa Apolónia são escavados e instalados pontos de vórtice, que captam as águas à superfície, nas zonas mais baixas seguindo o percurso seguinte: na Avenida da Liberdade, no Largo de Santa Marta e na Avenida Almirante Reis. Através de uma tuneladora, são criados túneis com 5,5 m de diâmetro interno que tencionam reduzir o risco de inundações e cheias, proporcionando ao mesmo tempo uma infraestrutura que permitirá a reutilização de águas para usos externos, como a lavagem de ruas ou rega de espaços verdes.

⁵⁷ As técnicas de “controlo na origem de águas pluviais” consistem num “conjunto diversificado de técnicas de controlo local, a montante da rede, que permite a redução dos caudais de ponta e dos volumes de águas pluviais afluentes aos coletores, essencialmente através de processos de retenção, de infiltração ou da combinação de ambos.” (CML, 2015)



zona de Santa Apolónia, no Cais do Terminal dos Cruzeiros onde os caudais irão desaguar no rio Tejo.

Neste âmbito, com o intuito de compreender mais detalhadamente a função de Monsanto, foi convidada a Engenheira Filipa Ferreira, uma das autoras e responsáveis pelo PGDL, para participar numa sessão de esclarecimento, realizada em contexto letivo, com vista a fornecer contributos técnicos relevantes para o presente estudo. Após uma abordagem ao tema, constata-se que Monsanto tem um papel ativo na drenagem das águas das chuvas. Segundo a Engenheira, Filipa Ferreira embora os solos da Serra de Monsanto apresentem graus de permeabilidade distintos, a área é considerada permeável, permitindo a infiltração da água no solo e, conseqüentemente, contribuindo para a redução do escoamento superficial e para a mitigação da problemática em questão.

Nesse sentido foi projetada junto ao Polo Universitário da Ajuda uma bacia de retenção, considerada pela Engenheira Filipa Ferreira como uma solução de “controlo na origem” 57. Esta estrutura, através da modelação do terreno, permite a captação e armazenamento temporário das águas das chuvas, ajudando a controlar e desacelerar o fluxo hídrico, reduzindo assim o risco de cheias nas zonas urbanas adjacentes.

637. Lavagem de roupa na Ribeira de Alcântara, na zona da Quinta da Rabicha, na década de 40 © Arquivo Municipal de Lisboa | Lavagem de roupa na ribeira de Alcântara, na zona da Quinta da Rabicha, António Passport, APP000065

638. Portas de Algés, a Ponte Velha sobre a Ribeira de Algés © Arquivo Municipal de Lisboa | Portas de Algés, (sem autor), ACU000430

639. Curso de água pelo Rio Seco © Arquivo Municipal de Lisboa | Sítio do Rio Seco, Paulo Guedes, PAG000010

640. Fotografia da Praia entre a Ribeira e a antiga praia de Pedrouços © Arquivo Municipal de Lisboa | Praia entre a Ribeira e a antiga Praia de Pedrouços, Eduardo Portugal, POR058937

641. A Ribeira da Ajuda e a sua vegetação abundante © Arquivo Municipal de Lisboa | Exuberante vegetação, ribeira da Ajuda, Artur Pastor, ART050353

642. Fotografia aérea entre a zona de Belém e da Ajuda e a sua relação com Monsanto © Arquivo Municipal de Lisboa | Fotografia aérea sobre as zonas de Belém e Ajuda, Judah Benoit, JBN004829

643. Ribeira de Alcântara junto a Benfica, a dita Ribeira de Benfica © Arquivo Municipal de Lisboa | [Ribeira de Alcântara junto a Benfica], Artur João Goulart, AJG000803

644. Fotografia das obras do Túnel que parte de Monsanto, no Estaleiro de Campolide, por parte do Plano Geral de Drenagem de Lisboa, retirada na visita de estudo de dia 6 de dezembro de 2024 © Autoria própria



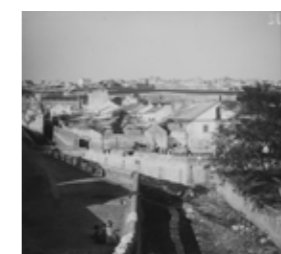
637.



638.



639.



640.



641.



642.



643.



644.

Pedreiras e Solos

As pedreiras de Lisboa desempenharam um papel fundamental no fornecimento de materiais de construção, como calcário, basalto, areia e argila. O calcário, em particular, foi amplamente utilizado na cantaria de edifícios e monumentos, como o Palácio da Ajuda e o Aqueduto das Águas Livres. A reconstrução após o terramoto de 1755, impulsionada pelo plano pombalino, bem como os processos de industrialização, intensificaram a procura por matérias-primas, levando a uma exploração mais sistemática ao longo do século XX. O calcário lioz, pela sua qualidade e abundância, passou a ser extraído em novas pedreiras localizadas em zonas como Benfica e Campo Grande, abastecendo grandes obras da cidade, como o Teatro de São Carlos e a Basílica da Estrela - Levantamento Cartográfico dos Locais de Pedreiras no Concelho de Lisboa⁵⁸.

A distribuição das pedreiras no concelho de Lisboa foi fortemente influenciada pela geologia local e pela topografia⁵⁹. Nas zonas a norte, como o Lumiar e Santa Maria dos Olivais, e a nascente, na área da Charneca, registou-se uma elevada concentração de areeiros, resultado da presença de formações geológicas ricas em areia. Estes representavam mais de 50% das pedreiras identificadas.

Por sua vez nas zonas Sul e Poente predominavam as pedreiras de calcário, com destaque para Alcântara, Benfica e Campolide, afloravam estratos de calcário cenomaniano e com presença de rudistas. A extração de basalto era menos comum, ocorrendo apenas em cerca de 6% das pedreiras, localizadas sobretudo em Alcântara e na Tapada da Ajuda.

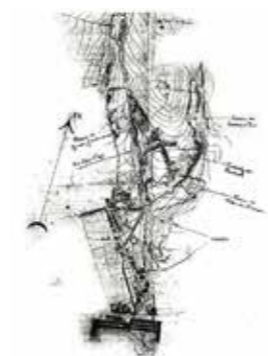
A exploração intensiva de pedreiras alterou a topografia do concelho de Lisboa. Um exemplo expressivo desta transformação é o Vale do Rio Seco, onde chegaram a operar quatro pedreiras de calcário. A pedreira Rio Seco n.º 41 ocupava quase toda a extensão do vale central, com lavras ativas em ambas as encostas. No vale nascente, junto aos muros da Tapada, a pedreira Fornos d'El Rei (mais tarde designada Fornos da República) alterou significativamente a configuração do terreno. Entre os dois vales, a topografia foi igualmente modificada por explorações de menor escala, como a pedreira Fornos do Pátio das Barracas e a pedreira do Pardal.

De acordo com o Levantamento Cartográfico dos Locais de Pedreiras no

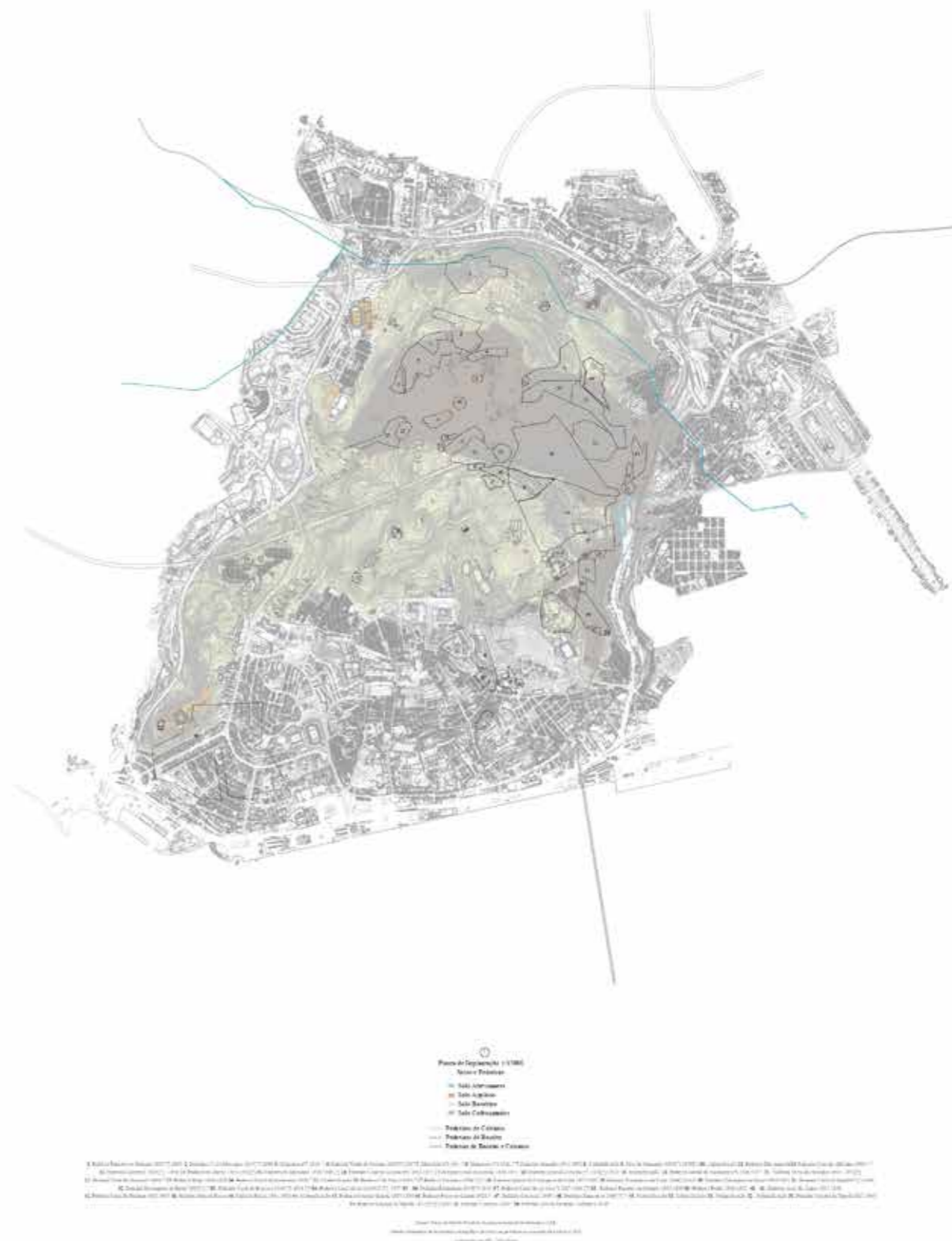
⁵⁸ C.M.L. 2005. Gestão Urbanística Levantamento Cartográfico dos locais de pedreiras no concelho de Lisboa.



74N. Infraestruturas: Aqueduto. © Autor Desconhecido.



75N. Mapa do processo de licenciamento. ©Gestão Urbanística Levantamento Cartográfico dos locais de pedreiras no concelho de Lisboa.



Concelho de Lisboa, foram identificados 248 locais de exploração ativa, entre 1927 e 1978.

Em Monsanto, o funcionamento das 56 pedreiras estendeu-se por cerca de 60 anos, aproximadamente entre 1910 e 1970 com o auge da exploração a ocorrer nas décadas de 1930 e 1940. Deste conjunto, destacam-se pelo início da sua atividade, a Pedreira Pardal (1910–1952) e a Pedreira Casal das Lages (1917–1940), enquanto a Pedreira Quinta da Estrangeira de Cima (1927–1965) e a Casal do Alvito nº 1 (1927–1964) se destacam pela sua longevidade.

Monsanto, em particular, apresentava uma diversidade de pedreiras, equilibrando a exploração de calcário e basalto. Esta última matéria-prima foi amplamente usada para pavimentações, como a calçada portuguesa. Estes materiais foram fundamentais tanto para a construção de edifícios e monumentos quanto para pavimentos, fundações e estruturas ornamentais que moldaram a paisagem urbana de Lisboa.

⁵⁹. A morfologia de Monsanto corresponde a um anticlinal de tipo “domo”¹⁰, formado a partir da deformação de calcários marinhos do Cretácico Superior (100 a 89 milhões de anos). Durante 20 milhões de anos, na área ocupada pelo “Complexo Vulcânico de Lisboa”, ocorreram importantes manifestações vulcânicas que deram origem a uma vasta cobertura de materiais vulcânicos (basaltos, piroclastos, etc.). Sobre estes estratos do Cretácico, depositaram-se depois (entre há 56 e 23 milhões de anos atrás), materiais detríticos – conglomerados, areias e argilas; e (até há 5 milhões de anos atrás) areolas, argilas e calcários ricos em fósseis animais e vegetais.

Os processos erosivos foram retirando dos pontos mais elevados da Serra os materiais mais recentes, evidenciando as formações calcárias anteriores (Galvão, C. 2015).



645.



646.



647.



648.



649.



650.



651.



652.

645 e 647. Pedreira de Calcário: Casal do Alvito n.º 1. © Autor Desconhecido.
 646. Baixa de Sete Moinhos n.º 1. © Autor Desconhecido.
 648. Alcântara: Zonas de Extração e Desenvolvimento da cidade. © Autor Desconhecido.
 649. Pedreira Alto da Serafina © Levantamento Fotográfico.
 650. Pedreira Casal do Alvito no1. © Levantamento Fotográfico.
 651 e 652 Pedreira Casal do Alvito n.º 1. © Levantamento



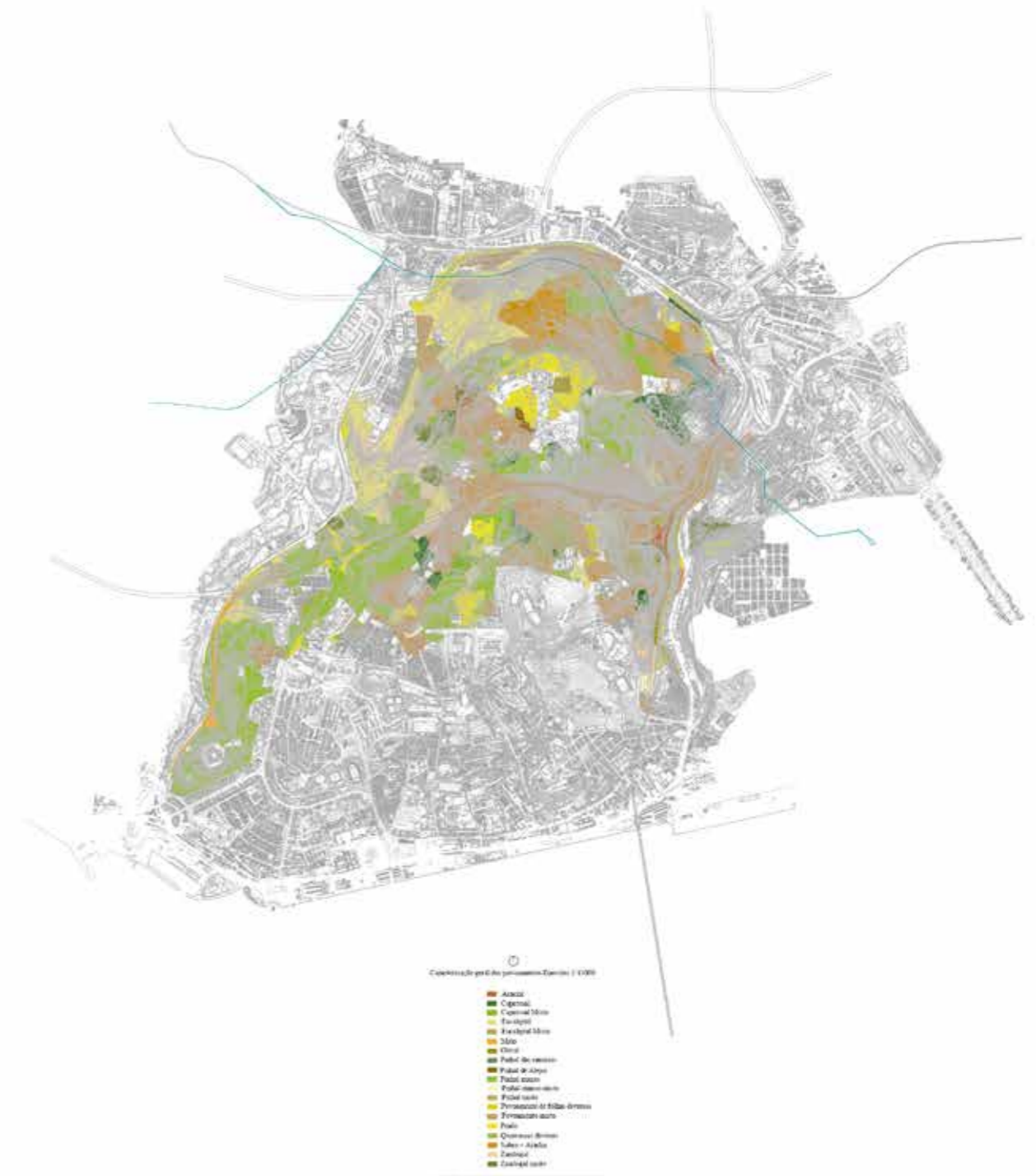
76N. Carta de «Arborização Parcelar», Joaquim Rodrigo, 1952

Flora

O Engenheiro Joaquim Rodrigo elaborou as primeiras cartas de arborização para a Serra, que definiram a base para a sua transformação num Parque Florestal com espécies escolhidas em função das características do solo. No entanto, devido ao estado precário do terreno, resultado da prática prolongada de cultivo de cereais, o processo de plantação foi demorado. Como as primeiras espécies introduzidas eram destinadas ao recreio e apresentavam um crescimento mais lento, na década de 1950 recorreu-se à introdução de pinheiros, acácias, choupos e eucaliptos, espécies de desenvolvimento mais rápido, para equilibrar o crescimento da vegetação. (Grilo, 2014, p. 36)

Atualmente, o Parque Florestal de Monsanto é reconhecido pela ampla diversidade de espécies arbóreas, resultado da introdução e experimentação de mais de 140 tipos de árvores e arbustos de grande porte. Entre as formações florestais predominantes estão o pinheiro-manso (*Pinus pinaster*), e o pinheiro-do-Alepo (*Pinus halepensis*), além de várias espécies de ciprestes, como os lusitanos (*C. lusitânica*), sempervirens (*C. sempervirens*) e macrocarpa (*C. macrocarpa*). Também se destacam o sobreiro (*Quercus suber*), a azinheira (*Quercus rotundifolia*) e os carvalhos, incluindo o cerquinho (*Quercus faginea*) e o alvarinho (*Quercus robur*). As áreas do parque contam ainda com eucaliptos (*Eucalyptus* spp.) em diversas variedades (*E. globulus*, *E. camaldulensis*, e pequenas manchas ou indivíduos isolados de *E. robusta*, *E. saligna*, *E. sideroxylon*, *E. viminalis*, *E. cornuta*, *E. citriodora*) e manchas isoladas, além de espécies do gênero *Acacia* (*Acacia* spp.) (*Acacia melanoxylon*, *A. longifolia*, *A. karoo*, *A. dealbata*, *A. decurrens*, *A. retinoides*) e outras de relevância ecológica, como o pinheiro-das-Canárias (*Pinus canariensis*), *Thuja orientalis* (*Platycladus orientalis*), oliveiras (*Olea europaea*), zambujeiros, ulmeiros (*Ulmus minor*), e freixos (*Fraxinus angustifolia* e *Fraxinus ornus*). (PGFPFM, 2020)

A Serra de Monsanto, outrora marcada por uma paisagem rural de pastagens, moinhos e quintas, transformou-se ao longo do século, num símbolo de regeneração ambiental e valorização do espaço urbano. Mais do que um simples projeto de reflorestação, o atual Parque Florestal de Monsanto representa a evolução de um território severamente explorado para uma referência na construção do tecido verde da cidade, onde a diversidade vegetal reflete um equilíbrio consciente entre a memória histórica da serra e a preservação ambiental.





653.



654.



655.



656.



657.



658.



659.



660.



661.



662.



663.



664.



665.

- 653. Pinheiro-manso (*Pinus pinea*)
- 654. Pinheiro-do-Alepo (*Pinus halepensis*)
- 655. Sobreiro (*Quercus suber*)
- 656. Azinheira (*Quercus rotundifolia*)
- 657. Carvalho cerquinho (*Quercus faginea*)
- 658. Carvalho alvarinho (*Quercus robur*)
- 659. Acácia-australiana (*A. melanoxylon*)
- 660. Acácia-dourada (*A. longifolia*)
- 661. Acácia-do-karoo (*A. karroo*)
- 662. Mimosa (*A. dealbata*)
- 663. Cipreste Macrocarpa (*C. macrocarpa*)
- 664. Cipreste Sempervirens (*C. sempervirens*)
- 665. Cipreste Lusitano (*C. lusitânica*)

- 666. Eucalipto-branco (E. viminalis)
- 667. Eucalipto-Rosa (E. saligna)
- 668. Eucalipto-de-casca-negra (E. sideroxylon)
- 669. Eucalipto-limão (E. citriodora)
- 670. Eucalipto-de-corna (E. cornuta)
- 671. Eucalipto-comum (E. globulus)
- 672. Eucalipto-Robusto (E. robusta)
- 673. Eucalipto-Vermelho (E. camaldulensis)



666.



667.



668.



669.



670.



671.



672.



673.



674.



676.



675.



677.



678.



679.



680.



681.

- 674. Acácia-decorada (*A. decurrens*)
- 675. Acácia-de-pente (*A. retinoides*)
- 676. Oliveiras (*Olea europaea*)
- 677. Ulmeiros (*Ulmus minor*)
- 678. Freixo-de-folhas-finaz (*Fraxinus angustifolia*)
- 679. Freixo-de-flor (*Fraxinus ornus*)
- 680. Thuja-orientalis (*Platycladus orientalis*)
- 681. Pinheiro das Canarias (*Pinus canariensis*)

Fauna

O Parque Florestal abriga refúgios expressivos para a fauna local e migratória, de acordo com o plano de gestão florestal do parque florestal de Monsanto (CML 2020). A biodiversidade e o espaço verde presente permitem condições de abrigo, alimentação e reprodução ao longo do ano. A evolução da paisagem no decorrer do tempo, colaborou significativamente para a formação de micro-habitats e nichos ecológicos, o que gerou desenvolvimento de diferentes espécies como anfíbios, aves, insetos, répteis e mamíferos.

A elevada diversidade de plantas hospedeiras no parque, ampara um vasto conjunto de insetos, que são fundamentais para as cadeias alimentares e o equilíbrio ecológico. A introdução de espécies exóticas, como o eucalipto, levou à proliferação de novas espécies de insetos, como a *Phoracantha semipunctata*, que promoveu o aumento de aves insetívoras, como o cuco (*Cuculus canorus*), a trepadeira-comum (*Certhia brachydactyla*) e o pica-pau-verde (*Picus viridis*).

No grupo dos répteis, encontram-se no parque espécies como a cobra-de-escada (*Elaphe scalaris*), osga (*Tarentola mauritanica*), e o sardão (*Lacerta lepida*). A presença de répteis está diretamente ligada à existência dos locais de abrigo, como vegetação densa e muros de pedra. No grupo dos anfíbios, encontram-se espécies como o sapo (*Bufo bufo*) a salamandra (*Salamandra*), e o tritão-de-ventre-laranja (*Triturus boscai*). O parque acolhe aves residentes e migratórias. Entre as aves residentes estão o chapim-carvoeiro (*Parus ater*) e a estrelinha-de-cabeça-listrada (*Regulus ignicapillus*), e aves de grande adaptabilidade, como o melro (*Turdus merula*) e a toutinegra-de-barrete-preto (*Sylvia atricapilla*). Nos

682. *Phoracantha semipunctata* © Vicente Ferreiro.
 683. Cuco-Canoro (*Cuculus canorus*) © Rita de Cássia.
 684. Trepadeira-comum (*Certhia brachydactyla*) © Diogo Oliveira.
 685. Pica-pau-verde (*Picus viridis*) © Rita de Cássia.
 686. Libélulas (Odonata) © Greg Lasley.
 687. Borboletas (Lepidoptera) © Adam Gor.
 688. Cobra-de-escada (*Elaphe scalaris*) © César Garcia.
 689. Osga (*Tarentola mauritanica*) © Leonardo Adrián.
 690. Sardão (*Lacerta lepida*) © Christian Langner.
 691. Sapo (*Bufo bufo*) © Sony Leo.
 692. salamandra (*Salamandra*) © Frank Vassen.
 693. Tritão-de-ventre-laranja (*Triturus boscai*) © Naturpel.
 694. Chapim-carvoeiro (*Parus ater*) © S Drozd Lund.
 695. Estrelinha-de-cabeça-listrada (*Regulus ignicapillus*) © Joaquim Antunes.
 696. Melro (*Turdus merula*) © Andrea Stöckel.
 697. Toutinegra-de-barrete-preto (*Sylvia atricapilla*) © Agustín Povedano



682.



683.



684.



685.



686.



687.



688.



689.



691.



690.



692.



693.



694.



695.



696.



697.

períodos migratórios, o parque serve como ponto de defesa e refúgio para aves como a cegonha-branca (*Ciconia ciconia*) e o papa-moscas-preto (*Ficedula hypoleuca*). As aves de rapina desempenham um papel de predadores de topo, como a águia-de-asa-redonda (*Buteo*), o peneireiro (*Falco tinnunculus*) e o mocho-galego (*Athene noctua*).

No grupo dos mamíferos estão presentes pequenos roedores, como o rato-do-campo (*Apodemus sylvaticus*), e micromamíferos insetívoros, como os musaranhos (*Sorex*) e os ouriços-cacheiros (*Erinaceus europaeus*), e espécies de maior porte, como coelhos (*Oryctolagus cuniculus*) e pequenos carnívoros, como a geneta (*Genetta genetta*), fuinha (*Martes foina*) e o toirão (*Mustela putorius*).

Apesar de sua grande riqueza natural, o parque enfrenta desafios que limitam a presença e o desenvolvimento de diversas espécies, sendo a fragmentação do território um dos principais obstáculos. A presença de vias de tráfego intenso, como a A5, cria barreiras físicas que dificultam a circulação dos animais e aumentam o risco de atropelamentos. O parque tem evoluído ao longo das últimas décadas e contribui para um ecossistema diversificado, fundamental para a fauna local e migratória.



698.



699.



700.



701.



702.



703.



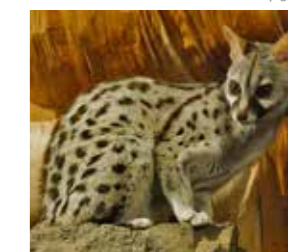
704.



705.



706.



707.



708.



709.

- 698. Cegonha-branca (*Ciconia ciconia*) © Matthias Barby.
- 699. Papa-moscas-preto (*Ficedula hypoleuca*) © Agustín Povedano.
- 700. Águia-de-asa-redonda (*Buteo*) © Autor Desconhecido.
- 701. Peneireiro (*Falco tinnunculus*) © Redhat.
- 702. mocho-galego (*Athene noctua*) © Javisa Hun.
- 703. Rato-do-campo (*Apodemus sylvaticus*) © Carlo-braunert.
- 704. Musaranhos (*Sorex*) © Roberto Sandaco.
- 705. Ouriços-cacheiros (*Erinaceus europaeus*) © Michael Gäbler.
- 706. Coelhos (*Oryctolagus cuniculus*) © Alex J.
- 707. Geneta (*Genetta genetta*) © Nik Borrow.
- 708. Fuinha (*Martes foina*) © Mlouwsma.
- 709. Toirão (*Mustela putorius*) © Peter Trimming.

Capítulo IV

A Memória da Água Aqueduto das Aguas Livres

Idealizado em resposta à situação de insuficiência no abastecimento de água potável desde o século XVI em Lisboa, o Aqueduto das Águas Livres é considerado uma das mais notáveis obras de engenharia da história e um marco na paisagem urbana da cidade. Seu sistema hidráulico veio a consolidar-se como uma estrutura articuladora do território, estabelecendo ligações entre a periferia rural e o núcleo urbano consolidado. A obra monumental teve início em 1732, por encomenda do Rei de Portugal, D. João V⁶⁰, e levou quase dois séculos a estar concluída em sua totalidade.

O Aqueduto das Águas Livres percorre o tecido urbano como uma espinha dorsal, seu sistema de captação e transporte de água atravessa cinco concelhos de Portugal - Sintra, Odivelas, Amadora, Oeiras e Lisboa. O percurso do Aqueduto começa na nascente da Fonte da Água Livre, no concelho de Sintra, ponto de partida de um traçado que se estende por aproximadamente 58 quilômetros⁶¹ até terminar no Reservatório da Mãe d'Água das Amoreiras, em Lisboa. Ampliado à medida que a cidade crescia, na segunda metade do século XIX, o Aqueduto é composto por uma rede de galerias subterrâneas e aéreas que dão vida a condutas, respiradouros, chafarizes, reservatórios, galerias, bicas e tanques ao longo de toda sua estrutura. Além de abastecer, o Aqueduto das Águas Livres transformou não só a organização territorial dos cinco concelhos portugueses, mas também modificou, para sempre, as dinâmicas sociais. Os chafarizes, como o Chafariz do Loreto, o Chafariz da Esperança e o Chafariz das Necessidades, além de infraestruturas de circulação de água tornaram-se pontos vitais de encontro comunitário. Essas fontes, estratégicas e esteticamente integradas na cidade barroca, passaram a ser centros de sociabilidade e convivência, onde pessoas de todas as classes reuniam-se para abastecer as suas casas⁶², trocar notícias ou socializar. Outras estruturas, como as galerias, desempenhavam um papel essencial na rede hidráulica, conduzindo a água aos pontos de distribuição estrategicamente espalhados por Lisboa, consolidando este recurso como elemento centralizador do espaço⁶³ (EPAL, s.d; Toponímia de Lisboa, 2018).

77N



Retrato de D. João V [1711]

⁶⁰ Dom João V, Magnânimo foi rei de Portugal de 1706 até à sua morte em 1750, com um reinado que marcou profundamente a história do país. Caracterizou-se por um período de imensa prosperidade e fortalecimento da coroa, sustentado pela riqueza minerária proveniente do Brasil, que libertou o rei da dependência financeira das Cortes e lhe permitiu promover uma política de ostentação e mecenato, notadamente em grandes obras arquitetônicas, patrocínio cultural e relações diplomáticas de prestígio (Britannica, 2025; Lisbon.vip, s.d).

⁶¹ “O Aqueduto das Águas Livres, no seu traço principal, desde a Mãe de Água Velha até às Amoreiras, mede 14,256 km e, considerando todo o conjunto, incluindo aquedutos subsidiários e galerias de adução, 58,135 km.” Câmara Municipal de Lisboa (1990). *D. João V e o abastecimento das águas de Lisboa*. (Palacio Galveias).

⁶² “Antes da construção do Aqueduto das Águas Livres, grande parte da população remediava-se com a água de poços e de cisternas, estas alimentadas pelas águas das chuvas.” Câmara Municipal de Lisboa (1990). *D. João V e o abastecimento das águas de Lisboa*.

⁶³ “A força pública da arquitetura, e a noção de poder e de prestígio que esta proporcionava, levou os poderes públicos setecentistas a desenvolver um programa de reestruturação urbana que privilegiava a construção de obras arquitetônicas que integravam as infraestruturas ligadas ao abastecimento da água” Barbara Bruno (2026). Associação dos Arqueólogos Portugueses. *O Aqueduto das Aguas Livres e o Terremoto de 1755*. (p. 104)

710. Estudos sobre a exploração de águas para o abastecimento de Lisboa.



710.



711.



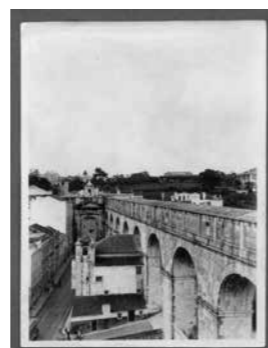
712.



713.

711. Companhia das Agoas
- Planta de Lisboa, 1860
712. Real Aqueducto de
Agoas Livres de Lisboa,
Séc XIII
713. Aqueduct Over Valley
of Alcantra, Séc XIX

78N.



714.

714. Arco das Amoreiras do
Aqueduto das Águas Livres
e respectivo lanternim.

O primeiro indício documentado de preocupação régia relativamente à construção de um sistema deste género remonta a 1571, no Tratado de Francisco de Holanda Da Fábrica que Falece à Cidade de Lisboa, que se tratava de uma proposta para um projeto global de captação das fontes das Águas Livres, sugerindo soluções inspiradas na tradição construtiva romana (Holanda, 1751/1984). No livro D. João V e o Abastecimento de Água em Lisboa (1990) é referida a existência de um antigo aqueduto romano — mencionado também por Holanda em seu documento — que abastecia Olisipo⁶⁴, captando água nas proximidades de Belas e conduzindo-a até à cidade por intermédio de condutas subterrâneas. Embora em ruínas desde a Idade Média, esse vestígio de engenharia serviu de referência histórica e técnica para projetos posteriores, incluindo a conceção do Aqueduto das Águas Livres.

Posteriormente, no início do século XVIII, em 1719, Bartolomeu de Sousa Mexia, Secretário de Expediente e Mercês de D. João V, solicitou ao Senado de Lisboa Ocidental a possibilidade de encontrar nascentes que colmatassem as carências hídricas da cidade. Então, quase uma década depois, o procurador de Lisboa Ocidental, Cláudio Gorgel do Amiral apresenta ao Rei uma proposta para a sua edificação.

O Aqueduto das Águas Livres, último aqueduto clássico a ser construído em todo o mundo, é também um testemunho da colaboração de alguns dos mais relevantes arquitetos e engenheiros do século XVIII em Portugal, cujas contribuições, embora distintas no tempo, foram determinantes para a configuração final da obra. O italiano Antônio Canevari, arquiteto da corte desde 1728, foi o primeiro diretor da empreitada, trazendo para Lisboa a sua experiência em obras hidráulicas e um método de medição inspirado na engenharia italiana, mas cuja divergência em relação aos técnicos portugueses gerou intensos debates técnicos e políticos, culminando na sua substituição em 1732. A direção passou então ao engenheiro militar Custódio Vieira, cuja intervenção (1736-1744) imprimiu um ritmo acelerado à construção, abandonando ramais secundários para priorizar a chegada da água ao núcleo urbano (Moita, 1990) e concebendo a monumental travessia do Vale de Alcântara. Por fim, a partir de 1745, o engenheiro húngaro Carlos Mardel assumiu a direção, sendo responsável pela conclusão das arcarias de Alcântara, pela conceção do arco triunfal e da Casa da Água das Amoreiras, bem como por vários chafarizes monumentais que articularam o abastecimento hídrico à requalificação urbanística de Lisboa. Nomes como Manuel Azevedo Fortes, José da Silva Pais, João Frederico Ludovice, Manuel da Maia, Miguel Ângelo de Blasco, entre outros, também foram de extrema importância para a construção da obra.

⁶⁴ Dentre os vários nomes dados à atual capital portuguesa, Olisipo foi a designação usada pelos romanos na época da Lusitânia Romana — criada por Augusto entre 16-13 a. C, a qual ocupava todo o território atual português, além de outras regiões da Europa. Museu Nacional de Arqueologia. (s.d). *Olisipo romana*. Museu Nacional de Arqueologia. <https://museunacionalarqueologia.gov.pt/?p=4165>

79N.



Retrato de Carlos Mardel (1695 - 1763)
Engenheiro Militar Carlos Mardel (1695 - 1763)

80N.



Retrato de Manuel da Maia (1677 - 1768)
Engenheiro e Arquiteto Manuel da Maia (1677 - 1768)

81N.



Retrato de João Frederico Ludovice (1673 - 1752)
Arquiteto Johann Friedrich Ludwig | Joao Frederico Ludovice (1673 - 1752)

715. Aqueduto das Águas Livres.



715.

716. Mãe de Água das Amoreiras. Arca de água e pilares.
717. Galeria interior de condução das águas no Aq-ueduto das Águas Livres.



716.



717.

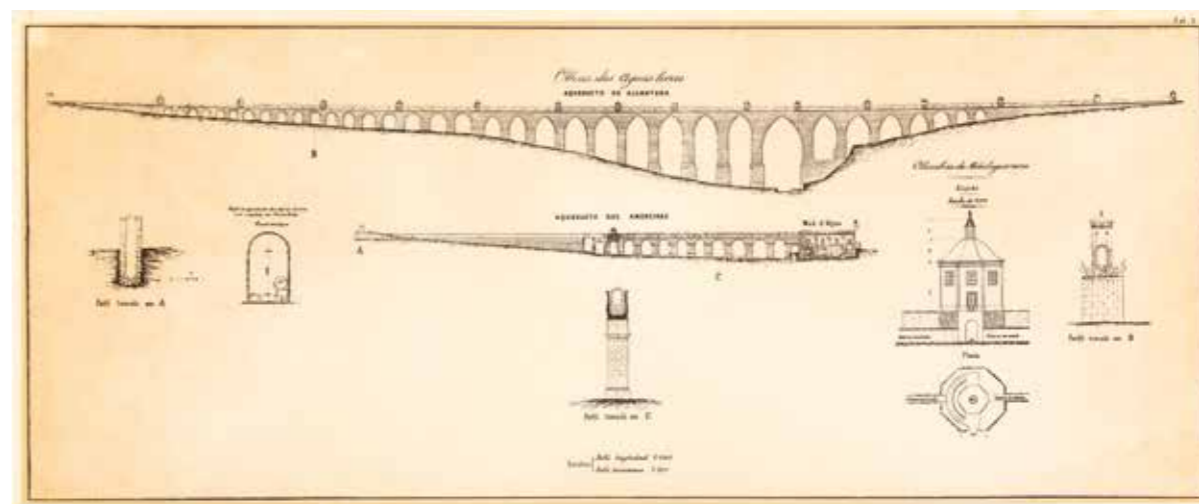
A soma destas diferentes visões técnicas e estéticas refletem o rigor e a atenção dos projetistas a durabilidade e a manutenção, a obra construída em cantaria e alvenaria de calcário, foi projetada para transportar a água ininterruptamente por gravidade - com uma inclinação de aproximadamente 3 mm por metro - e em alguns trechos através de sifão, subterraneamente ou à superfície. A técnica construtiva e grandiosidade demandadas pela obra foram acompanhadas de um planeamento administrativo e financeiro igualmente rigorosos, assegurado desde a fase inicial. Foram estabelecidas taxas sobre bens de consumo como sal, azeite, palha, vinho e carne para custear a obra⁶⁵, determinadas pelo decreto régio de 26 de Setembro de 1729, resultando na estrutura singular, que integra a tradição arquitetónica e as mais avançadas soluções da engenharia militar portuguesa setecentista.

Entre as soluções adotadas, destaca-se a construção de galerias com pé-direito à escala humana, permitindo a realização facilitada de manutenção e a execução de obras no interior sem necessidade de interromper o abastecimento (Gorgel do Amaral, 1940/1941). A escolha do material é resultado da combinação entre a disponibilidade local, pela facilidade de extração e transporte do calcário lioz, abundante nas pedreiras locais, entre a funcionalidade e entre a durabilidade estrutural.

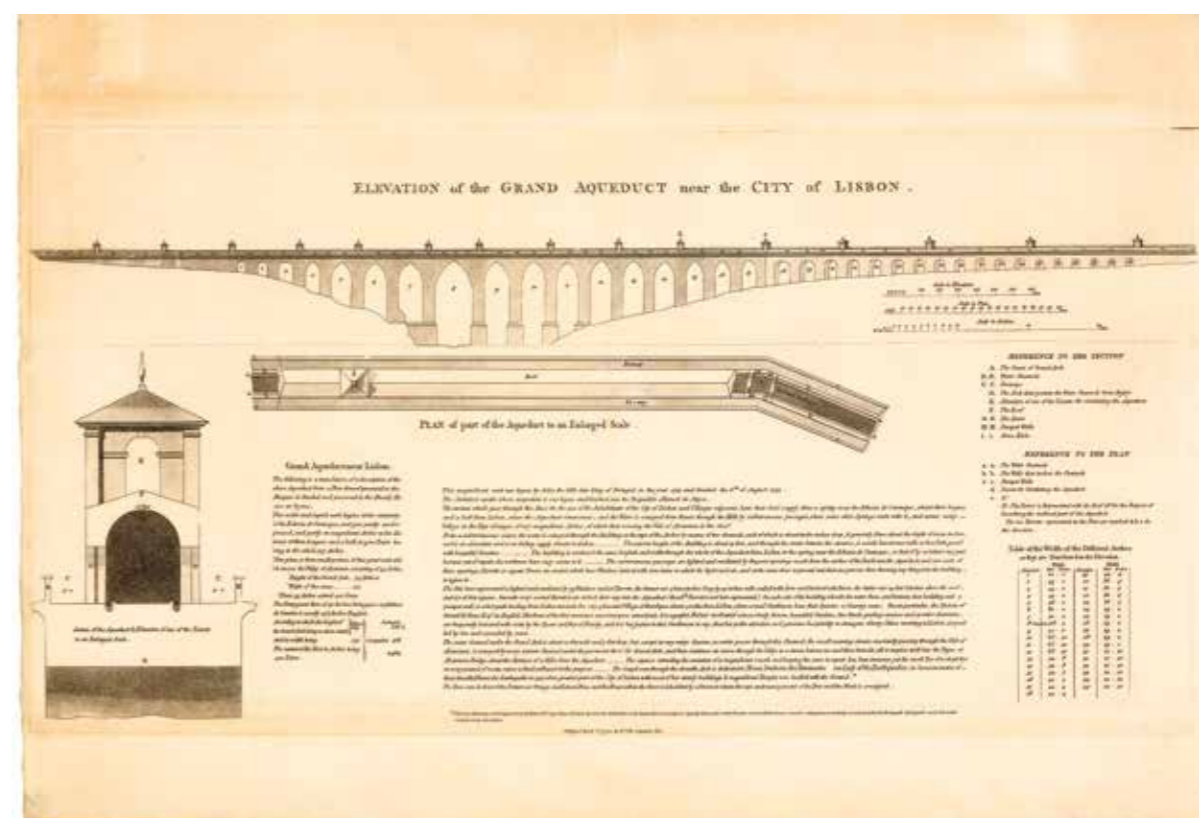
A robustez da construção evidenciou-se durante o terramoto de 1755, quando, apesar da sua escala e da altura das arcarias, o Aqueduto sofreu apenas danos ligeiros em alguns de seus respiradouros/ torreões(4). A resistência deveu-se não só à excelência técnica empregue na sua edificação — como os arcos ogivais reforçados com ferro no Vale de Alcântara, uma solução inovadora que desafia os cânones clássicos, mas que se revelaria decisiva para a resistência do aqueduto ao terramoto de 1755 onde apenas caíram 3 respiradouros — mas também devido à natureza geológica do terreno onde assenta (solo basáltico) (Gorgel do Amaral, 1940/1941). A escolha do calcário como principal elemento construtivo estava, portanto, alinhada com a lógica de expressividade, unindo técnica e estética num símbolo de progresso e poder régio.

A sua implantação é maioritariamente subterrânea, contudo em alguns treços, como o da estrada de Caneças, o da Serra de Carenque, e o trecho da Damaia, o Aqueduto das Águas Livres adquire uma presença acima do solo considerável. Seu trecho mais emblemático, sobre o Vale de Alcântara, estabelece uma ligação direta entre Campolide e o Alto da Serafina, configurando uma travessia aérea de excepcional valor patrimonial e espacial.

⁶⁵ Gorgel do Amaral, C. (1940/1941). *Águas de Lisboa*. Comissão de Fiscalização das Águas de Lisboa. “As alvenarias seguiram por empreitadas, tomadas por sociedades de pedreiros que se formaram para o efeito. Pelas certidões das medições das obras até 1799, gastaram-se no aqueduto mais de 5.200 contos de reis, dos quais 96 contos de reis em expropriações de terras e águas. Para o regular custeamento da magnífica empresa, de que fôra grande obreiro o Procurador da Cidade Cláudio Gorgel do Amaral, houve que criar vários impostos sobre o sal, azeite, palha, vinho e carne (real-de-água), e para não embaraçar o seguimento das obras saiu um decreto régio, derrogando todos os privilégios e isenções que tinham os donos e senhores sobre as águas e fazendas a tomar para o aqueduto, mediante indemnizações ou compra.” (p. VI)



718.



719.

718. Obras das Águas Livres. Est.1.
719. Elevation of the grand aqueduct near the city of Lisbon.

720. Clarabóia do Aqueduto das Águas Livres - atualidade
721. Aqueduto das Águas Livres, vendo-se em fundo a Serra de Monsanto.

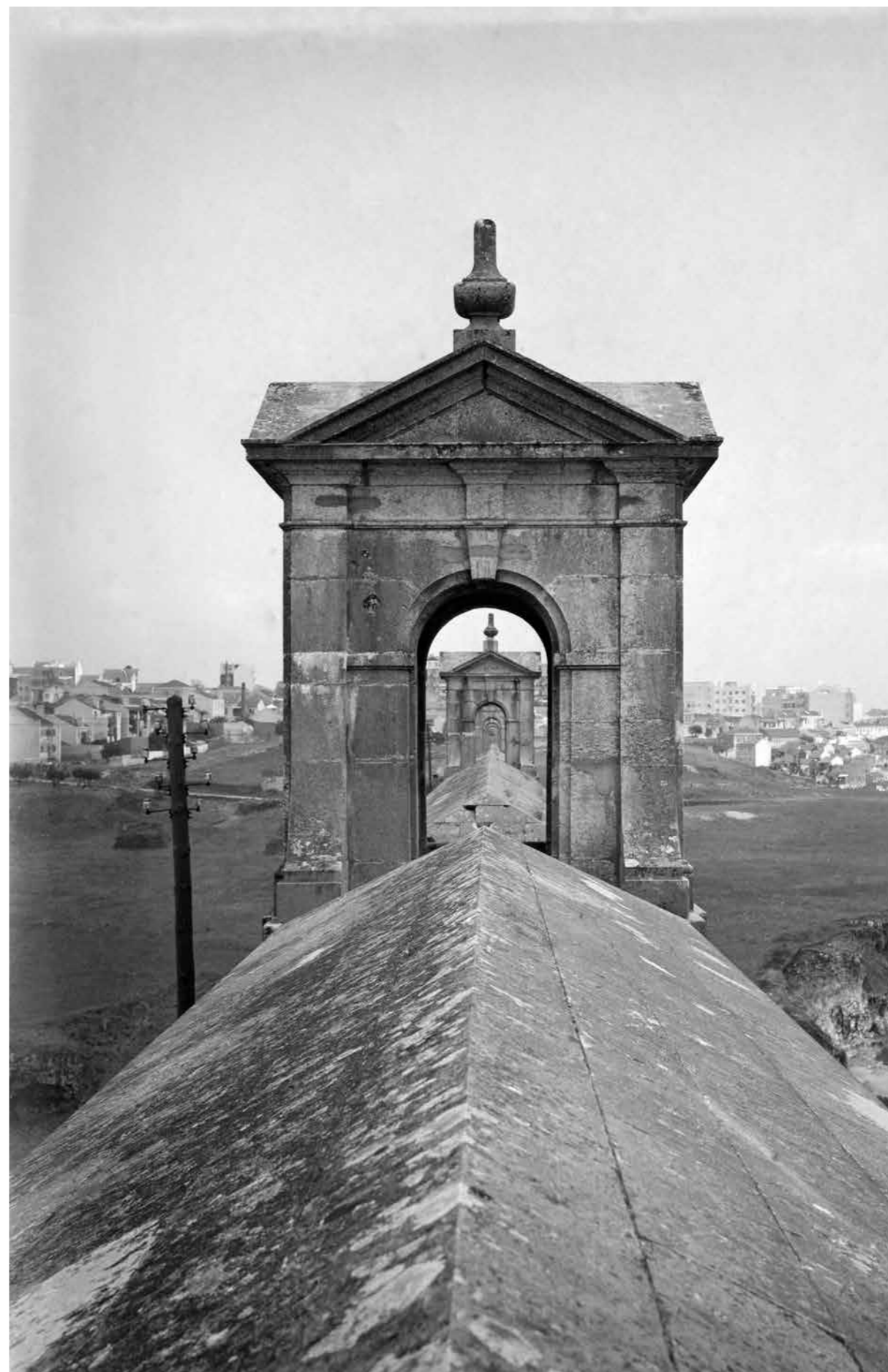


720.



721.

722. Clarabóias do Passeio dos Arcos sobre o Vale de Alcantara vistas de montante.



722.

Marcando a entrada do Aqueduto na cidade de Lisboa, revela a sua escala verdadeiramente monumental, ao longo de uma extensão de 941 metros, os 35 arcos em pedra constituem a presença marcante da estrutura, dos quais 21 em volta perfeita e 14 centrais em ogiva. O arco central, com 65 metros de altura e 28 de largura, é o maior arco ogival em pedra do mundo. Este segmento, concluído em 1748 sob direção do arquiteto Carlos Mardel, destaca-se não apenas pela sua função utilitária, mas pela força expressiva da sua presença no território, impondo-se como um gesto paisagístico que molda e define os bairros que atravessa.

A sequência de arcos desenha um percurso contínuo e elevado, que historicamente serviu não só ao transporte de água, mas também ao atravessamento pedonal da cidade – o chamado “Passeio dos Arcos”. Sendo este, em particular, um elemento estruturante da paisagem e da mobilidade entre as margens.

A sua monumentalidade converte-se num gesto urbano de mediação entre territórios, capaz de redefinir percursos e promover novas formas de apropriação pública. O percurso sob o Vale de Alcântara ofereceu, pela sua implantação, uma oportunidade singular de ligação entre as cotas altas da cidade e a Serra de Monsanto, funcionando como corredor visual, paisagístico e pedonal.

O Aqueduto das Águas Livres, classificado como Monumento Nacional pelo Decreto de 16 de junho de 1910 (DG n.º 136, de 23 de junho de 1910) e com extensão de proteção alargada em 2002, pelo Decreto n.º 5/2002, DR 1.ª série - B, n.º 42, de 19 de fevereiro de 2002, é hoje um dos mais relevantes marcos de Portugal. Embora a função original de abastecimento de água à cidade de Lisboa tenha cessado em 1967, a estrutura mantém-se como elemento patrimonial ativo. Em particular, sob a gestão do Museu da Água (EPAL), o trecho mais emblemático sobre o Vale de Alcântara, permanece aberto a visitas e atividades de caráter cultural e o antigo Recinto da Meia Laranja – onde inicia e finaliza o percurso pela história desta grande obra – abriga a receção do Museu da Água.

Contudo, apesar dos esforços de preservação e valorização, parte significativa do sistema permanece fora de uso ou com acesso restrito. Muitos ramais secundários e galerias periféricas não integram o circuito museológico e encontram-se em estado de abandono ou conservação mínima. O antigo Passeio dos Arcos foi utilizado como passagem pedonal até meados do século XIX, contudo encontra-se encerrado desde essa época, em parte devido a incidentes de segurança e criminalidade⁶⁶.

Esta coexistência entre preservação ativa e abandono seletivo reflete a complexidade da gestão de um património de grande extensão e diversidade funcional, que deixou de ser infraestrutura utilitária para se tornar testemunho histórico e paisagístico, preservando a memória da cidade e dos processos técnicos que a moldaram (Mad About Lisbon, s.d.; EPAL, s.d.)

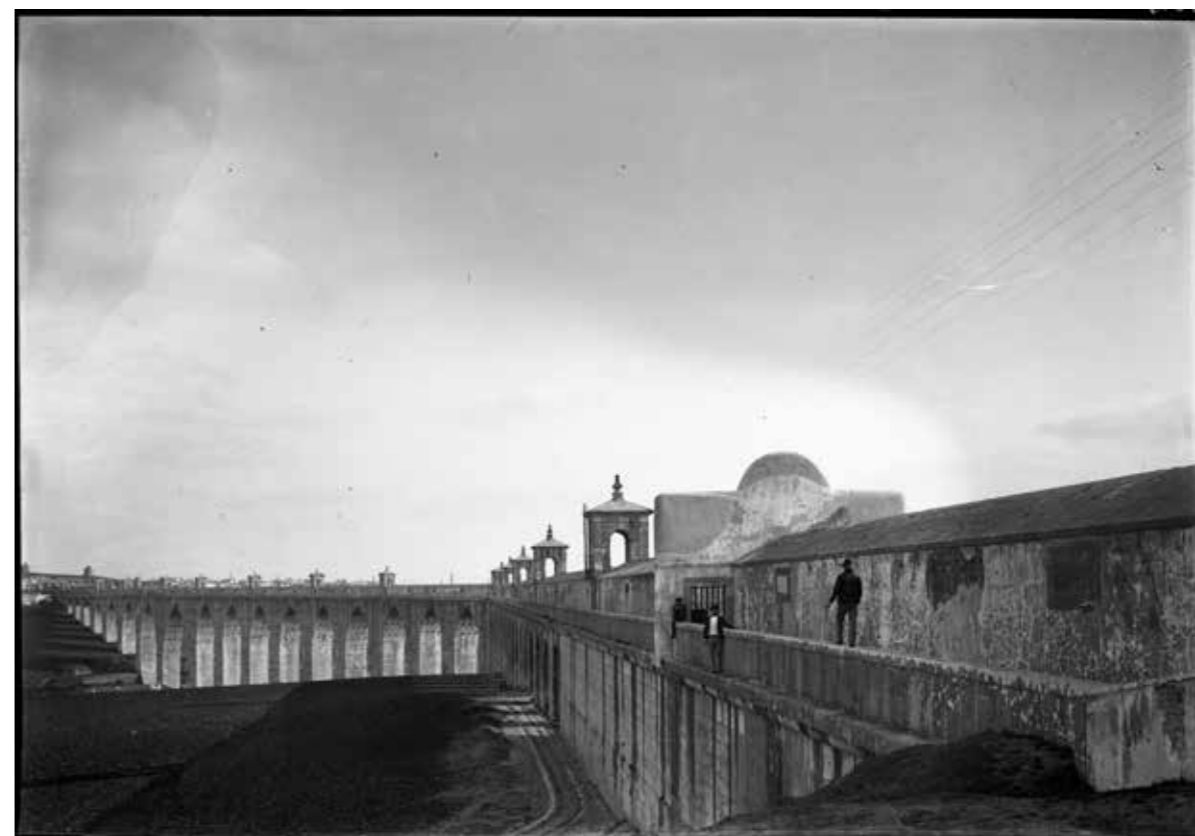
82N.



Passeio dos Arcos - ligação entre margens.

⁶⁶ Diogo Alves (1810–1841) ocupa um lugar singular na história criminal portuguesa. O galego, emigrado para Portugal, tornou-se célebre pelos crimes cometidos no Aqueduto das Águas Livres, em particular sobre o troço que atravessa o Vale de Alcântara. Segundo relatos judiciais e jornalísticos da época, Diogo Alves dedicava-se a assaltar viajantes e trabalhadores rurais que regressavam de Lisboa, supostamente arremessando as suas vítimas do alto dos arcos, de modo a simular acidentes. Embora as provas documentais não confirmem a autoria de todos os homicídios que lhe foram atribuídos, o caso assumiu proporções lendárias e contribuiu para o encerramento do Aqueduto ao trânsito pedonal. A execução de Alves ocorreu em 1841, e a sua cabeça foi preservada em formol para fins de estudo na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, onde ainda hoje permanece como objeto de investigação científica e curiosidade museológica. O mito de Diogo Alves consolidou-se como símbolo da marginalidade, gerou narrativas de medo e violência que moldaram a memória coletiva da cidade (Diário de Notícias, 2019; Museu da Água, s.d.).

723. O Passeio dos Arcos do Aqueduto das Águas Livres, encerrado por questões de segurança em 1852.



723.

Capítulo V

Enquadramento Urbano e Contexto Histórico Bairros da Liberdade e da Serafina

A presente proposta de intervenção incide entre o limite ocidental do Parque Florestal de Monsanto e os bairros da Serafina e da Liberdade, cuja topografia determina o padrão de ocupação e a relação com o território envolvente. Os bairros, que integram a freguesia de Campolide, encontram-se fisicamente desligados do Parque, devido à acentuada declividade da encosta, e ainda da restante malha urbana, pelas infraestruturas viárias de grande expressão – nomeadamente o Eixo Norte-Sul, a Linha Férrea de Sul e a Avenida de Ceuta – que, ao fragmentar o território, isolam estes bairros do restante tecido urbano, configurando uma verdadeira “ilha” dentro da cidade (Blog Há muitas Lisboas dentro de Lisboa, 2008).

O surgimento dos bairros está profundamente ligado ao processo de industrialização de Alcântara, que se intensificou a partir da segunda metade do século XIX e atingiu o seu auge nas primeiras décadas do século XX. A proximidade ao porto de Lisboa, à linha férrea e às principais vias de acesso da capital transformou a freguesia de Alcântara num dos principais polos industriais do país, acolhendo unidades como as Oficinas Gerais de Material de Engenharia, a Fábrica de Fiação e Tecidos de Alcântara, os armazéns da Companhia União Fabril (CUF) e diversas moagens e metalúrgicas (Pereira, 2008; Fernandes, 2017). Esta concentração fabril atraiu uma massa considerável de trabalhadores oriundos sobretudo de zonas rurais do centro e Sul de Portugal, que procuravam emprego estável, mas que, pela escassez de habitação operária planeada, acabaram por se fixar em construções espontâneas nas encostas ainda desprovidas de arborização da Serra de Monsanto.

O Bairro da Liberdade emergiu no início do século XX, como consequência deste processo, originando-se num agregado informal de habitações, às sombras do Aqueduto das Águas Livres, construídas de forma irregular, sem condições sanitárias adequadas (Visão, 2023). O seu crescimento ficou confinado à área situada entre a linha de caminho-de-ferro/Eixo Norte-Sul e o Parque de Monsanto.



724. Aqueduto das Águas Livres, panorâmica sobre parte do vale de Alcântara.

724.



725. Cartografia Historica
1911, Silva Pinto



727. Cartografia Historica
1950



726. Cartografia Historica
1940



728. Cartografia Historica
1970

83N.



9 Luís Pastor de Macedo, vice-presidente da Câmara Municipal de Lisboa, na cerimonia oficial de inauguracao do Balneario da Serafina, em 1949.

84N.



Torre da Paroquia de São Vicente de Paulo

A estas condições soma-se um forte impacto social: os moradores conviviam com carências básicas, como falta de água canalizada e instalações sanitárias, como ilustrado em relatos etnográficos da época e também em programas comunitários atuais (A Mensagem, 2023).

Posteriormente, na década de 1930, o Bairro da Serafina surgiu como resposta à expansão desordenada da Liberdade. O bairro foi concebido com um traçado mais regular e um planeamento urbano inicial que procuravam desenvolver um núcleo habitacional com melhores condições em comparação com os aglomerados espontâneos existentes na época. Contudo, apesar de buscar mais ordenamento, integrou-se como parte da problemática anteriormente existente profundamente interligada ao Bairro da Liberdade.

Ao longo das décadas, ambos os bairros passaram a ser frequentemente vistos como uma única realidade socioterritorial, isolado da cidade, consolidando sua condição de gueto urbano (Agência Ecclesia, 2008; Lisboa a Sós, 2008). Em 02 de Janeiro de 1949 foi inaugurado o Balneário da Serafina, um equipamento comunitário localizado junto ao limite de Monsanto, para colmatar a ausência de instalações de higiene sanitária nas moradias locais, fornecendo acesso a água quente e lavatórios a esta zona central da cidade, ainda que parte de uma periferia urbana.

Com a visita do Papa Francisco em 2023, esses territórios ganharam visibilidade momentânea e o trabalho indispensável do Centro Social Paroquial São Vicente de Paulo, que atua há décadas promovendo atendimento a idosos, crianças e famílias em situação de vulnerabilidade, foi reconhecido (Agência Ecclesia, 2023).

De forma concisa, o Bairro da Liberdade e da Serafina são marcas vivas das tensões urbanas do século XX em Lisboa. Originaram-se da necessidade urgente de habitação para trabalhadores em áreas periféricas e cresceram à margem das políticas urbanas formais, o que reforçou sua marginalização estrutural. Até hoje, enfrentam desafios severos: precariedade habitacional, invisibilidade política e degradação social. Apesar disso, emergem como territórios de resistência e de forte coesão comunitária, suportados por redes de solidariedade e ações de apoio social que mantêm a esperança de requalificação territorial.



729.



730.

729. Bairro da Serafina visto do Aqueduto.
730. Bairro da Liberdade — Rua 4.

731. Balneário do Alto da Serafina — painel em faiança policromada colocado na fachada.

732. Balneário do Alto da Serafina — painel em faiança policromada colocado na fachada. - estado atual



731.



732.

733. Balneário do Alto da Serafina, no Bairro da Liberdade.

734. Balneário do Alto da Serafina, no Bairro da Liberdade. - estado atual



733.



734.

735. Escadas Bairro da
Liberdade



736.



737.



735.

736. Panorâmica sobre o
Vale de Alcântara e a Serra
de Monsanto.
737. Condições Habitacio-
nais , Bairro da Liberdade.

738, 739. Bairro da Liberdade - Atualidade
740. Limite Bairro da Serafina-Monsanto - Atualidade



738.



739.



740.

741, 742 e 743. Bairro da Serafina.



741.



742.



743.

Transformações Territoriais Ribeira de Alcântara

Ao longo de séculos, a Ribeira de Alcântara moldou a paisagem e a vida económica de Lisboa, servindo como eixo natural que articulava áreas rurais e urbanas. Emergindo na região da Brandoa, no atual concelho de Amadora, descia pelas encostas até ao Tejo, cruzando zonas agrícolas, quintas e, mais tarde, áreas industriais em Alcântara (Pereira, 2008). Para além de garantir abastecimento de água potável, suas margens tornaram-se locais de intensa atividade artesanal e fabril, alimentando moinhos, oficinas e manufaturas que marcaram o desenvolvimento económico local. O percurso da Ribeira constituía também um espaço de sociabilidade, onde as lavadeiras⁶⁷, figuras centrais na economia doméstica urbana, lavavam e estendiam a roupa ao sol (Arquivos Municipais de Lisboa, s.d).

Visando a futura urbanização do Vale de Alcântara e a construção da Avenida de Ceuta, a ribeira passou gradualmente a ser vista pelas autoridades como um obstáculo físico à expansão da malha urbana lisboeta e, ainda, um risco para a salubridade pública. O processo de canalização foi formalizado na década de 1940: concursos públicos para a empreitada foram lançados em março de 1944, adjudicados em maio e seguidos de trabalhos preliminares em dezembro; em junho de 1945 iniciou-se a betonagem e, até abril de 1946, estavam canalizados cerca de 700 metros. Transformando completamente a paisagem urbana, a cobertura total foi concluída em 1967, a ribeira passou a ser um caneiro subterrâneo integrado a rede de saneamento municipal (Informação Lisboa, 2023).

A implantação desta infraestrutura, juntamente a linha férrea, a Avenida da Conquista de Ceuta e a Eixo Norte-Sul, apesar de estratégicas para Lisboa, implicou a criação de barreiras físicas significativas interrompendo e condicionando ligações pedonais e funcionais com áreas adjacentes. Ao longo das décadas estas barreiras contribuíram para o isolamento físico dos Bairros da Liberdade e da Serafina, acentuando a segregação urbana e consolidando uma descontinuidade territorial que condicionou o seu desenvolvimento socioespacial (Silva, 2014).

85N.



⁶⁷ Trabalhando em tanques improvisados ou pedras ribeirinhas, essas mulheres criavam um quotidiano, cujo eco se encontra em registos fotográficos de inícios do século XX. (Arquivos Municipais de Lisboa, s.d)

86N.



Fotografia aérea do percurso da Avenida de Ceuta

744. Mulheres lavando roupa da ribeira



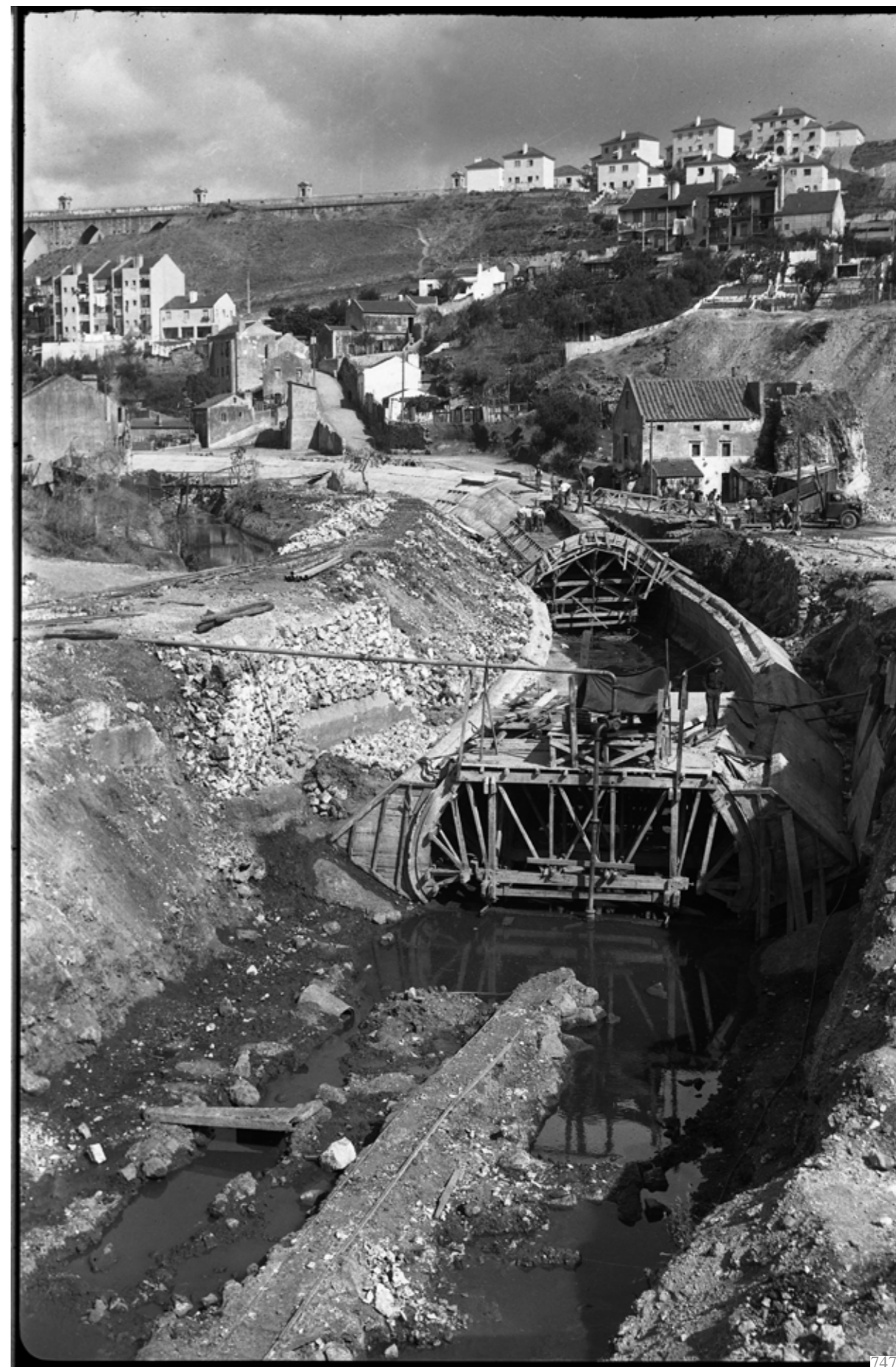
745, 746 e 747. Obras de cobertura da ribeira de Alcântara



745.



746.



747.

Capítulo VI

O Percurso

Estratégia

Resultado da desarticulação dos bairros da Liberdade e da Serafina, em relação ao Parque Florestal de Monsanto e a restante malha urbana lisboeta, a presente proposta de intervenção busca minimizar esta descontinuidade territorial. A presença do monumental troço do Aqueduto das Águas Livres, que atravessa os bairros, desperta o questionamento:

Qual papel as infra estruturas desativadas têm nas cidades do futuro?

Não é ambição deste trabalho, nem poderia ser, devido ao seu caráter individual e à sua duração, dar uma resposta que cubra todo o perímetro deste monumento histórico. Neste projeto, o Percurso dos Arcos do Aqueduto é enfatizado e reinterpretado como ponte pedonal, respeitando o seu traçado histórico num eixo de ligação entre Monsanto e Campolide. Em conjunto, o redesenho do limite ocidental do bairro configura um espaço que dá, ao mesmo tempo, abertura ao Parque Florestal de Monsanto e sentido à experiência cotidiana dos moradores.

A chegada ao Parque, na sua cota mais alta, é desenhada através de uma nova peça arquitetónica que recebe o Percurso dos Arcos e estabelece a articulação com a cota inferior, onde se encontram os bairros da Liberdade e da Serafina. A estratégia de reordenamento integra mobilidade, valorização patrimonial e requalificação paisagística, promovendo a permeabilidade urbana e criando maior conexão social entre territórios hoje fragmentados.



748.



749.

748. Foto aérea do Percurso do Aqueduto, visto do Parque Florestal de Monsanto - atualidade.
749. Foto aérea local de intervenção - atualidade.

O Passeio dos Arcos

Qual papel as infraestruturas desativadas têm nas cidades do futuro?

Qual papel as infraestruturas desativadas têm nas cidades do futuro?

Para responder ao questionamento trazido pelo presente Projeto Final de Arquitetura, reinterpretar é a palavra chave. A ponte histórica pedonal — agora exercendo seu caráter original — convida os visitantes para uma viagem no tempo. Ao estabelecer o eixo de ligação entre Monsanto e Campolide, o Parque ganha um acesso pedonal que não só gera articulação territorial, mas também integra esta infraestrutura memorável ao quotidiano das pessoas.

Em conjunto, a abertura do antigo Recinto da Meia Laranja (atual recepção do Museu da Água) é vista como porta de entrada a esta “máquina do tempo” e, simultaneamente, espaço/jardim resguardado que recebe os visitantes vindos da outra margem — onde será desenvolvida a intervenção do presente trabalho.

Assim, a reinterpretação do Aqueduto das Águas Livres enquanto infraestrutura de mobilidade propõe não só a recuperação do uso original do Percurso dos Arcos, mas o reencontro entre património e contemporaneidade, ao destacar a leitura do monumento enquanto caminho e eixo de integração entre margens.

87N.



Inauguração do Recinto da Meia Laranja

88N.



Estátua de Alexandre Guisi, no jardim do Recinto da Meia Laranja

89N.



Troço do Aqueduto no Recinto da Meia Laranja, atualidade

750, 751 e 752. Interior do Recinto.



750.



751.



752.

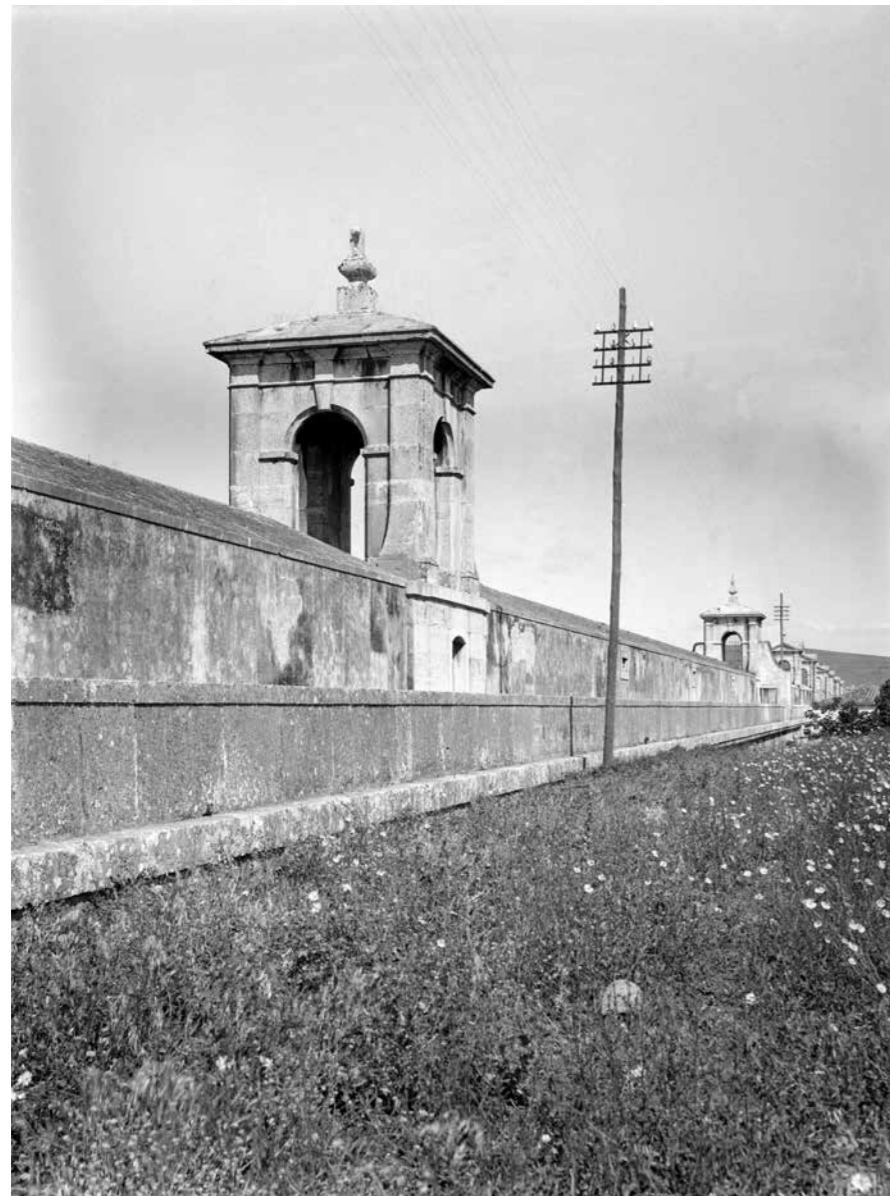
753. Clarabóia do Passeio dos Arcos sobre uma entrada para o Aqueduto das Aguas Livres do lado de Campolide.



754.



755.



753.

754. Aqueduto das Aguas Livres.
755. Inicio do Passeio dos Arcos do lado do Parque de Monsanto.



756.

756, 757, 758, 759 e 760.
Início do Passeio dos Arcos
do lado do Parque de Mon-
santo.



757.



758.



759.



760.



761.

761. Aqeduto das Águas
Livres. Passadiço da arcaria
sobre o Vale de Alcântara.



762. Clarabóia do Aqueduto na entrada de Monsanto- atualidade.
 763. Chegada do Percurso em Monsanto- atualidade.
 764. Ponto de partida no recinto da Meia Laranja - atualidade.
 765. Chegada do percurso do Aqueduto a Monsanto.
 766. Clarabóia do Aqueduto na entrada de Monsanto - atualidade.



763.



764.



765.



766.



767.



768.

767 e 768. Vista do Aqueduto sobre o bairro - atualidade.

90N.



⁶⁸ Balneário da Serafina - ponto de culminância do traçado viário do bairro.

O Percurso Programa

O projeto de reordenamento da frente do bairro, intenciona estabelecer maior vínculo entre o Parque Florestal de Monsanto e a malha urbana. Para este novo limite, em seguimento ao último quarteirão do bairro, propõe-se o desenho de uma via de sentido duplo – Rua de Monsanto – respeitando o arruamento existente que converge ao Balneário da Serafina⁶⁸. Além disso, o desenho de um conjunto articulado de 3 plataformas tenciona mediar a transição entre as diferentes cotas altimétricas.

Na topografia da serra – princípio estruturador deste projeto – propõe-se a inversão da lógica existente: em que o bairro, atualmente voltado de costas para o Parque de Florestal, passa a redefinir a sua frente urbana em direção à paisagem natural.

A nova leitura do território dá origem a um percurso singular e a diferentes perspectivas sobre a cidade, criados a partir de muros de contenção topográfica que acolhem programas complementares a este traçado.

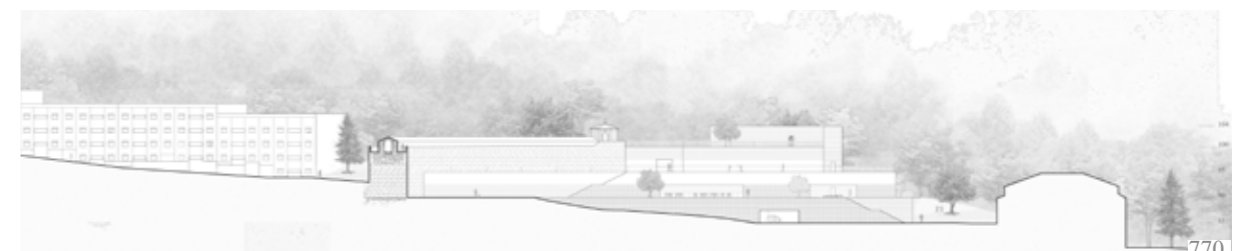
Cada plataforma é desenhada em diálogo com a estrutura do Aqueduto e acompanha o relevo até se fundir com a topografia do Parque, estabelecendo uma relação de continuidade com o contexto paisagístico envolvente.

Os alçados, definidos por uma lógica de continuidade material com o Aqueduto das Águas Livres, são revestidos por um padrão de pedra calcária – Lioz – na cor bege, este, adaptado à escala do novo edifício. Nos muros correspondentes às cotas 90 e 95, o desenho do revestimento introduz uma variação que reforça a leitura do edifício como novo elemento: na cota 90, a metade inferior do alçado – até 2,5 metros de altura – é revestida em pedra, enquanto a parte superior se apresenta rebocada e pintada na cor branca. Já na cota 95, o sistema inverte-se, fazendo emergir a pedra na metade superior e o reboco branco na base. Gerando, à escala da paisagem, uma linha clara que rasga a estereotomia da pedra e destaca-se no verde do Parque Florestal. Este gesto de contraste afirma a intervenção como extensão contemporânea do Aqueduto, reinterpretando um ritmo construtivo à luz de uma nova ordem.

A materialidade torna-se mediadora entre a memória e o presente, preparando o olhar para a sequência das plataformas que se desenvolvem ao longo do percurso, cada uma com caráter e relação próprios com a topografia e o território envolvente.



769.



770.

769. Planta de Localização
770. Alçado Principal,
Corte Aqueduto.

A Primeira Plataforma

A nova via tem início na cota 90 da Rua dos Arcos⁶⁹, adjacente ao Aqueduto, e prolonga-se no limiar do último quarteirão até ao final da Rua Miguel de Ângelo de Blasco, convergindo no Balneário da Serafina (cota 85). Com um desenvolvimento aproximado de 100 metros, o traçado vence um desnível de cinco metros entre as cotas, correspondendo a uma pendente média de 5%. Esta diferença altimétrica é resolvida de forma suave, permitindo uma continuidade natural entre os dois extremos e reforçando a integração do percurso com a topografia existente.

Definindo o novo limite do bairro, o primeiro momento do projeto é desenhado ao longo do traçado da nova via, estabelecendo uma relação direta entre os dois principais níveis do terreno. A plataforma mantém-se na cota 90, apoiada sobre um muro de contenção em betão armado que, na extremidade inferior do percurso – correspondente à cota 85 – atinge os 5 metros de altura. À medida que a via sobe, o muro reduz progressivamente a sua expressão até se integrar na topografia existente, permitindo que a plataforma se encontre no mesmo nível da rua próxima ao Aqueduto. No interior do muro, ao nível da cota 85, uma malha ordenada de pilares estruturam o novo parque estacionamento do bairro, este, com capacidade para 90 veículos. Além disso, ainda na cota 85 localizam-se/encontram-se: a nova Esquadra da Polícia com escritórios, sala de recepção e instalação sanitária, as respectivas áreas técnicas de apoio e o elevador de acesso às plataformas.

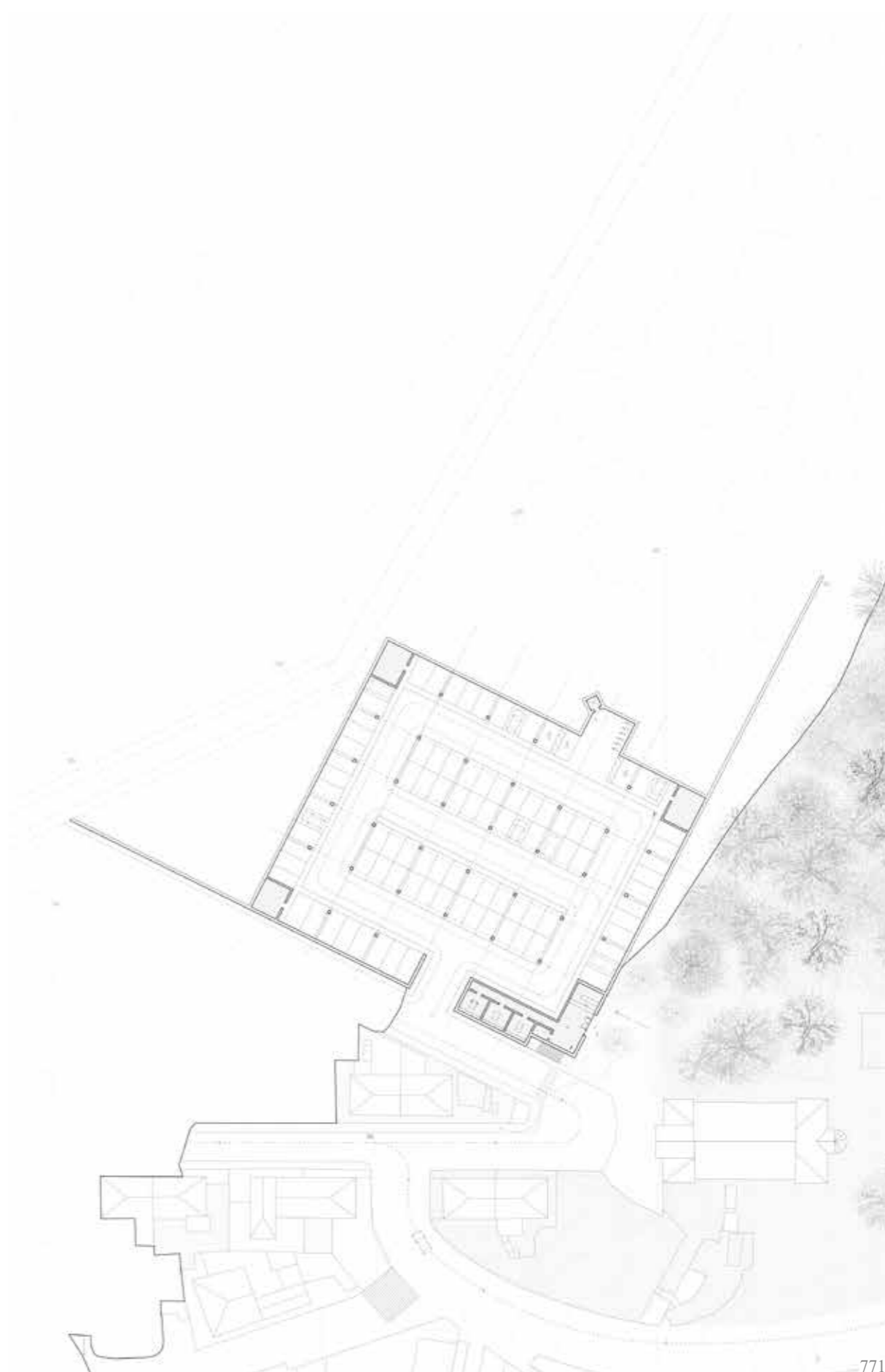
Acedida pelo passeio na cota mais alta da Rua de Monsanto ou através da escada de acesso na cota mais baixa – em frente ao Balneário do Alto Serafina – a cota 90 configura-se como o primeiro plano de convivência e permanência, aberto ao céu e à paisagem. Neste novo limite urbano, uma superfície repousa sobre a infraestrutura da cota 85 e transforma o caráter de muro de contenção em base ativa do quotidiano.

A plataforma arborizada, com pavimentação em saibro, funciona como um filtro visual entre a vivência deste local e as casas do bairro. Além de trazer um espaço sombreado capaz de abrigar atividades e eventos culturais, feiras ao ar livre ou simplesmente a valiosa vida quotidiana dos moradores da Liberdade e da Serafina. Surge como o primeiro espaço público qualificado da zona, onde se inicia o verdadeiro encontro entre a malha urbana e a paisagem de Monsanto. Esse gesto, pressupõe a valorização do plantio estratégico e controlado de árvores – Oliveiras(1), de copa média – em toda a extensão da plataforma para contrastar com a dimensão e liberdade da encosta florestal do Parque.

91N.



⁶⁹ Rua dos Arcos, entre as moradias e o Aqueduto - atualidade.



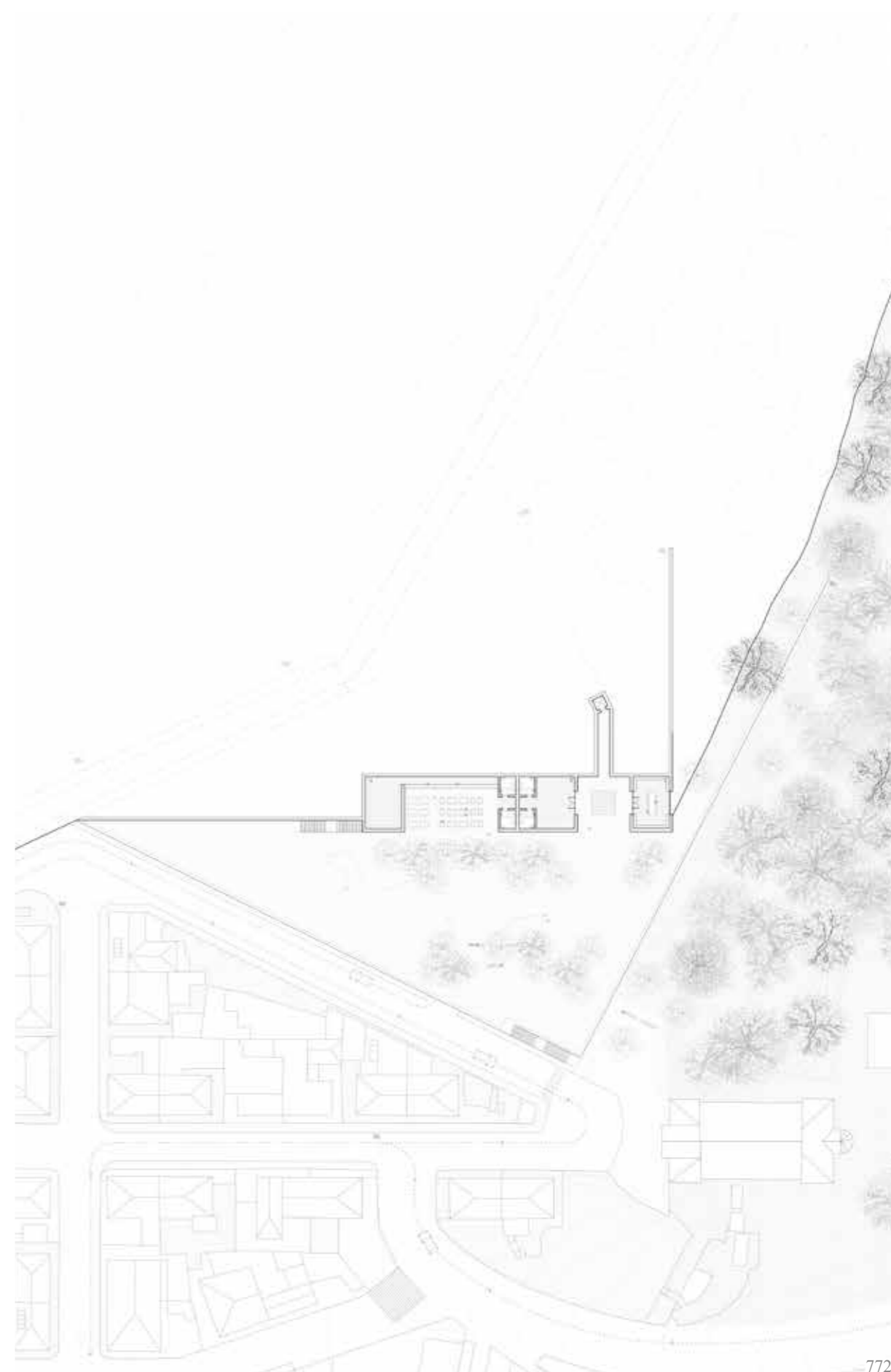
771. Planta Cota 85 - Estacionamento e esquadra

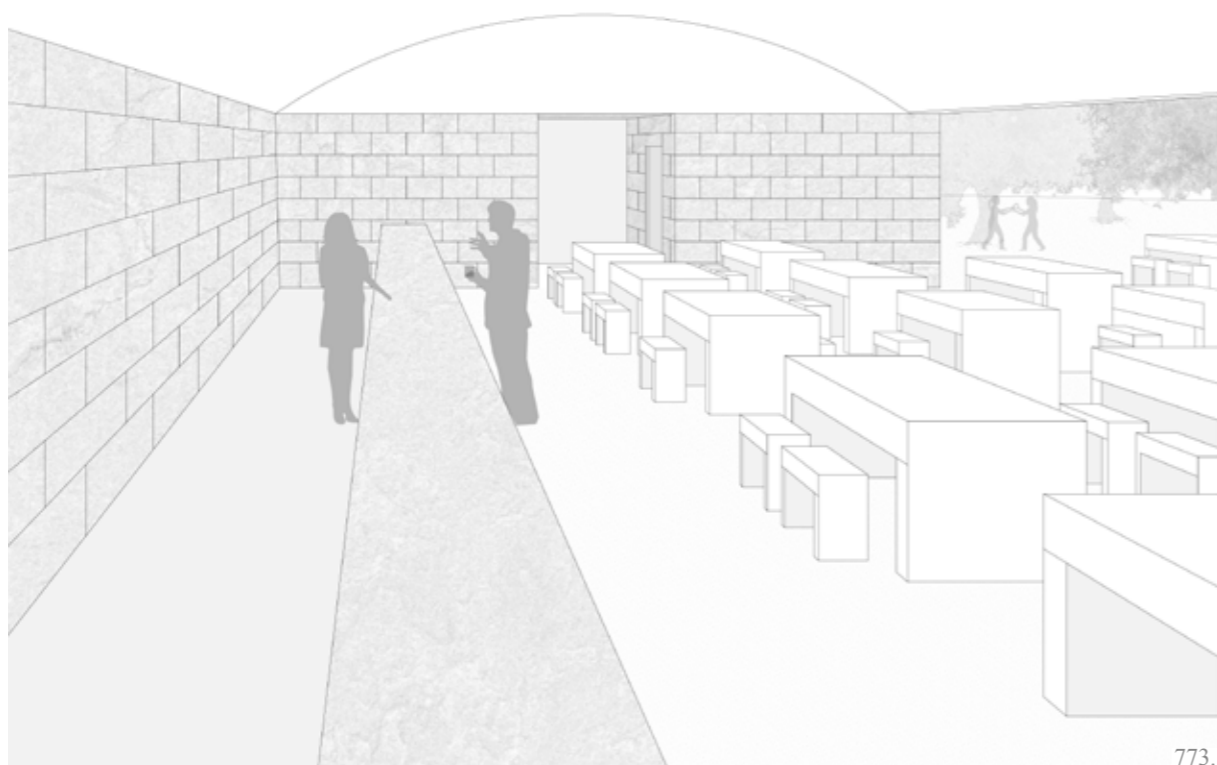
771.

Em um segundo momento, orientado pelo alinhamento existente da Rua Miguel de Ângelo de Blasco, o muro que repousa nesta plataforma e abriga os programas é traçado. Esse, surge exatamente no mesmo ponto em que inicia o desenho linear do muro anterior.

Dois grandes vãos no alçado (ainda na cota 90) marcam a entrada no edifício, e o pavimento em saibro timidamente expande-se para o seu interior, criando duas zonas de transição entre espaço externo e interno. Esses recintos semi abertos organizam-se sob um teto em arco e são delimitados por três paredes que prolongam o próprio alçado, assegurando a continuidade dos elementos.

A Sul, o primeiro recinto semiaberto é designado como salão do restaurante do bairro, que por sua vez permite a coabitação do interior com o exterior, possibilitando o uso da plataforma arborizada como esplanada. Como complemento, uma cozinha, bar, arrumos e instalações sanitárias servem como apoio. A Norte, o segundo recinto - com um pequeno jardim central - não só dá acesso ao elevador público como ajuda a introduzir o programa. Vãos envidraçados, com caixilho em ferro, convidam os visitantes a vivenciar os espaços internos - de paredes revestidas com Stucco na cor branca - e possibilitam a criação de dois ambientes naturalmente iluminados. De um lado - limite deste muro de contenção - uma pequena sala de leitura de configuração retangular e teto em arco, desenha um vão de vidro fixo do lado oposto à porta de entrada, podendo ser descrito como uma moldura verde difusamente iluminada. Ao estabelecer contato visual com a topografia de Monsanto, que funde-se com o pavimento em saibro da plataforma, revela a proximidade com a natureza e consolida o espaço paisagístico pretendido. No outro extremo do recinto semiaberto, uma sala polivalente - de geometria similar - destinada à exposições, eventos e formações celebra a versatilidade dos espaços.





773.

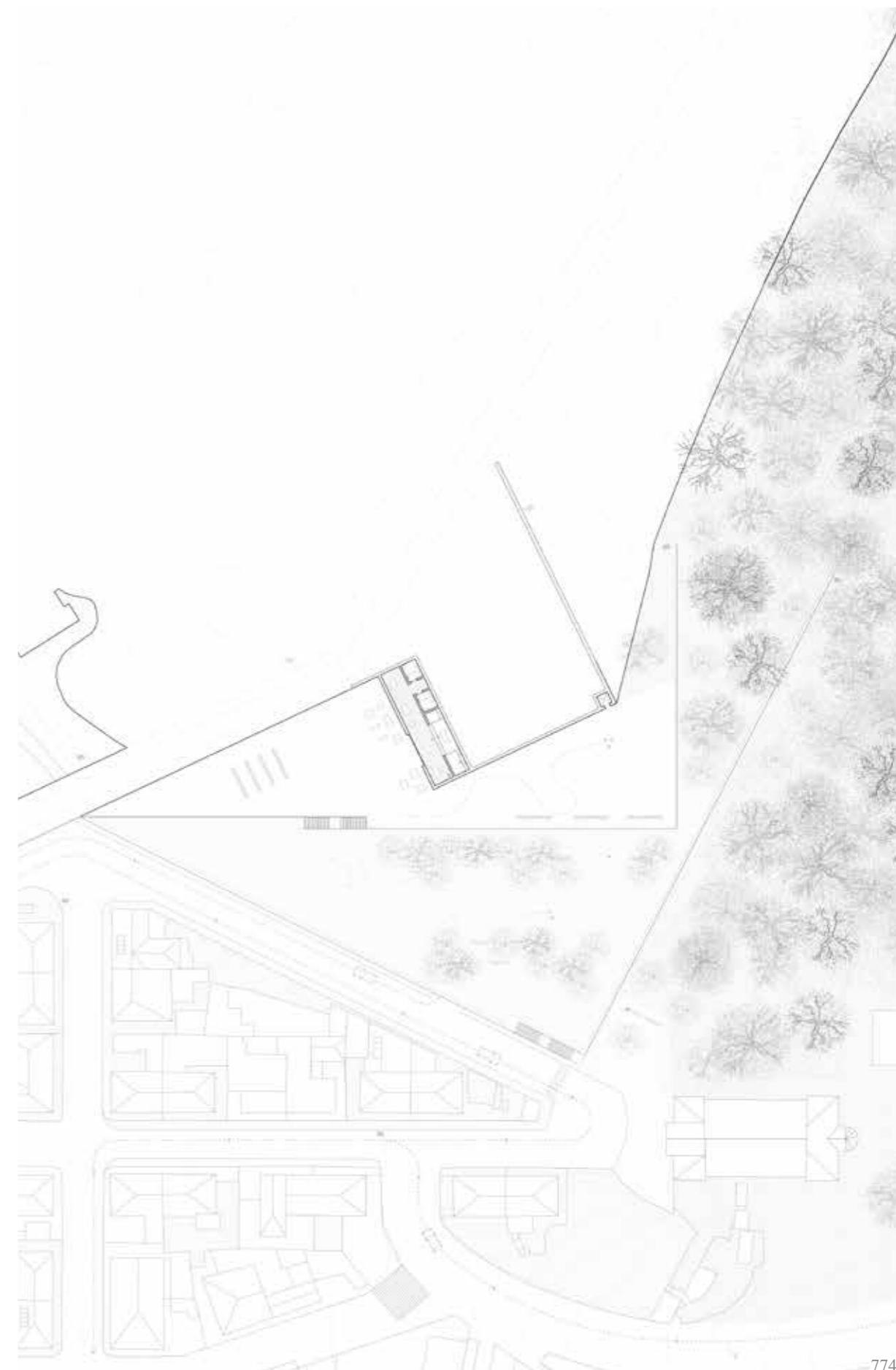
773. Perspectiva -
Atmosfera do restaurante

A Segunda Plataforma

A segunda plataforma, situada à cota 95, procura uma posição de privilégio visual sobre a cidade e estabelece contacto directo com o corpo do Aqueduto das Águas Livres. O muro de contenção, que abriga o vão de entrada para o programa, posa sob a plataforma e dobra-se perpendicularmente ao troço do Aqueduto e volta a infletir até alinhar-se com o percurso pedonal. Por fim, o muro torce novamente e encontra a topografia do Parque, definindo a geometria que organiza esta cota intermédia.

O acesso a esta cota é garantido tanto pelo elevador público, como pela escadaria a céu aberto (integrada na fachada do muro de contenção da cota 90) cuja materialidade e desenho seguem a estereotomia pétreo do alçado onde se insere. Ambos conduzem o utilizador à plataforma intermédia, de menor dimensão que a primeira, que é estabelecida pela geometria de dois triângulos conectados e pensada para abrigar uma diversidade de usos. O interior do muro é dedicado exclusivamente a um único programa: o café.

Este espaço assume uma configuração retangular e é coberto por um teto em arco que retoma a linguagem arquitetónica presente em toda a intervenção. O grande vão orientado a Sul estabelece uma relação direta com o Aqueduto e com o bairro, transformando o café num ponto de diálogo entre o percurso monumental e a escala doméstica do quotidiano. A atmosfera interior, acolhedora e intimista, prolonga-se naturalmente para o exterior, onde o espaço se desdobra sobre a plataforma, beneficiando da sombra e da presença monumental do Aqueduto, que atua simultaneamente como enquadramento e extensão do programa.



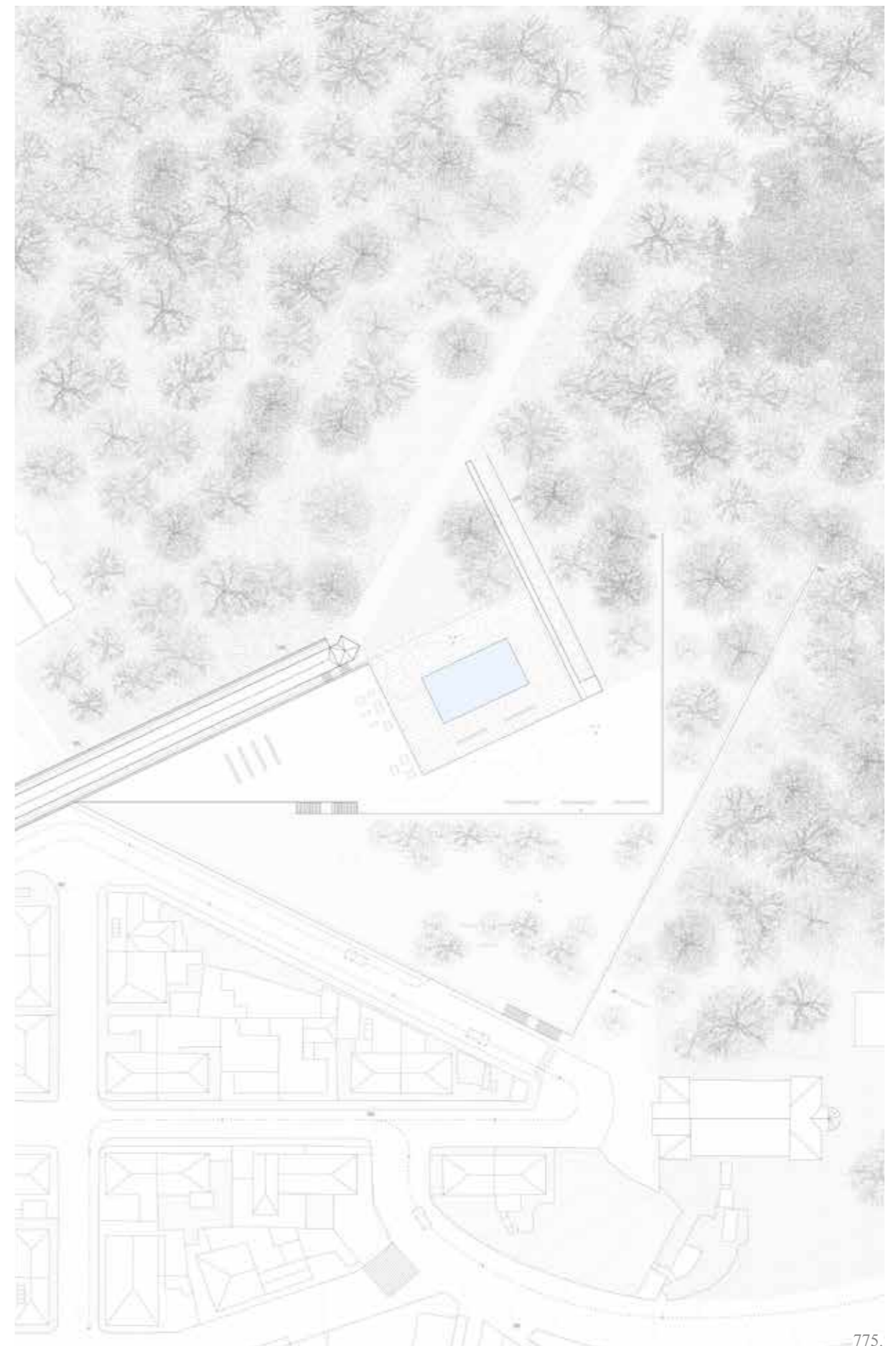
774. Planta Cota 95 -
Plataforma e Programa

A Terceira Plataforma

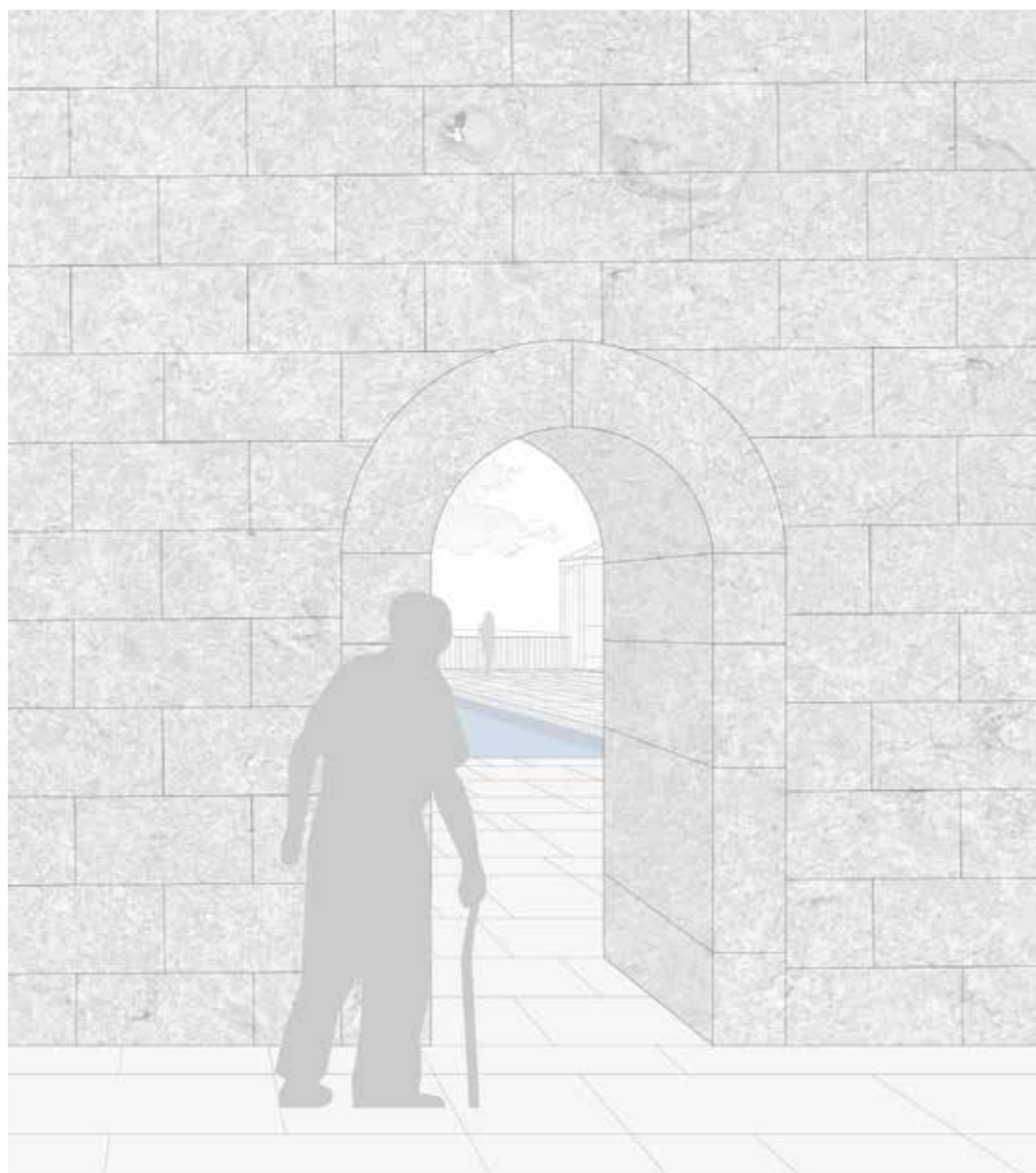
Na cota alta, de chegada do Percurso dos Arcos, a plataforma perpendicular ao trecho desta monumental infraestrutura é desenhada como espaço de recepção a céu aberto, acolhendo os visitantes e encaminhando-os ao Parque Monsanto. O muro, estrategicamente posicionado para reforçar o limite Norte da plataforma, abriga um vão que marca a entrada do elevador através de um arco alinhado ao espelho d'água. O mesmo, guia o percurso de quem chega pelo elevador e, durante o corredor, cria um estado de cegueira temporária sob a plataforma, buscando despertar a curiosidade de quem a acede através do elevador. Durante este percurso o utilizador é cercado, de um lado, pelas árvores de grande porte do parque florestal e, do outro, pelo muro em pedras; este gesto busca trazer diferentes sensações para o Percurso.

Ao chegar na cota de Monsanto, o espelho d'água é revelado, apoiado por bancos que convidam à permanência no espaço e o desfrute da vista panorâmica sob o Aqueduto no Vale de Alcântara. Neste contexto, a água já não se afirma como recurso de abastecimento, como no século XVIII, mas continua a ser utilizada como elemento de encontro e sociabilidade, convocando a memória do Aqueduto e reconfigurando-a em espaço de permanência e partilha.

Para quem parte do Parque, as plataformas constituem elementos de aproximação ao tecido habitacional, assumindo-se mais do que um simples atravessamento, como espaço de recepção e integração à estrutura urbana. Já para quem parte do bairro, as plataformas configuram-se como principal acesso a Monsanto, estabelecendo uma transição progressiva entre a malha urbana consolidada e a paisagem natural.



775. Planta Cota 100 -
Plataforma, espelho d'água



776.

776. Perspectiva -
Atmosfera do espelho
d'água | Um olhar através
do arco



777.

777. Corte Construtivo -
Estacionamento (cota 85);
Sala de Leitura e Recinto
Norte (cota 90); Plataforma
Intermedia (cota 95).

BIBLIOGRAFIA

- AMARAL, F. K. do (1965). Parque Florestal de Monsanto: Plano de urbanização e equipamento. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- AMARAL, F. K. do (1992). Keil Amaral arquitecto: 1910-1975 (A.A. V.V.). Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses.
- AMARAL, F. K. do; PITUM KEIL DO AMARAL (2010). Keil do Amaral: Humor de Arquitecto. Lisboa: Argumentum Editora.
- AMARAL, Francisco Pires Keil do, coord. (1992). Keil Amaral arquitecto, 1910-1975. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses.
- ANTUNES, J. G. P. (2018/2019). Arquitetura e natureza: relação e poética em Keil do Amaral. Tese de mestrado de Arquitetura, Universidade Lusíada, Lisboa. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11067/4434>.
- Arquivo RTP (1973). Parque Infantil de Alvito. Consultado em 30 de Setembro de 2024. Disponível em: <http://arquivos.rtp.pt/conteudos/parque-infantil-de-alvito/>.
- CAMARA, T. B. (2021). Espaço público de Lisboa. Plano, projeto e obra da primeira geração de arquitetos paisagistas (1950-1970). CML, Lisboa.
- Câmara Municipal de Lisboa (2010). Plano de gestão florestal do Parque Florestal de Monsanto. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. Disponível em: <http://www.icnf.pt/portal/florestas/gf/pgf/resource/doc/2011/monsanto/PGF-PFM-Monsanto-v2011MAR.pdf>
- CML (1982-1983). Obra N° 30 328, Parque Florestal de Monsanto Junto ao Alto da Serafina (Posto Emissor da Radiotelevisão, Processo n° 1382, Volume 2 e 3). Arquivo Municipal de Lisboa.
- COSTA, M. (2020). Arquitetura e paisagem em Lisboa: O caso de Monsanto (Dissertação de mestrado). Universidade de Lisboa – Faculdade de Arquitetura.
- DIAS, J. L. (1940). Parque Florestal de Monsanto. Revista Municipal N° 6 (1940), pp. 55-57. Consultado em 15 de outubro de 2024. Disponível em: http://hemerotecadigital.cmlisboa.pt/OBRAS/RevMunicipal/N6/N6_item1/P57.html.
- FERREIRA, L. (2019). Miradouros de Lisboa: História e paisagem urbana. Lisboa: Edições CML.
- GRILO, T. C. de O. (2014). O Parque Florestal de Monsanto: Evolução histórica e contributo para a sua gestão (Dissertação de Mestrado em Arquitetura Paisagista). Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal. Disponível em: <http://core.ac.uk/download/pdf/61473361.pdf>.
- HENRIQUES, J. (2016). Parque de Arte Contemporânea Monsanto. Tese em Gestão e Estudos da Cultura – Gestão Cultural, ISCTE-IUL, Lisboa. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/11403>.
- JALHAY, E.; PAÇO, A.; RIBEIRO, L. (1945). Estação pré-histórica de Montes Claros, Monsanto. Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, Revista Municipal Lisboa, nºs 20 e 21.
- KEIL DO AMARAL, Ana Tostões (coord.) (1999). Keil do Amaral: o arquitecto e o humanista (textos de Ana Tostões, António Menéres, Francisco Pires Keil do Amaral). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa; Pelouro da Cultura, Departamento de Património Cultural, Divisão de Museus e Palácios.
- LIMA, C. E. M. (2017). Contemplações significativas: leitura e projeto – Reabilitação do Panorâmico de Monsanto. Tese de mestrado de Arquitetura, Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.5/15343>.
- MOITA, Irisalva (1999). Keil do Amaral: o arquitecto e o humanista. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Divisão de Museus e Palácios.
- Monsanto: um dos grandes parques florestais do século XX - Florestas.pt (2022, 7 de outubro). <https://florestas.pt/descobrir/monsanto-um-dos-grandes-parques-florestais-do-seculo-xx/>
- NOGUEIRA, C. (2025, 13 de fevereiro). Câmara de Lisboa realiza obras na Avenida de Ceuta para evitar colapso do caneiro. Diário de Notícias. <https://www.dn.pt/local-geral/c%C3%A2mara-de-lisboa-realiza-obras-na-avenida-de-ceuta-para-evitar-colapso-do-caneiro>
- Plano de Drenagem de Lisboa (n.d.). Plano de Drenagem de Lisboa. Câmara Municipal de Lisboa. <https://planodrenagem.lisboa.pt/>
- RESTOS DE COLECÇÃO. Blogger. Clube de Tênis de Monsanto. Consultado em 18 de Setembro de 2024. Disponível em: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2014/04/clube-de-tenis-de-monsanto.html?m=1>.
- RESTOS DE COLECÇÃO. Blogger. Restaurante “Montes Claros”. Consultado em 18 de Setembro de 2024. Disponível em: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2014/04/restaurante-montes-claros.html>.
- RESTOS DE COLECÇÃO. Blogger. Restaurante Panorâmico de Monsanto. Consultado em 18 de Setembro de 2024. Disponível em: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2014/05/restaurante-panoramico-de-monsanto.html?m=1>.
- RODRIGO, J. J. (1952). O Parque Florestal de Monsanto. CML, Lisboa.
- SANTOS, A. S. V. (2012). Memórias deslocadas – Experiências de Keil do Amaral e Álvaro Siza entre Portugal e a Holanda. Tese de mestrado Integrado em Arquitetura, FCTUC, Coimbra. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/99965>.
- (2011). Memórias e afetos. Consultado em 30 de Setembro de 2024. Disponível em: <http://aselhadomar.blogspot.com/2011/05/memorias-e-afectos-83.html>.
- (2017). Uma nova vida para o Panorâmico de Monsanto. Consultado em 30 de Setembro de 2024. Disponível em: <http://www.engenhariae-construcao.com/2017/10/panoramico-monsanto.html>.
- SILVA, J. C. (2010). A defesa de Lisboa: O Campo Entrincheirado e a cidade fortificada. [Local não informado]: Edições Colibri.
- TOSTÕES, A. (1992). Monsanto, Parque Eduardo VIII, Campo Grande. Keil do Amaral, Arquitecto dos espaços verdes de Lisboa. Edições Salamandra, Lisboa.
- TOSTÕES, A.; FERREIRA, R. H. (2010). Keil do Amaral no Centenário do seu Nascimento. Argumentum, Ordem dos Arquitectos, Lisboa.
- TOSTÕES, A. (2021). Lisboa moderna. Docomomo International: Circo de Ideias, Lisboa.
- VASCO, A. R. A. (2014). Caracterização dos Utilizadores e dos Serviços Culturais do Parque Florestal de Monsanto. Tese de mestrado em Ecologia e Gestão Ambiental, Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa, Lisboa. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/16118>.
- VISSMAN Jr., W.; KNAPP, J. W.; LEWIS, G. L.; HARBAUGH, T. E. (1977). Introduction to Hydrology (2nd ed.). Harper and Row, New York.

Agência Ecclesia. (2008, 13 de maio). Serafina e Liberdade: uma resposta social. Recuperado de <https://agencia.ecclesia.pt/portal/serafina-e-liberdade-uma-resposta-social/>

Agência Ecclesia. (2023, 4 de agosto). Lisboa 2023: Bairro da Serafina prepara-se para «momento único», com visita do Papa. Recuperado de <https://agencia.ecclesia.pt/portal/lisboa-2023-bairro-da-serafina-prepara-se-para-momento-unico-com-visita-do-papa-c-fotos/>

A Mensagem de Lisboa. (2023, 25 de abril). No bairro lisboeta que leva o nome da Liberdade, contam-se histórias de um Abril antecipado pelos vizinhos. Recuperado de <https://amensagem.pt/2023/04/25/liberdade-bairro-lisboa-abril-antecipado-vizinhos-podcast/>

Crespo, J. (2023, 4 de agosto). Bairro da Serafina: a história do bairro lisboeta que o Papa quis visitar. Visão. Recuperado de <https://visao.pt/atualidade/sociedade/jornadamundialdajuventude/2023-08-04-serafina-a-historia-do-bairro-lisboeta-que-o-papa-quis-visitar/>

Lisboa a Sós. (2008, 30 de agosto). Há muitas lisboas dentro de Lisboa. Bairro da Liberdade. Recuperado de https://lisboasos.blogspot.com/2008/08/h-muitas-lisboas-dentro-de-lisboa_6346.html

Visão. (2023, 4 de agosto). Serafina: a história do bairro lisboeta que o Papa quis visitar. Recuperado de <https://visao.pt/atualidade/sociedade/jornadamundialdajuventude/2023-08-04-serafina-a-historia-do-bairro-lisboeta-que-o-papa-quis-visitar/>

Diário de Notícias (DN). (24 de abril de 2025). “Nada mudou nos bairros lisboetas que o Papa Francisco visitou em 2023”. DN.

SIC Notícias / Executive Digest. (24 de abril de 2025). Câmara de Lisboa prepara intervenção em bairros onde ainda vive gente sem água nem WC.

Pereira, M. (2008). Alcântara: História e Património Industrial. Lisboa: Edições Colibri.

Cardoso, A. (2016). Lisboa Ribeirinha: Transformações Urbanas e Ambientais. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

Costa, J. (2010). “O Caneiro de Alcântara e as Transformações do Vale”. Revista Património, 12, 45-60.

Marques, R. (2017). “As Ribeiras de Lisboa: Função, Memória e Ocultação”. Cadernos do Arquivo Municipal, 2ª Série, nº 7, pp. 99-120. https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/3732979/cadernos4_2_.pdf

Barros, E. (2022, 23 dezembro). O Pátio das Antigas: A ribeira de Alcântara a céu aberto. Time Out Lisboa. <https://www.timeout.pt/lisboa/pt/noticias/o-patio-das-antigas-a-ribeira-de-alcantara-a-ceu-aberto>

RTP. (1992, 28 de dezembro). Abertura ao trânsito do Eixo Norte-Sul [Arquivo de televisão]. RTP. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/inauguracao-do-eixo-Norte-Sul>

RTP. (1991, 29 de abril). Inauguração do Eixo Norte-Sul [Arquivo de televisão]. RTP. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/construcao-do-eixo-Norte-Sul>

Agência Ecclesia. (2023, 4 de agosto). Lisboa 2023: Bairro da Serafina prepara-se para «momento único», com visita do Papa. Recuperado de <https://agencia.ecclesia.pt/portal/lisboa-2023-bai>

Toponímia de Lisboa. (2015, 6 de janeiro). Duas efemérides da Avenida de Ceuta em 2015. Toponímia de Lisboa. <https://toponimialisboa.wordpress.com/2015/01/06/duas-efemerides-da-avenada-de-ceuta-em-2015/>

ÍNDICE DE IMAGENS

1. © Arquivo Municipal de Lisboa |Parque Florestal de Monsanto, o presidente da República, Marechal Carmona, planta a primeira árvore | Desconhecido | 1938 | A4596N4495-75NEG
2. © Arquivo Municipal de Lisboa |Parque Florestal de Monsanto:o ministro do Interior, Mário Paes de Sousa, planta uma árvore | Desconhecido | 1938 | A4589
3. © Arquivo Municipal de Lisboa |Parque Florestal de Monsanto, início dos trabalhos | Desconhecido | 1938 | A4591N4495-72
4. © Arquivo Municipal de Lisboa |Operários tarabalhando na remodelação da Serra de Monsanto | Mário Novais | 1938 | A4582N66964M-NV001488
5. © Arquivo Municipal de Lisboa Parque Florestal de Monsanto | Desconhecido | 1938 | A4581N4495-63EDP001359
6. © Arquivo Municipal de Lisboa | Parque Florestal de Monsanto: reflorestação |Desconhecido |1938 | A4586 NEG
7. © Arquivo Municipal de Lisboa |Alto do Parque Florestal de Monsanto | Eduardo Portugal | 1939| ALB000273652
8. ©Arquivo Municipal de Lisboa | Parque Florestal de Monsanto, estrada vindo do Alvito a Alcântara | Eduardo Portugal |1939 |ALB000259188
- 9 e 10. República Portuguesa. (1934). Decreto-Lei n.º 24625, de 1 de novembro. Diário do Governo, Série I, n.º 257, 1947-1948.
11. © Arquivo Municipal de Lisboa |Serra de Monsanto - Estrada de Circunvalação Algés a Benfica, na curva para a Boavista| Eduardo Portugal |1940| PT/AMLSB/POR/13/056974
- 12.©Arquivo Municipal de Lisboa | Parque Florestal de Monsanto atravessado pela auto-estrada|Desconhecido | 1952 | SP-T000078A18215N16271
- 13.© Arquivo Municipal de Lisboa | Parque Florestal de Monsanto| Eduardo Portugal |1939| PT/AMLSB/POR/13/056845
- 14.© Arquivo Municipal de Lisboa |1 Vale de Alcântara no sítio de Campolide| Garcia Nunes |1930 |NUN000158A51074N48555
- 15.©Arquivo Municipal de Lisboa | Miradouro de Montes Claros, terrenos| Eduardo Portugal | 1939| ALB000290661
- 16.©Arquivo Municipal de Lisboa | Montes Claros| Eduardo Portugal | 1938 | EDP001493A6570N5879-80N82847173
©Arquivo Municipal de Lisboa |Parque Florestal de Monsanto| Salvador de Almeida Fernandes |1952 |SAL000031A18082N16138
- 18.©Arquivo Municipal de Lisboa | Panorâmica tirada de Montes Claros, vendo-se as instalações da RTP| Armando Maia Serôdio| 1961 | SE-R003756A33451N30949
- 19.©Arquivo Municipal de Lisboa | Serra de Monsanto: Montes Claros, panorâmica tirada para norte| Eduardo Portugal| 1939| ALB000276655
- 20.©Arquivo Municipal de Lisboa | Neve em Monsanto | Jorge Neto de Sousa| 1954| SOU000042A22650N20410
- 21.©Arquivo Municipal de Lisboa | Panorâmica de parte do parque Florestal de Monsanto| Eduardo Portugal| 1947| PT/AMLSB/POR/13/060029
- 22.©Arquivo Municipal de Lisboa | Parque florestal de Monsanto, panorama do lado nascente do miradouro de Montes Claros| Horácio Novais| 195- |A18526N16578HNV000391
- 23.©Arquivo Municipal de Lisboa | Panorâmica tirada do Parque Florestal de Monsanto, vendo-se a auto-estrada, perto da zona do viaduto Duarte Pacheco | Jorge Neto de Sousa| post.1941 | A24719N22371SOU000046
- 24.©Arquivo Municipal de Lisboa | Panorâmica que abrange o viaduto Duarte Pacheco e o Parque Florestal de Monsanto| Artur João Goulart| 1941| AJG003287A39220N36696
- 25.©Arquivo Municipal de Lisboa | Parque florestal de Monsanto, encosta poente da serra de Monsanto| Horácio Novais|195-| A18520N16572HNV000385
- 26.©Arquivo Municipal de Lisboa | Auto-estrada e parque Florestal de Monsanto vistos da avenida Duarte Pacheco | Salvador de Almeida Fernandes | 1958| SAL000179A27701N25297
- 27.©Arquivo Municipal de Lisboa | Estrada de acesso à Ponte 25 de Abril, vendo-se o Parque Florestal de Monsanto|Artur Inácio Bastos | 1962-1966 | A46232N43713AIB000714
- 28.©Arquivo Municipal de Lisboa | Parque Florestal de Monsanto| Salvador de Almeida Fernandes |1952|SAL000027A18078N16134
- 29.©Arquivo Municipal de Lisboa | Viaduto Duarte Pacheco e parque Florestal de Monsanto| Artur Inácio Bastos| 1967| A57227N54711AIB001635
30. Urbanidades. Ebenezer Howard e a Cidade-Jardim [Imagem]. <https://urbanidades.arq.br/2008/10/13/ebenezer-howard-e-a-cidade-jardim/>
31. Matemáticas en tu mundo. Cidade Linear de Arturo Soria y Mata [Imagem]. https://matematicasentumundo.es/CIUDAD/ciudad_lineal.htm
32. Meisterdrucke. Movimento Haussmann em Paris, 1851-1881 [Imagem]. <https://www.meisterdrucke.pt/>
- 33.©Arquivo Municipal de Lisboa | Lago do Passeio Público, litografia| Eduardo Portugal| 194-| PT/AMLSB/POR/13/051502
- 34.©Arquivo Municipal de Lisboa | Entrada Sul do Passeio Público, cerca de 1882, reprodução| Fonseca A.S.| post.1919 | PT/AMLSB/POR/13/051519
- 35.© Arquivo Municipal de Lisboa | Passeio Público, maquete da autoria de Reis de Sousa | Estúdio Mário Novais| 1943|A4627N4496M-NV000013
- 36.© Arquivo Municipal de Lisboa |Passeio Público: pavilhão, lago e terraço da entrada norte, gravura| Estúdio Mário Novais| entre 194- e 195- | A10462N5028MNV000016
- 37.©Arquivo Municipal de Lisboa | Passeio Público, gravura| Armando Maia Serôdio| 1969 |A67549N65141SER010336
- 38.© Arquivo Municipal de Lisboa |Passeio Público, alameda principal| Moreira | 1865-1868 | ORI000677Cat 62
- 39.©Arquivo Municipal de Lisboa Anteprojeto do Parque Florestal de Monsanto| João Guilherme Faria da Costa e Francisco Keil do Amaral | PT/AMLSB/CMLSB/AH/GOMU/007/00003; pág.5
- 40.©Arquivo Municipal de Lisboa Anteprojeto do Parque Florestal de Monsanto| João Guilherme Faria da Costa e Francisco Keil do Amaral | PT/AMLSB/CMLSB/AH/GOMU/007/00003; pág.3
- 41.©Arquivo Municipal de Lisboa Anteprojeto do Parque Florestal de Monsanto| João Guilherme Faria da Costa e Francisco Keil do Amaral | PT/AMLSB/CMLSB/AH/GOMU/007/00003; pág.,6
- 42.©Reserva Central do Museu de Lisboa | Planta de Expropriações - 1ª Zona |3-2-38 | Eng. Santos Lemos
- 43.©Reserva Central do Museu de Lisboa | Esboceto de plantação

44. © Reserva Central do Museu de Lisboa | Esquema de plantação da 1ª Zona | Francisco Keil do Amaral e Joaquim José Rodrigo
45. Francisco Keil do Amaral (1910-1975) (Fonte: Francisco Keil do Amaral - Arquivo Digital do Jardim)
- 46-64. Reserva Central do Museu de Lisboa | Imagens de “Relatório de uma viagem de estudo”, Keil do Amaral, 1939
65. © Arquivo Municipal de Lisboa | Proposta de Equipamentos de Monsanto | 1952 | PT/AMLSB/FKA/01/002 ; pág. 6
66. © Arquivo Municipal de Lisboa | Parque Florestal, Arranjo do Parque Infantil Alto da Serafina | Francisco Keil do Amaral | PT/AMLSB/FKA/01/007; pág. 10
67. © Arquivo Municipal de Lisboa | Parque Florestal, Arranjo do Parque Infantil Alto da Serafina | Francisco Keil do Amaral | PT/AMLSB/FKA/01/007; pág. 3
68. © Arquivo Municipal de Lisboa | Parque Florestal, Arranjo do Parque Infantil Alto da Serafina | Francisco Keil do Amaral | PT/AMLSB/FKA/01/007; pág. 1
69. © Arquivo Municipal de Lisboa | Projeto Teatro ao Ar Livre, planta | Francisco Keil do Amaral | PT/AMLSB/FKA/01/004; pág. 34
70. © Arquivo Municipal de Lisboa | Projeto Teatro ao Ar Livre, perspectiva | Francisco Keil do Amaral | PT/AMLSB/FKA/01/004; pág. 38
71. © Arquivo Municipal de Lisboa | Projeto Padrão-Miradouro, perspectiva | Francisco Keil do Amaral | PT/AMLSB/FKA/01/004; pág. 31
72. © Arquivo Municipal de Lisboa | Projeto Teatro ao Ar Livre, perspectiva | Francisco Keil do Amaral | PT/AMLSB/FKA/01/004; pág. 39
73. © Arquivo Municipal de Lisboa | Projeto Padrão-Miradouro, planta | Francisco Keil do Amaral | PT/AMLSB/FKA/01/004; pág. 37
74. © Arquivo Municipal de Lisboa | Projeto Cemitério, perspectiva | Francisco Keil do Amaral | PT/AMLSB/FKA/01/009; pág. 30
75. © Arquivo Municipal de Lisboa | Projeto Cemitério, perspectiva | Francisco Keil do Amaral | PT/AMLSB/FKA/01/009; pág. 29
76. © Arquivo Municipal de Lisboa | Projeto Cemitério, perspectiva | Francisco Keil do Amaral | PT/AMLSB/FKA/01/009; pág. 32
77. © Arquivo Municipal de Lisboa | Projeto pavilhão e esplanada, planta | Francisco Keil do Amaral | PT/AMLSB/FKA/01/008; pág. 11
78. © Arquivo Municipal de Lisboa | Projeto pavilhão e esplanada, alçado | Francisco Keil do Amaral | PT/AMLSB/FKA/01/008; pág. 14
79. © Arquivo Municipal de Lisboa | Projeto pavilhão e esplanada Parque, perspectiva | Francisco Keil do Amaral | PT/AMLSB/FKA/01/008; pág. 14
80. Vista aérea Montes Claros. Fonte: Pires, A., Oliveira, B., Pica, C., & Ramos, T. (2025)
81. © Museu de Lisboa | Casa de Chá e Miradouro de Montes Claros, perspectiva | Francisco Keil do Amaral
82. © Arquivo Municipal de Lisboa | Efeitos da neve em Lisboa | Ferreira da Cunha | 1945 | A6950FEC000772
83. © Biblioteca de Arte Gulbenkian | Casa de Chá de Montes Claros | Mário Novais | CFT164.25085 | Consultado em 18 de setembro de 2024. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/biblar-te/50381249148/in/album-72157606052560202>
84. © Arquivo Municipal de Lisboa | Montes Claros, pavilhão de chá | António Passaporte | entre 1940 e 1959 | PAS002932
85. © Biblioteca de Arte Gulbenkian | Casa de Chá e Miradouro de Montes Claros | Mário Novais | CFT003.123273 | Consultado em 86 de setembro de 2024. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/biblar-te/50381249148/in/album-72157606052560202>
86. © Biblioteca de Arte Gulbenkian | Casa de Chá de Montes Claros | Mário Novais | CFT164.25086 | Consultado em 18 de setembro de 2024. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/biblar-te/50381249148/in/album-72157606052560202>
87. © Restos de Coleção Restaurante “Montes Claros” | Montes Claros, pavilhão de chá | Desconhecido | 1942 | Consultado em 18 de setembro de 2024. Disponível em: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2014/04/restaurante-montes-claros.html>
88. © Arquivo Municipal de Lisboa | Parque Florestal de Monsanto, o pavilhão de Chá | Horácio Novais | 195- | HNV000372A18485N16537
89. © Arquivo Municipal de Lisboa | Restaurante e lago em Montes Claros | Horácio Novais | 195- | A18487N16539HNV000374
90. © Arquivo Municipal de Lisboa | Neve em Monsanto | Jorge Neto de Sousa | 1954 | SOU000039A22647N20407
91. © Restos de Coleção Restaurante “Montes Claros” | Montes Claros, Restaurante | Desconhecido | Consultado em 18 de setembro de 2024. Disponível em: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2014/04/restaurante-montes-claros.html>
92. © Arquivo Municipal de Lisboa | Casa de Chá e restaurante de Montes Claros | Arnaldo Madureira | ARM004464A50746N48227
93. © Arquivo Municipal de Lisboa | Restaurante de Montes Claros | Arnaldo Madureira | ARM004463A50745N48226
94. © Biblioteca de Arte Gulbenkian | Carpas sobre o lago. Jardim de Montes Claros | Mário Novais | CFT003.125699 | Consultado em 18 de setembro de 2024. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/biblar-te/50297451498/in/album-72157606052560202>
95. © Arquivo Municipal de Lisboa | Miradouro e restaurante de Montes Claros | Ferreira da Cunha | 1944 | ALB0002992137
96. © Biblioteca de Arte Gulbenkian | Casa de Chá e Miradouro de Montes Claros | Mário Novais | CFT003.27098 | Consultado em 18 de setembro de 2024. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/biblar-te/50297451498/in/album-72157606052560202>
97. © Arquivo Municipal de Lisboa | Montes Claros | António Passaporte | entre 1940 e 1959 | PAS002936
98. © Arquivo Municipal de Lisboa | Parque Florestal de Monsanto, pérgula e lago do miradouro de Montes Claros | Desconhecido | 1952 | PT/AMLSB/SPT/000097
99. © Biblioteca de Arte Gulbenkian | Casa de Chá e Miradouro de Montes Claros | Mário Novais | CFT003.37799 | Consultado em 18 de setembro de 2024. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/biblar-te/50297451498/in/album-72157606052560202>
100. © Arquivo Municipal de Lisboa | Miradouro de Montes Claros | Ferreira da Cunha | 1944 | ALB0002962134
101. © Restos de Coleção Restaurante “Montes Claros” | Montes Claros, Esplanada | Desconhecido | Consultado em 18 de setembro de 2024. Disponível em: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2014/04/restaurante-montes-claros.html>
102. © Restos de Coleção Restaurante “Montes Claros” | Montes Claros, interior | Desconhecido | Consultado em 18 de setembro de 2024. Disponível em: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2014/04/restau->

rante-montes-claros.html.

- 103.**© Arquivo Municipal de Lisboa |Parque Florestal de Monsanto, o pavilhão de Chá| Horácio Novais | 195- | A18490N16542HNV000377
- 104.**© Restos de Coleção Restaurante “Montes Claros” |Montes Claros, interior | Desconhecido | Consultado em 18 de setembro de 2024.Disponível em: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2014/04/restaurante-montes-claros.html>.
- 105.**© Arquivo Municipal de Lisboa |Montes Claros, interior do pavilhão de chá| António Passaporte |PAS001690
- 106.**© Arquivo Municipal de Lisboa| Restaurante de Montes Claros, lanche oferecido aos participantes do XI Congresso Internacional da Indústria de Hotelaria | Armando Maia Serôdio|1962 |SER004570A38967N36444
- 107.**© Arquivo Municipal de Lisboa |Restaurante de Montes Claros, recepção nos jardins oferecida aos participantes do X Congresso Internacional de Pediatria| Armando Maia Serôdio | 1962 |SER004649A39046N36523
- 108.**© Restos de Coleção Restaurante “Montes Claros” |Noivas de Santo António|Desconhecido | Consultado em 18 de setembro de 2024.Disponível em: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2014/04/restaurante-montes-claros.html>.
- 109.**© Arquivo Municipal de Lisboa |Restaurante de Montes Claros, recepção nos jardins oferecida aos participantes do X Congresso Internacional de Pediatria| Armando Maia Serôdio| 1962 | SER004649A39046N36523
- 110.**© Arquivo Municipal de Lisboa |Restaurante de Montes Claros, recepção aos participantes do IX Congresso da Sociedade de Hematologia| Armando Maia Serôdio| 1963| SER005428A42039N39513
- 111.**© Arquivo Municipal de Lisboa| Congresso de Municípios. Jantar no restaurante de Montes Claros, oferecido pelo Secretário Nacional da Informação| Armando Maia Serôdio | 1959| SER002240A28430N26039
- 112.**© Arquivo Municipal de Lisboa| Projeto Casa de Chá e Restaurante do Miradouro dos Montes Claros, planta | Francisco Keil do Amaral | PT/AMLSB/FKA/01/003, pág. 1
- 113.**© Museu de Lisboa |Alçados da Casa de Chá Montes Claros | Francisco Keil do Amaral| Dossier PFM. pág. 19
- 114.**© Arquivo Municipal de Lisboa |Projeto Casa de Chá e Restaurante do Miradouro dos Montes Claros, Alçados | Francisco Keil do Amaral| PT/AMLSB/FKA/01/003, pág. 5
- 115.** ©Museu de Lisboa |Casa de Chá e Miradouro de Montes Claros, Planta geral |Francisco Keil do Amaral
- 116.**© Museu de Lisboa| Detalhe de vão| Francisco Keil do Amaral |Dossier PFM. pág. 25
- 117.**© Arquivo Municipal de Lisboa | Projeto Casa de Chá e Restaurante do Miradouro dos Montes Claros, pormenor da porta| Francisco Keil do Amaral | PT/AMLSB/FKA/01/003, pág. 21
- 118.**© Museu de Lisboa| Detalhe de vão | Francisco Keil do Amaral | Dossier PFM. pág. 28
- 119.**© Arquivo Municipal de Lisboa |Detalhe da asna | Francisco Keil do Amaral | PT/AMLSB/FKA/01/003, pág. 6
- 120.**© Arquivo Municipal de Lisboa | Projeto Casa de Chá e Restaurante do Miradouro dos Montes Claros, planta do piso térreo | Francisco Keil do Amaral |PT/AMLSB/FKA/01/003, pág. 38
- 121.**© Arquivo Municipal de Lisboa | Projeto Casa de Chá e Restaurante do Miradouro dos Montes Claros, planta do 1º piso | Francisco

Keil do Amaral | PT/AMLSB/FKA/01/003, pág. 39

- 122.**© Arquivo Municipal de Lisboa | Projeto Casa de Chá e Restaurante do Miradouro dos Montes Claros, alçados | Francisco Keil do Amaral | PT/AMLSB/FKA/01/003, pág. 11
- 123.**© Arquivo Municipal de Lisboa | Projeto Casa de Chá e Restaurante do Miradouro dos Montes Claros, alçados| Francisco Keil do Amaral |PT/AMLSB/FKA/01/003, pág. 13
- 124-154.** Montes Claros. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 155.** Vista aérea Clube de Ténis. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 156.**© Museu de Lisboa | Clube de Ténis, perspetiva | Francisco Keil do Amaral
- 157.**© Restos de Coleção Clube de Ténis de Monsanto” | Clube de Ténis | Desconhecido | Consultado em 18 de setembro de 2024.Disponível em: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2014/04/clube-de-tenis-de-monsanto.html>.
- 158.**© Restos de Coleção Clube de Ténis de Monsanto” | Clube de Ténis | Desconhecido|Consultado em 18 de setembro de 2024.Disponível em: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2014/04/clube-de-tenis-de-monsanto.html>.
- 160.**© Do_co.mo.mo Ibérico| Clube de ténis de Monsanto| Desconhecido |Consultado em 18 de setembro de 2024.Disponível em: <http://docomomoiberico.com/pt-pt/edificios/clube-de-tenis-de-monsanto/>.
- 161.**© Do_co.mo.mo Ibérico| Clube de ténis de Monsanto| Desconhecido |Consultado em 18 de setembro de 2024.Disponível em: <http://docomomoiberico.com/pt-pt/edificios/clube-de-tenis-de-monsanto/>.
- 162.**© Arquivo Municipal de Lisboa | Parque Florestal de Monsanto: Clube de ténis | Salvador de Almeida Fernandes | 1952 | SAL000024A18075N16131
- 163.**© Do_co.mo.mo Ibérico | Clube de ténis de Monsanto, interior | Desconhecido |Consultado em 18 de setembro de 2024.Disponível em: <http://docomomoiberico.com/pt-pt/edificios/clube-de-tenis-de-monsanto/>.
- 164.**© Restos de Coleção Clube de Ténis de Monsanto” | Clube de Ténis, interior | Desconhecido |Consultado em 18 de setembro de 2024. Disponível em: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2014/04/clube-de-tenis-de-monsanto.html>.
- 165.**© Restos de Coleção Clube de Ténis de Monsanto” | Clube de Ténis, interior | Desconhecido |Consultado em 18 de setembro de 2024. Disponível em: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2014/04/clube-de-tenis-de-monsanto.html>.
- 166.**© Arquivo Municipal de Lisboa | Restaurante do Club de Ténis de Monsanto, jantar anual da vereação municipal| Armando Maia Serôdio| 1962CSER004831A39904N37380
- 167.**© Restos de Coleção Clube de Ténis de Monsanto” | Clube de Ténis, vista para a esplanada | Desconhecido|Consultado em 18 de setembro de 2024.Disponível em: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2014/04/clube-de-tenis-de-monsanto.html>.
- 168.**© Arquivo Municipal de Lisboa | Projeto Clube de Ténis, Planta piso 1 | Francisco Keil do Amaral | PT/AMLSB/FKA/01/005, pág. 22
- 169.**© Arquivo Municipal de Lisboa | Projeto Clube de Ténis, Planta piso 2 | Francisco Keil do Amaral | PT/AMLSB/FKA/01/005, pág. 23

- 170.© Arquivo Municipal de Lisboa| Projeto Clube de Ténis, cortes |Francisco Keil do Amaral |PT/AMLSB/FKA/01/005, pág. 27
- 171.© Arquivo Municipal de Lisboa| Projeto Clube de Ténis, corte | Francisco Keil do Amaral | PT/AMLSB/FKA/01/005, pág. 26
- 172.© Arquivo Municipal de Lisboa| Projeto Clube de Ténis, alçado Nascente| Francisco Keil do Amaral| PT/AMLSB/FKA/01/005, pág. 25
- 173.© Arquivo Municipal de Lisboa| Projeto Clube de Ténis, Alçado Norte | Francisco Keil do Amaral | PT/AMLSB/FKA/01/005, pág. 24
- 174.© Arquivo Municipal de Lisboa | Projeto Clube de Ténis, corte do terreno |Francisco Keil do Amaral | PT/AMLSB/FKA/01/005, pág. 18
- 175-197.Clube de Ténis. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
198. Vista aérea do Parque Recreativo do Alvito. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 199.© Arquivo Municipal de Lisboa | Parque Recreativo do Alvito |Francisco Keil do Amaral | Amaral | PT/AMLSB/FKA/01/006, pág. 1
- 200.© Arquivo Municipal de Lisboa | Parque Infantil do Alvito | Armando Maia Serôdio| 1963 | SER004953A41136N38611
201. © Arquivo Municipal de Lisboa | Piscina do Alvito, visita do mayor de Salisburia |Armando Maia Serôdio| 1965 | SER007172A48516N45997
- 202.© Arquivo Municipal de Lisboa | Parque Infantil do Alvito | Armando Maia Serôdio| 1963 | SER004952A41135N38610
- 203.© Arquivo Municipal de Lisboa | Parque Infantil do Alvito | Armando Maia Serôdio| 1963 | SER004949A41132N38607
- 204.© Arquivo Municipal de Lisboa | Parque Infantil do Alvito | Armando Maia Serôdio| 1963 | SER004950A41133N38608
- 205.© Arquivo Municipal de Lisboa | Parque Infantil do Alvito| Armando Maia Serôdio| 1963 | SER005230A41840N39314
- 206.© Arquivo Municipal de Lisboa | Parque Infantil do Alvito | Armando Maia Serôdio| 1963 | SER005235A41845N39319
- 207.© Arquivo Municipal de Lisboa | Parque Infantil do Alvito |Armando Maia Serôdio| 1963 | SER005234A41844N39318
- 208.© Arquivo Municipal de Lisboa | Parque Infantil do Alvito| Armando Maia Serôdio| 1963 | SER005227A41837N39311
- 209.© Arquivo Municipal de Lisboa | Parque Recreativo do Alvito, alçado da entrada| Francisco Keil do Amaral |PT/AMLSB/FKA/01/006, pág.49
- 210.© Arquivo Municipal de Lisboa| Parque Recreativo do Alvito ,planta geral | Francisco Keil do Amaral | PT/AMLSB/FKA/01/006, pág.2
- 211.© Arquivo Municipal de Lisboa| Parque Recreativo do Alvito, planta geral| Francisco Keil do Amaral |PT/AMLSB/FKA/01/006, pág.45
- 212.© Arquivo Municipal de Lisboa| Parque Recreativo do Alvito,alçados| Francisco Keil do Amaral |PT/AMLSB/FKA/01/006, pág.7
- 213.© Arquivo Municipal de Lisboa| Parque Recreativo do Alvito, alçados e cortes| Francisco Keil do Amaral | PT/AMLSB/FKA/01/006, pág.48
- 214.© Arquivo Municipal de Lisboa | Parque Recreativo do Alvito , Instalações para o pessoal, plantas | Francisco Keil do Amaral | PT/AMLSB/FKA/01/006, pág.47
- 215.© Arquivo Municipal de Lisboa | Parque Recreativo do Alvito, Instalações para o pessoal, alçados e cortes | Francisco Keil do Amaral | PT/AMLSB/FKA/01/006, pág.48
- 216-239. Parque Recreativo do Alvito. Fonte: Pires, A., Oliveira, B., Pica, C., & Ramos, T. (2025)
240. Vista aérea Monte Verde. Fonte: Pires, A., Oliveira, B., Pica, C., & Ramos, T. (2025)
- 241.© Arquivo Municipal de Lisboa| Projeto Pavilhão de Refrescos Cruz das Oliveiras, Perspetiva | Francisco Keil do Amaral| PT/AMLSB/FKA/01/011, pág. 10
- 242.© Arquivo Municipal de Lisboa | Projeto Pavilhão de Refrescos Cruz das Oliveiras, Planta de Localização | Francisco Keil do Amaral | PT/AMLSB/FKA/01/011, pág. 6
- 243.© Arquivo Municipal de Lisboa | Cruz das Oliveiras, esplanada | Armando Maia Serôdio| 1956 | SER001203A25662N23289
- 244-259. Monte Verde. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
260. Vista aérea Panorâmico. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 261.© Arquivo Municipal de Lisboa | Restaurante Panorâmico de Monsanto | João Brito Geraldes | 1967 | A58394N55878JBG00036
- 262.© Arquivo Municipal de Lisboa | Restaurante Panorâmico de Monsanto | João Brito Geraldes | 1967 | A58396N55880JBG000363
- 263.© Arquivo Municipal de Lisboa | Restaurante Panorâmico de Monsanto | João Brito Geraldes | 1967 | A58398N55882JBG000365
- 264.© Arquivo Municipal de Lisboa | Restaurante Panorâmico de Monsanto | Vasco Gouveia Figueiredo | 1973 | A76624N74028VGF002210
- 265.© Arquivo Municipal de Lisboa | Restaurante Panorâmico de Monsanto | Armando Maia Serôdio | 1965 | SER006830N45651A48170
- 266.© Restos de Coleção Restaurante Panorâmico de Monsanto | Restaurante Panorâmico | Desconhecido |Consultado em 18 de setembro de 2024.Disponível em: <https://restosdecoleccion.blogspot.com/2014/05/restaurante-panoramico-de-monsanto.html>
- 267.© Arquivo Municipal de Lisboa | Restaurante Panorâmico de Monsanto | Vasco Gouveia Figueiredo | 1973 | A76622N74026VGF002208
- 268.© Arquivo Municipal de Lisboa | Restaurante Panorâmico de Monsanto | Vasco Gouveia Figueiredo | 1973 | A76618N74022VGF002204
- 269.© Arquivo Municipal de Lisboa | Restaurante Panorâmico de Monsanto | Vasco Gouveia Figueiredo | 1973 | A76616N74020VGF002202
- 270.© Arquivo Municipal de Lisboa | Restaurante Panorâmico de Monsanto | Vasco Gouveia Figueiredo | 1973 | A76619N74023VGF002205
- 271.© Arquivo Municipal de Lisboa | Visita do presidente da Câmara Municipal de Lisboa e da nova vereação às obras do restaurante Panorâmico de Monsanto | Armando Maia Serôdio | 1964 | SER005817A43301N40774
- 272.© Arquivo Municipal de Lisboa | Restaurante Panorâmico de Monsanto em construção | Armando Maia Serôdio | 1967 | SER008546A57899N55383
- 273.© Arquivo Municipal de Lisboa | Restaurante Panorâmico de Monsanto em construção | Armando Maia Serôdio | 1967 | SER008554A57907N55391
- 274.© Arquivo Municipal de Lisboa | Restaurante Panorâmico de Monsanto em construção | Armando Maia Serôdio | 1967 | SER008556A57909N55393
- 275.© Arquivo Municipal de Lisboa | Restaurante Panorâmico de Monsanto em construção | Armando Maia Serôdio | 1967 | SER008555A57908N55392

- 276.**© Arquivo Municipal de Lisboa | Restaurante Panorâmico de Monsanto, jantar de despedida de França Borges do cargo de presidente da Câmara Municipal de Lisboa. Discurso do homenageado | Armando Maia Seródio | 1970 | A72083N69711SER010999
- 277.**© Arquivo Municipal de Lisboa | Restaurante Panorâmico de Monsanto, jantar de despedida de França Borges do cargo de presidente da Câmara Municipal de Lisboa. Martins Gomes proferiu algumas palavras | Armando Maia Seródio | 1970 | A72078N69706SER010994
- 278.**© Arquivo Municipal de Lisboa | Restaurante Panorâmico de Monsanto, recepção aos participantes do I Rally da TAP | Armando Maia Seródio | 1973 | SER012136A77461N74672
- 279.**© Arquivo Municipal de Lisboa | Restaurante Panorâmico de Monsanto, almoço oferecido aos membros do Congresso de Imprensa Gastronómica | Armando Maia Seródio | 1970 | A72798N70426SER011461
- 280.**© Arquivo Municipal de Lisboa | Restaurante Panorâmico de Monsanto, jantar de despedida de França Borges do cargo de presidente da Câmara Municipal de Lisboa. Discurso do homenageado | Armando Maia Seródio | 1970 | A72084N69712SER011000
- 281.**© Arquivo Municipal de Lisboa | Restaurante Panorâmico de Monsanto, almoço oferecido aos membros do Congresso de Imprensa Gastronómica | Armando Maia Seródio | 1970 | A72797N70425SER011460
- 282.**© Arquivo Municipal de Lisboa | Projeto Panorâmico, planta cota 192.4 | Processo 1382/DSU/OB/1982/Obra 30328, pág. 8
- 283.**© Arquivo Municipal de Lisboa | Projeto Panorâmico, planta cota 195.95 | Processo 1382/DSU/OB/1982/Obra 30328, pág. 9
- 284.**© Arquivo Municipal de Lisboa | Projeto Panorâmico, planta cota 198.76 | Processo 1382/DSU/OB/1982/Obra 30328, pág. 10
- 285.**© Arquivo Municipal de Lisboa | Projeto Panorâmico, planta cota 203.06 | Processo 1382/DSU/OB/1982/Obra 30328, pág. 11
- 286.**© Arquivo Municipal de Lisboa | Projeto Panorâmico, planta cota 209.42 | Processo 1382/DSU/OB/1982/Obra 30328, pág. 12
- 287.**© Arquivo Municipal de Lisboa | Projeto Panorâmico, planta cota 214.74 | Processo 1382/DSU/OB/1982/Obra 30328, pág. 13
- 288.**© Arquivo Municipal de Lisboa | Projeto Panorâmico, planta cota 218.14 | Processo 1382/DSU/OB/1982/Obra 30328, pág. 14
- 289.**© Arquivo Municipal de Lisboa | Projeto Panorâmico, corte | Processo 1382/DSU/OB/1982/Obra 30328, pág. 15
- 290.**© Arquivo Municipal de Lisboa | Projeto Panorâmico, alçado Norte/Poente | Processo 1382/DSU/OB/1982/Obra 30328, pág. 18
- 291.**© Arquivo Municipal de Lisboa | Projeto Panorâmico, alçado Sul/Poente | Processo 1382/DSU/OB/1982/Obra 30328, pág. 17
- 292.**© Arquivo Municipal de Lisboa | Projeto Panorâmico, planta cota 192.40 | Processo 3270/DSU/OB/1983/Obra 30328, pág. 10
- 293.**© Arquivo Municipal de Lisboa | Projeto Panorâmico, planta cota 195.95 | Processo 3270/DSU/OB/1983/Obra 30328, pág. 11
- 294.**© Arquivo Municipal de Lisboa | Projeto Panorâmico, planta cota 198.76 | Processo 1382/DSU/OB/1982/Obra 30328, pág. 10
- 295.**© Arquivo Municipal de Lisboa | Projeto Panorâmico, planta cota 203.06 | Processo 1382/DSU/OB/1982/Obra 30328, pág. 11
- 296.**© Arquivo Municipal de Lisboa | Projeto Panorâmico, planta cota 209.42 | Processo 1382/DSU/OB/1982/Obra 30328, pág. 12
- 297.**© Arquivo Municipal de Lisboa | Projeto Panorâmico, alçado Norte/Poente | Processo 1382/DSU/OB/1982/Obra 30328, pág. 18
- 298.**© Arquivo Municipal de Lisboa | Projeto Panorâmico, alçado Sul/Poente | Processo 1382/DSU/OB/1982/Obra 30328, pág. 17
- 299.**© Arquivo Municipal de Lisboa | Projeto Panorâmico, corte | Processo 1382/DSU/OB/1982/Obra 30328, pág. 15
- 300-320.** Panorâmico. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 321.**© Museu de Lisboa | Miradouro Pedreira do Penedo, pormenor da planta e alçado | Francisco Keil do Amaral
- 322.**© Museu de Lisboa | Miradouro Moinho do Alferes, planta e alçado | Francisco Keil do Amaral
- 323.**© Museu de Lisboa | Arranjo de Miradouro, planta e alçado | Francisco Keil do Amaral
- 324.**© Museu de Lisboa | Miradouro dos Moinhos do Mocho, planta e alçado | Francisco Keil do Amaral
- 325.**© Museu de Lisboa | Miradouro Luneta dos Quartéis, pormenor da planta | Francisco Keil do Amaral
- 326.**© Museu de Lisboa | Arranjo de Miradouro, alçados e plantas | Francisco Keil do Amaral
- 327.**© Museu de Lisboa | Miradouro Moinho do Alferes, alçados | Francisco Keil do Amaral
- 328.**© Museu de Lisboa | Parque Florestal de Monsanto, Miradouro dos Moinhos do Mocho | António Passaporte | 1940 | MC.FOT.3265 | Consultado em 18 de setembro de 2024. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/biblar-te/50381249148/in/album-72157606052560202>
- 329.**© Arquivo Municipal de Lisboa | Miradouro de Montes Claros | Ferreira da Cunha | 1944 | ALB0002972135
- 340.**© Arquivo Municipal de Lisboa | Parque florestal de Monsanto, miradouro da Luneta dos Quartéis | Horácio Novais | 195- | A18515N16567HNV000380
- 331.**© Museu de Lisboa | Miradouro Moinho do Alferes. Parque Florestal de Monsanto | Mário Novais | CFT003.38180 | Consultado em 18 de setembro de 2024. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/biblar-te/51104546062/in/album-72157606052560202>
- 332.**© Museu de Lisboa | Miradouro dos Moinhos do Mocho | Mário Novais | MC.FOT.3264 | Consultado em 18 de setembro de 2024. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/biblar-te/51104546062/in/album-72157606052560202>
- 333.**© Arquivo Municipal de Lisboa | Miradouro do Moinho dos Alferes | Horácio Novais | 195- | HNV000382A18517N16569
- 334.**© Arquivo Municipal de Lisboa | Miradouro dos Moinhos do Mocho | Horácio Novais | 194- | HNV000437A22171N20096
- 335.** Miradouro da Luneta dos Quartéis, Arq. Keil do Amaral. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 336 e 337. Miradouro Montes Claros, Arq. Keil do Amaral. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 338.** Miradouro da Luneta dos Quartéis, Arq. Keil do Amaral. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 339.** Miradouro do Moinho do Penedo, Arq. Keil do Amaral. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 340.** Miradouro dos Moinhos do Mocho, Arq. Keil do Amaral. Fonte: Pires, A., Oliveira, B., Pica, C., & Ramos, T. (2025)
- 341.**© Arquivo Municipal de Lisboa | Neve em Monsanto | Jorge Neto de Sousa | 1954 | SOU000040A22648N20408

- 342-345. Marcos de Sinalização. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
346. Paragem de autocarro, Keil do Amaral. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
347. Fotografias da atualidade. Parque Florestal de Monsanto, 7230054,-9.174842055555555, altitude: 93.317. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
348. Fotografias da atualidade. Parque Florestal de Monsanto, 7368175,-9.174170277777778, altitude: 392.368. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 348.7249289,-9.2069691916666666, altitude: 315.879. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
350. Fotografias da atualidade. Parque Florestal de Monsanto, 7133274,-9.2030684416666666, altitude: 218.938. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
351. Fotografias da atualidade. Parque Florestal de Monsanto, 7188575,-9.185797830555556, altitude: 212.709. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
352. Fotografias da atualidade. Parque Florestal de Monsanto, 723262,-9.195502997222222, altitude: 333.994. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
353. Fotografias da atualidade. Parque Florestal de Monsanto, 7027964,-9.219685555555555, altitude: 251.726. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
354. Fotografias da atualidade. Parque Florestal de Monsanto, 7048488,-9.17927238611111, altitude: 211.422. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
355. Fotografias da atualidade. Parque Florestal de Monsanto, 7025042,-9.219338997222222, altitude: 248.526. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
356. Fotografias da atualidade. Parque Florestal de Monsanto, 7249289,-9.2069691916666666, altitude: 315.879. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
357. Fotografias da atualidade. Parque Florestal de Monsanto, 7133274,-9.2030684416666666, altitude: 218.938. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
358. Fotografias da atualidade. Parque Florestal de Monsanto, 7188575,-9.185797830555556, altitude: 212.709. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
359. Fotografias da atualidade. Parque Florestal de Monsanto, 723262,-9.195502997222222, altitude: 333.994. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
360. Fotografias da atualidade. Parque Florestal de Monsanto, 7027964,-9.219685555555555, altitude: 251.726. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
361. Fotografias da atualidade. Parque Florestal de Monsanto, 7383309,-9.176363583333332, altitude: 352.568. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
362. Fotografias da atualidade. Parque Florestal de Monsanto, 717153,-9.20208586111111, altitude: 343.189. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
363. Fotografias da atualidade. Parque Florestal de Monsanto, 7255736,-9.203620555555554, altitude: 357.479. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
364. Fotografias da atualidade. Parque Florestal de Monsanto, 7256831,-9.208791388888889, altitude: 164.379. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
365. Fotografias da atualidade. Parque Florestal de Monsanto, 7248653,-9.193870944444445, altitude: 466.594. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
366. Fotografias da atualidade. Parque Florestal de Monsanto, 7226344,-9.196795555555555, altitude: 375.094. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
367. Fotografias da atualidade. Parque Florestal de Monsanto, 7025041,-9.219339, altitude: 248.526. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
368. Fotografias da atualidade. Parque Florestal de Monsanto, 7330858,-9.177905555555554, altitude: 363.478. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
369. Fotografias da atualidade. Parque Florestal de Monsanto, 7025042,-9.219338997222222, altitude: 248.526. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
370. Fotografias da atualidade. Parque Florestal de Monsanto, 7138644,-9.196794444444444, altitude: 287.064. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
371. Fotografias da atualidade. Parque Florestal de Monsanto, 7233817,-9.197679444444445, altitude: 373.494. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
372. Fotografias da atualidade. Parque Florestal de Monsanto, 7330856,-9.177905944444444, altitude: 391.178. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
373. Fotografias da atualidade. Parque Florestal de Monsanto, 7110528,-9.209325305555556, altitude: 278.909. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
374. Fotografias da atualidade. Parque Florestal de Monsanto, 7226306,-9.196795833333333, altitude: 373.294. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
375. Travessa Francisco Rezende, vista para o Aqueduto das Águas Livres. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
376. Travessa Francisco Rezende, vista nascente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
377. Travessa Francisco Rezende, vista do Aqueduto das Águas Livres e alçado principal (sul) da Escola do Beiral. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
378. Travessa Francisco Rezende, vistazona de recreio nascente da Escola do Beiral com vista para a 2ª circular. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
379. Parque infantil no Monte das Perdizes, vista nascente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
380. Zona de merendas no Monte das Perdizes, vista poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
381. Vista para “O Clube Monsanto Secret Spot”, direção nascente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
382. Centro de interpretação de Monsanto, vista para a estrada Barcal.
383. Centro de interpretação de Monsanto, vista nascente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

- 384.** Residência no Monte das Perdizes, vista poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 385.** Jardim do Palácio Marqueses da Fronteira, sala de refresco. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 386.** Vista do Jardim do Palácio Marqueses da Fronteira, direção Poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 387.** Vista exterior da Fundação das Casas Fronteira e Alorna. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 388.** Vista do Jardim do Palácio Marqueses da Fronteira, direção Nascente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 389.** Vista do Jardim do Palácio Marqueses da Fronteira sobre São Domingos de Benfica, direção Nascente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 390.** Vista da Ponte pedonal da rua de S. Domingos de Benfica, direção Sul para a Quinta do Lameiro. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 391.** Rua António Macedo, Bairro do Casal das Cruzes, direção Sul. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 392.** Rua de São Domingos de Benfica, vista da ponte pedonal de S. Domingos de Benfica, direção Nascente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- Vista da Quinta do Lameiro, direção Sul. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 394.** Rua António Macedo, Bairro do Casal das Cruzes, direção Norte. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 395.** Miradouro do Moinho das Três Cruzes do Calhau, vista aérea direção poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 396.** Miradouro do Moinho das Três Cruzes do Calhau, vista do interior do moinho. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 397.** Miradouro do Moinho das Três Cruzes do Calhau, vista da entrada do moinho direção poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 398.** Bairro da Serafina, Rua dos Arcos, vista direção Sul junto do Aqueduto. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 399.** Vista sobre o Aqueduto, direção Campo de Ourique. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 400.** Vista do percurso pedonal do Aqueduto, vista direção poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 401.** Vista do percurso pedonal do Aqueduto, direção para a fonte de água potável. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 402.** Parque da Pedra, vista para o percurso de arborismo, direção sudoeste. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 403.** Parque da Pedra, vista para o percurso de arborismo, direção noroeste. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 404.** Parque da Pedra, vista para o percurso de arborismo. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 405.** Parque da Pedra, vista para o percurso de arborismo. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 406.** Parque da Pedra, direção da vista para zona norte. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 407.** Bairro da Serafina, interseção da rua Padre José Gallea com a Rua Igreja, vista direção nascente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 408.** Bairro da Serafina, Rua da Samaritana, vista direção nascente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 409.** Bairro da Serafina, Rua Padre Domingos Maurício dos Santos, vista direção poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 410.** Bairro da Serafina, Rua Igreja, vista direção sul para Campolide. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 411.** Bairro da Serafina, Rua Igreja, vista direção sul para Campolide. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 412.** Bairro da Serafina, Rua Igreja, vista direção poente para Monsanto. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 413.** Bairro da Boa Vista, Rua das Magnólias, vista direção poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 414.** Estrada do Outeiro, junto do Bairro da Boa Vista, vista direção poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 415.** Estrada do Outeiro, vista direção norte. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 416.** Bairro da Boa Vista, Rua das Magnólias para Rua 4, vista direção sul. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 417.** Bairro da Boa Vista, Rua das Magnólias para Rua 4, vista direção norte. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 418.** Bairro da Boa Vista, Rua das Magnólias, vista direção nascente para Monsanto. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 419.** Vista interior do edifício Norte do Tazte Secret Spot. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 420.** Vista do Tazte Secret Spot sobre a fachada nascente do edifício Norte, direção poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 421.** Vista do Tazte Secret Spot junto da fachada nascente do edifício Norte, direção nascente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 422.** Estrada da Bela Vista, vista do Panorâmico de Monsanto, direção Nascente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 423.** Estrada da Bela Vista, vista do Panorâmico de Monsanto, direção Norte. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 424.** Estrada da Circunvalação, vista do Parque Municipal de Campismo de Monsanto, Lisboa Camping, direção Nascente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 425.** Estrada da Circunvalação, vista do Parque Municipal de Campismo de Monsanto, Lisboa Camping, edifício de receção, direção Nascente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 426.** Estrada da Circunvalação, vista do Parque Municipal de Campismo de Monsanto, Lisboa Camping, direção Nascente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 427.** Percurso pedonal até ao Miradouro da Escarpa, vista direção sul.
- 428.** Miradouro da Escarpa, vista direção sul. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 429.** Casa dos animais de Lisboa, vista direção poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 430.** Bairro do Alvito, Estrada Estrangeira, vista direção poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 431.** Bairro do Alvito, Estrada Estrangeira, vista direção poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 432.** Miradouro do Bairro do Alvito, vista da ponte 25 de Abril, vista

direção sul. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

433. Bairro do Alvito, vista direção poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

434. Bairro do Alvito, vista da ponte 25 de Abril, direção sul. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

435. Bairro do Alvito, vista do Teatro Lanterna Mágica, direção norte. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

436. Bairro do Alvito, Estrada Estrangeira, vista direção poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

437. Bairro do Alvito, Estrada do Alvito, vista do rio Tejo, direção sul. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

438. Bairro do Alvito, Estrada do Alvito, vista direção norte. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

439. Jardim do Bairro do Alvito, vista do rio Tejo, direção sul. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

440. Jardim do Bairro do Alvito, vista do rio Tejo, direção sul. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

441. Bairro do Alvito, Estrada Estrangeira, vista direção norte. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

442. Bairro do Alvito, Estrada Estrangeira, vista direção sul.

443. Bairro do Alvito, vista direção poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

444. Rua Francisco de Oliveira, vista da antiga Pedreira Casal do Alvito, direção norte. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

445. Rua Francisco de Oliveira, vista da antiga Pedreira Casal do Alvito, direção norte. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

446. Rua Francisco de Oliveira, vista da antiga Pedreira Casal do Alvito, direção nascente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

447. Rua Marquês de Pombal, vista da antiga Pedreira Casal do Alvito, direção norte. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

448. Bairro do Alvito, Estrada do Alvito, vista sul. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

449. Bairro do Alvito, Estrada do Alvito, vista da antiga Pedreira Casal do Alvito, direção poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

450. Bairro do Alvito, Estrada do Alvito, vista da antiga Pedreira Casal do Alvito, direção sul. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

451. Skatepark na Alameda Keil do Amaral, vista direção norte. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

452. Anfiteatro na Alameda Keil do Amaral, vista direção norte. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

453. Alameda Keil do Amaral vista sobre a ponte 25 de Abril, direção sul. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

454. Alameda Keil do Amaral, vista nascente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

455. Quiosque na Alameda Keil do Amaral, vista nascente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

456. Avenida Universidade Técnica, vista da Faculdade de Medicina Veterinária, direção nascente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

457. Avenida Universidade Técnica, vista da ponte 25 de Abril, direção

sul. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

458. Avenida Universidade Técnica, vista do Parque Florestal de Monsanto, direção nascente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

459. Avenida Universidade Técnica, vista nascente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

460. Avenida Universidade Técnica, vista poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

461. Estrada de Queluz, vista poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

462. Avenida Universidade Técnica, vista aproximada da Faculdade de Medicina Veterinária, direção nascente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

463. Rua Margiochis, vista aproximada de Caselas, direção Sul. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

464. Rua António Janeiro, Caselas, vista aproximada do Moinho de Caselas, direção Norte. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

465. Rua do Manuelzinho d'Arcolena, Caselas, direção poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

466. Rua Azinhaga Marinheira, direção Norte. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

467. Vista aproximada Rua Padre Reis Lima, direção Sul. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

468. Rua António Janeiro, Caselas, vista do Moinho de Caselas, direção Norte. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

469. Rua do Manuelzinho d'Arcolena, Caselas, vista para a autoestrada A5, direção Poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

470. Ponte do Alto do Duque, rua António Luís Gomes, vista nascente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

471. Ponte do Alto do Duque, rua António Luís Gomes, vista poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

472. Rua António Luís Gomes, vista para Monsanto, direção nascente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

473. Estrada do Forte do Alto do Duque, direção poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

474. Rua do Alto do Duque, vista junto ao forte direção sul. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

475. Estrada Forte do Alto do Duque, direção sul. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

476. Vista da estrada Forte do Alto do Duque sobre o Forte do Alto do Duque, direção sul. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

477. Vista do Jardim de Montes Claros, direção Poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

478. Estrada de Montes Claros, vista aproximada da entrada para o Jardim de Montes Claros, direção Poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

479. Estrada de Montes Claros, vista aproximada da entrada do Restaurante Montes Claros, direção Poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

480. Estrada de Montes Claros, vista da entrada para o Jardim de Montes

Claros, direção Poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

481. Estrada de Montes Claros, vista da fachada Nascente do Restaurante Montes Claros, direção Poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

482. Vista do Miradouro do Moinho do Alferes / Penedo, direção Norte. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

483. Vista do Miradouro do Moinho do Alferes / Penedo sobre o Anfiteatro ao ar Livre Keil do Amaral, direção Nascente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

484. Vista do Miradouro do Moinho do Alferes / Penedo sobre o Campo de Basquetebol do Moinho do Penedo, direção Sul. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

485. Vista sobre o Miradouro do Moinho do Alferes / Penedo, direção Norte. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

486. Vista do Campo de Basquetebol do Moinho do Penedo sobre o rio Tejo, direção Sul. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

487. Vista do Miradouro Keil do Amaral, direção Nascente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

488. Vista aproximada Miradouro Keil do Amaral sobre o palácio da Ajuda, direção Sul. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

489. Vista do espelho de água do Miradouro Keil do Amaral, direção. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

490. Vista do Miradouro Keil do Amaral, direção Sul. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

491. Estrada do Alvito, vista da entrada do Parque Infantil do Alvito, direção Poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

492. Vista do Parque Recreativo do Alvito para a Estrada do Alvito, direção Nascente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

493. Vista do Parque Recreativo do Alvito sobre as casas de banho públicas, direção Poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

494. Vista do Parque Recreativo do Alvito sobre o mural da entrada, direção Poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

495. Vista do Parque Recreativo do Alvito sobre o espelho de água, direção Poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

496. Vista do Clube de Ténis de Monsanto sobre o edifício principal e o campo principal, direção Norte. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

497. Vista do Clube de Ténis de Monsanto, edifício junto dos campos cobertos, direção Nascente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

498. Vista do Clube de Ténis de Monsanto, junto da estrada do Alvito, sobre os campos cobertos, direção Nascente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

499. Vista da entrada do Clube de Ténis de Monsanto junto da estrada do Clube de Ténis, direção Poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

500. Vista do edifício principal do Clube de Ténis sobre os campos de

Ténis descobertos, direção Poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

501. Vista do Clube de Ténis de Monsanto sobre os campos de Ténis descobertos, direção Poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

502. Vista da entrada do Parque Recreativo do Alto da Serafina, direção Sul. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

503. Vista do Parque Recreativo do Alto da Serafina sobre atividades para crianças e zonas recreativas, direção Sul. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

504. Vista do Parque Recreativo do Alto da Serafina sobre atividades para crianças e zonas recreativas, direção Sul. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

505. Vista do Parque Recreativo do Alto da Serafina sobre o Miradouro do Alto da Serafina, direção Sul. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

506. Vista do Parque Recreativo do Alto da Serafina sobre o antigo restaurante, direção Poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

507. Vista do Miradouro dos Moinhos do Mocho, direção Nascente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

508. Vista do Miradouro dos Moinhos do Mocho, direção Poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

509. Vista do Miradouro dos Moinhos do Mocho sobre Moinho Poente, direção Poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

510. Vista do Miradouro dos Moinhos do Mocho, direção Norte. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

511. Vista do Miradouro dos Moinhos do Mocho, direção Nascente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

512. Vista do Miradouro da Luneta dos Quarteis sobre a fachada Sul do edifício, direção Norte. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

513. Vista do Miradouro da Luneta dos Quarteis, direção Sul. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

514. Vista do Miradouro da Luneta dos Quarteis sobre a fachada Poente do edifício, direção Nascente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

515. Vista aproximada do Miradouro da Luneta dos Quarteis sobre Alfragide, direção Poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

516. Vista do edifício a poente do Arco Clube Ar Livre, direção poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

517. Vista do Arco Clube Ar Livre para o campo de tiro, direção nascente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

518. Vista do edifício a poente do Arco Clube Ar Livre, direção poente.

519. Vista da entrada principal do Arquivo Municipal de Lisboa, Bairro da Liberdade, direção poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

520. Vista aproximada da entrada principal do Arquivo Municipal de Lisboa, Bairro da Liberdade, direção poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)

521. Vista da Rua C do Bairro da Liberdade para o Arquivo Municipal de

- Lisboa, direção poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 522.** Vista da Travessa de São Domingos de Benfica para a fachada poente dos Pupilos do Exército, direção nascente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 523.** Vista do Centro de Interpretação de Monsanto, fachada Norte, direção Sul. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 524.** Vista do Centro de Interpretação de Monsanto, fachada Norte, direção Sul. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 525.** Vista do Centro de Interpretação de Monsanto, fachada Norte, direção Sul. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 526.** Vista da Estrada das Oliveira de Baixo para a entrada do Serviço Municipal de Proteção Civil de Lisboa, direção Norte. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 527.** Vista do edifício do Serviço Municipal de Proteção Civil de Lisboa, direção nascente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 528.** Vista da entrada do Serviço Municipal de Proteção Civil de Lisboa para Estrada das Oliveira de Baixo, direção sul. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 529.** Vista dos edifícios do Serviço Municipal de Proteção Civil de Lisboa, direção poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 530.** Vista da rua da Pista Alto da Vinha para a entrada do Jardim do Éden Monsanto, direção Sul. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 531.** Vista da rua da Pista Alto da Vinha para a entrada do Jardim do Éden Monsanto, direção poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 532.** Vista da rua da Pista Alto da Vinha para o Jardim do Éden Monsanto, direção poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 533.** Vista da Mata de São Domingos de Benfica para o Campo de Basquetebol, direção norte. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 534.** Vista da Mata de São Domingos de Benfica para o Campo de Basquetebol, direção nascente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 535.** Vista da Mata de São Domingos de Benfica, direção Sul. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 536.** Vista da Mata de São Domingos de Benfica, direção Sul. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 537.** Vista da Mata de São Domingos de Benfica, direção Poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 538.** Vista da rua da Pista Alto da Vinha para a entrada da Pista de Karts, direção Sul. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 539.** Vista da Pista de Karts, direção Norte. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 540.** Vista da Pista de Karts, direção Norte. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 541.** Vista da Estrada da Bela Vista para a fachada nascente do edifício junto da Torre de comunicações MEO, direção poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 542.** Vista aproximada da torre de comunicações MEO. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 543.** Vista aproximada da torre de comunicações MEO, direção Sul. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 544.** Vista aproximada da Estrada Barcal para a torre de comunicação desativada do Parque Florestal de Monsanto, direção norte. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 545.** Vista aproximada da torre de comunicação desativada do Parque Florestal de Monsanto. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 546.** Vista da Estrada Barcal para a torre de comunicação desativada do Parque Florestal de Monsanto, direção norte. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 547-458. Vista do Jardim do Palácio Marquesses da Fronteira, direção nascente.
- 549-550. Vista aérea do Viaduto Duarte Pacheco, direção nascente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 551-552. Vista sobre a Avenida de Ceuta. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 553-554. Vista aérea do Aqueduto das Águas Livres e da estação ferroviária de Campolide, direção poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 555-556. Vista dos viveiros da Quinta da Fonte. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 557-558. Vista aérea do Viaduto Duarte Pacheco, direção poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 559-5560. Vista do estabelecimento prisional de Monsanto. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 561-562. Vista sobre o Bairro da Liberdade. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 563-564. Vista sobre a o Parque Recreativo do Alvito. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 565-566-567. Vista de Montes Claros, antiga, aérea, terrestre. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 568-569-570. Vista da estrada do Alvito, antiga, aérea, terrestre. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 571-572-573. Vista da Quinta da Pimenteira, antiga, aérea, terrestre. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025)
- 574.** Braun, G., & Hogenberg, F. (1572). Cidade de Lisboa. Civitates orbis terrarum (Vol. I). Disponível em: <https://resobscura.blogspot.com>. [Consultado em: 01/12/2024]
- 575.** Fava, Duarte. (1807). Cartografia histórica de Lisboa. Disponível em: <https://geodados-cml.hub.arcgis.com>. [Consultado em: 01/12/2024]. (adaptada)
- 576.** Pinto, Silva. (1911). Cartografia Histórica de Lisboa. Disponível em: <https://geodados-cml.hub.arcgis.com>. [Consultado em: 01/12/2024]. (adaptada)
- 577.** Pereira, Victoria. (1928). Carta Topográfica Militar de Portugal. Disponível em: <https://www.igeoe.pt/index.php>. [Consultado em: 01/01/2025].
- 578.** Leal, Norberto. (1937). Carta Topográfica Militar de Portugal. Disponível em: <https://www.igeoe.pt/index.php>. [Consultado em: 01/01/2025].

- 579.** Varela Rodrigues, Carlos. (1949). Carta Topográfica Militar de Portugal. Disponível em: <https://www.igeoe.pt/index.php>. [Consultado em: 01/01/2025].
- 580.** Lxi. (1950). Cartografia Histórica de 1950. Disponível em: <https://websig.cm-lisboa.pt>. [Consultado em: 01/12/2024]. (adaptada)
- 581.** Lxi. (1970). Cartografia Histórica de 1970. Disponível em: <https://websig.cm-lisboa.pt/MuniSIG/visualizador/index.html?viewer=LxInterativa.LXi>. [Consultado em: 01/12/2024]. (adaptada)
- 582.** Igeoe. (1971). Carta Topográfica Militar de Portugal. Disponível em: <https://www.igeoe.pt/index.php>. [Consultado em: 01/01/2025].
- 583-595. Fotografias aéreas do Limite Norte. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025).
- 596-606. Fotografias aéreas do Limite Nascente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025).
- 607-621. Fotografias aéreas do Limite Sul. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025).
- 522-636. Fotografias aéreas do Limite Poente. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025).
- 637.** Lavagem de roupa na Ribeira de Alcântara, na zona da Quinta da Rabicha, na década de 40 © Arquivo Municipal de Lisboa | Lavagem de roupa na ribeira de Alcântara, na zona da Quinta da Rabicha, António Passaport, APP000065
- 638.** Portas de Algés, a Ponte Velha sobre a Ribeira de Algés © Arquivo Municipal de Lisboa | Portas de Algés, (sem autor), ACU000430
- 639.** Curso de água pelo Rio Seco © Arquivo Municipal de Lisboa | Sítio do Rio Seco, Paulo Guedes, PAG000010
- 640.** Fotografia da Praia entre a Ribeira e a antiga praia de Pedrouços © Arquivo Municipal de Lisboa | Praia entre a Ribeira e a antiga Praia de Pedrouços, Eduardo Portugal, POR058937
- 641.** A Ribeira da Ajuda e a sua vegetação abundante © Arquivo Municipal de Lisboa | Exuberante vegetação, ribeira da Ajuda, Artur Pastor, ART050353
- 642.** Fotografia aérea entre a zona de Belém e da Ajuda e a sua relação com Monsanto © Arquivo Municipal de Lisboa | Fotografia aérea sobre as zonas de Belém e Ajuda, Judah Benoliel, JBN004829
- 643.** Ribeira de Alcântara junto a Benfica, a dita Ribeira de Benfica © Arquivo Municipal de Lisboa | [Ribeira de Alcântara junto a Benfica], Artur João Goulart, AJG000803
- 644.** Fotografia das obras do Túnel que parte de Monsanto, no Estaleiro de Campolide, por parte do Plano Geral de Drenagem de Lisboa, retirada na visita de estudo de dia 6 de dezembro de 2024 © Autoria própria
- 645.** Direção Regional de Economia Lisboa e Vale do Tejo. (2005). Pedreira de calcário denominada “Casal do Alvito n.º 1. In M. J. P. R. S. Pinto, Levantamento cartográfico de locais de pedreiras no concelho de Lisboa (pp. 139). Câmara Municipal de Lisboa. [Consultado em: 02/01/2024].
- 646.** Direção Regional de Economia Lisboa e Vale do Tejo. (2005). Pedreira de calcário denominada Baixa de Sete Moinhos n. 2. In M. J. P. R. S. Pinto, Levantamento cartográfico de locais de pedreiras no concelho de Lisboa (pp. 140). Câmara Municipal de Lisboa. [Consultado em: 02/01/2024].
- 647.** Direção Regional de Economia Lisboa e Vale do Tejo. (2005). Pedreira de calcário denominada “Casal do Alvito n.º 1. In M. J. P. R. S. Pinto, Levantamento cartográfico de locais de pedreiras no concelho de Lisboa (pp. 138). Câmara Municipal de Lisboa. [Consultado em: 03/01/2024].
- 648.** Oliveira, Mário. (195-). Estação de Alcântara e avenida de Ceuta, fotografia aérea. Disponível em: <https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt>. [Consultado em: 03/01/2024].
- 649.** Fotos de Autor. 2024. Parque da Pedra.
- 650.** Fotos de Autor. 2024. Pedreira Casal do Alvito n.º 1.
- 651.** Fotos de Autor. 2024. Pedreira dos Cactos.
- 652.** Fotos de Autor. 2024. Pedreira dos Cactos.
- 653.** Jebulon. (n.d.). Foto. WikiCommons. Disponível em <https://commons.wikimedia.org>
- 654.** Plantas & Flores. (n.d.). Disponível em <https://plantasflores.net/pinus-halepensis/>
- 655.** Castilla, F. (n.d.). Foto. Arbolapp. Disponível em <https://www.arbolapp.es/en/species/info/quercus-suber/>
- 656.** Jacinto, V. (n.d.). Foto. Naturdata. Disponível em <https://naturdata.com/especie/Quercus-rotundifolia/10555/0/>
- 657.** Município de Ourém. (n.d.). Disponível em <https://www.ourem.pt/dia-da-ecologia-carvalho-cerquinho/>
- 68.** Organic Hedging and Trees. (n.d.). Disponível em <https://www.organichedgingandtrees.co.uk/product/oak-quercus-robur-mature/>
- 659.** Fiz, M. (n.d.). Foto. Biodiversidade.eu. CC BY-NC. Disponível em <https://biodiversidade.eu/avistamento/acacia=-melanoxylon-rbr91-/?lang-pt>
- 660.** Fanshier, S. (2020). Foto. Biodiversity4All. CC BY-NC. Disponível em <https://www.biodiversity4all.org/photos/61741365>
- 661.** JMK. (n.d.). Foto. WikiCommons. CC BY-SA 3.0. Disponível em <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=45347394>
- 662.** Hobern, D. (2007). Foto. WikiCommons. CC BY 2.0. Disponível em <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=63744730>
- 663.** Tui Creek. (n.d.). Disponível em <https://www.tuicreek.co.nz/macrocampa/>
- 664.** Campestris. (n.d.). Disponível em <https://shop.campestris.pt/app/pt/coniferas/139-cupressus-sempervirens.html>
- 665.** Smith, I., & Smith, C. (n.d.). Foto. Naturdata. Disponível em <https://naturdata.com/especie/Cupressus-lusitanica/14566/0/>
- 666.** Fagg, M. (n.d.). Foto. Atlas of Living Australia. Disponível em <https://biocache.ala.org.au/occurrences/413f5322-00e5-493d-b-339-37131d867506>
- 667.** Nicolle, D. (2020). Foto. Biodiversity4All. Disponível em <https://www.biodiversity4all.org/photos/70314522>
- 668.** HelloMojo. (n.d.). Foto. WikiCommons. CC BY-SA 3.0. Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Image:Eucalyptus_sideroxylon1.jpg
- 669.** Bidgee. (2009). Foto. WikiCommons. CC BY 3.0. Disponível em <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=5395665>
- 670.** Derrin, G. (2019). Foto. WikiCommons. CC BY-SA 4.0. Disponível em <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=82021329>
- 671.** Brooker, I., & Kleinig, D. (n.d.). Foto. Atlas of Living Australia. Disponível em <https://biocache.ala.org.au/occurrences/11bb683d-b-876-4ccd-8afc-8c5f7d4a6ac3>
- 672.** Casliber. (n.d.). Foto. WikiCommons. CC BY-SA 3.0. Disponível em <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=19212168>

- 673.** Fir0002/flagstaffotos. (n.d.). Foto. WikiCommons. GFDL 1.2. Disponível em <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=873828>
- 674.** Brew, J. (2010). Foto. WikiCommons. CC BY-SA 2.0. Disponível em <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=5715014>
- 675.** Johnson, O. (2014). Foto. Trees and Shrubs Online. Disponível em <https://www.treesandshrubsonline.org/articles/acacia/acacia-retinodes/>
- 676.** RNBC member. (n.d.). Foto. WikiCommons. CC BY-SA 3.0. Disponível em <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=68297>
- 677.** Collin, E. (2007). Foto. WikiCommons. GFDL. Disponível em <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=18726359>
- 678.** Hagens, W. (n.d.). Foto. WikiCommons. Domínio público. Disponível em <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=1799859>
- 679.** Autor não identificado. (2005). Foto. WikiCommons. Disponível em <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=4550955>
- 680.** Yeowatzup. (2008). Foto. Flickr. CC BY 2.0. Disponível em <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=6224619>
- 681.** H. Zell. (n.d.). Foto. WikiCommons. CC BY-SA 3.0. Disponível em <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=79020128>
- 682.** Antúnez, Jonatan. (2018). Phoracantha semipunctata (Fabricius, 1775). Disponível em: <https://biodiversidade.eu>. [Consultado em: 01/12/2024]. (adaptada)
- 683.** Cássia, Rita. (2023). Cuco-canoro: características, reprodução, alimentação, canto e habitat. Disponível em: <https://www.passaro.org>. [Consultado em: 01/12/2024]. (adaptada)
- 684.** Oliveira, Diogo. (2024). Trepadeira-comum *Certhia brachydactyla*. Disponível em: <https://gulbenkian.pt>. [Consultado em: 01/12/2024]. (adaptada)
- 685.** Cássia, Rita. (2023). Pica-pau-verde: características, reprodução, alimentação, canto e habitat. Disponível em: <https://www.passaro.org>. [Consultado em: 01/12/2024]. (adaptada)
- 686.** Lasley, Greg. (2016). Zenithoptera fasciata. Disponível em: <https://www.biodiversity4all.org>. [Consultado em: 01/12/2024]. (adaptada)
- 687.** Adam, Gor. (2022). Borboleta-monarca. Disponível em: <https://www.publico.pt>. [Consultado em: 01/12/2024]. (adaptada)
- 688.** Garcia, César. (2015). Cobra-de-escada (*Elaphe scalaris*). Disponível em: <https://www.flickr.com>. [Consultado em: 01/12/2024]. (adaptada)
- 689.** Adrián, Leonardo. (2023). Osga-Comum (*Tarentola mauritanica*). Disponível em: <https://www.biodiversity4all.org>. [Consultado em: 01/12/2024]. (adaptada)
- 690.** Langner, Christian. (2021). Sardão. Disponível em: <https://www.biodiversity4all.org>. [Consultado em: 01/12/2024]. (adaptada)
- 691.** Leo, Sony. (2019). Sapo (Bufo bufo). Disponível em: <https://www.biodiversity4all.org>. [Consultado em: 01/12/2024]. (adaptada)
- 692.** Vassen, Frank. (2021). Feuersalamander (*Salamander salamandra*). Disponível em: <https://www.flickr.com>. [Consultado em: 01/12/2024]. (adaptada)
- 693.** Naturpel. (2020). Tritão-de-Ventre-Laranja *Lissotriton boscai*. Disponível em: <https://www.biodiversity4all.org/taxa/64378-Lissotriton-boscai>. [Consultado em: 01/12/2024]. (adaptada)
- 694.** Lund, S Drozd. (2016). Chapim-carvoeiro (*Parus ater*). Disponível em: <https://cerrodelviso.wordpress.com/2016/05/05/fauna/#jp-carousel-618>. [Consultado em: 01/12/2024]. (adaptada)
- 695.** Antunes, Joaquim. (2015). Estrelinha de cabeça listrada (*Regulus ignicapilla*). Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/56541100@N00/16685818651>. [Consultado em: 01/12/2024]. (adaptada)
- 696.** Stöckel, Andrea. (2014). Melro, pássaro *Turdus merula*. Disponível em: <https://www.publicdomainpictures.net/pt/view-image.php?image=395948&picture=melro-passaro-turdus-merula>. [Consultado em: 01/12/2024]. (adaptada)
- 697.** SPEA. (2020). Toutinegra de Barrete. Disponível em: <https://spea.pt/aves/toutinegra-de-barrete/>. [Consultado em: 01/12/2024]. (adaptada)
- 698.** Barby, Matthias. (2017). Cegonha-branca (*Ciconia ciconia*). Disponível em: https://www.biodiversity4all.org/taxa/4733-Ciconia-ciconia/browse_photos. [Consultado em: 01/12/2024]. (adaptada)
- 699.** Povedano, Agustín. (2015). Papa-moscas-preto (*Ficedula hypoleuca*). Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/deca-diz/17943113418>. [Consultado em: 01/12/2024]. (adaptada)
- 700.** Torrado Lara. (2024). GNR RECUPERA ÁGUIA-DE-ASA-REDONDA DEBILITADA EM BRAGANÇA. Disponível em: <https://www.canaln.tv/gnr-recupera-aguia-de-asa-redonda-debilitada-em-braganca/>. [Consultado em: 01/12/2024]. (adaptada)
- 701.** Redhat. (2014). Peneireiro (*Falco tinnunculus*). Disponível em: <https://www.biodiversity4all.org/taxa/472766-Falco-tinnunculus>. [Consultado em: 01/12/2024]. (adaptada)
- 702.** Hun, Javisa. (2015). Mocho-galego (*Athene noctua*). Disponível em: <https://www.biodiversity4all.org/taxa/19998-Athene-noctua>. [Consultado em: 01/12/2024]. (adaptada)
- 703.** Lobraunert, Car. (2016). Rato-do-campo (*Apodemus sylvaticus*). Disponível em: <https://www.biodiversity4all.org/taxa/45562-Apodemus-sylvaticus>. [Consultado em: 01/12/2024]. (adaptada)
- 704.** Sandaco, Roberto. (2014). Musaranho-Anão-de-Dentes-Vermelhos (*Sorex*). Disponível em: <https://www.biodiversity4all.org/taxa/46471-Sorex-minutus>. [Consultado em: 01/12/2024]. (adaptada)
- 705.** Gäbler, Michael. (2019). Ouriços-cacheiros (*Erinaceus europaeus*). Disponível em: <https://wilder.pt/naturalistas/quer-ajudar-os-ouricos-que-vivem-na-cidade-saiba-como>. [Consultado em: 01/12/2024]. (adaptada)
- 706.** J., Alex. (2024). Coelho (*Oryctolagus cuniculus*). Disponível em: <https://www.nationalgeographic.pt>. [Consultado em: 01/12/2024]. (adaptada)
- 707.** Borrow, Nik. (2017). Geneta (*Genetta genetta*). Disponível em: <https://www.biodiversity4all.org/photos/8220668>. [Consultado em: 01/12/2024]. (adaptada)
- 708.** Mlouwsma. (2020). Fuinha (*Martes foina*). Disponível em: <https://www.biodiversity4all.org/observations/51470063>. [Consultado em: 01/12/2024]. (adaptada)
- 709.** Trimming, Peter. (2020). Toirão (*Mustela putorius*). Disponível em: https://www.biodiversity4all.org/guide_taxa/889052. [Consultado em: 01/12/2024]. (adaptada)
- 710.** © Arquivo EPAL | Estudos sobre a exploração de águas para o abastecimento de Lisboa. | S/D (prov. 1864) / CAL - Repartição Técnica | PT/EPAL_CDHT/AH/DT/OB/003/0250/003
- 711.** © Arquivo EPAL / Companhia das Agoas - Planta de Lisboa. / 22 de Março de 1860/ Companhia da Empresa das Águas de Lisboa/ PT/EPAL_CDHT/AH/DT/OB/014/0008

- 712.** © Arquivo EPAL / Real Aqueducto de Agoas Livres de Lisboa. / S/D (prov. 1800/1850) / Antoine Apuriel du Pontreau Noël [desenhador] J.Wells [gravador] / PT/EPAL_CDHT/AH/DT/OB/003/0331
- 713.** © Arquivo EPAL / Lisbon - Aqueduct Over the Valley of Alcantra / George Vivian [pintor] Desenhador desconhecido / PT/EPAL_CDHT/AH/DT/OB/003/0330
- 714.** © Arquivo EPAL | Arco das Amoreiras do Aqueduto das Águas Livres e respectivo lanternim. | S/D (prov. 1945) | CAL - Repartição Técnica - Gabinete de Estudos - Laboratório Fotográfico | PT/EPAL_CDHT/AH/AF-CAL/CAL2/0651
- 715.** © Arquivo Municipal de Lisboa | Aqueduto das Águas Livres | Paulo Guedes | [19--] | PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/PAG/000398
- 716.** © Arquivo EPAL | Mãe de Água das Amoreiras. Arca de água e pilares | S/D (prov. 1864) | Fotógrafo desconhecido | PT/EPAL_CDHT/AH/AF-CAL/CAL1/0314/07
- 717.** © Arquivo Municipal de Lisboa | Galeria interior de condução das águas no Aqueduto das Águas Livres | Alberto Carlos Lima | 1907 | PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/LIM/001546
- 718.** © Arquivo EPAL | Obras das Águas Livres. Est.1. | Augusto Pinto de Miranda Montenegro [fiscal do Ministério das Obras Públicas junto da CAL] | S/D (prov. 1895) PT/EPAL_CDHT/AH/DT/OB/003/0061
- 719.** © Arquivo EPAL | Elevation of the grand aqueduct near the city of Lisbon | B. Wells | PT/EPAL_CDHT/AH/DT/OB/003/0189
- 720.** Claraboia do Aqueduto das Aguas Livres sob o Vale de Alcantara
Fonte: Cunha Camila (2025)
- 721.** © Arquivo Municipal de Lisboa | Aqueduto das Águas Livres, vendo-se em fundo a Serra de Monsanto | Paulo Guedes | [19--] | PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/PAG/000400
- 722.** © Arquivo EPAL | Clarabóias do Passeio dos Arcos sobre o Vale de Alcantara vistas de montante | S/D (prov. 1945) | CAL - Repartição Técnica - Gabinete de Estudos - Laboratório Fotográfico | PT/EPAL_CDHT/AH/AF-CAL/CAL2/0655
- 723.** © Arquivo Municipal de Lisboa | O Passeio dos Arcos do Aqueduto das Águas Livres, encerrado por questões de segurança em 1852 | Paulo Guedes | 1912 | PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/PAG/000403
- 724.** © Arquivo Municipal de Lisboa | Aqueduto das Águas Livres, panorâmica sobre parte do vale de Alcântara | Benoliel, Joshua 1873-1932; fotógrafo | 1912 | PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/JBN/000384
- 725.** Cartografia 1911 Silva Pinto
- 726.** cart
- 727.** cart
- 728.** cart
- 729.** © Arquivo Municipal de Lisboa | Bairro da Serafina visto do Aqueduto | Eduardo Portugal | s.d. | PT/AMLSB/POR/13/059489
- 730.** © Arquivo Municipal de Lisboa | Bairro da Liberdade — Rua 4 | Artur João Goulart | 1962-09 | PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/AJG/004022
- 731.** © Arquivo Municipal de Lisboa | Balneário do Alto da Serafina — painel em faiança policromada colocado na fachada | Armando Maia Serôdio | 1960 | PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/SER/002307
- 732.** Painel colocado na fachada | Balneário da Serafina, Estado atual
Fonte: Cunha Camila (2025)
- 733.** © Arquivo Municipal de Lisboa | Balneário do Alto da Serafina, no Bairro da Liberdade | Vasco Gouveia de Figueiredo | s.d. | PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/VGF/000446
- 734.** Balneário da Serafina, Alçado Principal - Estado atual | Fonte: Cunha Camila (2025)
- 735.** © Arquivo Municipal de Lisboa | Escadas | Fernando Martinez Pozal | 1945 | PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/POZ/000334
- 736.** © Arquivo Municipal de Lisboa | Panorâmica sobre o Vale de Alcântara e a Serra de Monsanto | Mário de Oliveira | [195-] | PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/MAO/000019
- 737.** © Arquivo Municipal de Lisboa | Bairro da Liberdade | Armando Maia Serôdio | 1965 | PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/SER/007476
- 738.** Fotografias da atualidade. Bairro da Liberdade | Fonte: Cunha Camila (2025)
- 739.** Fotografias da atualidade. Bairro da Liberdade | Fonte: Cunha Camila (2025)
- 740.** Fotografias da atualidade. Bairro da Liberdade | Fonte: Cunha Camila (2025)
- 741.** Fotografias da atualidade. Bairro da Serafina | Fonte: Cunha Camila (2025)
- 742.** Fotografias da atualidade. Bairro da Serafina | Fonte: Cunha Camila (2025)
- 743.** Bairro da Serafina | Fonte: Cunha C. (2025)
- 744.** © Arquivo Municipal de Lisboa | Mulheres lavando roupa da ribeira | António Passaporte | [194-] | PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/APP/000065
- 745.** © Arquivo Municipal de Lisboa | Obras de cobertura da ribeira de Alcântara | Mário de Oliveira | [195-] | PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/MAO/000003
- 746.** © Arquivo Municipal de Lisboa | Obras de cobertura da ribeira de Alcântara | Mário de Oliveira | [195-] | PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/MAO/000003
- 747.** © Arquivo Municipal de Lisboa | Obras de cobertura da ribeira de Alcântara | Mário de Oliveira | [195-] | PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/MAO/000003
- 748.** Foto aerea do Percurso do Aqueduto, visto do Parque Florestal de Monsanto | Fonte: Cunha Camila (2025)
- 749.** Foto aerea local de intervenção | Fonte: Cunha Camila (2025)
- 750.** © Arquivo EPAL | Interior do recinto | S.D. | Fotógrafo desconhecido | PT/EPAL_CDHT/AH/AF-CAL/CAL2/0693/05
- 751.** © Arquivo EPAL | Interior do recinto | S.D. | Fotógrafo desconhecido | PT/EPAL_CDHT/AH/AF-CAL/CAL2/0693/02
- 752.** © Arquivo EPAL | Interior do recinto | S.D. | Fotógrafo desconhecido | PT/EPAL_CDHT/AH/AF-CAL/CAL2/0693/08
- 753.** © Arquivo EPAL | Clarabóia do Passeio dos Arcos sobre uma entrada para o Aqueduto das Aguas Livres do lado de Campolide | S/D (prov. 1945) | CAL - Repartição Técnica - Gabinete de Estudos - Laboratório Fotográfico | PT/EPAL_CDHT/AH/AF-CAL/CAL2/0661
- 754.** © Arquivo Municipal de Lisboa | Aqueduto das Águas Livres | Eduardo Alexandre Cunha | [19--] | PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/ACU/002501
- 755.** © Arquivo EPAL | Início do Passeio dos Arcos do lado do Parque de Monsanto. | S.D. | Fotógrafo desconhecido | PT/EPAL_CDHT/AH/AF-CAL/CAL2/0671/12

756. © Arquivo EPAL | Início do Passeio dos Arcos do lado do Parque de Monsanto. Vista exterior | S.D. | Fotógrafo desconhecido | PT/EPAL_CDHT/AH/AF-CAL/CAL2/0671/03

757. © Arquivo EPAL | Início do Passeio dos Arcos do lado do Parque de Monsanto. | S.D. | Fotógrafo desconhecido | PT/EPAL_CDHT/AH/AF-CAL/CAL2/0671/09

758. © Arquivo EPAL | Início do Passeio dos Arcos do lado do Parque de Monsanto. Vista exterior | S.D. | Fotógrafo desconhecido | PT/EPAL_CDHT/AH/AF-CAL/CAL2/0671/06

759. © Arquivo EPAL | Início do Passeio dos Arcos do lado do Parque de Monsanto. Vista exterior | S.D. | Fotógrafo desconhecido | PT/EPAL_CDHT/AH/AF-CAL/CAL2/0671/02

760. © Arquivo EPAL | Início do Passeio dos Arcos do lado do Parque de Monsanto. | S.D. | Fotógrafo desconhecido | PT/EPAL_CDHT/AH/AF-CAL/CAL2/0671/08

761. © Arquivo EPAL | Aqueduto das Águas Livres. Passadiço da arcaria sobre o Vale de Alcântara. | S.D. | Fotógrafo desconhecido | PT/EPAL_CDHT/AH/AF-CAL/CAL2/0633

762. Fotografias da atualidade. Clarabóia do Aqueduto na entrada de Monsanto | Fonte: Cunha Camila (2025)

763. Fotografias da atualidade. Chegada do Percurso em Monsanto | Fonte: Cunha Camila (2025)

764. Fotografias da atualidade. Ponto de partida no recinto da Meia Laranja | Fonte: Cunha Camila (2025)

765. Fotografias da atualidade. Chegada do percurso do Aqueduto a Monsanto | Fonte: Cunha Camila (2025)

766. Fotografias da atualidade. Clarabóia do Aqueduto na entrada de Monsanto | Fonte: Cunha Camila (2025)

767. Fotografias da atualidade. Bairro visto do Percurso do Aqueduto | Fonte: Cunha Camila (2025)

768. Fotografias da atualidade. Bairro visto do Percurso do Aqueduto | Fonte: Cunha Camila (2025)

769. Planta de Implantação | Desenho | Autora: Cunha Camila (2025)

770. Alçado Principal | Desenho | Autora: Cunha Camila (2025)

771. Planta Cota 85 | Desenho | Autora: Cunha Camila (2025)

772. Planta Cota 90 | Desenho | Autora: Cunha Camila (2025)

773. Perspectiva - Atmosfera do Restaurante | Desenho | Autora: Cunha Camila (2025)

774. Planta Cota 95 | Desenho | Autora: Cunha Camila (2025)

775. Planta Cota 100 | Desenho | Autora: Cunha Camila (2025)

776. Perspectiva - Atmosfera do espelho d'água | Um olhar através do arco | Desenho | Autora: Cunha Camila (2025)

777. Corte Construtivo | Desenho | Autora: Cunha Camila (2025)

NOTAS

1N. GRILO, T. C. O. (2014). O PARQUE FLORESTAL DE MONSANTO Evolução Histórica e Contributo para a sua Gestão, Tese de mestrado de Arquitetura Paisagista, Instituto Superior de Agronomia, Universidade de Lisboa, Lisboa. p.12 |Disponível em: <http://core.ac.uk/download/pdf/61473361.pdf>.

2N. GRILO, T. C. O. (2014). O PARQUE FLORESTAL DE MONSANTO Evolução Histórica e Contributo para a sua Gestão, Tese de mestrado de Arquitetura Paisagista, Instituto Superior de Agronomia, Universidade de Lisboa, Lisboa. p.13 | Disponível em: <http://core.ac.uk/download/pdf/61473361.pdf>.

3N. Science History Institute Digital Collections. Mapa do parque Bois de Boulogne, 1858 [Imagem]. Consultado em 20 de Novembro de 2024. Disponível em: <https://digital.sciencehistory.org/works/pz50gw93x>

4N. NYC Urbanism. Vista aérea do Central Park em 1864 [Imagem]. Consultado em 21 de Novembro de 2024. Disponível em: <https://www.nycurbanism.com/map-store/central-park-1864>

5N. © Arquivo Municipal de Lisboa | Panorâmica da Estrela tirada do zimbório da Basílica da Estrela| Joshua Benoliel| 1911 | JB-N003109A3740N3740

6N. © Arquivo Municipal de Lisboa | Panorâmica sobre o jardim do Príncipe Real | Eduardo Portugal| 1945 | PT/AMLSB/POR/059836

7N. Moita, I. (Coord.). (1999). Keil do Amaral: O arquiteto e o humanista. Planta com a Indicação das zonas de trabalho [Imagem]. Câmara Municipal de Lisboa, pág. 202.

8N. © Arquivo Municipal de Lisboa | Marcos de sinalização| Francisco Keil do Amaral | PT/AMLSB/FKA/01/001, pág. 2

9N. JALHAY,E., PAÇO, A., RIBEIRO,L.(1945). Estação pré-histórica de Montes Claros, Monsanto. Zona do forte dos Montes claros[Imagem].Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa,Revista Municipal Lisboa.nºs20 e 21.pág.9.

10N. © Restos de Coleção Restaurante “Montes Claros” | Restaurante Montes Claros cartaz de Inauguração | Desconhecido | Consultado em 18 de setembro de 2024.Disponível em: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2014/04/restaurante-montes-claros.html>.

11N. Museu de Lisboa|Casa de Chá Montes Claros, cortes| Francisco Keil do Amaral| Dossier PFM. pág. 22

12N. © Arquivo Municipal de Lisboa | Campo de ténis, Monsanto | Abreu Nunes | 195- | ABR000005A17560N156721

13N. © Arquivo Municipal de Lisboa | Projeto Clube de Ténis, Memória descritiva | Francisco Keil do Amaral | PT/AMLSB/FKA/01/005, pág. 3

14N. © Arquivo Municipal de Lisboa | Projeto Clube de Ténis, Arranjo do Acesso ao pavilhão | Francisco Keil do Amaral | PT/AMLSB/FKA/01/005, pág. 64

15N. © Arquivo Municipal de Lisboa | Projeto Clube de Ténis, detalhe construtivo|Francisco Keil do Amaral |PT/AMLSB/FKA/01/005, pág.48

16N. © Arquivo Municipal de Lisboa | Parque Infantil do Alvito | Armando Maia Seródio| 1957 | SER001941A27756N25352

17N. © Arquivo Municipal de Lisboa | Parque Infantil do Alvito | Armando Maia Seródio| 1970 | A71579N69204SER010877

18N. Parque Infantil do Alvito ,Alto-relevo da entrada, (Foto de Autor)

19N. Parque Infantil do Alvito. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025).

20N. Parque Infantil do Alvito. Fonte: Oliveira, B., Pica, C., Pires, A., & Ramos, T. (2025).

21N. © Arquivo Municipal de Lisboa| Parque Recreativo do Alvito, Pormenores do recinto dos duches| Francisco Keil do Amaral |PT/AMLSB/FKA/01/006, pág.11

22N. © Arquivo Municipal de Lisboa| Parque Recreativo do Alvito, Boatequim, planta, alçado, corte| Francisco Keil do Amaral |PT/AMLSB/FKA/01/006, pág.46

23N. © Arquivo Municipal de Lisboa| Projeto Pavilhão de Refresco Mata de São Domingo de Benfica, Perspetiva | Francisco Keil do Amaral| PT/AMLSB/FKA/01/011, pág. 21

24N. © Arquivo Municipal de Lisboa| Ante- Projeto Pavilhão de Refresco Parque Silva Porto, Benfica, alçados, corte e planta | Francisco Keil do Amaral| PT/AMLSB/FKA/01/011, pág. 29

25N. © Arquivo Municipal de Lisboa| Ante- Projeto Pavilhão de Refresco Parque Silva Porto, Benfica, perspetiva | Francisco Keil do Amaral| PT/AMLSB/FKA/01/011, pág. 30

26N. © Arquivo Municipal de Lisboa | Projeto Pavilhão de Refrescos Cruz das Oliveiras, Memória Descritiva | Francisco Keil do Amaral | PT/AMLSB/FKA/01/011, pág. 4

27N. © Arquivo Municipal de Lisboa | Projeto Pavilhão de Refrescos Cruz das Oliveiras, planta e alçados projeto original| Francisco Keil do Amaral | PT/AMLSB/FKA/01/011, pág. 7

28N. © Arquivo Municipal de Lisboa | Projeto Pavilhão de Refrescos Cruz das Oliveiras, planta e alçados projeto alteração| Francisco Keil do Amaral | PT/AMLSB/FKA/01/011, pág. 14

29N. © Arquivo Municipal de Lisboa | Leitor panorâmico em azulejo no Restaurante Panorâmico de Monsanto | José Vicente | 2015 | LPC005496

30N. Paineis cerâmicos zona do miradouro da autoria de Manuela Ribeiro Soares.

31N. © Restos de Coleção Restaurante Panorâmico de Monsanto | Paineis cerâmicos em Alto relevo da Autoria de Maria Manuela Madureira | Desconhecido|Consultado em 18 de setembro de 2024.Disponível em: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2014/05/restaurante-panoramico-de-monsanto.html>.

32N. © Arquivo Municipal de Lisboa | Restaurante Panorâmico de Monsanto | Artur João Goular | 1965 | A49999N47480AJG006852

33N. © Arquivo Municipal de Lisboa | Restaurante Panorâmico de Monsanto | Armando Maio Seródio | 1965 | SER005816N40773A43300

34N. © Arquivo Municipal de Lisboa | Restaurante Panorâmico de Monsanto | Armando Maio Seródio | 1967 | SERSER008550A57903N55387

35N. © Arquivo Municipal de Lisboa | Restaurante Panorâmico de Monsanto | Armando Maio Seródio | 1967 | SERSERSE-R008551A57904N55388

36N. © Arquivo Municipal de Lisboa| Projeto Panorâmico, planta da galeria cota 199.45| Processo 3270/DSU/OB/1983/Obra 30328, pág. 6

37N. © Arquivo Municipal de Lisboa| Projeto Panorâmico, planta da galeria cota 199.45| Processo 3270/DSU/OB/1983/Obra 30328, pág. 8

- 38N.** © Arquivo Municipal de Lisboa| Projeto Panorâmico, alçado e corte da galeria| Processo 3270/DSU/OB/1983/Obra 30328, pág. 9
- 39N.** © Arquivo Municipal de Lisboa| Projeto Panorâmico, Memória descritiva| Processo 1382/DSU/OB/1982/Obra 30328, pág.4.
- 40N.** © Arquivo Municipal de Lisboa| Projeto Panorâmico, Memória descritiva| Processo 1382/DSU/OB/1982/Obra 30328, pág.5.
- 41N.**© Arquivo Municipal de Lisboa | Parque Florestal de Monsanto, sinalização| 1952 | A18200N16256SPT000068
- 42N.**© Arquivo Municipal de Lisboa | Parque Florestal de Monsanto, sinalização| 1952 | A18201N16257SPT000069
- 43N.** Couse, J. (Entre 1755 e 1760?). The City of Lisbon as before the dreadful Earthquake of November 1st. Disponível em: <https://bndigital.bnportugal.gov.pt>. [Consultado em: 01/12/2024]
- 44N.** Macedo Manuel e Alberto Caetano. (1881). O ocidente: Revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro. Reducto circular em Monsanto, interior de uma bateria do reducto. Disponível em: <https://hemerotecadigital.cmlisboa.pt>. [Consultado em: 01/12/2024].
- 45N.** Fernandes, Almeida. (1958). Instalações abastecedoras de gasolina da SONAP; Auto-estrada Lisboa – Cascais; Parque Florestal de Monsanto; Viaduto Duarte Pacheco. Disponível em: <https://lisboadeantigamente.blogspot.com>. [Consultado em: 01/12/2024]
- 46N.** Alvão, Domingos. (1940). Bairro Temporário da Boa Vista. Disponível em: <https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt>. [Consultado em: 01/12/2024]
- 47N.** Almeida, Salvador. (1950). O Bairro de Caselas, nos anos 50 do séc. XX. Disponível em: <https://toponimialisboa.wordpress.com>. [Consultado em: 15/01/2025].
- 48N.** Montez, Paulino. (1938). Extensão noroeste da cidade. Plano do Bairro Económico Doutor Oliveira Salazar. Disponível em: <https://mappingpublichousing.up.pt>. [Consultado em: 15/01/2025].
- 49N.** Serôdio, Armado. (1961). O presidente da Câmara de Lisboa, França Borges, inaugurando o troço da Segunda Circular entre a Estrada de Benfica e Campo Grande. Disponível em: <https://observador>. [Consultado em: 15/01/2025].
- 50N.** Fernandes, Augusto. (1966). Avenida da Torre de Belém. Disponível em: <https://lisboadeantigamente.blogspot.com>. [Consultado em: 15/01/2025].
- 51N.** Esquema do Limite Norte
- 52N.** Esquema do Limite Nascente
- 53N.** Esquema do Limite Sul
- 54N.** Esquema do Limite Poente Forte de Monsanto, o ponto alto da
- 55N.** Serra de Monsanto © Arquivo Municipal de Lisboa | Estabelecimento prisional de Monsanto, Paulo Guedes, PAG000123
- 56N.** Vista para o rio Tejo, dentro do Parque Florestal de Monsanto © Arquivo Municipal de Lisboa | [Panorâmica tirada de Montes Claros sobre a parte sul da cidade], Armando Maia Serôdio, SER003758
- 57N.** Rasgão na topografia marcado pela via rodoviária A5 © Museu de Lisboa
- 58N.** Corredor Verde de Monsanto
- 59N.** Corredor Verde Central
- 60N.** Corredor Verde de Alcântara
- 61N.** Corredor Verde Periférico
- 62N.** Corredor Verde Ocidental do Rio Seco
- 63N.** Vista aérea de diferentes categorias de redes viárias, tanto principais como secundárias, pelo Parque florestal de Monsanto ©Autoria própria
- 64N.** Divisão do Parque entre Norte e Sul, estabelecida pela autoestrada A5 © Arquivo Municipal de Lisboa | [Entrada de Lisboa, pela auto-estrada, na zona do viaduto Duarte Pacheco: fotografia aérea], Mário de Oliveira, A24529
- 65N.** Interseção de redes viárias secundárias com uma rede viária principal, a autoestrada A5 ©Autoria própria
- 66N.** Fotos de Autor. 2024. Paragem desenhada pelo Arquiteto Keil do Amaral.
- 67N.**Ansone, Rita. (2022). Em Alcântara, esconde-se uma estação de comboios que nunca chegou a abrir. Disponível em: <https://amensagem.pt>. [Consultado em: 01/12/2024].
- 68N.** Fotos de Autor. 2024. Estação de Benfica.
- 69N.** Vale da Ribeira de Alcântara, com o atravessamento do viaduto Duarte Pacheco, conectando o Bairro da Liberdade com Monsanto © Arquivo Municipal de Lisboa | [Vale de Alcântara, avenida de Ceuta, viaduto Duarte Pacheco e o parque florestal de Monsanto, fotografia aérea], Mário de Oliveira, A24522
- 70N.** Obras de encanamento da Ribeira de Alcântara, fotografia retirada a partir do viaduto de Santana © Câmara Municipal de Lisboa
Figura 3. Caneiro de Alcântara, obras de encanamento da cobertura da ribeira de Alcântara ©Câmara Municipal de Lisboa
- 71N.** Linha de água a correr no interior do Caneiro de Alcântara, obras de cobertura da ribeira © Câmara Municipal de Lisboa
Figura 5. Obras de canalização da ribeira de Alcântara na zona de Benfica, fotografia retirada em 1967 © Câmara Municipal de Lisboa
- 72N.** Linha de água a correr no interior do Caneiro de Alcântara, obras de cobertura da ribeira © Câmara Municipal de Lisboa
- 73N.** Obras de canalização da ribeira de Alcântara na zona de Benfica, fotografia retirada em 1967 © Câmara Municipal de Lisboa
- 74N.** Direção Regional de Economia Lisboa e Vale do Tejo. (2005). Pedreira de calcário denominada Baixa de Sete Moinhos n. 2. In M. J. P. R. S. Pinto, Levantamento cartográfico de locais de pedreiras no concelho de Lisboa (pp. 140). Câmara Municipal de Lisboa. [Consultado em: 02/01/2024].
- 75N.** Direção Regional de Economia Lisboa e Vale do Tejo. (2005). Mapa do processo de licenciamento. In M. J. P. R. S. Pinto, Levantamento cartográfico de locais de pedreiras no concelho de Lisboa (pp. 95). Câmara Municipal de Lisboa. [Consultado em: 02/01/2024].
- 76N.** Carta de «Arborização Parcelar», Joaquim Rodrigo, 1952
- 79N.** Câmara Municipal de Lisboa. (1940). Engenheiro Militar Carlos Mardel (1695–1763) . Em Catálogo da Exposição Cultural Relativa ao Aqueduto das Águas Livres e Abastecimento de Água à Cidade de Lisboa (Sequeira & Matos, Colab., s.p.). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- 80N.** Câmara Municipal de Lisboa. (1940). Engenheiro e Arquiteto Manuel da Maia. Em Catálogo da Exposição Cultural Relativa ao Aqueduto das Águas Livres e Abastecimento de Água à Cidade de Lisboa (Sequeira & Matos, Colab., s.p.). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

81N. Câmara Municipal de Lisboa. (1940). Arquiteto Johann Friedrich Ludwig | João Frederico Ludovice (1673–1752). Em Catálogo da Exposição Cultural Relativa ao Aqueduto das Águas Livres e Abastecimento de Água à Cidade de Lisboa (Sequeira & Matos, Colab., s.p.). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

82N. © Arquivo EPAL | Início do Passeio dos Arcos do lado do Parque de Monsanto. | S.D. | Fotógrafo desconhecido | PT/EPAL_CDHT/AH/AF-CAL/CAL2

83N. © Arquivo Municipal de Lisboa | Balneário do Alto da Serafina — inauguração | Desconhecido | 1949 | PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/SPT/000010

84N. Fotografias da atualidade. Torre da Paroquia de São Vicente de Paulo | Fonte: Cunha Camila (2025)

85N. © Arquivo Municipal de Lisboa | Mulheres lavando roupa da ribeira | António Passaporte | [194-] | PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/APP/000065

86N. © Arquivo Municipal de Lisboa | Fotografia aérea sobre Campolide, Viaduto Duarte Pacheco e Avenida de Ceuta | Desconhecido | 1950 | PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/SPT/000191

87N. © EPAL – Museu da Água | Visita ao jardim do Recinto da Meia Laranja | Fotógrafo desconhecido | s.d. | PT/EPAL_CDHT/AH/AF-EPAL/EPAL14

88N. © EPAL – Museu da Água | Estatuária no jardim do Recinto da Meia Laranja | Fotógrafo desconhecido | 1989 | PT/EPAL_CDHT/AH/AF-EPAL/EPAL14/1989_0313

89N. Troço do Aqueduto no Recinto da Meia Laranja, atualidade | Fonte: Cunha Camila (2025)

90N. © Arquivo Municipal de Lisboa | Balneário do Alto da Serafina | Desconhecido | s.d. | PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004

91N. Rua dos Arcos, entre as moradias e o Aqueduto - atualidade | Fonte: Cunha Camila (2025)